

ALFREDO LISSONI

UFO

OS CÓDIGOS PROIBIDOS



MADRAS

ALFREDO LISSOM



UFO

Os CÓDIGOS PROIBIDOS

Tradução: Adriana dos Santos Souza

MADRAS
2007

À Garota que Amo



ÍNDICE

| | |
|--|----|
| Capítulo 1 - Os Evangelhos Escondidos pelas Igrejas..... | 9 |
| A Bíblia Secreta..... | 9 |
| A Invenção do Papa-rei..... | 13 |
| Os "Outros" Apóstolos..... | 18 |
| Os Vigilantes nos Textos Persas..... | 20 |
| Os Carros Querubínicos..... | 27 |
| A Verdadeira Gênese do Homem..... | 28 |
| O Contra Elohim..... | 34 |
| Ufo <i>Projeto Gênese</i> | 39 |
| As Seis Eras do Mundo..... | 40 |
| A Criação Pele-vermelha..... | 44 |
| Adão, o Servo Tolo..... | 48 |
| Nachash, a Serpente Sábia..... | 52 |
| Anjos Caídos..... | 55 |
| As Igrejas Contra os Alienígenas..... | 58 |
| A Bíblia Evangelista..... | 59 |
| O Anjo da Face..... | 63 |
| Capítulo 2 - O Mistério das nossas Origens Perdidas..... | 67 |
| Contatos das Plêiades..... | 67 |
| Os Extraterrestres dos Peles-vermelhas..... | 75 |
| O Homem Lagarto Descido do Céu..... | 84 |
| Luzabel e os Textos Perdidos dos Cátaros..... | 86 |

| | |
|---|-----|
| Nos Cromossomos a Marca do ET | 89 |
| Operação Torre de Babel..... | 92 |
| O Livro dos Jubileus | 94 |
| A Descida dos Vigilantes..... | 98 |
| A Queda dos Gigantes..... | 100 |
| A Assunção de Maria..... | 102 |
| O Messias do Espaço..... | 104 |
| O Protoevangelho de Tiago..... | 107 |
| Capítulo 3 - Aquilo que a Igreja Manteve Escondido..... | 113 |
| O Verdadeiro <i>Livro de Enoch</i> | 113 |
| O Enoch Eslavo..... | 117 |
| Em Busca das 11 Cópias | 120 |
| Os Vatican UFO Files | 123 |
| UFO Ante Litteram | 127 |
| O Céu Visto da Terra..... | 129 |
| Extraterrestres, Amigos ou Inimigos? | 132 |
| Antropocentrismo Cósmico | 136 |
| As Igrejas e os Extraterrestres..... | 138 |
| Os "Outros" UFOs..... | 143 |
| Mito UFO e UFOs-céticos..... | 146 |
| Alienígenas e Ficção Científica..... | 150 |
| Na Busca da Alma | 152 |



CAPÍTULO 1

Os EVANGELHOS ESCONDIDOS PELAS IGREJAS

"Acreditam que um anjo apóstata, o qual chamamos Luzabel, comande toda a criação física..."

Abade cisterciense Raul di Coggeshall, referindo-se aos cátaros de Champagne.

A Bíblia secreta - A invenção do Papa-Rei — Os "outros" apóstolos - Os Vigilantes nos textos persas - Os carros querubínicos - A verdadeira gênese do homem - O contra Elohim - UFO projeto Gênese — As seis eras do mundo — A criação pele-vermelha — Adão, o servo tolo - Nachash, a serpente sábia — Anjos caídos - As igrejas contra os alienígenas — A Bíblia evangelista - O Anjo da Face

A BÍBLIA SECRETA

O cristão que se aproxima da Bíblia pela primeira vez geralmente ignora que dela existam umas 80 mil traduções e manipulações (o *Codex Vaticanus* descoberto em 1844 no monastério de Santa Catarina no Sinai contém no mínimo 16 mil correções, feitas por pelo menos sete corretores); que o Papa João XXIII, no passado, denunciou publicamente a

enorme confusão criada por todas essas manipulações; que já no século VII d.C. o teólogo inglês Beda, o Venerável, atestou que o bíblico Esdras alterara e censurara as Escrituras; e que até mesmo São Paulo era suspeito de ter modificado os ensinamentos de Jesus para criar uma religião mais "guerreira" (como ele), muito mais propícia ao uso e consumo de um poder político que estava lentamente se infiltrando na excessivamente tolerante sociedade romana (a seita judaico-cristã dos ebionitas ou "pobres", autores de um evangelho homônimo que viveram nos primeiros séculos d.C., não por acaso o consideravam um apóstata; e é indiscutível que os seus escritos tenham sido fundamentais para a formação do Cristianismo e a sua separação do Judaísmo). O cristão praticante muito freqüentemente não sabe nem mesmo que não existe o texto original da Bíblia (não se possui o manuscrito original de nenhum dos 45 livros do Antigo Testamento e dos 27 do Novo), mas sim apenas versões de "segunda mão", de qualquer modo muito diferentes do *corpus* religioso hebraico (baseado principalmente na *Torá*); ou que a divisão em capítulos e versículos que encontramos nos Textos Sacros foi feita pelo cardeal inglês Stephan Langton, que a inventou no século XII, baseando-se na tradução latina da Bíblia grega escrita por São Jerônimo (a *Vulgata*, de 406, revista mil anos depois pelos beneditinos); ou ainda que o Apocalipse, tão propagado pelos movimentos messiânicos, foi reconhecido como canônico apenas em 1545 pelo Concílio de Trento, depois de muitas discussões violentas, e que ainda hoje várias igrejas orientais autônomas e independentes de Roma continuam a recusá-lo; pois este, conforme não pode

deixar de admitir a *Bíblia Sagrada* na versão do padre Bonaventura Mariani (Garzanti, 1964), "apresentava-se sob a forma de uma mensagem epistolar endereçada às igrejas da Ásia a fim de proteger os fiéis frente às ameaças de uma perseguição iminente", ou seja, a agressão romana, que do Ocidente se dirigia para o Oriente. Foi Santo Agostinho, séculos depois, que o propagou como uma profecia dos anos que estão por vir. Sem dúvida, o fim do mundo!

O nosso cristão mediano não sabe que Jesus, na *Vulgata* latina, nunca falou de nenhum camelo que tivesse que passar pelo buraco de uma agulha, mas de um "camello" (corda de cânhamo); ou que Moisés chamasse o seu Deus com o nome de Yahweh ("Ele é"), quando este, segundo a Bíblia, lhe teria dito: "Eu sou aquele que sou" (e, portanto, pela lógica, seria chamado de "Eu sou" e não "Ele é"); mas o seu verdadeiro nome, segundo a tradição bíblica não manipulada, era *YIHYEH*, "Eu sou aquele que será" (o que prefigura, em vista da vinda de Jesus, cenários inimagináveis; nós também continuaremos a chamá-lo de Yahweh, por comodidade) e que de qualquer forma as quatro consoantes (os hebreus não colocavam vogais) que formavam o seu nome, Y, H, W, H, correspondiam a tantas outras palavras hebraicas, com o significado de "mão, abertura, prego, abertura". Ainda bem poucos sabem que os hebreus, nos quais nos inspiramos, não utilizam, não considerando como válidos, parte dos livros do Antigo Testamento (e nenhum do Novo, obviamente, pois não reconheceram Jesus como messias); por outro lado, até mesmo os protestantes, que se remetem ao cânone hebraico, excluem os dois livros dos Macabeus, Tobias, Judite,

Sabedoria, Baruc, Sirácida (ou Eclesiastes, em que fala um profeta chamado Jesus, que não é o messias). São raras as pessoas que percebem o quanto foi mudada a mensagem "divina" presente no Antigo Testamento (e baseada nos usos e costumes do povo hebraico) com relação àquela presente no Novo Testamento (que é a base do Cristianismo, a própria Igreja não deixa de salientar a vinda de Jesus para "abolir as leis de Moisés"). Ignoram que, mesmo não deixando difundir a história das contínuas violações bíblicas, recentemente o Vaticano tenha se encontrado no centro de um escândalo, denunciado em junho de 2001 por uma respeitável fonte interna, a revista *Jesus*, que revelou a existência "de um pequeno mistério em torno da comissão encarregada de rever o documento do *69 Comme le prévoit*, um grupo de trabalho que se ocuparia de escrever o esboço do guia de instrução para a tradução dos textos litúrgicos". O grupo, organizado em 1996 sob a orientação do lingüista Manlio Sodi, decano da Faculdade de Teologia da Universidade Salesiana, deveria ter terminado a revisão das disposições litúrgicas católicas (extraídas do estudo da Bíblia, da Tradição e dos textos preexistentes), em 21 de setembro de 1997. "No dia anterior", comentou *Jesus*, "chegou, no entanto, a carta de demissão, assinada pelo *proprefetto* Jorge Medina Estevez. O texto elaborado, no qual se inspira o dossiê da *Rivista Litúrgica* em novembro de 1998, apresentava um aparato notavelmente diferente do *Liturgiam authenticam...*".

Enfim, bem poucos sabem que, com base no que foi contestado por uma encíclica papal (a *Dei Verbum*, de 18 de novembro de 1965, artigo 9), no fundamento da doutrina

cristã não está somente a Bíblia mas também a "Tradição", isto é, todo aquele conjunto (de traços bem discutíveis) de crenças, rituais e costumes promovidos pela Igreja no decorrer dos séculos que, mesmo não tendo sido previstos em nenhuma parte do Evangelho (e aliás estando muitas vezes em claro conflito com ele), são impostos de maneira dogmática. E isso quase sempre acontece também com tradições "históricas" oficialmente aceitas. Não é segredo que os papas João XXIII e Paulo VI tenham retirado do calendário 28 nomes de santos e santas que nunca existiram.

A tradição está enraizada nos costumes das seitas judaico-cristãs dos primeiros séculos; e a maior parte das informações *litúrgicas* sobre o Cristianismo dos primeiros tempos nos foi transmitida por uma obra intitulada *Didaché*, que em grego significa doutrina ou ensinamento (dos 12 apóstolos), descoberta por acaso há pouco mais de um século pelo bispo ortodoxo grego, Filóteo Bryennios, em um códex de Constantinopla (hoje Jerusalém). Infelizmente, a *Didaché* baseia-se somente em alguns dos discípulos de Jesus, renegando por completo os outros (no geral, os autores dos "evangelhos" considerados apócrifos e invalidados pela Igreja, apesar de uma elite de historiadores modernos, laicos e internacionais tender a dar a 90% deles a mesma credibilidade dada aos escritos oficiais). E as contradições presentes não são pequenas: na *Epístola de Barnabé*, uma escritura anônima do final do século I ou início do século II, talvez de origem siríaca como a *Didaché* e que parece não ser atribuída à Barnabé, companheiro de São Paulo, o autor afirma que o único modo exato de ler o Antigo Testamento

consiste na individualização do significado espiritual, e não simplesmente carnal, do texto. Essa é a imposição que é predominante no centro do Catolicismo, recusada porém por muitas seitas milenaristas dos séculos XVIII e XIX. E não é só isso.

Não existe o Inferno na Bíblia (para a seita dos seleucenses, atuantes na Galácia nos séculos III e IV, o verdadeiro Inferno era esta Terra). As suas mais vívidas representações não são encontradas no Novo Testamento (vagas indicações em Mateus 8: 12-13,41-42; Lucas 16: 22-26; Apocalipse 20: 15 e 21,8), mas em alguns apocalipses apócrifos (Pedro, Paulo, Maria). Ele não exprimia a prisão em um lugar mítico, mas uma condição existencial caracterizada pela perda de Deus e pelo tormento provocado pela privação do Bem; punição que, depois da ressurreição, se tornaria definitiva. Até mesmo São Judas Tadeu (irmão de Tiago Menor, apóstolo e primeiro bispo de Jerusalém), na sua *Carta* bíblica, no versículo 6, precisa que o Inferno é apenas para os habitantes de Sodoma e Gomorra e para os anjos rebeldes: "Quanto aos anjos que não conservaram o seu principado, mas abandonaram a sua residência (porque desceram sobre a Terra, unindo-se às mulheres, como veremos em seguida), Deus aprisionou-os nas trevas com correntes eternas até o dia do Juízo Final". O mesmo faz Pedro no seu segundo livro, no versículo 2,4. Mas quando a Igreja se impôs como religião do Estado, em 325, Inferno e demônio se tornaram o fantasma para aterrorizar os incrédulos e sujeitar os supersticiosos. Assim, até o século III, a imagem do Diabo nos ícones era aquela de um anjo de luz, depois substituída com a aterrorizante representação do

homem-bode, copiada do deus Pan da mitologia grega, o senhor dos prazeres. Além disso, por dois milênios, a patrística cristã continuou a identificar Lúcifer com Satanás, quase ignorando que no Novo Testamento (2 Pedro 1: 19; Apocalipse 22,16) Cristo era definido como "Lúcifer" ou "estrela da manhã", atributo que retorna na antiga oração do *Exultet*, na liturgia da véspera pascoal. Além disso, o "Lúcifer" que caiu do céu em Isaías 14: 10-15 não era o demônio, mas em hebraico, *Helel ben Shashar*, ou seja, o planeta Vênus, em uma metáfora com a qual o profeta ridicularizava o soberano babilônico Nabucodonosor, caído de fato das estrelas para os currais. Foi Orígenes quem uniu erroneamente essa alegoria da queda do Diabo, relacionando-a com o Evangelho de Lucas (10: 18): "Jesus disse a eles: Eu via Satanás cair do céu como o relâmpago". "Na verdade", comenta a mesma Bíblia na edição das Paulinas, "no contexto de Isaías não existe nada que possa levar a pensar no demônio, mas apenas na incrível queda do rei da Babilônia".

Mas na Bíblia não existe nem mesmo o purgatório, inventado no século IX e incorporado por inteiro na doutrina cristã apenas no século XII (mas recusado na sua totalidade pelos protestantes); e é provável que não exista nem mesmo o Paraíso (do persa *pairi daeza*, local arborizado), termo que no Novo Testamento aparece apenas uma vez, em Lucas 23: 43, enquanto em muitas ocasiões se fala do Reino de Deus que aguarda os justos.

E para falar a verdade, existe até quem não acredite na sobrevivência da alma. As testemunhas de Jeová, por exemplo, citando Ezequiel 18:4 ("A alma que peca, morrerá"),

rejeitam a existência "de qualquer entidade abstrata que sobreviva à nossa morte".

A INVENÇÃO DO PAPA-REI

Logo após a morte de Jesus (seja real ou presumida, conforme se creia ou não), e à medida que aconteciam as conversões, até o reconhecimento feito por Constantino do Cristianismo como religião do Estado no Império Romano, em 325 (durante o Concílio de Nicéia), proliferaram dezenas e dezenas de seitas mais ou menos heréticas, todas convictas de serem corretas e de possuírem os evangelhos "autênticos"; uma vez que o Cristianismo saiu da ilegalidade e derrotou o Paganismo, a situação não melhorou, ao contrário, aprofundaram-se os conflitos entre as muitas facções em luta, e até mesmo dentro das próprias facções. As calorosas discussões entre intérpretes (exegetas) da Bíblia não se esgotaram certamente nos primeiros séculos d.C., mas somente dois mil anos depois, quando, em 1943, Pio XII publicou a encíclica *Divino Afflante Spiritu*, fixando um critério interpretativo "histórico-crítico" (nesse intervalo de tempo, a "religião do Estado" procurou eliminar, com perseguições, fogueiras e massacres, as seitas menores; e enfim o Cristianismo se dividiu em três grandes troncos: o Catolicismo, o Protestantismo e a Ortodoxia. Os dois últimos abarcaram em momentos diversos várias "divisões": valdenses, testemunhas de Jeová, etc.); a falta dos textos originais (e conseqüentemente, a proliferação de evangelhos gnósticos e

apócrifos não reconhecidos) fragmentava o Cristianismo original em uma infinidade de seitas e grupos que normalmente se envolviam em lutas ferozes e sanguinárias uns com os outros, todos convictos de serem os únicos portadores da verdade. Uma verdade que nem mesmo a Igreja de Roma, apesar da propaganda, pode honestamente reivindicar, se se pensa que, em 1918, o Santo Ofício (no passado, tristemente conhecido como "Santa Inquisição"), com um decreto específico, teve de reconhecer como "incerta" a opinião de alguns autores com relação à "onisciência da alma humana de Jesus" (uma questão antiga; por dois mil anos discutia-se sobre o fato de que Jesus, sendo filho de Deus, sabia sobre o seu trágico destino, tese desmentida por certas afirmações de Cristo presentes no Evangelho; no século VI d.C., chegou até mesmo a difundir-se uma seita, os "agnoeti" ou "ignorantes", seguidores do diácono alexandrino Temisio, convictos de que a alma de Jesus ignorava certos mistérios, particularmente aquele do dia do juízo final).

O aspecto paradoxal do imponente sistema piramidal de que hoje dispomos, com um papa no vértice da catolicidade e uma série de cardeais, bispos e padres, de modo algum fazia parte das intenções de Jesus! Quando se pergunta ao cristão onde estaria escrito que deveria ser criado um pontífice para a Igreja, normalmente nos é respondido que a exortação está contida na célebre frase que Jesus dirige a São Pedro: "Tu és Pedro e sobre esta pedra fundarei a minha Igreja".

O interessante é que essa afirmação foi completamente descontextualizada e falseada. No episódio original, Jesus

perguntava aos seus discípulos quem imaginavam que ele era. Marcos, em 7:30, passa muito rapidamente: "(7:27) Jesus partiu com seus discípulos para as aldeias vizinhas de Cesaréia de Filipe. No caminho, ele interrogava seus discípulos: Quem sou eu, no dizer dos homens? (7:28) E eles lhe disseram: João, o Batista; para outros, Elias; para outros ainda, um dos profetas. (7:29) E ele lhes perguntava: E vós, quem dizeis que eu sou? Tomando a palavra, Pedro lhe responde: Tu és o Cristo. (7:30) E ele lhes ordenou severamente que não falassem dele a ninguém".

Diferente da versão apresentada por Mateus (que fora companheiro de Jesus e, portanto, testemunha ocular), no capítulo 16: "(13) Tendo chegado à região de Cesaréia de Filipe, Jesus interrogava seus discípulos: No dizer dos homens, quem é o Filho do Homem? (14) Eles disseram: Para uns, João, o Batista; para outros, Elias; para outros ainda, Jeremias ou algum dos profetas. (15) Ele lhes disse: E vós? Quem dizeis que eu sou? (16) Tomando a palavra, Simão Pedro respondeu: Tu és o Cristo, o filho de Deus vivo. (17) Retomando a palavra, Jesus então lhe declarou: Feliz és tu, Simão, filho de Jonas, pois não foram a carne e o sangue que te revelaram isto, mas o meu Pai que está nos céus. (18) E eu, eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e a Potência da morte não terá força contra ela. (19) Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus; tudo o que ligares na Terra, será ligado nos céus e o que desligares na Terra, será desligado nos céus". O jogo de palavras, utilizado há séculos pela Igreja para justificar o seu descarado poder temporal (tão contestado por São Francisco e pelos hereges dolcinianos), funcionava

obviamente só em latim, mas não em aramaico. O fato é que nem Jesus nem São Pedro - cujo verdadeiro nome era Shimeon *Kêphas* - eram romanos (aliás, a moderna exegese acredita que São Pedro nunca tenha ido a Roma, e que o seu suposto suplício na Urbe seja fruto da imaginação); Jesus (Jeshua) falava em aramaico, não em latim. E, em aramaico, a frase, realmente colocada com um jogo de palavras, soava muito diferente. Vejamo-la juntos, com os termos reais: "E vocês? Para vocês, quem eu sou?"... Respondeu Shimeon, chamado *Kêphas* (= convicção): Tu és o Ungido (isto é, o Messias). E Jeshua: Tu és "convicção", e sobre esta convicção (isto é, que eu sou o Messias) edificarei a minha *ekklèsia* (=assembléia; *kahal*, em hebraico). *Ekklesia*, comunidade, não "a minha Igreja", como têm contado os padres! Nenhuma Igreja estruturada, portanto, mas somente uma comunidade de apóstolos errantes (como foram na verdade os *doze* guardiões das reais intenções do Mestre)!

No decorrer dos séculos, a Igreja manipulou sem pudor esse preciso ditame de Cristo, jogando com a tradução em latim de São Jerônimo; até mesmo alguns exegetas que conheciam o aramaico chegaram a afirmar, de modo suspeito, que o jogo de palavras tivesse sido não entre *Kêphas* (convicção) mas entre *Kêpha*, rocha e *Kipahâ*, o ramo da palma, símbolo da vitória. Neste caso, a frase teria sido "Tu és rocha e eu farei de ti vitória". Nada mais falso. Do resto, em uma segunda ocasião, a Igreja preparou um colossal imbróglio para tomar o poder, com a construção de um falso documento, conhecido como a "doação de Constantino". Nele se demonstrava que o homônimo imperador romano (que consagrara o Cristianismo

como religião do Estado), em 313, teria doado ao papa o império ocidental, enquanto ele continuaria a governar o Oriente. O biblicista Giordano Berti definiu-o como "uma falsificação posterior, cuja intenção era fornecer uma base jurídica às intenções temporais dos pontífices". Os papas fizeram uso oficial do documento a partir de 1053 e ele foi, em geral, aceito como autêntico, ainda que contestado por muitos, como por exemplo, Arnaldo da Brescia e Dante. O humanista Lorenzo Valla demonstrou a sua falsidade em 1439, com argumentos irrefutáveis.

A ausência de uma estrutura hierarquicamente constituída era um conceito contestado também por Batista. Encontramos referências precisas em João 1:23 (e de maneira muito nebulosa em Lucas 3:4 e Marcos 1:3). No momento em que sacerdotes e sumo sacerdotes chegaram de Jerusalém, enviados por judeus, encontraram em Betânia, sobre o Jordão, João, o Batista, e lhe perguntaram o que queria e se ele era o Messias ou o Elias ressuscitado (este último, recordem, fora "levado ao Céu" em um carro de fogo que poderia lembrar um UFO). Batista responde: "Eu sou a voz de alguém que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías".

O versículo foi, na verdade, alterado de propósito; o primo de Jesus não pretendia dizer que estava falando sozinho ao povo ("gritar no deserto"), como nos quer fazer crer a Igreja. A frase inicial foi "banalmente" separada de maneira diferente. Ela era: "Eu sou a voz de alguém que clama: no deserto, preparai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías";

Batista convidava as pessoas a retirar-se para orar no deserto, assim como ele fazia! Nessa frase há um estímulo ao nomadismo religioso, depois exaltado pelos "pais do deserto"; não havia nenhum convite a criar igrejas, papado ou instituições. Os seguidores do Messias, nas reais intenções de João, o Batista, deveriam ter sido uma espécie de monges errantes, como muitos que existiam no Oriente Médio! E de fato o Cristianismo antigo (que a historiografia entende como aquele que vai do fim da comunidade dos discípulos de Jerusalém até o Concílio da Calcedônia, isto é, entre 150 e 451) dividira-se em cinco patriarcas, subdivididos entre Roma (onde pregaram os dois apóstolos Pedro e Paulo), Constantinopla, Alexandria (onde a partir da filosofia grega nasceram muitas heresias cristãs "agnósticas"), Antioquia e Jerusalém (onde o movimento nascera). Enquanto alexandrinos e antioquinos, que respiravam o culto ar filosófico da época, deram vida às primeiras escolas teológicas cristãs (também como reação às heresias difundidas); os "pais do deserto" criaram o monasticismo, alegando estarem, deste modo, mais fiéis às palavras de Jesus.

Essas divisões, ao longo do tempo, criaram cismas e violentas lutas internas. Um dos pais da Igreja, Clemente Romano, escrevera: "Por que brigas, cóleras, discórdias, cismas e guerras entre vós?". Foi com Santo Inácio de Antioquia (+110 d.C.), escritor cristão de língua grega e criador da expressão "Igreja Católica" (isto é, universal), que aparece claramente, pela primeira vez, aquela estrutura eclesiástica local que se tornará depois tradicional, com o ministério do bispo como guia da comunidade e os presbíteros e diáconos. Justino

mártir, na sua *Celebração da Eucaristia*, deixou escapar que as celebrações eram feitas "no chamado dia do Sol", o nome pagão do domingo, pois era identificado pelos primeiros cristãos como o dia da ressurreição de Cristo, sobrepondo-se a um culto preexistente, convictos de que "o teriam crucificado na verdade no dia anterior ao de Saturno e posterior àquele mesmo dia, isto é, o dia do Sol; tendo aparecido aos seus apóstolos e discípulos, ensinou as coisas que vos transmitimos". Desse modo, os cristãos conseguiram, gradualmente, substituir os próprios costumes por aqueles dos pagãos. Não por acaso outras religiões não reconhecem essas tradições. Mórmons e hebreus festejam o sábado; os muçulmanos, a sexta-feira; os cristãos, o domingo.

Muitos desses fundadores da Igreja foram apologistas, isto é, autores de textos em defesa do Cristianismo, primeiramente; depois, da Ortodoxia, controlando os hereges. Muitas das suas obras se perderam, como tantas outras daquele período. A primeira grande obra antignóstica que chegou até nós, ainda que na sua tradução latina, foi aquela de Irineu, bispo de Lion na Gália (140-200 d.C). Grande representante da tradição teológica da Ásia Menor, com ela compartilhou o Milenarismo, crença segundo a qual o fim do mundo será precedido pelo reino de mil anos, que Cristo instaurará sobre a Terra junto com os justos ressuscitados.

Nem sempre esses personagens foram, porém, campeões das "heróicas virtudes" apresentadas pela Igreja. As perseguições contra quem pensasse diferente deles, ou seja, os hereges, foram freqüentemente invocadas em alta voz não apenas pelos imperadores, por razões de ordem pública, mas também

pelos "defensores da Igreja" que depois foram proclamados santos; como Santa Clara de Montefalco, que denunciou os hereges do "espírito de liberdade" (que acreditavam no alcance da autodivinização por meio da ascese) presentes em alguns conventos franciscanos umbros (foram processados em 1307 e o seu chefe, Bentivegna da Gubbio, condenado à prisão perpétua); ou como o sábio e já citado Agostinho, libertino maniqueísta, então convertido graças aos sermões de Santo Ambrósio: Agostinho, tornado bispo de Ippona, convenceu, em 404, o imperador Honório a perseguir os hereges donatistas, que colocavam em crise a Igreja afirmando que os sacramentos eram válidos somente se quem os administrava possuísse dignidade. "Santo" Agostinho, além disso, previu algumas temáticas da ufologia parafísica (ciência que afirma que os alienígenas não vêm de planetas distantes, mas de dimensões imateriais e paralelas à nossa). Na sua *Angelologia*, o bispo de Ippona sustentava de fato que os guardiões celestiais se moviam por *movimento instantâneo* (hoje utilizaríamos o termo ficcionista teletransporte) e que podiam misturar-se à matéria, a ponto de um bilhão deles poder estar sobre a ponta de um alfinete. Em resumo, em parte intolerante, em parte iluminado, preservava algumas verdades, mas queria que a Igreja, e não as pessoas, fosse sua única depositária.

Grandes perseguições aconteceram tanto durante o período Medieval quanto depois, com a "caça às bruxas". Entre as mais relevantes, o extermínio dos Templários, que adoravam um ídolo representante da consciência (que a Igreja fez passar por diabo), e dos "cátaros" ou puros; estes últimos, que na

cidadezinha francesa meridional de Albi eram chamados de albigenses, foram exterminados por uma cruzada guiada por alguns príncipes do norte, que ofereceram os seus cavaleiros em troca dos territórios eventualmente conquistados. Guiados por Simon de Monfort, os "cruzados de Deus" tomaram as cidades de Béziers, Carcassone e Narbonne em 1209, e gritando: "Matem-nos todos, Deus saberá reconhecer os seus", passaram pelo fio da espada todos os habitantes, sem distinção de fé (60 mil apenas em Béziers). Com a queda do castelo de Montségur, última fortaleza catara (1243), o movimento foi quase completamente aniquilado; os poucos sobreviventes ou renegaram a própria fé ou fugiram para a Itália setentrional. Com argumentos tão *convincentes*, a Igreja conseguiu impor as suas próprias idéias!

OS “OUTROS” APÓSTOLOS

Em 1987, o cineasta americano John Carpenter scandalizou com o filme *O Príncipe das Sombras*. Nele fantasiava que a essência de Jesus havia sido guardada por uma seita desviada e que o Messias havia sido, na realidade, um louco (por isso os seus discípulos o teriam traído, depois de perceberem o fato), que teria descido na Terra não para trazer o Reino de Deus, mas o do Diabo, seu pai. O filme blasfemo obviamente provocou um grande escândalo e não à toa. Poucos sabem, no entanto, que Carpenter não inventara essa bizarra crença (Jesus, filho do Diabo), mas a teria copiado dos evangelhos

ditos gnósticos, em particular das teorias dos já citados cátaros exterminados pela Igreja. Mas sigamos pela ordem.

O Gnosticismo (do grego *gnosis*, conhecimento) é um conjunto de doutrinas que, dos tempos apostólicos até o século IV, interpretavam o evangelho de modo não uniforme; segundo os seus propagadores, ele tinha mantido inalteradas as verdadeiras revelações de Jesus, posteriormente manipuladas pelos judaico-cristãos; conforme os críticos "ortodoxos", seguidores dos evangelhos canônicos, esses seriam, em vez disso, uma miscelânea sincrética nata, de acordo com o biblicista Giordano Berti, "inspirados nas religiões místicas, no Hermetismo, na Cabala hebraica e no Judaísmo alexandrino, exprimindo-se pelo *Gnosticismo vulgar*, também pelas práticas mágicas e doutrinas astrais iranianas e babilônicas e no Gnosticismo culto de Alexandria do Egito, pela filosofia de personagens de grande capacidade intelectual como Basilides, Valentim e Marcione". Certamente, o Gnosticismo foi tudo isso e muito mais. Cada pequeno grupo ou seita tinha o seu próprio guru, livro e credo, elaborado (portanto, manipulado) a cada momento pelo mestre da vez. A Igreja evita sempre falar de todos esses apóstolos *paralelos* de Jesus.

Para nos liberarmos desse oceano de documentos contraditórios e para distanciar suspeitos de parcialidade de nossa análise, tomamos todas as citações, exceto quando indicado de outro modo, de uma fonte independente, o *Dizionario dei Cristianesimo*, do já citado Giordano Berti (Vallardi, 1997). Ele nos informa sobre uma seita ligada à um certo Apelle, discípulo de Marcione, que ensinava em Roma

no século II d.C. (portanto, em um período em que a mensagem original de Jesus ainda não tinha provocado inquietações), admitindo a existência de um único Deus, bom, que tinha criado os anjos, um dos quais era o Demiurgo, criador do mundo material, um trabalho um tanto defeituoso, o que obrigou Deus a enviar Jesus para corrigir os erros do anjo-demiurgo. Quanto ao teólogo grego Marcione (85-160), excomungado pelo bispo de Sinope no Mar Negro, este pregava a existência de um Deus bom, "um estrangeiro que vive no altíssimo céu" e o Demiurgo, ou "Deus justo" ou "Demônio" (!), "criador do mundo e das leis, capaz de governar apenas com a ameaça do castigo e da provocação de todas as guerras e males que afligem os homens". Para dar um fundamento à sua visão bizarra, Marcione limitava o cânone do Novo Testamento apenas ao Evangelho de Lucas e às cartas de São Paulo, "mas livres das falsificações judaicas" (isto é, dos passos que afirmavam a identidade entre o Deus criador e Jesus). Não menos herege era Orígenes (+253), cujas doutrinas foram em parte condenadas durante o concílio niceno de 325 e que acreditava em um "número infinito de mundos" e na reabilitação dos condenados e até mesmo de Satanás.

Os arcontes (do grego *archon*, "o primeiro") formavam uma seita gnóstica nos séculos III-IV difundida na Armênia e na Palestina; veneravam uma Mãe Celeste e sete *arcontes*, ou espíritos planetários, adversários de uma criatura cruel identificada no deus dos hebreus, considerada "o pai do Diabo" e chamada Sabaoth (que na Bíblia é, no entanto, o nome de Deus, significando "senhor dos exércitos"). Os arcontes, como outros gnósticos (sethianos, ofitas e

marcionitas), rechaçavam todos os sacramentos da Igreja porque eram feitos em nome do deus dos hebreus, ou seja - segundo eles -, do Diabo. Carpenter referia-se claramente a eles no seu escandaloso filme e na sua incoerente teoria.

Os encratitas ou "continentes", assim chamados porque se abstinham das relações sexuais (e que inevitavelmente tiveram vida breve, já que eram privados de descendência e cujas doutrinas já haviam sido denunciadas por São Paulo e depois foram condenadas expressamente em 380 pelo Édito de Teodósio), recusavam os alimentos animais e o vinho, as núpcias e a procriação, considerados invenções diabólicas. Acreditavam que o Diabo, filho de Yaldabaoth e Sabaoth, depois da queda do Céu, teria se transformado em serpente e do seu sêmen teria nascido a videira, conhecida como a árvore do Paraíso que causou a união de Adão e Eva, e, como consequência, a queda deles no mundo material.

Os bardesanitas, seguidores do filósofo siríaco Bardesane de Edessa (154-222), amigo do imperador Caracalla, assim como os gnósticos valentianos, acreditavam que o corpo fosse criação diabólica (e que Cristo, não possuindo um corpo material, não estivesse nem morto nem ressuscitado). Os cainitas eram gnósticos do século II, teóricos da imortalidade, que afirmavam que a morte de Abel teria sido possível porque o primogênito nasceu de uma Potência (Elohim) inferior àquela que gerou o segundo (claramente, muito mais próximos dos escritos rabínicos originais); além disso, reabilitavam outros culpados bíblicos, como os sodomitas e o próprio Judas, vítimas do ódio "do malvado Demiurgo deste mundo". Os carpocratianos, seguidores do gnóstico

alexandrino Carpocrate (+ 138), pregavam uma cosmologia fundada sobre um Pai Celeste criador dos anjos e demônios que, "copulando entre eles, teriam gerado o mundo material e os seres humanos"! Nessa visão, sem dúvida muito diversa do que é ensinado pelos evangelhos canônicos, havia até mesmo espaço para a reencarnação. Carpocrate acreditava que as almas dos homens, aprisionadas nos corpos, se transferissem por séculos de um corpo para o outro. As doutrinas do alexandrino foram propagadas depois pelo filho Epifânio, morto com apenas 17 anos e divinizado pelos seus seguidores, que em sua honra ergueram um templo na ilha de Samo, onde se realizavam cerimônias secretas também com objetivos sexuais. A seita, depois conduzida por um tal Segundo, extinguiu-se rapidamente.

Cerinto de Antioquia (atuante em Éfeso entre o final do séc. I e início do II) contava que Jesus, "homem justo e sábio", teria começado a pregar a existência de um único Pai, dele desconhecido, apenas depois do batismo no Jordão, quando "o Espírito Santo" descera sobre ele em forma de pomba. Isso explicaria por que somente a partir daquele momento Jesus começaria a realizar milagres.

Alguns gnósticos acreditavam na existência de Eon (do grego *aión*, tempo), entidades espirituais ou inteligências superiores aos seres humanos; era o caso de Basilides, atuante em Alexandria do Egito no século II, autor de uma obra exegética sobre os evangelhos em 24 volumes, além do seu evangelho pessoal (tudo material que a Igreja, propositalmente, fez desaparecer, por seus conteúdos heréticos); e de Valentim, que pregava a existência de 365 céus ou universos, um para

cada dia do ano, e cada um dos quais, chefiado por um *arconte*, sendo Lúcifer o mais conhecido deles. A idéia do Universo dividido em seções controladas por um guardião (chamado "Observador" ou "Vigilante" nos textos gnósticos) está muito além de simples fruto da fantasia. Dois mil anos depois, os testemunhos de reaproximações ou sequestros alienígenas de pessoas que nunca leram textos gnósticos nos contam exatamente as mesmas coisas e declaram que os extraterrestres que teriam se aproximado deles diziam ser os *Watchers*, os Vigilantes!

Esses extraordinários paralelismos não podem ser casuais; são, em vez disso, a demonstração de que os alienígenas já teriam se mostrado dois milênios antes na Palestina e que as populações da época, ainda que com uma linguagem mística e religiosa, teriam deixado testemunhos nos evangelhos apócrifos!

OS VIGILANTES NOS TEXTOS PERSAS

Os arcontes estão presentes também nas antigas culturas árabes e muçulmanas; transformaram-se, no mundo islâmico, nos *djins*, os demoníacos anjos caídos, seres inicialmente bons e depois corrompidos pelo pecado do orgulho. Dizer que os modernos pilotos dos UFOs sejam os antigos *djins*, ou seja, demônios, é controverso; um autor kuwaitiano sustenta essa idéia; pessoalmente, penso que podemos dizer que pelo menos das raças extraterrestres que nos visitam, os *Greys*, assim chamados em virtude da cor da pele e descritos como

pequenos macrocéfalos e com os olhos ovais e escuros, podem ter inspirado no passado, com as suas ações cruéis, as crenças em demônios, ou podem ter sido trocados ou confundidos com eles. Os mesmos *djins* do Alcorão, de resto, fogem a qualquer classificação: algumas fontes dizem que estes seriam diabos e ponto final; outros afirmam que, na verdade, são espíritos, alguns bons (anjos), outros perversos (anjos caídos), outros inofensivos (similares aos elfos dos mitos), como os extraterrestres, cujos comportamentos foram divididos pelos ufólogos em amigáveis, hostis ou indiferentes. De qualquer modo, os *djins* seriam criaturas sem matéria, para-físicos, que interfeririam neste e em outros mundos. O folclore islâmico transformou-os nos gênios da lâmpada de Aladim de *As Mil e uma Noites* (fábula de origem indiana introduzida no mundo árabe no século IX). Essa tese foi recentemente retomada até mesmo por dois filmes de horror americanos de grande sucesso, *O Mestre dos Desejos* e *O Mestre dos Desejos 2*, nos quais é apresentada a teoria segundo a qual essas criaturas viriam de um mundo paralelo e seriam muito mais potentes do que o homem sendo capazes de plasmar a matéria, mas a sua natureza seria demasiadamente cruel.

Os *djins* das possessões diabólicas eram chamados "Peri" (no folclore indiano encontramos os Pitri, divindades amigas da humanidade), e vários pensadores islâmicos associaram os ufonautas aos *djins*. No Alcorão, os *djins* são citados repetidas vezes nas suras VI-100, VII-179 nas quais se diz que foram criados por Deus mesmo sabendo que mereceriam o Inferno: na sura XV-72, diz-se que foram criados a partir de um "fogo efervescente"; na XXIII-69, 70, que eles não

reconheceram Maomé como mensageiro divino e o renegaram; a sura XXVII-17 conta como muitos *djins* fizeram parte do exército do rei Salomão e construíram para ele palácios, estátuas e discos enormes; na XLVI-29,32, narra-se que alguns *djins* foram enviados por Deus (portanto, não eram todos perversos) "para que seguissem os ensinamentos do Alcorão". A sura VI-112, 113 revela: "E assim colocamos ao lado de cada profeta um inimigo, seres satânicos entre os homens e os *djins*, e alguns deles sugerem a outros discursos vazios para induzi-los ao erro. Deixe que escutem esses discursos vazios aqueles que não crêem no além".

Segundo a tradição, os *djins* seriam incapturáveis e capazes de apresentar-se de diferentes modos; bons ou ruins, eram já conhecidos no mundo árabe pré-islâmico. Segundo a *História de Adão*, do comentarista do Alcorão al-Tarafi, "os primeiros que habitaram a Terra foram os *djins*. mas eles trouxeram corrupção e derramaram sangue, matando-se uns aos outros, por isso Deus mandou Iblis, o Diabo, com um exército de anjos. Iblis e o seu exército os massacraram, levando-os a se refugiarem nas ilhas dos mares e sobre os cumes das montanhas". Iblis, nomeado por Deus "rei do céu inferior", pertencia a uma tribo de anjos que foram chamados *djins* porque eram os guardiões de Ganna, o Paraíso; e Iblis, mesmo com o seu poder, era um guardião. Acontece, porém, que a arrogância se instalou em seu coração. Segundo o Alcorão, os anjos caídos foram expulsos não por terem se rebelado contra Deus, sentindo-se superiores a Ele, mas porque se recusaram a prostrar-se diante de Adão, a criação de Deus, se sentindo superiores ao homem (pois os homens eram criados a partir

do barro, enquanto eles eram criados do fogo). Por essa desobediência e pelo ato de soberba, eles foram expulsos do Paraíso. Satanás, segundo o profeta al-Hasan, nunca foi um anjo, mas "foi a origem dos *djins*, como Adão foi a origem do gênero humano" (vários exegetas do Alcorão insistem nesse fato). Ibn Abbas sustentava que Iblis fazia parte de uma categoria de anjos chamados al-Ginn, "criados de fogo ardente" e que o verdadeiro nome do diabo era al-Harith e que era um dos guardiões do Paraíso. "Os anjos não pertencentes a essa categoria", explicava al-Tarafi, "foram feitos de luz, enquanto os *djins*, que são mencionados no Alcorão, foram criados pelas chamas puríssimas do fogo, na verdade uma chama tomada pela ponta do fogo enquanto este queima". Al-Tarafi levanta a hipótese de que Iblis era provavelmente um anjo antes de desobedecer; chamava-se Azraya ou Azazil (Azazel, nos evangelhos apócrifos hebraicos), "habitava a Terra e era um dos anjos mais devotos e também um dos mais sábios, e isso o levava à arrogância. Tinha a obrigação de governar o céu inferior e, por isso, tinha autoridade sobre esse céu e sobre a Terra e era o guardião dos *djins*. Transmitem Ibn Mas'ud e Ibn 'Abbas que Deus, Potente e Grande, uma vez tendo terminado de criar tudo o que desejava, se sentou sobre o trono e nomeou Iblis rei do céu inferior. Ele pertencia a uma tribo de anjos que foram chamados *djins* porque eram os guardiões do Paraíso, e Iblis, mesmo com seu poder, era um guardião...".

Sobre os *djins*, depois que o autor deste livro publicou na Internet vários materiais sobre os arquivos islâmicos UFO, o doutor Abu Ibrahim Kalim, webmaster do Cultural Institute

of the Italian Islamic Community de Roma, posicionou-se respondendo a um texto do ufólogo inglês Gordon Creighton, da *Flying Saucer Review*. Khalim, de acordo com o texto de Creighton, confirmava que o "Islã sabe da existência de três espécies de seres inteligentes no Universo, totalmente separados e distintos, e entre outras coisas é capaz de fornecer detalhes surpreendentes pela precisão sobre a natureza, papel e atividades deles. Essas três espécies são os anjos, os homens e os *djins*". Ainda reforçava: "Em árabe, *djim* significa invisível e, portanto, em alguns casos (mesmo no próprio Alcorão) os anjos são às vezes chamados *djins* (exatamente quando estão invisíveis), mesmo sendo uma categoria à parte com relação aos *djins* propriamente ditos. As principais características dos *djins* são: no estado normal, são invisíveis à vista humana normal; são capazes de materializar-se e aparecer no mundo físico. Podem escolher tornar-se visíveis ou invisíveis conforme a própria vontade; podem mudar de forma e aparecer com qualquer aspecto, pequeno ou grande; possuem a capacidade de surgir na forma de animais; muitos são incorrigíveis mentirosos e enganadores e se deliciam em atrapalhar e enganar a humanidade com todo tipo de absurdos (seduções espíritas, etc...); nem todos porém são mentirosos; alguns são sinceros e não mexem com os seres humanos; são levados ao seqüestro de humanos; podem, por outro lado, ocorrer relações sexuais (e até mesmo casamentos) entre um homem e uma *djim* ou entre um *djim* e uma mulher. Neste último caso, no entanto, se a mulher ficar grávida, o recém-nascido será sempre e unicamente um *djim*.

Segundo a Lei islâmica, ter relações com um *djim* ou com uma *djim* fora do casamento não é considerado adultério... Muitas das chamadas doenças psicossomáticas podem ser causadas por *djins* que assumem a forma de micróbios, bactérias, etc...". Kalim concluía: "É muito provável que muitos dos pretensos extraterrestres sejam, na verdade, *djins*, assim como seriam os mortos que falam com os médiuns".

Os persas sabiam há muito tempo sobre os *djins*, e estão entre os primeiros a teorizar, 500 anos antes, a existência de mundos paralelos ditos "barzakh". Em um texto persa do século XV, o *Rawzat-us-Safâ* [O jardim da pureza], o historiador Mirkhond del Bukhara (Muhammad ben Khondashah Mahmud, 1433-98) reconstruiu a história da origem do mundo e a temperou com elementos de fundo ufológico muito interessantes. Em primeiro lugar, Mikhond admite a existência de diversos universos (e Hosana Alá como "Senhor dos dois mundos"): o primeiro céu ou da Lua (Qamar), regido por Adão, no qual são elaboradas as formas; o céu de Mercúrio ('Utarid), lugar do espírito governado por Jesus; o céu de Vênus (Zohrah), com o profeta José, cujas características são a beleza e as artes; o céu do Sol (Sciams) regido por Enoch, pai da Cosmologia; o céu de Marte (Mirrikh), regido por Davi ou Aarão, caracterizado pela arte de governar; o céu de Júpiter (Barjis), presidido por Moisés, sendo particulares a legislação e o culto religioso; o último céu, o sétimo, é aquele de Saturno (Kaywan), regido por Abraão, cuja característica principal é a fé. Neste último céu bíblico, Enoch teria passado 30 anos aprendendo "todos os mistérios do mundo invisível", retornando depois sobre a

Terra para "construir a pirâmide do Egito, chamada Gunbuzatran (Gizé), a fim de salvar do dilúvio as tumbas dos seus amigos".

Entre tantos conhecimentos anacrônicos, Mikhond cita dois estranhos discos de luz que iluminavam o interior da arca de Noé e as misteriosas "nuvens" (chamadas de *Simun*, extraordinariamente parecidas com as armas atômicas descritas nos antigos textos hindus) usadas por Alá para exterminar o povo dos gigantes de 'Ad, descendentes dos Vigilantes, "cruéis e idólatras". "Os embaixadores de Hud pediram a Alá a doação de uma nuvem; o Altíssimo deixou-lhes a escolha entre três nuvens de diferentes cores (esse detalhe aparece também nos evangelhos apócrifos cristãos). Eles escolheram a de cor cinza, e esta nuvem, feita de cinzas ardentes, aniquilou a tribo de 'Ad. O profeta Hud refugiou-se na Mesopotâmia com 400 convertidos, estabelecendo-se no país de Haddramant." As nuvens foram usadas também por Moisés, que se utilizava de um tipo particularmente esplendoroso, para defender a Arca da Aliança." "A irradiação e o esplendor dessa luz eram tão intensos que nenhum ser vivo ousava entrar naquele lugar."

Dos perversos gigantes, exterminados várias vezes por Alá, Mirkhond diz que "se dividiam em três classes: na primeira, tinham uma altura de 120 braços e um comprimento médio; na segunda, possuíam altos e largos 120 braços; na terceira, aquela dos anões, a altura variava de um polegar a quatro pés, e as suas orelhas eram longuíssimas". Essa é uma tipologia extraordinariamente recorrente na literatura ufológica! Esses seres, informa-nos Mirkhond, foram derrotados em batalha

por Zulkarnain ("que alguns confundem com Alexandre Magno"), que os mantinha sob controle com um instrumento similar ao telescópio ou ao satélite: "um espelho mágico que refletia qualquer exército inimigo proveniente das partes mais remotas do mundo, colocado sobre uma torre da altura de 600 cúbitos, na Macedônia, sobre suas ruínas foi construída Alexandria".

O historiador ainda nos impressiona narrando de maneira insólita a história da Torre de Babel, acrescentando, com relação ao texto bíblico, que o gigante Nemrod, rei de Babel, completara, junto a um companheiro, uma viagem ao céu; a descrição que Mirkhond oferece da Terra vista do alto por Nemrod é surpreendente, e pressupõe um conhecimento direto: "Nemrod abriu a porta inferior e viu que toda a Terra parecia um mar sobre o qual flutuavam formigas em vez de montanhas. Prosseguiu a sua ascensão mais um dia e uma noite e abriu de novo as portas. O céu apresentava sempre o mesmo aspecto, mas embaixo só havia trevas. Nemrod, assustado, ordenou ao seu companheiro que fosse em direção à Terra, mas o vôo foi acompanhado por um rumor tão assustador que os dois astronautas pensaram que o céu estivesse desmoronando sobre eles [Incrível! É a descrição do atrito!]".

Depois é a vez dos *djins*. A descrição que ele faz nos primeiros capítulos do seu livro é iluminadora, pois preenche uma lacuna dos textos bíblicos e explica como e por que esses seres teriam sido corrompidos. Essa ausência dividiu estudiosos por 2 mil anos, até mesmo o ateu Jaroslavskij a ironizava escrevendo, na sua *Bibbia per i Credenti e i non Credenti*,

deste modo: "Mas de onde saiu o Diabo? Segundo o ensinamento da Igreja ortodoxa, Deus criou anjos bons que se tornaram ruins. Ele os criou bons: foi culpa deles se se tornaram ruins. Podem imaginar uma coisa mais absurda? Deus onipotente e onisciente cria os anjos e esses se rebelam contra ele? Em seis dias foi criado todo o Universo e milhares de anjos. Um bom trabalho! Naturalmente, Deus não percebeu que tinha criado também um rebelde que arrastaria consigo todos aqueles que não queriam se submeter ao antigo Deus hebreu. Outros afirmam que os anjos pecaram muito antes da aparição do primeiro homem e que o seu pecado teria sido a inveja. E quem lhes inspirou essa inveja?"... (bolchevista hebreu, Emeljian Jaroslavskij - cujo verdadeiro nome é Minej Izarailevich Gubelman - da *Liga dos ateus*, foi autor de violentas, mas também agudas e minuciosas pesquisas sobre a Bíblia, em um período no qual a Igreja ortodoxa, na pessoa do patriarca Ticone, utilizava a fé para fazer política, apoiando o czar e criando obstáculos à recente revolução bolchevique, exceto depois de reconhecer a sua culpa, arrepender-se e retomar as suas funções sob o novo regime).

Sobre o Diabo, Mirkhond elimina qualquer dúvida e escreve: "O Pai da gloria iluminou com o esplendor da beleza a luz de Muhammad (Maomé), que foi também chamada de essência branca. Essa essência se dividiu em duas partes: uma, infinitamente pura e luminosa, a outra, inferior à luz do intelecto. A primeira foi chamada luz; a segunda, fogo. Da primeira foram criados os seres nobres e superiores, os corpos celestes e as constelações; as almas dos profetas, dos santos e

dos eleitos da mão direita. Foi, portanto, a luz de Muhammad que criou tudo, e ele é o ser perfeito, acima de qualquer outro. Alá, o Onipotente, disse: "Antes de tudo, criamos os *djins* com o fogo do *simun*. O pai dos *djins* foi Asum, apelidado primeiramente Jan, depois Tarnush, quando a sua descendência se multiplicou sobre a Terra. Alá deu aos *djins* uma lei, que eles seguiram por um ciclo de 24 anos. No ciclo seguinte, a maior parte deles a desobedeceu e foram punidos; o restante recebeu uma nova lei e um soberano, Haliaish. A mesma coisa aconteceu no início do terceiro ciclo, e os poucos fiéis que restaram tiveram por soberano Maliga. Assim também, no início do quarto ciclo, os *djins* bons receberam como chefe Hamus. Depois, todos os *djins* se corromperam e Alá enviou contra eles um exército de anjos que os exterminou. Alguns se esconderam nas ilhas e nas ruínas da cidade [na mítica Atlântida?]; os jovens foram levados ao céu como prisioneiros". Desta forma prossegue a história, que parece ter influenciado os roteiristas do *Episódio II* de *Guerra nas Estrelas*: "Um deles, Iblis (Satanás), foi cuidado pelos anjos e fez tantos progressos que se transformou em um mestre ilustre, ao qual todos procuravam escutar. Depois de muitos anos, os *djins* que escaparam ao massacre haviam se multiplicado e retomado a posse do mundo sem renunciar ao pecado. Iblis desejou tornar-se chefe e legislador, e foi aceito como tal. Desceu sobre a Terra com um exército de anjos, aos quais se uniu um pequeno número de *djins* ainda virtuosos e mandou aos outros um profeta para convidá-los a obedecer ao Senhor; mas eles o mataram. Um segundo e um terceiro enviado tiveram a mesma sorte; um quarto conseguiu evitar a

morte e unir-se a Azazi (Iblis). Este, com um exército de anjos, exterminou ou dispersou os rebeldes; então, orgulhoso daquele sucesso, proclamou diante da corte celeste a sua supremacia como possuidor de todas as perfeições teóricas e práticas, independentemente do próprio Onipotente.

Enquanto ele manifestava abertamente o seu orgulho, alguns anjos que foram consultar a *Tábua Secreta* (que conteria o destino do Universo) se mostraram preocupados. Interrogados por Iblis sobre a situação, informaram-no que, segundo a *Tábua*, um querubim da morada eterna estava para ser expulso e enviado à danação perpétua. Iblis, cego, desprezou essa advertência e, conseqüentemente, foi jogado à condenação eterna. Que Alá possa nos preservar dela! Então o Universo ouviu estas palavras que anunciavam a vinda de Adão: 'Colocarei sobre Terra um substituto' (Alcorão, Sura II, verso 28). O impiedoso Satanás ficou completamente transtornado e gritou: 'Como pode um homem, feito de barro, pretender ser superior, o barro é denso e opaco, e o fogo (do qual são feitos os *djins*) é leve e luminoso, e a luz não prevalece sempre sobre a escuridão?'."

"Os anjos, não entendendo o motivo das palavras que tinham escutado, disseram a Alá: 'Colocarás sobre a Terra alguém que fará mal e derramará sangue, enquanto nós aqui celebramos as Tuas glórias e santificamos o Teu nome?' (Alcorão). A partir disso, o Senhor viu como os anjos ignoravam que Adão seria o portador dos Seus mistérios e o revelador das Suas qualidades, e respondeu-lhes: 'Eu sei aquilo que vocês não sabem' (Alcorão). Percebendo o abuso, os anjos imploraram o perdão. Mas Iblis continuou resistindo."

Conclui Mirkhond: "Essa história sobre os *djins* foi tirada da tradução do livro de Adão, do sábio Abu' Ali Já'far, mas somente Alá conhece a verdade!". Sobre os *djins*, as tradições palestinas dizem-nos que era comum a união deles com mulheres estéreis da Terra (como os modernos alienígenas *Greys*).

No conto *O Marido Jumail*, traduzido para o italiano há pouco tempo por Fúlvio Foresti e Inea Bushnaq, fala-se de uma mulher que "não era apenas pobre, mas também estéril" a qual, alçando os olhos para o céu, "uma noite saiu de casa e ficou de pé sob o céu estrelado e pediu a Deus para conceder-lhe a bênção de um filho". Por milagre, "passando-se alguns dias a mulher descobriu que estava grávida". A criança conseguida, apenas dirigindo o olhar - não por acaso - ao céu, revelaria dons incomuns aos mortais: sabia levantar massas enormes apenas com a força do pensamento e, periodicamente, desaparecia; não somente isso, revelando-se à sua amada, disse ser "filho do rei dos *djins*, aprisionado no corpo de Jumail" (o conto foi falsificado, na época moderna, pois Jumail, além de nome próprio, também significa "camelo". Alguns estudiosos traduziram, portanto, a frase como: "Estou aprisionado no corpo de um camelo", mas assim toda a história perde completamente o significado; sabemos, no entanto, que os *djins* podiam assumir aparências humanas).

Misteriosos gigantes aparecem também na tradição nórdica. Adão de Brema, cronista do século XI, escreve: "Alguns nobres frisões navegaram para além da Noruega até os mais longínquos limites do Oceano Ártico, entraram em uma

escuridão que os olhos apenas com grande esforço podiam penetrar, encostaram-se a um *maelstrom* que quase os arrastou para o Caos, mas ao final, de repente, saíram completamente da escuridão e do frio para aportar em uma ilha luminosa que, circundada por um muro de altas rochas, continha cavernas subterrâneas, onde se escondiam os gigantes. Na entrada das moradas subterrâneas, havia um grande número de bacias e vasilhames de ouro e de outros metais que pareciam raros e preciosos para os mortais. Os aventureiros tomaram para si tudo quanto puderam desse tesouro e voltaram rapidamente aos seus navios; mas os gigantes foram atrás, perseguindo-os. Um dos frisões foi alcançado e destroçado diante dos olhos dos seus companheiros. Os outros, graças ao Nosso Senhor e a San Willehad, conseguiram chegar a salvo à bordo de seus navios..."

OS CARROS QUERUBÍNICOS

Também nos antigos textos hebraicos, as referências ufológicas abundam. O *Sefer-ha-Zohar* (*Vayehi* 21, 8b-9a), com relação à hora do juízo universal, fala de um mensageiro cuja proclamação será ouvida "nos 270 mundos" (no apócrifo *Elenchos* 7.27 fala-se de uma "Grande Ignorância" que será estendida por Deus "sobre todo o Cosmos, para que todos os seres fiquem de acordo com a sua natureza, e que nenhum deseje algo em contrário"; esse Deus recorda o Criador ciumento do paraíso terrestre). O *Midrashim* fala

explicitamente das naves extraterrestres, chamadas "carruagens dos anjos" (outros *jewish UFO files*, textos hebraicos contendo idéias ufológicas, os chamavam de carros querubínicos ou *ma'asse merkavhah*, "aquilo que se relacionava ao carro", porque se referiam ao carro divino descrito pelo profeta Ezequiel). Com relação à nuvem que guiava Moisés e os hebreus durante o êxodo (presente em Números 2 e 10), explicita-se: "Uma espécie de raio que saía da nuvem servia para indicar em qual direção deviam marchar... e aqui se manifestava a grandeza de Moisés, porque a nuvem da Divina Majestade não descia sobre o acampamento antes que Moisés pronunciasse estas palavras: "Torna, ó Senhor, aos milhares de batalhões de Israel". Na misteriosa nuvem do Êxodo, muitos ufólogos viram justamente a descrição mitificada de um disco voador. Fala-se de vôos cósmicos no 13º capítulo de *Midrash Rabba*, no momento em que se coloca que o célebre comandante Alexandre Magno voou no céu. A descrição que o guerreiro faz da Terra vista do alto é desconcertante por ser absolutamente fiel e real: "Olhou a Terra e viu que era similar a uma bola e que todos os mares pareciam pequenas bacias...". Ainda que na época se acreditasse que o nosso planeta fosse um prato colocado sobre quatro colunas, o texto hebraico acenava claramente para uma esfera! E o reforçava mais adiante quando o comandante, ao voltar para a Terra, "ordenou a um pintor que pintasse o seu retrato colocando na sua mão um globo. Isso deveria significar que Alexandre, o Macedônio, reinava sobre todo o mundo, o qual é comparável a uma pequena esfera...".

Ainda em *Midrashim*, ficamos sabendo sobre um tipo de viagem no espaço feita pelo patriarca Jacó, que pôde assim observar os veículos espaciais, logo após a visita de alguns anjos que são apresentados como subordinados e dominados pelo próprio patriarca. Ao comentar o versículo de Gênesis 32:3 "E chamou este lugar de *Mahanàim*" (referindo-se justamente a um encontro de anjos), o *Midrashim* comenta: "O que quer dizer *Mahanàim*? *Dois batalhões*. Na verdade, quando Jacó sai da casa paterna em direção a *Aram Naharaim*, os anjos que desenvolviam as suas ordens na terra de Israel o acompanharam até as suas fronteiras, chegando ao extremo limite, se retiraram e outros anjos tomaram o seu lugar para acompanhá-lo. Assim, ao retornar da morada, em Labão, os anjos que tinham sido confiados a Jacó o acompanharam até os confins da terra de Israel. Quando os anjos daquela terra perceberam a vinda de Jacó, foram ao seu encontro para acompanhá-lo; na verdade foi dito: *quando sobrevieram mensageiros de Deus (32:2): os dois batalhões* estavam próximos a ele; e foi entre esses anjos que ele escolheu os mensageiros a serem enviados". (*Tanchuma-Vaislach 3*) Logo após a misteriosa viagem "aos confins do mundo" (ou da Terra?), foram mostradas a Jacó as naves voadoras com as quais os "anjos" se movimentavam no espaço. O *Midrashim* refere-se assim: "Diz Gênesis 32:4, *E Jacó enviou diante de si mensageiros*. Foram, na verdade, confiados a Jacó dois batalhões de anjos. De quantos anjos é composto um batalhão? De milhares e dezenas de milhares, como foi dito de fato: *Os carros do Senhor são dezenas de milhares* (Salmo

68:18)". E confirma que estes são guiados por "anjos revestidos de armaduras de ferro"...

A VERDADEIRA GÊNESE DO HOMEM

As primeiras referências aos alienígenas, indícios antes explícitos e agora escondidos por mais de 80 mil traduções manipuladas da Bíblia, surgem já no momento da criação da humanidade.

O *Dicionário do Cristianismo* refere-se textualmente aos "arcanjos que recebem as iluminações divinas por intermédio de potências superiores". Dificilmente quem lê poderá entender o real significado dessa definição, se não conhece aramaico; essas "potências" são, na realidade, as Potências do antigo Judaísmo politeísta, os Elohim ou "deuses", transformados com o tardio Judaísmo e o primitivo Cristianismo em potências angelicais e soberanos dos arcanjos, e até mesmo "Soberanos" infernais. Essa confusão foi transmitida nas várias religiões, envolvendo até mesmo o Islã: os muçulmanos de Moçambique acreditam que os criadores (cruéis) da humanidade sejam os *djins*.

Como foi possível surgir tal equívoco é fácil de explicar. No Gênesis, há na verdade duas histórias sobre a criação, e isto porque o livro é composto por dois documentos: o "Código J", mais antigo, difundido entre o povo de Judá em 700 a.C., e o "Código P", do século VI a.C., na época do cativeiro babilônico (os dois códigos foram unidos em 500 a.C.). Apesar de os dois originais nunca terem sido encontrados, lendo o

texto, fica clara a diferença entre o Deus criador do mundo e do homem, denominado El (ou Elohim, que significa "As Potências"; depois passadas para a mitologia hebraico-cristã como as "Potências celestes", a corte angélica de Deus) e o Yahweh do "Código P" (Jeová, segundo uma tradução incorreta), que ajuda os hebreus a deixarem o Egito. Este último seria uma divindade menor; e ainda, de acordo com alguns exegetas cristãos dos primeiros séculos, considerados "heréticos", e de acordo com algumas seitas cristãs do ano mil, Yahweh seria um anjo criado por Deus, que depois se revoltou contra Ele (e por isso foi transformado em Diabo!). A moderna ufologia, que vai do inglês Brinsley Le Poer Trench ao hebreu russo-americano Zecharia Sitchin, do irlandês Desmond Leslie ao astrônomo americano Morris Jessup e até o guru francês Claudio Vorilhon Rael, viu nesse "anjo caído", na realidade, um alienígena passando-se por deus. A hipótese sustentada por muitos autores modernos foi aos poucos apresentada e motivada com argumentos que iam do científico (como no caso do astrônomo Jessup) ao lingüístico (com Sitchin, profundo conhecedor das línguas hebraicas e sumérias), às crenças mais exageradas (como no caso de Rael, que sustenta ter tido a revelação diretamente dos extraterrestres, coisa difícil de acreditar). Além disso, a idéia de uma divindade comum a toda humanidade, mesmo sendo menor, foi sustentada no passado, em âmbito acadêmico, pelo biblicista Charles Marston: "Quando se nota que existe identidade entre o grego Deus Pai, Zeus Pater, e o sânscrito *Dyaus-Pitar* (em pali *Dju Piter*) da antiga Índia, Júpiter da antiga Roma e Thor da antiga Escandinávia, deduz-se que

esses diversos povos tiveram todos, em uma determinada época, o mesmo Pai Celeste, a mesma crença monoteísta que degenerou em seguida no politeísmo, como aconteceu na Mesopotâmia, no Egito e na China". Yahweh Elohim, que no segundo capítulo do Gênesis cria o homem e a mulher, amaldiçoa-os porque pecaram e os expulsa do paraíso terrestre, é muito diferente de Elohim (nome das traduções bíblicas menos manipuladas, como a versão Garzanti do padre Bonaventura Mariani, 1964) que cria o homem "macho e fêmea" e, bendizendo-o, coloca-o no paraíso terrestre (esse ser bissexuado era considerado, pelos primeiros padres da Igreja, um anjo; e o episódio foi relido como a criação da corte celeste de Deus).

O primeiro versículo da Bíblia, na verdade, traduzido durante milênios como "No princípio, Deus criou o Céu e a Terra", nas versões mais antigas, e mais próximas ao hebraico, soava desta maneira: "No princípio, Elohim (= os deuses, as Potências) criou os céus (mais de um, portanto, mais mundos habitados) e a Terra". Essa versão também é reencontrada em um texto traduzido do alemão e publicado pela Mondadori em 1991, no capítulo intitulado "Milhares de mundos primordiais". Leiamos: "No princípio, Deus criou milhares de mundos. Mas não Lhe agradava nenhum. Destruía-os e os criava novamente. Mas também esses não iam bem. No final, estendeu a Sua mão direita e arqueou o céu, depois estendeu a Sua mão esquerda e fundou a Terra. Esse era o melhor dos mundos possíveis, no qual hoje nós vivemos". À parte da discutível conclusão, o texto é, na realidade, uma versão livre do texto hebraico *Genesi Rabbab*, o Gênesis rabínico ao qual

se remetia o chefe da academia talmúdica de Cesaréia, rabino Abbahu (230-320), que deixou escrito: "Deus viu tudo o que havia feito. Eis que era muito bom" (Gênesis 1:31) "porque antes havia criado mundos que não lhe agradavam, e pouco a pouco os destruía todos. Depois fez este e disse: esse me agrada" (*Genesi Rabbah* 3:7). Essa história foi considerada verdadeira pelos hebreus, mas, na versão da Mondadori, fica claro que é um conto, aliás, o episódio é apresentado como uma fábula, tanto é que o título do volume é, não por acaso, *Fábulas hebraicas!* Todavia, a crença sobreviveu de maneira clandestina junto a tantos Pais da Igreja. São Cirilo de Jerusalém, mesmo se referindo aos anjos, repetia sempre: "A Terra que nós habitamos é como um pontinho; o céu possui um número de habitantes tão grande quanto a dimensão do espaço; o céu dos céus contém um número incalculável deles". Seitas heréticas também acreditavam nos mundos habitados, como aquelas dos maniqueístas, nascidos em 240 na Pérsia e Beluchistan, cujos escritos foram depois retomados pelos cataros. Estes, no *Trattato dei manichei* [Tratado dos Naiqueístas], no parágrafo "Os novos céus", interpretavam como uma prova da existência de outras terras a frase de São Pedro, na segunda Carta: "Nós esperamos novos céus e uma nova Terra, nos quais habitará a justiça" (2Pd 3: 13).

Mas vamos à versão cristã, a clássica e antiquada concepção do testamento (Gênesis 1):

"Primeira história da criação. [1] No princípio Deus criou o céu e a Terra" (o rabino Benun traduz céu por *Sham Ma'yim*,

lá tem água, para reforçar a crença de que os céus seriam separados por cavidades líquidas).

"[2] E a Terra era sem forma e vazia e havia trevas na superfície do abismo; o espírito de Deus pairava na superfície das águas. [3] Deus disse: 'Haja luz!' E a luz veio a ser" (segundo Benun, tratava-se de "uma luz que não aquecia"; por isso seria criado o Sol).

"[4] Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. [5] E Deus chamou a luz de dia e as trevas chamou de noite. Houve uma tarde, houve uma manhã: o primeiro dia. [6] Deus disse: 'Que haja um firmamento no meio das águas, e que ele separe as águas das águas!'" (mas o *Midrash Kohen*, um texto hebraico da Alta Idade Média, comentado no século XII pelo místico Yishaq, o Cego, adverte para "não ler *raqia'* firmamento, mas *geria'*, ruptura". Através dessa ruptura no céu, um tipo de abertura hiperdimensional, passavam provavelmente as várias raças alienígenas; o russo E. Jaroslavskij traduz por "*parede sólida*").

"[7] Deus fez o firmamento e separou as águas inferiores do firmamento, das águas superiores. E assim aconteceu. [8] Deus chamou o firmamento de céu".

"Houve uma tarde, houve uma manhã: segundo dia. [9] Deus disse: "Que as águas inferiores ao céu se juntem em um só lugar e apareça o continente". E assim aconteceu. [10] Deus chamou o continente de Terra; chamou de mar o conjunto

das águas. Deus viu que isso era bom. [11] Deus disse: "Que a Terra se cubra de verdura, de erva que produza a sua semente e de árvores frutíferas que, segundo a sua espécie, produzam sobre a terra frutos contendo em si a sua semente!" Assim aconteceu. [12] A terra produziu verdura, erva que produz a sua semente, segundo a sua espécie, e árvores que produzem frutos contendo em si a sua semente, segundo a sua espécie. Deus viu que isso era bom. [13] Houve uma tarde, houve uma manhã: terceiro dia. [14] Deus disse: "Que haja luminares no firmamento do céu para separar o dia da noite, que eles sirvam de sinal tanto para as estações como para os dias e os anos, [15] e que sirvam de luminares no firmamento do céu para iluminar a Terra". Assim aconteceu. [16] Deus fez dois grandes luminares, o grande luminar para presidir o dia, o pequeno para presidir a noite, e as estrelas. [17] Deus os estabeleceu no firmamento do céu para iluminar a Terra, [18] para presidir o dia e a noite e separar a luz da treva. Deus viu que isso era bom. [19] Houve uma tarde, houve uma manhã: quarto dia. [20] Deus disse: "Que nas águas pululem enxames de seres vivos e que o pássaro voe acima da Terra em face do firmamento do céu". [21] Deus criou os grandes monstros marinhos e todos os pequenos seres vivos, os quais pululam nas águas segundo a sua espécie, e todo pássaro alado segundo a sua espécie. Deus viu que isso era bom. [22] Deus os abençoou dizendo: "Sede fecundos e prolíficos, enchei as águas dos mares, e que o pássaro prolifere sobre a Terra!" [23] Houve uma tarde, houve uma manhã: quinto dia. [24] Deus disse: "Que a Terra produza seres vivos segundo a sua espécie; animais grandes, animais pequenos e animais selvagens

segundo a sua espécie". Assim aconteceu. [25] Deus fez os animais selvagens segundo a sua espécie, os animais grandes segundo a sua espécie e todos os animais pequenos do solo segundo a sua espécie. Deus viu que isso era bom. [26] Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem, segundo a nossa semelhança, e que ele submeta os peixes do mar, os pássaros do céu, os animais grandes, toda a Terra e todos os animais pequenos que rastejam sobre a Terra!" [27] Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou: criou-os macho e fêmea. [28] Deus abençoou e lhes disse: "Sede fecundos e prolíficos, enchei a Terra e dominai-a. Submetei os peixes do mar, os pássaros do céu e todo animal que rasteja sobre a Terra!" [29] Deus disse: "Eu vos dou toda a erva que produz a sua semente sobre toda a superfície da Terra e toda árvore cujo fruto produz a sua semente; tal será o vosso alimento. [30] A todo animal da terra, a todo pássaro do céu, a tudo o que rasteja sobre a Terra e que tem sopro de vida, eu dou como alimento toda a erva que amadurece. Assim aconteceu. [31] Deus viu tudo o que havia feito. Eis que era muito bom. Houve uma tarde, houve uma manhã: sexto dia." Assim termina a história sem nenhuma expulsão do Paraíso; não somente isso, o capítulo segundo do *Gênesis* especifica: "[1] O céu, a Terra e todos os seus elementos foram terminados. [2] Deus terminou no sétimo dia a obra que havia feito. Ele cessou no sétimo dia toda a obra que fazia. [3] Deus abençoou o sétimo dia e o consagrou, pois tinha cessado, nesse dia, toda a obra que ele, Deus, havia criado pela sua ação".

E é aqui que se insere a segunda história, na qual não Elohim, mas o misterioso "Yahweh Elohim" (segundo a Bíblia Garzanti, ou na verdade, um dos deuses da estirpe dos Elohim), continua com a sua personalíssima criação, de efeitos desastrosos.

Prossegue o Gênesis: "[4] Este é o nascimento do céu e da Terra quando da sua criação. No dia em que o Senhor fez a Terra e o céu, [5] não havia ainda sobre a Terra nenhum arbusto do campo e não havia ainda germinado nenhuma erva do campo, pois o Senhor Deus não havia feito chover sobre a Terra e não havia homem para cultivar o solo; [6] mas um fluxo subia da Terra e irrigava toda a superfície do solo. [7] O Senhor Deus modelou o homem com o pó apanhado do solo. Ele insuflou nas suas narinas o hálito da vida, e o homem tornou-se um ser vivo. [8] O Senhor Deus plantou um jardim no Eden, a oriente, e nele colocou o homem que havia formado. [9] O Senhor Deus fez germinar do solo toda árvore de aspecto atraente e boa para comer, a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do que seja bom ou mau. [10] Um rio corria do Eden para irrigar o jardim; dali ele se repartia para formar quatro braços. [11] Um deles se chamava Pison; é ele que rodeia toda a terra de Havilá, onde se encontra o ouro [12] - e o ouro dessa terra é bom -assim como o bdélio e a pedra ônix. [13] O segundo [rio.se](#) chamava Giom; é ele que rodeia toda a terra da Etiópia. [14] O terceiro [rio.se](#) chamava Tigre; ele corre a oriente da Assíria. O quarto rio era o Eufrates. [15] O Senhor Deus tomou o homem e o estabeleceu no jardim do Éden para cultivar e guardar o solo (a função deste novo Adão é muito diferente da anterior: o

primeiro era patrão da terra celeste, o segundo é um camponês e guardião de um jardim).

"[16] O Senhor Deus prescreveu ao homem: "Poderás comer de toda árvore do jardim, [17] mas não comerás da árvore do conhecimento do que seja bom ou mau, pois desde o dia em que dela comeres, tua morte estará marcada". [18] O Senhor Deus disse: "Não é bom para o homem ficar sozinho. Quero fazer para ele uma ajuda que lhe seja adequada". [19] O Senhor Deus modelou do solo todo animal dos campos e todo pássaro do céu, que levou ao homem para ver como ele os designaria. Tudo aquilo que o homem designou tinha o nome de "ser vivo"; [20] o homem designou pelo seu nome todo o gado, todo o pássaro do céu e todo animal dos campos, mas para si mesmo o homem não encontrou a ajuda que lhe fosse adequada. [21] O Senhor Deus fez cair em um torpor o homem, que adormeceu; tomou uma das costelas e voltou a fechar a carne no lugar dela. [22] O Senhor Deus transformou a costela que tirara do homem em uma mulher e levou-a a ele. [23] O homem exclamou: "Eis, desta vez, o osso dos meus ossos e a carne da minha carne! Ela se chamará mulher, pois do homem foi tirada. [24] Por isso o homem deixa seu pai e sua mãe para ligar-se à sua mulher, e se tornam uma só carne. [25] Ambos estavam nus, o homem e a mulher, sem sentirem vergonha um do outro. O terceiro capítulo do *Gênesis* prossegue desta forma: "[1] Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que o Senhor Deus havia feito. Ela disse à mulher: "Deus vos disse realmente: 'Não comereis de todas as árvores do jardim'?..." [2] A mulher respondeu à serpente: "Podemos comer do fruto das árvores do jardim, [3]

mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: 'Dela não comereis e não a tocareis, para não morreres'. [4] A serpente disse à mulher: "Certamente, não morreréis". [5] E que Deus sabe que no dia em que comerdes vossos olhos se abrirão e sereis como Deus, (Sereis como deuses, nas traduções politeístas mais antigas) possuindo o conhecimento do que é bom ou mau". [6] A mulher viu que a árvore era boa de comer, sedutora de se olhar, preciosa para agir com clarividência. Apanhou um fruto e dele comeu, deu-o também a seu homem que estava com ela, e ele comeu. [7] Os olhos de ambos se abriram e souberam que estavam nus. Tendo costurado folhas de figueira, fizeram tangas para si. [8] Entretanto, ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim ao sopro do dia. O homem e a mulher esconderam-se do Senhor Deus no meio das árvores do jardim. [9] O Senhor Deus chamou o homem e lhe disse: "Onde estás"? [10] Ele respondeu: "Ouvi a tua voz no jardim, tive medo porque estava nu, e me escondi". [11] "Quem te revelou - disse ele - que estavas nu? Comeste da árvore da qual eu te havia prescrito não comer?" [12] O homem respondeu: "A mulher que puseste a meu lado, foi ela quem me deu do fruto da árvore, e comi". [13] O Senhor Deus disse à mulher: "Que fizeste?" A mulher respondeu: "A serpente me enganou, e eu comi". [14] O Senhor Deus disse à serpente: "Por teres feito isso, será maldita entre todas as feras e todos os animais do campo; caminharás sobre o teu ventre e comerás pó todos os dias da tua vida. [15] Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela. Esta te atingirá a cabeça e tu lhe atingirás o calcanhar". [16] Ele disse

à mulher: "Farei com que, na gravidez, tenhas grandes sofrimentos; é com dor que hás de gerar filhos. Teu desejo te impelirá para o teu homem, e este te dominará". [17] Ele disse a Adão: "Por teres escutado a voz da tua mulher e comido da árvore da qual eu te havia formalmente prescrito não comer, o solo será maldito por tua causa. É com fadiga que te alimentarás dele todos os dias da tua vida; [18] ele fará germinar para ti espinho e cardo, e tu comerás a erva do campo. [19] No suor do teu rosto comerás o pão, até voltares ao solo, pois dele foste tirado. Sim, és pó e ao pó voltarás". [20] O homem deu à sua mulher o nome Eva -Vivente -, pois foi ela a mãe de todo vivente. [21] O Senhor Deus fez para Adão e sua mulher vestiduras de pele, com as quais os vestiu. [22] O Senhor Deus disse: "Eis que o homem se tornou como um de nós pelo conhecimento do que seja bom ou mau. Agora, que ele não estenda a mão para colher também da árvore da vida, dela comer e viver para sempre!" [23] O Senhor Deus o expulsou do jardim do Eden para cultivar o solo do qual havia sido tirado. [24] Depois de ter expulso o homem, postou os querubins a oriente do jardim do Éden, com a chama da espada fulminante, para guardar o caminho da árvore da vida...".

O CONTRA ELOHIM

Como comentar? Em primeiro lugar, os rios Phison e Gehon (e não "Pison e Giom", como escreve a Bíblia) foram identificados por alguns comentaristas como Nilo e Ganges,

sem resolver, porém, o problema da instalação do paraíso terrestre, que alguns colocam sobre o platô armênio e outros, como o biblicista Gabriel Mandel, no atual território de Aden (que em árabe significa justamente paraíso); em segundo lugar, o Deus criador do Universo, tão diferente (e menos feroz) do "deus cego" Yahweh, era conhecido também como El (no plural, Elohim). Os estudiosos Robert Graves e Raphael Patai, o primeiro protestante e o segundo hebreu, escrevem sobre ele: "Elohim é a variante hebraica de um antigo nome semita para um deus ou para vários: Ilu, entre os assírios e os babilônios; El, nos textos armênios e húngaros; Il ou Hum, entre os árabes do Sul. El era considerado chefe do panteão fenício e é freqüentemente chamado nos poemas húngaros (datados do século XIV a.C.) como "touro-El", que lembra os ídolos semelhantes ao bezerro de ouro feitos por Aarão (Êxodo 32:1-6) e por Josias (I Reis 22:11)". Elohim significa "as Potências", como vimos; apesar disso, os seguidores do guru Rael (este seria o apelido dado por um extraterrestre que ele afirma ter encontrado na França, e que lhe teria revelado ser um Elohim; não um deus, mas um cientista alienígena criador da humanidade) propagam a tradução errada "aqueles que vieram do céu".

Com relação a isso, em um caloroso debate telemático, coloquei-me em oposição, na Internet, a um raeliano chamado Gigi, no *newsgroup* da Telecom Virgilio it.discussioni.ufo. O raeliano citava, na tentativa de sustentar o tal significado etimológico, o *Premier Testament des Dieux* de Eric Guerrier (p. 81 e 104). Porém, é uma pena que este estudioso francês, Guerrier, não seja um biblicista, mas um

arquiteto fanático pelas visitas alienígenas do passado (ou "ficção arqueológica", ou "Antigos astronautas", segundo uma edição americana). Autor de *Essair sur la cosmogonie des Dogons: l'Arche du Nommo* (Laffont, Paris, 1975) e de escritos presentes *on-line* em:

<http://www.geocities.com/riap777/pages.html>

<http://www.nexus.hu/anomalia/dogon.htm>

<http://www.geocities.com/jgb64/Siriusl.htm>

Guerrier, porém, erra de modo gritante. Se existe um único ponto no qual todas as religiões do mundo concordam, é justamente a tradução do termo "Elohim" (mesmo porque o hebraico, diferentemente das crenças ufológicas, não é uma opinião, mas uma língua verificável, também por um tradutor telemático:

<http://www.voilier2000.com/traduttore.htm>

Na internet, a *Enciclopédia católica* é clara a respeito do termo Elohim como plural de El, Deus:

<http://www.newadvent.org/cathen/05393a.htm>

E também a versão dita Concordada:

<http://www.concordant.org/expohtml/GodAndChrist/onegod3.html>

E o Dicionário americano *Heritage* de língua inglesa:

<http://www.bartleby.com/61/54/E0095450.html>

A *Columbia Encyclopedia*:

<http://www.bartleby.com/65/el/Elohim.html>

Concordam também as Testemunhas de Jeová, que remetem ao *American Journal of Semitic Languages and Literatures*, vol. XXI:

<http://jehovah.to/exegesis/otstudies/elohim.htm>

E o significado é o mesmo para todos; para os protestantes:

<http://www.letusreason.org/Trin3.htm>

Os pentecostais:

<http://www.altupc.com/articles/elohimpl.htm> que afirmam:

"Elohim, forma plural da palavra Deus, aparece 54 vezes na Bíblia e é usada tanto para indicar o Deus quanto para os falsos deuses.

Eloha deriva do hebraico El, que aparece 226 vezes e significa "potência, poder". O mesmo significado dão os mórmons:

<http://www.mrm.org/articles/who-is-elohim.html>

E os muçulmanos:

<http://answering-islam.org/BibleCom/yahweh.html>

O deus do Gênesis, segundo Jaroslavskij, é um "deus hebraico obrigado a vagar na escuridão como um cego, quando lhe bastaria pronunciar três palavras: faça-se a luz". Indubitavelmente, possuía muito de humano e muito pouco de divino. O soviético, nos anos 1920, contestou o fato de que "aqueles que crêem nisso que está escrito na Bíblia afirmam que da criação do mundo até hoje tenham transcorrido 7.445

anos... A Terra era uma massa sem forma e vazia, as trevas recobriam o abismo e sobre as águas vagava o Espírito de Deus (Gênesis 1, 2). Existem muitas traduções da Bíblia, escrita originariamente na língua hebraica, às vezes muito diferentes umas das outras. Essas traduções foram submetidas a revisões por um batalhão de famosos professores de Teologia, guiados pelo professor Emil Kautzsch. Depois dessa verificação e do confronto com os textos originais de língua hebraica, deduziu-se que essa passagem da Bíblia deveria ser interpretada desta forma: A Terra estava vazia e deserta (em hebraico: *tohùj wavohù*), as trevas estendiam-se sobre os oceanos (em hebraico: *tehom*) e o espírito de Deus (em hebraico: *ruch Elohim*) vagava sobre a água (*hamain*). Uma tradução mais cuidadosa das palavras *tohù wavohù* nos dá um quadro deste tipo: 'A Terra era a primitiva superfície das águas'. Existia, portanto, uma superfície primária de águas sobre as quais vagava *ruch Elohim*, isto é, vagava o sopro, o espírito do deus Elohim (sucessivamente, veremos que esse deus bíblico era apenas um dos muitos deuses em que acreditavam os antigos hebreus). Se a criação do mundo começou há 7.445 anos, que coisa tinha feito esse espírito de Elohim antes desse início? Quantos anos, quantos milhares de anos ele passou vagando? O Gênesis conta: 'Deus disse: Faça-se a luz; e a luz se fez. Viu Deus que a luz era boa e a separou das trevas.' Nunca passou pela cabeça desses crentes que esse deus eterno não soubesse absolutamente nada? Não sabia nem mesmo que a luz era boa. Como saberia do resto se antes nunca tinha visto a luz? Nunca pensaram que, vagando por bilhões, trilhões, quadrilhões de anos, eternamente nas trevas,

bastaria que Deus dissesse uma palavra para que a luz existisse, e não o fez?'. Apesar da intenção de provocar de Jaroslavskij (que, sendo ateu, acreditava que essa história fosse apenas uma mentira), a pergunta é lícita e pertinente. Efetivamente, dá a dimensão de um Deus um tanto limitado, como já foi dito, mais humano do que divino. Nisso teve um grande papel a crença da época. Os nossos antepassados eram convictos de que a Terra fosse o centro do Universo e que todo o resto tivesse sido criado apenas para servir a Terra (segundo o Gênesis, para que sobre o planeta não existisse escuridão, Deus criou o Sol e a Lua). Claramente, essas eram as crenças dos antigos pastores hebreus e dos camponeses assírio-babilônicos, dos quais se obtiveram as narrativas. Os antigos teólogos, partindo dos livros da *Qabbalah*," descreviam Yahweh como um velho com 1.700.000 cachos, mãos com 1.200.000 milhas de comprimento e um dedo com o comprimento de 240.002 milhas; tratavam-se obviamente de contos simbólicos que, porém, durante os anos, acabaram sendo aceitos como verdadeiros pelas pessoas ignorantes (tanto é que até hoje, mesmo a tradição cristã, imagina Deus, que sendo puro espírito e, portanto, sem forma, como um ancião de grandes barbas brancas). Na verdade, devemos desvincular-nos de todos esses lugares comuns, para poder alcançar uma maior compreensão dos textos antigos.

O estudioso Gianni Viola, autor de um texto sobre Elohim, declarou: "A minha posição com relação à questão da palavra Elohim é muito complexa. Na verdade, acho que as várias definições oferecidas pelas organizações religiosas (incluindo a católica) não nos podem oferecer grandes garantias de

fidelidade ao significado original da mesma. De resto, em uma pesquisa histórico-filológica é necessário levar em consideração a informação semântica original e não aquela sucessiva, resultado de manipulações normalmente muito graves. 'Há séculos já se sabe que existem importantíssimas diferenças entre o texto hebraico original e as traduções', declarou o chefe da equipe de cientistas da Universidade hebraica de Jerusalém, professor Emmanuele Tov, que iniciou uma análise mais sistemática e moderna para confrontar o texto hebraico da Bíblia (a chamada massorética ou tradicional) com a tradução grega realizada em Alexandria do Egito, no século III a.C., e conhecida como a Bíblia dos 70 (número de teses que levaram à finalização da tradução). Tov declarou que se trata de um trabalho gigantesco, possível apenas graças ao computador e a um *software*. Quanto ao termo Potências, esse está nas notas explicativas, ao pé da página, de muitas bíblias católicas nas quais se diz que os *filhos de Deus*, os *ben-ha-Elohim*, seriam potências divinas consideradas divindades pelos pagãos, mas ainda assim submissas a Deus. De qualquer forma, o que se observa pelo contexto é que eles podem ser tudo menos simples *filhos de Deus*, expressão muito genérica pela qual não é possível perceber que se trata de seres não pertencentes à espécie humana". Viola revela, então, que a *New English Bible* (a bíblia anglicana), de 1970, traduz *filhos dos deuses*, e não de Deus... Que o Deus de Moisés (o qual se manifestava no fogo de um campo ardente) era diferente daquele de Jesus, e até mesmo daquele que aparece nos relatos históricos da Bíblia, já é uma coisa conhecida por muitos. Até monsenhor

Gianfranco Ravasi, das colunas da *Famiglia Cristiana*, em 29 de julho de 2001, teve de admitir uma manipulação bíblica, com relação ao episódio do profeta Elias, que subiu o Monte Horeb à procura de Deus.

"Talvez os nossos leitores", escreveu Ravasi, "possam já dar um nome a essa figura e colocá-la na moldura das amargas solidões do Monte Horeb-Sinai: trata-se, na verdade, do profeta Elias e de uma etapa decisiva da sua existência atormentada, narrada no capítulo 19 do Primeiro Livro dos Reis.

É para aquele texto que retornamos, a fim de descobrir o surpreendente êxito dessa façanha, que se passa nas pedreiras daquela região queimada pelo Sol. Nós, porém, gostaríamos agora de chegar à meta final daquela peregrinação que Elias completa na nascente de Israel, no berço em que nasceria o povo de Deus, isto é, no Sinai. Lá em cima, o profeta reencontrará não somente a sua vocação, que, por conta da terrível perseguição à rainha Jesebel, entrara em crise, mas também o seu Deus. E não aquele Deus que Elias esperava, ou seja, o Senhor da vitória, da potência, do triunfo sobre os seus inimigos. Ele, na verdade, imaginava que o Senhor fosse *o vento impetuoso e forte, capaz de destruir montes e despedaçar rochas. Mas o Senhor não era o vento. Depois do vento houve um terremoto. Mas o Senhor não era o terremoto. Depois do terremoto houve um fogo. Mas o Senhor não era o fogo* (não era, portanto, o Deus de Moisés). E nesse ponto que se mostra inesperadamente o mistério de Deus. 'Depois do fogo houve *qol demamah daqqah*. Então, ouvindo-o, Elias velou o rosto com um manto', consciente de

estar diante do Deus invisível, cujo olhar nós não estamos à altura de contemplar (I Reis 19:11-13). Agora, o que significam aquelas palavras hebraicas? *Qol* quer dizer voz, som; *demamah*, silêncio; e *daqqah*, sutil. Portanto, Deus é uma 'voz silenciosa'. Essa é a surpreendente revelação de Deus. A antiga versão grega chamada de Setenta, seguida por muitas Bíblias modernas, diminuiu a força do original hebraico traduzindo: "Houve um murmúrio de um vento suave". Deus é, ao contrário, uma voz que tem a sua força não no clamor, mas no silêncio, no mistério, na transcendência...". Completamente o oposto do Deus dos exércitos de Moisés!" E ainda mais extraordinário é o fato de que um altíssimo prelado da Igreja Católica admita, na revista italiana de maior tiragem nacional, que a tradução bíblica alexandrina seja "reducionista".

UFO PROJETO GÊNESE

Mas existe quem, ao contrário, se baseie em posições radicais. Em 1993, o professor Thomas Thompson, autoridade mundial em Arqueologia Bíblica, declarou no livro *The Early History of Israelitic People* (do qual o jornal londrino *The Independem on Snnday* publicou uma prévia) que "personagens do Antigo Testamento, muito populares entre as pessoas comuns, como Moisés, Abraão, Jacó, Davi e Salomão," nunca existiram e que até mesmo os dez primeiros livros da Bíblia são quase que certamente frutos da fantasia, já que foram escritos entre 500 e 1.500 anos após os fatos que eles

pretendem narrar". Segundo o professor da Universidade Americana *Marquette*, a total falta de provas históricas e arqueológicas de muitos eventos citados na Bíblia leva à conclusão, entre outras coisas, de que "o exílio do povo de Israel no Egito, o êxodo e a conquista da Terra Prometida nunca aconteceram".

Na verdade, não é exatamente assim, pois nos anos sucessivos à publicação do livro de Thompson diversas descobertas arqueológicas talvez tenham confirmado a existência de alguns personagens do Antigo Testamento; mas o grande número de polêmicas e as diferentes posições dos estudiosos nos fazem refletir sobre o quanto, neste sentido, é necessário tomar cuidado, principalmente quando se busca interpretar antigos escritos, normalmente descontextualizados. Existe, por exemplo, um consolidado e entusiasmado movimento de apoio ao "criacionismo católico" formado por diversos estudiosos e crentes propensos a uma interpretação literal do Gênesis, sustentando-a também com argumentações científico-rationais. O físico australiano John F. Ashton, em 1999, encontrou 50 cientistas cristãos favoráveis ao criacionismo e os entrevistou para a publicação *New Holland* (no exato momento, chegou o exame do cientista materialista Colin Groves, na *Skeptic*); apesar de que tudo isso possa parecer um resquício medieval, o próprio Vaticano, nos últimos anos, procurou conciliar o texto do Gênesis (atualmente considerado apenas de valor teológico) com o evolucionismo (aceito como dado científico). A médica Anna Maria Cenci, autora de uma coluna semanal na *Radio Maria*, escreveu um livro que também foi apreciado pelos

protestantes, no qual ela procurou provar com dados científicos o valor do texto bíblico, sem se apoiar na Hierarquia ou na Tradição, como normalmente se faz (os protestantes, no entanto, criticaram a distinção feita entre o tempo de elaboração e o de realização do projeto de Deus). A estudiosa afirma que "a pesquisa biológica e a Paleontologia fizeram grandes progressos até admitir a existência real da criação, mas os sacerdotes do evolucionismo fingem acreditar que o seu *dogma* seja ainda válido..." Tudo isso pode ser legítimo e válido, se não se pretende oferecer uma interpretação *literal* do Antigo Testamento. E errado, por exemplo, procurar redimensionar a idade da Terra (com cinco bilhões de anos, em uma galáxia que tem 50 bilhões de anos), como fazem os hebreus, um dos quais, o já citado rabino Benim, declarou em 2001, no popular programa de televisão *Maurizio Costanzo Show*, que para eles "a idade do mundo era de 5.762 anos", e que um ano da vida de Deus correspondia a mil dos nossos anos"; ou como os evangelistas, que afirmam na Internet que "o nosso mundo é mais jovem do que se imagina". Um deles, Renato Gallo, escreveu que "os evolucionistas afirmam que a Terra tem cerca de 10 bilhões de anos, mas existem diversos motivos para se acreditar que essa idade seja exagerada. Algumas provas que reportamos indicam uma idade máxima de milhares de anos, como se observava na Bíblia. Também onde surge indicada uma idade máxima de milhões de anos, igualmente se contesta a idéia evolucionista que necessita de bilhões de anos. Uma idade máxima de anos, portanto, não impõe que a Terra tenha

efetivamente aquela idade, por isso não nega necessariamente o horizonte bíblico de cerca de 10 mil anos..."

AS SEIS ERAS DO MUNDO

Mas até mesmo sobre os seis dias de criação se acenderam violentas disputas, como no passado. Orígenes (185-254), fundador da igreja alexandrina, homem de vasta cultura e defensor do método alegórico de interpretação, foi o primeiro a considerar os "dias" da criação de modo não literal. O mais famoso dos padres latinos, Santo Agostinho (354-430), seguiu Orígenes na argumentação de que os "dias" da criação devem ser compreendidos muito mais de modo alegórico do que literal (*A Cidade de Deus*, XI, 4-7). Agostinho ensinava que Deus criou o mundo em um instante, mas nem Agostinho nem Orígenes tinham em mente um conceito evolutivo. Para eles, era mais importante, do ponto de vista filosófico, atribuir a Deus uma atividade criativa sem relação com o tempo humano. Os reformadores protestantes do século XVI insistiram sobre o sentido literal das Escrituras, isto é, o significado simples do texto. Martinho Lutero, nas *Leituras sobre o Gênesis*, escrevia: "Nós sustentamos que Moisés falou no sentido literal, não no figurado ou alegórico, que o mundo, com todas as suas criaturas, foi criado em seis dias, no sentido literal das palavras", especificando que entendia um *dia* de 24 horas. O conceito de longos períodos de tempo na compreensão da origem da Terra foi introduzido nas publicações de James Hutton (1726-1797) e Charles Lyell

(1797-1875), que começaram a interpretar os dias do Gênesis de maneira não literal, porque a nova visão do mundo que estava se desenvolvendo exigia longos períodos de tempo. Entre os primeiros a aceitar essa tese, estavam os concordistas. O estudioso inglês John C. L. Gibson sustenta que Gênesis 1 deve ser entendido como uma "metáfora", "narrativa" ou "parábola", não como um simples resumo dos acontecimentos da criação. Em 1983, o comentarista alemão Hansjorg Braumer declarou: "O dia da criação, descrito como contendo *manhã e noite*, não é uma unidade de tempo que pode ser determinada pelo relógio. É um *dia* divino, em que mil anos são como o dia de ontem (Salmo 90:4). O primeiro dia da criação é um dia divino. Não pode ser um dia terreno já que a medida temporal, o Sol, ainda não existia. Portanto, não causará nenhum dano à história do Gênesis incluir a criação em ritmos de milhões de anos". D. Stuart Briscoe, um criacionista progressista americano, no seu comentário sobre o Gênesis afirma: "O cientista naturalista fala com convicção em termos de milhões de anos e eras de evolução, enquanto aquele que crê na Bíblia considera os seis dias e diz a si mesmo: fazer o quê... Não é nem um pouco irracional acreditar que o dia (*yom*, em hebraico, que pode ser traduzido literalmente como *período*) não se refira a dias literais, mas a eras e idades em que foi completado o trabalho progressivo de Deus". Tal convicção era expressa nos evangelhos apócrifos como o *Livro dos Jubileus*, que narra a vinda à Terra de estranhos anjos (muito similares aos visitantes espaciais) e de suas maldades, "por jubileus e jubileus" (eras).

O evangelista Gerhard F. Hasel, docente de Antigo Testamento e Teologia Bíblica na Andrews University, Berrien Springs, Michigan (EUA), afirmava que "considerar os dias da criação longos períodos de tempo transforma o *sexto dia* em sexta época da criação: isso abre a porta a alguns tipos de *homo sapiens* anteriores a Adão, colocando em crise o ponto de vista bíblico, no qual Adão e Eva foram os primeiros seres humanos criados por Deus...". Na verdade, está exatamente aqui a chave do enigma. Os Elohim, antes da formação deste mundo, criavam outros planetas, nos quais viviam os alienígenas. "Milhares de mundos criou o Senhor no princípio", afirmam as *As Lendas do Povo Judeu*, na tradução de 1913 de Bin Gorion; "depois criou novamente outros mundos, e são todos insignificantes diante dele. O Senhor criou outros mundos e os destruiu, semeou plantas e as arrancou, porque eram ainda confusas e se contrapunham à criação. E continuou criando e destruindo mundos, até criar o nosso". Os rabinos comentadores da *Bereshit Rabba* acenam para 26 gerações "no momento da criação, as outras não nasceram". São 27 os universos descritos no *Manoscritto copto*, conservado junto à coleção *Borgia di Napoli* e atribuído ao hebreu Simon Mago que, referindo-se claramente à tradição rabínica, declara: "Quando o Pai havia terminado de criar os 12 universos que nenhum anjo conhecia, criou então sete outros universos. Além daqueles sete, criou outros cinco; depois, externamente àqueles cinco, criou ainda três. Esses 27 universos estão todos para além do céu e desta Terra". Diferentemente, segundo os livros da *Qabbalah* (1200 d.C.), são sete os mundos que contêm o

conhecimento esotérico rabínico; trata-se de mundos descritos de maneira simbólica e às vezes aparentemente infantil, mas com a clara intenção de fornecer elementos sobre a possibilidade de habitação dos outros planetas. Um deles, o "mundo de *Geh*", foi habitado por plantadores de árvores que, no entanto, "não conheciam o grão nem nenhuma espécie de cereais. O mundo deles é sombreado e existem muitos animais grandes". Os habitantes de *Nesiah* "são pouco desenvolvidos e apresentam no lugar do nariz dois buracos na cabeça, pelos quais respiram. Têm memória curta e normalmente não se lembram por que começaram um trabalho. Acima do seu mundo brilha um sol vermelho. Os habitantes do mundo *Tziah* não são obrigados a comer aquilo que os outros seres comem. Procuram sempre canais de água; possuem aspecto fascinante e têm mais fé do que todos os outros. São dotados de grandes riquezas e possuem muitas construções belas. O terreno é seco, e sobre ele brilham dois sóis. Os habitantes do mundo de *Thebel* nutrem-se de água. Eles são superiores a todos os outros seres e o seu mundo é dividido em regiões, nas quais os habitantes são subdivididos com base nas cores e nos rostos. Eles têm a capacidade de ressuscitar os mortos. O mundo é muito distante do Sol. Os habitantes do mundo de Erez são descendentes de Adão. E também os habitantes de *Adamah* são os descendentes de Adão, porque Adão se lamentava da desolação de Erez. Eles cultivam a terra e comem plantas, animais e pão. São tristes na maioria das vezes e combatem entre si com frequência. Esse mundo conhece a subdivisão em dias e são capazes de ver as constelações. Antes foram constantemente visitados

pelos habitantes do mundo de Thebel, mas os visitantes perderam a memória em *Adamah* e não sabiam mais de onde vinham. Os habitantes do mundo de *Arqa* semeiam e colhem. Os seus rostos são diferentes dos nossos. Eles visitam todos os mundos e falam todas as línguas. Destes últimos, os Arcontes ou Vigilantes, se fala também em *Sepher ha-zohar*, ou o *Livro do Esplendor*, do rabino Shim'on bar Jochai (130 - 170 d.C.), no qual vem até mesmo citado o diálogo entre o rabino Yosseph e um sobrevivente do misterioso mundo de *Arqa* (*Hurqalya* para os muçulmanos, que com tal termo indicavam um universo paradimensional, parecido com o nosso).

Segundo a antiga crônica sapiencial, depois de uma grande catástrofe que aconteceu sobre a Terra, uma destruição "pelo fogo" (uma chuva de meteoritos?) o rabino Yosseph e um grupo de sobreviventes encontraram-se casualmente com um estrangeiro, saído de uma abertura e que tinha "um rosto diferente". Ele afirmava vir de "um mundo diferente do nosso", com "estações diferentes" e sementes "que podiam ser alternadas somente com anos de distância"; um mundo em que a disposição das estrelas "era diferente daquela que se podia observar daqui", que tinha uma população poliglota (ou telepática?) que "visitara todos os mundos existentes": os sete planetas da Cabala. Desses mundos habitados, somente a gente de *Arqa* "havia enviado mensagens sobre os outros", isto é, seria capaz, na época, de viajar no espaço. Esses eram os próprios extraterrestres, os "pilotos dos discos voadores" da fenomenologia UFO.

Ainda nos comentários da *Torá* (a lei hebraica de origem

divina), como em *Os Mitos dos Hebreus*, está escrito textualmente que "quando Deus fez os nossos céus e a nossa Terra de hoje foram, além disso, formados os novos céus e a nova Terra (cfr. Isaías 66,22) e os 196 mil mundos que Deus criou para a sua glória"; e na *Mishnah* (a tradição oral hebraica) existe uma passagem (infelizmente considerada apócrifa porque foi incluída tardiamente) na qual se diz que "no tempo que virá, Deus concederá a cada justo 310 mundos" (afirmação confirmada também nos comentários *Petirat Mosheh* e no *Qetoret ha-Samim*; 340 são os mundos citados em '*Alfa*' *Beta*' de-Rabbi 'Aqiva; 390 no *Derek 'Eresh* e no *Targum Yerushalmi*; 18 mil no '*Avodah Zarah* e em *Seder Rabbah de-Bereshit*), enquanto a *Idra Suta* chega a afirmar a existência de umas "360 miríades de mundos". No texto *A Criação do Mundo das Haggadah* (ou *Os Mitos dos Hebreus*, a tradição da história sacra hebraica), está claramente descrita a existência de sete céus (o segundo deles hospeda os planetas; o quarto, o anjo Miguel; o quinto, os batalhões angélicos; o sexto, o anjo caído *Metatron*; o sétimo, as almas, os Serafins, os 'Ofanim ou Tronos', as *hayyot* e os anjos sacerdotes; e de sete terras, cada uma delas "separada da seguinte por meio de cinco extratos". Na quinta, residem as almas dos maus, guardadas pelos anjos da destruição; na segunda, chamada *Tevel* e considerada "a primeira a ser habitada por criaturas vivas", viveriam "365 espécies, todas diferentes em tudo daquelas que vivem sobre a nossa Terra. Algumas possuem cabeça de homem em corpos de leão, de serpente ou de bois; outras possuem corpo humano e cabeças de um desses animais. Além disso, *Tevel* é habitada por seres humanos com

duas cabeças, quatro mãos e quatro pés: todos os membros em dobro, exceto o tronco. Essa espécie de humano se distingue pela sua grande retidão, e também nisso diverge da espécie que povoa a nossa terra...".

Apesar de no século XII o Judaísmo ter sofrido uma profunda revisão graças ao filósofo hebraico (e aristotélico) Moisés Maimonide, a visão que a casta rabínica continuou a impor por séculos foi aquela de uma única Terra habitada, povoada por homens a serviço somente de um deus, por sua vez único. E com o bispo cristão Gregório de Nissa (335 - 394) se impôs, por meio da obra *A Criação do Homem*, a visão que colocava a formação do homem não por causa da queda das almas nos corpos (como acreditavam os gnósticos), mas ligada ao fato de que Deus tivesse criado o homem "desde o princípio por inteiro" (isto é, com alma e corpo).

A teoria segundo a qual os dias da criação são "dias de revelação" é sustentada hoje por alguns estudiosos e tornou-se proeminente por causa do geólogo escocês Hugh Miller no século XIX. Em 1946, P.J. Wiseman a retomou, em uma obra reimpressa em 1977 (*Clues to the Creation in Genesis*, Londres 1977, pp. 109-207). Segundo essa interpretação, Deus não criou o mundo em seis dias, mas em um período de tempo indeterminado. Em seis dias literais, Ele somente o revelou e o explicou ao homem. A frase recorrente "e Deus disse" é usada para sustentar a teoria de que os "dias" da criação são, na verdade, "dias de revelação". Segundo essa teoria, o mundo não exigiria uma origem relativamente recente e nem mesmo uma criação em seis dias, literalmente, de 24 horas. Ademais, o termo hebraico *yôm* que assume uma

grande variedade de significados, incluindo alguns amplos, como "tempo", "vida", etc., aparece 2.304 vezes no Antigo Testamento e em 1.452 está no singular. No Pentateuco, esse termo é usado 668 vezes e no livro do Gênesis, 152 vezes, das quais 83 no singular e as outras no plural. Em Gênesis está ligado à preposição "be" (para ler como "*be yôm*"); o biblicista o utiliza em uma relação construída com a forma infinita de "*asah*", "fazer": literalmente se lê "no dia do fazer". Os seis dias são, portanto, o mesmo número de épocas em que os Elohim discutiram sobre como modificar as matérias inertes presentes na Terra, e também, em épocas sucessivas, as raças já existentes na Terra, manipulando uma parte delas, transformadas nos "Adãos" (termo que não significa apenas "homem", mas também "humanidade"). A impressão que se tinha cruzando a leitura dos vários *Jewish UFO files* é que, na memória histórica da humanidade, sobrevivesse a lembrança ancestral de um grupo de visitantes espaciais, os Elohim, trocados primeiramente por deuses, depois homologados em um deus único, que criaram o homem (ou melhor, parte da humanidade) neste planeta. A ciência moderna justamente nos explica ademais que o ser humano não é fruto de uma criação, mas de uma evolução; as duas visões não são contraditórias; não somente porque não se pode excluir que a "criação" não seria outra coisa senão o processo de aceleração evolutiva de um macaco, mas também porque não está completamente demonstrado que o experimento Gênesis dos Elohim tivesse criado *toda* a vida deste planeta.

A CRIAÇÃO PELE-VERMELHA

Nos textos hebraicos originais, a distinção entre a criação das criaturas celestes (os alienígenas) e das terrestres é clara. Eis como as coisas realmente aconteceram segundo o *Midrashim*: "Estas são as gerações do céu e da terra (Gênesis 2,4). Disse Rabbi Shimeon filho de Chalafta: é bem grande a paz, se o Santo, bendito Ele seja, quis estabelecer paz e harmonia entre os *seres celestes e os terrestres*, no momento da criação. No primeiro dia, de fato, criou seres pertencentes ao mundo celeste e ao mundo terrestre, como foi dito: No princípio, criou o Senhor o céu e a terra. No segundo dia, criou seres celestes, como foi dito: Faça-se o firmamento.

No terceiro dia, criou os seres terrestres, conforme o que está escrito: Produza a terra. No quarto dia, criou seres celestes, como foi dito: Façam-se os astros. No quinto dia, criou os seres terrestres, como foi dito: Produzam as águas. No sexto dia, criou o homem e disse: Se o criar pelo mundo celeste, este será superior ao terrestre por um ato da criação, e assim, se o criar pelo mundo terrestre, este seria superior ao outro e não existiria harmonia no universo; por isso o criarei participante dos dois mundos, segundo aquilo que foi dito: e o Senhor Deus formou o homem como pó da terra, isto é, criou-o por meio do mundo inferior, mas soprou sobre suas narinas um *hálito vital*, isto é (criou-o), pelo mundo superior (*Bereshit Rabba 12*). Essa dúplice natureza estabeleceria uma ligação entre o homem e os alienígenas, conforme o *Bereshit Rabba*, o texto da Gênese, segundo os rabinos.

É esclarecedor depois cruzar com as tradições indígenas (existe uma longa tradição que liga os índios da América aos alienígenas; diz-se que os primeiros teriam tido durante muitos séculos contatos com o povo do espaço, que os Sioux Lakota sabiam ler os círculos no milharal e, além disso, há séculos utilizavam aqueles símbolos como alfabeto; que a tribo dos Anasazi, misteriosamente desaparecida, teria sido levada para o espaço pelos ETs). Com certeza sabemos que os *Cherokees* acreditavam em um tempo, anterior à criação do homem sobre a Terra, no qual "as criaturas vivas moravam lá em cima, acima do arco-íris; mas o espaço era pouco e, em um determinado momento, os animais estavam tão espremidos que não conseguiam mover-se". E os Osages transmitiram este conto religioso: "Os Hongas, espíritos Sagrados dos sete lares, reuniram-se e disseram entre eles: Irmãos, não deveríamos nós homens deixar o Sol e descer sobre a Terra para nos tornarmos um povo?". "Quando os homens não tinham ainda aparecido, o Chefe dos Espíritos Celestes decidiu deixar o Mundo Superior, onde continuamente soprava um vento frio e fatigoso. Com uma pedra escavou um buraco no solo e, empurrando para baixo a neve que o recobria, formou uma montanha, que mais tarde seria chamada pelas pessoas de Monte Shasta. Empunhando o seu robusto cajado, o Senhor do Alto desceu por uma nuvem sobre o pico" (como o Deus dos hebreus, que aparecia em forma de nuvem sobre o Monte Sinai. No caso desta lenda Modoc, peles- vermelhas Penuti, hoje estabelecidos nas reservas do Oregon e de Oklahoma, é curioso notar a referência ao Monte Shasta, transformado no século XVIII no mundo côncavo interno, onde residiam os

Mestres Iniciadores Imortais dos teósofos ocidentais e, no século XIX, uma suposta base secreta dos discos voadores!). As lendas *Wintu* (rio Sacramento, Califórnia centro setentrional) contam: "Quando os homens existiam apenas nos projetos dos criadores, *Olelbis* (=Aquele lá em cima), o senhor do trovão, decidiu fazer descer sobre a terra todos os seres até então criados, que viviam com ele na sua esplêndida morada. Diante daquele anúncio se fez um grande falatório em *Olelpanti* (a parte mais alta do céu)". "As pessoas dos primórdios já haviam procurado estabelecer-se em três mundos, antes de chegar ao quarto", diz um mito navaho do Novo México e do Arizona (o casal nascido das espigas de milho): o povo dos primórdios havia sido isolado de todos pelo seu comportamento briguento e imoral. O novo mundo no qual chegara era imerso na escuridão, sem Sol, nem Lua, nem estrelas. No horizonte, apenas se adivinhava mais do que se via, quatro altos montes cobertos de neves...".

E nos contos dos Omahas: "No início dos tempos tudo estava na mente do *Wakonda* (= Grande Mistério), tudo era espírito, esperando materializar-se. Homens impalpáveis vagavam entre a terra e o céu, procurando um lugar no qual pudessem encarnar. Subiram ao Sol, mas não ficaram satisfeitos. Desceram então sobre a terra, esperando fazer a sua morada. Viram-na coberta de água. Flutuaram de norte a sul, de leste a oeste, alcançaram as quatro extremidades do mundo, sem distinguir um único ponto que não estivesse submerso. A dor deles era grande. De repente, das ondas do mar, emergiu uma enormerocha, que explodiu com uma violenta labareda. As águas evaporaram pelo calor e, enquanto subiam ao céu sob a

forma de nuvem, da terra seca surgiram árvores e ervas. Bandos de espíritos pousaram sob o solo e, alimentando-se das sementes e dos frutos, tornaram-se de carne e sangue. Da terra saiu o seu hino homenageando *Wakonda*, criador de todas as coisas...".

Junto aos contos *apaches* existia até mesmo uma variante do mito de Caim e Abel (ou de Prometeu), sobre a luta pela posse do fogo, "quando os homens ainda não tinham povoado o mundo" entre "coiotes" e os misteriosos "garotos vaga-lumes". A sucessiva batalha pela posse das terras foi vencida pelos indígenas graças à cumplicidade da "Mulher pintada de Branco e do seu Filho, que, depois de ter deixado alguns poderes, subiram aos céus junto às Nascentes Quentes, no Novo México"; mas também graças à ajuda do enigmático "Povo do Trovão" e dos "espíritos Ganh saídos debaixo das montanhas, que ensinaram os rimais para estar bem. Os Ganh vestiam roupas belíssimas e traziam baquetas e penteados mágicos" (isso explica a persistência dos "mitos", herdados depois pelos brancos americanos, sobre as montanhas habitadas por "Mestres Espirituais", segundo a teosofia do século XVIII, e, posteriormente, pelos "Irmãos cósmicos" nos encontros da Era Atômica).

Se confrontarmos os contos da gênese hebraica com os das tradições sumérias, indígenas e africanas, temos muitas surpresas:

"Quando o alto não era ainda chamado céu, embaixo a terra parada ainda não tinha um nome; o *Apsu* primeiro, água do caos, o seu gerador e a forma primeira *Tiamat*, o caos, a

geradora de todos eles; quando nenhum dos deuses tinha ainda surgido, nenhum chamado pelo nome, os destinos não fixados, então foram formados os deuses; então nasceram primeiramente Lachmu e Lachamu".

(*Enuma Elish*, "Quando no alto", poema cosmogônio babilônico).

"Quando o mundo não existia ainda, no alto, lá em cima, em uma névoa de luz branca, ofuscante e sem fim, *Gudatrigakwitl*, o Velho Celeste, dobrado sobre a vasta extensão de águas abaixo do céu, disse a si mesmo: É ruim que não exista a terra." (peles-vermelhas algonkines Wishosk, estabelecidos na baía californiana de Humboldt).

"No início dos tempos, quando ainda não existia a terra, um céu sem fim se estendia sobre uma vasta dimensão de águas, dominada pela fumaça cinza." (lenda dos peles-vermelhas Achomawni, estabelecidos ao longo do rio Pit, da Califórnia setentrional)

"Uma espessa névoa cinzenta se adensava sobre a vasta extensão de águas, sobre as quais flutuava, levada pela brisa, uma macia e cândida espuma." (pele-vermelha Yuki, Califórnia)

"Agora a terra era sem forma e deserta e as trevas recobriam o abismo e o espírito de Deus flutuava sobre as águas." (Gênesis bíblico)

"Depois de criado o mundo, o demiurgo não se sentia satisfeito..." (indígenas Pima, do Arizona meridional)

"De repente, um furacão levantou-se girando em torno das ondas do mar, dali saiu uma voz que, em um primeiro momento incompreensível, rapidamente se elevou como um canto harmonioso, enquanto a espuma se recolhia em uma nuvem branca, aquietavam-se os ventos e as ondas se estendiam calmas ao redor... Taikómol, o Demiurgo, estava criando o mundo ... Weiey! Assim seja, disse então Taikómol, e com a sua palavra estendeu a terra sobre um plano horizontal, em todas as direções." (pele-vermelha Yuki, Califórnia)

"Deus disse: Faça-se a luz! E a luz se fez." (Gênesis bíblico)

O *Deus criador* repete-se na Bíblia (a Jacó sofredor conta: "Quem fixou as dimensões da Terra, para que tu saibas? E quem estendeu sobre ela a corda?"), mas também na mitologia dos Dogons de Mali, uma população que em 1947 estava ainda parada na idade da pedra e cujo xamã Ogotemmelí revelou ao etnólogo francês Mareei Griaule: "Ao primeiro Antepassado, sob o olhar benévolo de Deus, foi dado um cesto entrançado para a edificação de um sistema do mundo". Os Dogons, inexplicavelmente, conhecem há séculos estrelas invisíveis a olho nu (como Sírius B e C, cuja existência foi confirmada apenas no século XX), consideram o Cosmos um cesto entrançado (tanto é que os seus cestos são mapas estelares em miniatura, com entrecos simbolizando estrelas e planetas; e os seus campos de trigo, que reproduzem em pequenas dimensões o "sistema do mundo", são idênticos à ponta de uma navezinha espacial. Leia *Deus d'água*, de Marcel Griaule, Red Edizioni, texto publicado na França em 1948, mas terminado em setembro de 1947, quando se falava há apenas

quatro meses dos UFOs).

"No início dos tempos, a Terra era inteiramente recoberta pela água e os seres vivos habitavam um mundo subterrâneo imerso na escuridão, iluminado pela tênue luz de penas de águias acesas como tochas. Todas as criaturas que povoavam o subsolo possuíam a capacidade de falar: não apenas os vegetais, os animais e os *Apaches* Jicarilla, mas também as pedras. E cada um dizia a sua..." (*Apaches* Jicarilla)

"Raposa Prateada (o animal - Deus criador do mundo) disse: Alguém deve surgir das nuvens cinzentas. Encontrou Coyote. Criaremos o mundo, disse a Raposa Prateada." (pele-vermelha Achomawni)

"O Velho Celeste fez o homem, que recebeu o nome de *Chkekowik*; colocou ao seu lado uma mulher, para não vê-lo só. Considerou a vastidão do mundo e disse: Surja a névoa..." (pele-vermelha Wishosk)

"Então o Senhor Deus fez descer uma névoa sobre o homem, que adormeceu; tirou-lhe uma das costelas... e formou uma mulher e a conduziu ao homem." (Gênesis bíblico, segundo uma tradução diversa da edição das Paulinas)

ADÃO, O SERVO TOLO

Durante um congresso sobre paranormalidade realizado na região de Rimini, na cidade de Bellaria, Zecharia Sitchin desafiava o monsenhor Corrado Balducci, um alto expoente do Vaticano convicto de que os ovnis são reais e extraterrestres, aconvencê-lo de que o homem teria sido

criado pelos ETs. Sendo Balducci diplomático de profissão, a disputa, que teve como testemunha mais de mil participantes do congresso, resolveu-se de maneira indolor. Os dois estudiosos chegaram a uma conclusão comum: que a vida extraterrestre existia, que os alienígenas podiam ser mais avançados do que nós e que o homem poderia ter sido "adaptado" por um ser sensitivo preexistente. Esta última afirmação, divulgada não por Balducci (que é uma pessoa sobretudo muito conciliadora e tolerante na sua fala) mas por Sitchin, a meu ver deve ser observada com cuidados, já que poderia ser apócrifa. Segundo Sitchin, o monsenhor teria respondido que os estudos do judeu se interessavam pela matéria e não pelo espírito, que é aquilo que interessa à Igreja. O alto prelado italiano teria citado um grande teólogo, padre Marakoff, muito respeitado pela Igreja, que teria formulado a hipótese de que "quando se diz que Deus gerou o homem e lhe deu uma alma, o texto bíblico poderia ter se referido não a uma criação a partir do barro ou da cal, mas por meio de qualquer coisa preexistente, o que inclui também um ser sensitivo, capaz de sensibilidades e percepções". "A idéia de um pré-homem ou primata não corrompe a mensagem cristã", teria concluído o monsenhor, "uma vez que para a Igreja o fundamental é a distinção entre o corpo material e a alma dada por Deus".

Se Balducci, efetivamente, afirmou o que foi dito acima, então podemos dizer que um alto prelado romano teve de fato que admitir uma "criação" parcial do homem. Nesse caso, seriam verdadeiras as antigas traduções sumérias, quando nos falam dos *Annunaki*, chamados "os grandes *Annunakis* que decidem

os fatos; sentavam trocando pareceres da Terra. Aqueles que criaram as quatro regiões, que ergueram os assentamentos, que cuidavam da Terra eram elevados demais para a humanidade". Eles teriam sido responsáveis indiretos pela criação-formação do homem. No texto sumério *Atra Hasis*, fala-se que o deus *Enki*, após a rebelião dos *Annunakis* que não queriam mais trabalhar nas minas de ouro dos deuses, lançou aos outros deuses uma atordoante sugestão: criar um operário primitivo que fizesse o trabalho no lugar dos *Annunakis*. A discussão e a solução sugerida ecoam ainda na Bíblia: "e os Elohim disseram: criemos o homem à nossa imagem e semelhança". Muitos textos sumérios descrevem como, com a ajuda da deusa *Ninmah* e depois de muitas tentativas falidas, foi criado um *lulu*, um híbrido. Satisfeita por ter conseguido obter um "modelo perfeito", *Ninmah* o levantou e exclamou: "Eu o fiz com as minhas mãos". O importante acontecimento vem até mesmo imortalizado sob uma marca cilíndrica. Comenta Sitchin: "Ele mostra o momento mais extraordinário da história da humanidade: o instante em que nós, *homo sapiens*, aparecemos sobre a Terra". E prossegue: "Usando a combinação genética que tivera finalmente sucesso, deu início ao lento processo de criação das cópias, o que nós hoje definimos como clonagem...". Os textos sumérios, como vimos, referem-se a imagens *ligadas*, coladas. Na criação do mundo, por parte de *Ninkli*, esposa do deus *Enki*, o conto sumério refere-se textualmente: "O destino do novo nascido tu pronunciarás; *Ninkli* fixará sobre ele a imagem dos deuses". Na versão mesopotâmica do "mito" da criação, *Enki* é acordado no

coração da noite com a notícia de que os deuses tinham decidido dar forma a um *adamu*, e que confiavam a ele a obrigação de encontrar os meios. *Enki* respondia: "A criatura de quem pronunciastes o nome já existe. Una a ela a *imagem dos deuses*. Comenta Sitchin: "Eis, portanto, a resposta ao enigma. Os *Nephilim* (os bíblicos *Annunaki*) não criaram o homem do nada; tomaram, ao contrário, uma criatura já existente e a modificaram um pouco". O texto sumério *A Lenda de Adapa* explica-nos posteriormente que enquanto os deuses conservaram para si mesmos a "vida eterna", concederam à humanidade "a sabedoria" (ou consciência), na verdade uma outra dose de genes da inteligência, provavelmente para que os nossos antepassados pudessem sobreviver em um ambiente hostil como era a Terra. O Gênesis hebraico descreve, ao contrário, um servo tolo colocado para cuidar do jardim do Éden, revoltando-se então com o seu pai-patrão depois da intervenção da serpente. Encontramos também o mesmo resumo, com as devidas variações, no texto cátaro *Livro dos Dois Princípios* (escrito em latim no ano de 1240 na Lombardia); nele se afirma que "*criar e fazer* significam acrescentar alguma coisa às essências daqueles que eram bons"; portanto, segundo os cátaros, aqueles que já viviam sobre a Terra foram modificados e tornados melhores; os ruins foram, ao contrário, deixados para evoluir sozinhos. Eis por que a humanidade, segundo esta lógica, seria composta por um percentual mínimo de mentes iluminadas e por uma parte preponderante de materialistas de alma ruim que tornaram este planeta uma prisão; os cátaros falavam de um planeta punitivo criado pelo

demônio, e os hebreus de dois instintos inclusos por Deus no momento da criação: *jezer tov*, o instinto bom, e *jezer ha-ra'*, o ruim; o Adão cósmico hebraico não era então entendido como um escravo de Deus; o texto *Genesi Rabbah* (1,1) esclarecia que "desde o início da criação do mundo Deus desejou a cooperação do homem". Segundo uma tradição judaica, Deus usava "metade do seu tempo para unir homens e mulheres e a outra metade para criar novos mundos".

As criaturas "modificadas" pelos deuses estão presentes também nas antigas tradições rabínicas, que faziam referência a cerca de 26 tentativas malsucedidas, antes da criação de Adão. Estas são até mesmo representadas, com aspectos monstruosos, na arte e nas marcas sumérias. É o caso do misterioso *Usmu*, um ser humanóide com uma cabeça e duas faces; os textos da época falam detalhadamente de uma criatura que não conseguia conter a urina, que sofria de uma série de disfunções, incluindo distúrbios na vista e nos olhos, tremores nas mãos, fígado insuficiente, "doenças da velhice" e coração defeituoso. O texto chamado *Enki e Ninmah: a Criação do Gênero Humano*, além de elencar várias deformidades (rigidez das mãos, pés paralisados, perda de esperma), descrevia também o divino *Enki* como um deus gentil que, mais do que destruir os seres deformados, encontrava um modo de dar-lhes uma vida aceitável. Por isso, quando vinha "constando" um ser com deficiências físicas, como, por exemplo, a cegueira, *Enki* ensinava-lhe uma arte para qual a visão não era necessária, como cantar e tocar a lira. O aspecto intrigante é que a genética moderna nos ensina que a "síndrome de Willians", uma deformação que ataca um

em cada 20 mil nascimentos, deriva de um problema genético (uma minúscula fissura no cromossomo 7, que priva a pessoa de aproximadamente 15 genes); ela leva a um intelecto muito baixo quem é congenitamente afetado, mas ao mesmo tempo potencializa infinitamente as habilidades artísticas destes doentes, que por esse motivo a Medicina rebatizou de "sábios idiotas". Uma das freqüentes deficiências da lesão do cromossomo 7 é a falta da visão; e um dos talentos que mais se desenvolvem, por compensação natural, é o musical. E isso é exatamente o fenômeno descrito no texto sumério anteriormente citado!

Por essa ótica, como justamente reconfirma Sitchin, "os nossos genes são, de fato, a nossa conexão com o Cosmos".

Os antigos criadores também estavam temerosos com o fato de que os homens, tornados inteligentes, pudessem entender os seus segredos (e isso é um defeito que caracteriza essa humanidade, a inveja medrosa). Não estavam talvez de todo errados, na medida em que o homem do Terceiro Milênio, decodificando por inteiro o genoma humano e aperfeiçoando as técnicas de *terraforming* e de clonagem, é efetivamente capaz de criar homens e mundos como um Deus. Nos textos hebraicos, para impedir o acesso do homem expulso ao laboratório Éden, recorre-se aos querubins "de espada flamejante"; na *Lenda de Adapa*, por outro lado, afirma-se por fonte suméria que Adapa pediu e recebeu de *Enki* o "mapa rodoviário" para chegar ao lugar "da imortalidade". "Permitiu que Adapa tomasse o caminho para o céu, e ao céu ele subiu". *Enki* forneceu-lhe instruções precisas sobre como obter o acesso à sala do trono do deus pai Anu; mas lhe deu também

instruções completamente erradas sobre como comportar-se quando lhe oferecessem o "Pão da Vida" e "a Água da Vida". "Se os aceitar e os tomar, *Enki* avisou Adapa, certamente morrerás!", disse-lhe o deus sumério. E assim, desviado pelo próprio pai divino, Adapa recusou o alimento e a água dos deuses. Não obteve a imortalidade e terminou sucumbindo ao seu destino de mortal. Se refletirmos sobre isso, veremos que é o mesmo "mito" da árvore do conhecimento do bem e do mal e da árvore da vida eterna encontrada no Gênesis. Com a diferença que os cristãos transformaram Yahweh, o "deus ciumento" (Êxodo 20:5) em uma serpente e confundiram e manipularam tanto o episódio, a ponto de fazer recair a culpa da inveja divina sobre um diabo que não se sabe de onde tenha saído (visto que não se havia mencionado nada dele antes no Gênesis e que, em 1986, papa Wojtyla definiu como "um anjo cego").

Mas, para criar o homem, era necessário dar-lhe o "sopro vital" (os textos cristãos falam de "alma"; os hindus, de "massa"; isto é tudo o que procuram "decodificar" e reproduzir os alienígenas que seqüestram e estudam os humanos); os textos gnósticos dizem que Yahweh Elohim não era capaz de dispor do "sopro da vida" e que, portanto, o seu homem ficou na terra como um fantoche animado, tendo tomado vida apenas depois que os Elohim bons, movidos pela compaixão, mandaram Sophia para a Terra (a personificação do conhecimento; os hebreus falavam de Ruha, o espírito santo, sempre de natureza feminina); ela incutiu no *adamah*, o corpo de barro, o espírito vital que o transformou em Adão, homem, ser sensível capaz de evoluir. Esse conceito está presente

também em um texto hebraico antigo, *A Lenda de Aqhat*, que cita Danei (Daniel, "Aquele que Deus Julga"), um homem *rapha* (isto é, um descendente dos Repha'im, os gigantes) que não conseguia ter um filho. Envelhecendo, amargurado pela falta de um herdeiro, dirigiu-se não ao deus de Israel Yahweh (justamente!), mas "a outros deuses:

Baal e Anat, e estes, por sua vez, intercederam junto a El. Satisfazendo o desejo do gigante, El inseriu nele um *vivificante sopro da vida* que lhe permitiu unir-se à sua mulher e gerar um filho, que os deuses chamaram Aqhat".

É o segredo do "sopro da vida" que uma raça alienígena bárbara, degenerada e privada de emoções humanas, tenta extrair de nós.

NACHASH, A SERPENTE SÁBIA

Em um conto ucraniano, retirado de crenças apócrifas, está escrito que Deus, quando criou o mundo, se serviu do arcanjo Satanael. Outras fontes (a *Interrogatio Iohannis*, um escrito apócrifo da seita dos bogomilistas, depois retomado pelos cátaros) nos dizem que, rebelando-se, este estranho colaborador foi expulso do Paraíso, derrotado por Jesus, perdeu o atributo divino do nome (*-el*, Deus) e tornou-se Satanás; a mesma fonte afirma que, com a permissão de Deus, Satanael formou o mundo material e animou os corpos de Adão e Eva, introduzindo neles dois anjos, e que Jesus, enviado pelo Pai para salvar a espécie humana da prisão diabólica, o derrotou e o aprisionou no Tártaro. Portanto, a

lenda ucraniana do Pai eterno que cria o mundo ajudado pelo diabo deriva claramente das crenças heréticas da vizinha Bulgária (no século X, o padre búlgaro Bogomil começou a pregar "a inata maldade do mundo, criado por Satanael, o Deus mau do Antigo Testamento"; teve tanto sucesso que, no século XII, o Bogomilismo tornou-se religião do Estado na Bulgária e na Bósnia, logo após a conquista otomana; mas a maior parte dos bogomilistas converteu-se ao Islã).

A idéia do diabo co-autor está presente em muitos textos gnósticos ditos "dualistas", que em vez de reafirmar Deus como o ser supremo, acreditam (sob a proteção das tradições iranianas) que no mundo existam dois princípios contraditórios, Deus e o Diabo, isto é, o Bem e o Mal, ambos igualmente potentes (no Oriente, esse conceito aparece sutilmente nas crenças taoístas do *yin e yang*). Por essa razão, não espanta ler essa consideração sarcástica do russo Jaroslavskij: "Segundo a Bíblia, todos os animais e tudo o que existe no Universo foi criado por Deus; a particular astúcia da serpente era, portanto, também um dom de Deus; ou mais exatamente do Deus bíblico. Quando colocamos perguntas aos teólogos, eles nos respondem que por serpente devemos entender diabo, que aparece a Eva na forma de serpente. Mas no primeiro e no segundo capítulos da Bíblia não existe uma única palavra sobre esse diabo. De onde ele sai?". Simples, dos antigos textos rabínicos posteriormente ignorados pelas religiões oficiais. Nos textos hebraicos e gnósticos, afirma-se que Caim foi gerado por Eva com Yahweh (que para os gnósticos, não era Deus, mas... o diabo!). Segundo o *Midrash* dos hebreus, efetivamente, diz-se que Yahweh adorava

assumir a forma de uma serpente quando tinha a intenção de completar pessoalmente as suas vinganças; como quando, na releitura do episódio citado em Êxodos 4:24, ataca Moisés na sua morada deserta, em plena noite, sob a forma de um réptil, e o engole até os lombos.

O enigma encontra solução quando apuramos que a história da serpente foi trocada pelos hebreus por um anterior conto sumério (no qual o Éden se chama *e.din*) e o papel do coisa ruim é feito pelo divino *Enki*, chamado também *Nachash*, um termo que os hebreus traduziram como "serpente", mas que significa também "aquele que possui os segredos". O diabo bíblico não era, portanto, um réptil! Mas um "sábio" em posse dos "segredos" (os segredos da clonagem ou, segundo fontes hebraicas, da "criação do mundo"; não por acaso, a magia sempre considerou o Diabo-Baphomet como o símbolo do conhecimento, e colocava entre os seus chifres uma vela acesa, significando a luz do conhecimento que afugentava as trevas da ignorância).

Para sustentar a nossa tese, vale o fato de que, até mesmo na Bíblia canônica, Eva provocou muitas ambigüidades nas primeiras versões do Gênesis (posteriormente manipuladas) pronunciando a frase que retomamos por meio do texto hebraico não alterado da *Targum Genesi*: "Eu tive como marido o Anjo do Senhor" [*Samma'el*, no texto original, nome que indicará posteriormente um anjo caído; a frase veio depois, diplomaticamente retocada para "Tive um homem do Senhor"). Essa versão é reforçada também em um antigo texto apócrifo em grego, *O Apocalipse de Adão*, no qual esse homem teria ensinado "a seu filho Seth no ano 700".

Claramente inspirado na filosofia ateniense, o volume propõe uma revisão do Gênesis bíblico (e do Apocalipse) de indubitável interesse. O texto retoma a tradição segundo a qual Caim era filho de Yahweh: "O deus que nos havia criado criou para si e para Eva um filho" (66:24-5). Que a "serpente" - Yahweh, segundo outras versões - não fosse nem réptil nem um demônio, mas um ser igual a nós (culpado de ter revelado à humanidade bárbara segredos que deveriam ficar ocultos) é reforçada no Gênesis hebraico: "A partir do momento em que os anjos assistiram à condenação da serpente - Deus tinha convocado um sínédrio de 71 anjos quando o julgou - a execução da sentença foi confiada a eles. Desceram do céu (sinal que a "serpente" não morava nas altas esferas, mas sobre a Terra) e lhe cortaram as mãos e os pés. O seu sofrimento foi tal que os seus gritos de tormento foram ouvidos de um lado ao outro do mundo", escreveram há mais de 2 mil anos os devotos rabinos. E uma vez que não proceda que as serpentes tenham mãos e pés, a real natureza desse ser é fácil de imaginar: era um visitante alienígena. No Gênesis cristão está escrito que Eva, depois de parir Caim, agradeceu a Deus dizendo: "Obtive um filho do Senhor". Por que do Senhor e não de Adão, alguém se perguntará? E por que, quando nasceu Abel, ela evitou o agradecimento a Deus (ler para crer - A Bíblia)? Se pensarmos que no Antigo Testamento é tradição repetir de maneira quase obsessiva os louvores ao Senhor, mesmo por motivos fúteis, este silêncio fica muito mais enigmático. O nome Caim, *Qajin*, deriva da raiz *qanah*, obter, por isso a frase "Obtive um filho do Senhor". Esse verso foi, porém, interpretado por alguns rabinos hebreus como a

admissão de que não Yahweh, mas Satanás, fosse seu pai, e nos seus textos substituíram o nome, exatamente como fará o cronista bíblico com relação ao recenseamento de Davi. Segundo essa interpretação, explica o teólogo Nils Aistrup Dahl, em *Apophoreta*, "Satanás foi considerado o pai natural de Caim". Um difundido mito hebraico confirma isso: o diabo teria se rebelado contra Deus, "conspirando para criar um outro mundo", e em seguida "Samaele, o diabo, tomou a forma de uma serpente e, depois de ter persuadido o homem a comer o fruto da árvore do conhecimento, gerou Caim em Eva, profanando toda a descendência da sucessiva união entre ela e Adão. Assim que os filhos de Israel pararam aos pés do Monte Sinai e receberam a Lei das mãos de Moisés, a maldição cessou. Ela contamina ainda as outras nações" (fontes: *Hagadol Genesi*; *B. Shabbat*; *B. Yebamot*; *B. Abodah Zarah*; *Targum*; *Genesi Rabba*). Um outro texto hebraico, a *Tosephta Sota*, informa: "Eva cedeu a Samaele e concebeu Caim". Na *Vida de Adão e Eva* (texto hebraico do século I, traduzido para o grego, latim e eslavo), lemos: "Uma vez que o rosto do recém-nascido Caim brilhava como o de um anjo, Eva compreendeu que o pai não poderia ser Adão e, na sua inocência, exclamou: Tive um filho-homem de Yahweh" (a tradição das serpentes que engravidavam as mulheres aparece em muitas mitologias da época: no *Papiro Egípcio de Tanis* e nos mitos gregos - com Asclépio, que aparecia em forma de cobra - e até no bíblico *Quarto Livro dos Macabeus*). Mas, mesmo sem a necessidade de conhecer os originais hebraicos, vem imediatamente ao pensamento que Caim fosse filho de Yahweh e Abel de Adão. Também os cátaros do século XIII

acreditavam nisso, tendo feito o mesmo raciocínio (mas tendo também tomado os evangelhos apócrifos); tanto é que na versão da *Interrogado Iohannis*, conhecida como "Redação de Carcassonne", escreveram: "Satanás mandou que o anjo do terceiro céu entrasse em um corpo de barro, tomasse uma parte dele e fizesse um outro corpo na forma de mulher; e mandou que o anjo do segundo céu entrasse no corpo da mulher. Mas os anjos choraram muito quando viram em torno de si uma forma mortal e perceberam que tinham se transformado em sexos diferentes. E Satanás mandou-lhes completar o ato carnal nos corpos de barro (para corromper o mundo); mas eles não eram capazes de cometer o pecado. Então o artífice do mal pensou com sua astúcia em fazer o Paraíso (terrestre) e fez entrar nele os homens. Fez a serpente... depois o diabo entrou na serpente cruel e seduziu o anjo que estava na forma de mulher: espalhou nela a concupiscência dos pecados e aliviou a sua concupiscência com Eva por meio da cauda da serpente. Por isso os homens são chamados "filhos do diabo" e "filhos da serpente": pois aliviam a concupiscência do diabo, seu pai, até a consumação deste século". Os anjos que animavam os corpos (inertes) de barro tornaram-se em seguida as almas, para os cristãos tradicionalistas. "Disse Jesus: Escuta João", prossegue o texto cátar, "são os homens ignorantes que afirmam que, quando existiu o pecado, meu Pai formou corpos de barro; na verdade, ele criou com o Espírito Santo todas as Potências dos céus (os Elohim); foi por causa dos seus pecados que eles receberam corpos mortais de barro e foram, por isso, condenados à morte" (nesta ótica, a luta "medieval" entre

anjos e diabos, e hoje entre alienígenas bons e ruins, para a posse das almas é na verdade uma luta para obter, ou reter, a vida eterna!).

O texto cátaro colocava a culpa do pecado original (a "transgressão") em parte na mulher, mas principalmente no demônio; os cristãos, ao contrário, descarregaram todas as acusações sobre o odiado sexo frágil. Durante a Idade Média, essa crença misógina foi em parte minimamente modificada. Santo Ambrósio, no *De Paraíso*, sustentava que Eva não tinha *excessivamente* culpa no pecado original (em virtude do qual a sociedade cristã, sexofóbica e machista, tem sempre culpado o outro sexo): "Deus disse: não tocareis no fruto proibido. Foi Adão quem recebeu a ordem de Deus, não Eva; a mulher, na verdade, não tinha sido criada ainda". Isso não impede que, em pleno Renascimento, "sábios" inquisidores acusassem a mulher de ser a causa e receptáculo de toda maldade; os caçadores de bruxas Jakob Sprenger e Heinrich Kramer "Institoris" chegaram até a falsificar a língua latina afirmando que o termo "foemina", fêmea, viesse de "fé minus", fé menor (do que o homem). Hoje sabemos que o pecado original não envolveu somente um casal (até os cátaros salientavam a presença de mais "corpos de barro"), mas mais pessoas; que a mulher não teve nenhuma culpa e que o mito da "queda" envolveu apenas algumas figuras vindas dos céus (na verdade, do espaço e, portanto, os astronautas) que "corromperam" as mulheres da Terra ensinando a elas, dizem os textos rabínicos, "como criar mundos". Em outras palavras, o "pecado original" foi a descoberta da ciência, diante de uma santa ignorância imposta pelos nossos criadores e patrões! E

sempre se soube que, na ignorância, se domina melhor o homem...

ANJOS CAÍDOS

A diferença entre Yahweh e Elohim evidencia-se também na sétima *Berakhot* do Talmude, no qual se louva a Deus com o nome "Akatriel Yah, o Senhor dos Exércitos". Akatriel significa "coroa de Deus", e Yah vinha geralmente identificado com Sebaoth, o guerreiro deus dos exércitos; quando Jesus, antes de expirar na cruz, se volta para o seu Pai, exclama: "Eli Eli lema sabactani" (Meu Deus, Meu Deus, por que me abandonastes?; Mateus 27:46); a versão aramaica do texto informa: "Eli Eli lamaha azavtani", na qual Eli provém da raiz El, cujo plural é Elohim.

Estamos falando, portanto, de duas figuras distintas.

Uma releitura "mitológica" da união entre Adão e Eva aparece, transformada por uma visão *feminista*, do outro lado do mundo, nas antigas lendas dos *Pani* de Nebraska, o que me leva a pensar que não se trata de um mito, mas de antiga memória planetária. Refere-se à lenda:

"Tirawa criou o Sol, a Lua, as Estrelas, a Terra e tudo que nela existe. Quando, pelo som de sua voz, apareceu a mulher, perguntou aos deuses do céu que coisa devia fazer para torná-la feliz e dar-lhe filhos. Disse a Lua: Dê um companheiro à mulher, viverão juntos, ajudando-se reciprocamente."

Quanto à história de Caim e Abel, o *Midrash Rabba* hebraico, no verso Bereschith 22, relata: "Com o assassinato de Abel, o homem perdeu a imagem semelhante a Deus e começou a assumir os traços do macaco".

E há outro paralelo iluminador: "Genos, filho de Eon e de Protogenos, procriou filhos mortais. Eles descobriram o fogo esfregando a lenha e ensinaram isso aos homens. Tiveram filhos de grande estatura e força", lemos na *Cosmogonia* do fenício Sanconiatone. O paralelo com os gigantes bíblicos *Nephilim* é impressionante. Diz Gênesis 6:1-4: "Naqueles dias, os gigantes estavam na terra; e ainda estavam nela quando os filhos de Deus vieram ao encontro das filhas do homem e tiveram filhos delas. São os heróis de outrora, homens de renome". Este é um dos pontos mais obscuros da Bíblia. As versões mais antigas falavam de "*filhos de Elohim*", identificando neles os anjos e não, como quer a moderna Teologia, os descendentes de Seth, terceiro filho de Adão. Pais da Igreja como Flavius Josephus,* Filone, São Justino, Santo Irineu, Tertuliano, Clemente Alexandrino, São Cipriano e Santo Ambrósio afirmavam que os filhos de Elohim eram anjos caídos. A união deles com mulheres gerou uma estirpe de "gigantes" (o termo original indicava na verdade apenas seres "maravilhosos", isto é, que suscitavam maravilhas; na tradução hebraica da Bíblia, Rosemberg: "Figuras de heróis foram parturidas, homens e mulheres de fabulosa fama"; no apócrifo *Livro dos Jubileus* diz-se que "Jacó levantou um monte, o qual recebeu o nome de *Monte da Testemunha*, mas antigamente se usava chamar a terra de Gallad a Terra dos Repha'im, os gigantes; efetivamente nas

alturas de Gola, a antiga Gallad, foi encontrado um lugar monolítico desse tipo, chamado Gilgal Repha'im).

A tradução grega da Bíblia ou versão dos Setenta traduzia o nome desses gigantes como "os Anjos de Deus"; a tradição rabínica referia-se a "os filhos dos Potentes". Do século III em diante foi traduzido incorretamente como "os Setitos" (os descendentes de Seth). Mas sabemos que os anjos são denominados "filhos de Deus" em várias passagens da Bíblia (Daniel, Jacó, os Salmos). Os seus descendentes terrestres tinham, segundo as lendas hebraicas, uma particularidade: seis dedos nas mãos e nos pés. Esses seres, nos quais não é arbitrário ver visitantes extraterrestres, foram exterminados pelo dilúvio universal. Ele aparece nas tradições de todo o mundo, primeiramente na dos peles-vermelhas: "*Nihant* (= Senhor Universal) viu que os homens que habitavam a terra eram ferozes e selvagens. Quero fazer um mundo novo, falou para si mesmo", relatam os Gros Ventres, *algonkinis* norte ocidentais de Montana. Assim, a Bíblia: (2:5) "O Senhor viu que a maldade do homem se multiplicava na terra: o dia todo, seu coração não fazia outra coisa senão conceber o mal. (6) E o Senhor arrependeu-se de ter feito o homem sobre a terra e afligiu-se com isso (7) e disse: Apagarei da superfície do solo o homem que criei, homem, animais grandes, animais pequenos e até os pássaros do céu, pois me arrependo de tê-los feito...". A destruição do mundo segundo os indígenas canadenses Cree, *algonkinis*: "A água continuava a subir. A Awisagatacak restava apenas construir uma barca, se quisesse escapar do dilúvio e salvar-se com os animais que viviam por lá". A Bíblia: "(2:3) Deus disse a Noé: Para mim chegou o fim de

toda a carne! Pois, por causa dos homens, a terra está repleta de violência e eu vou destruí-los junto com a terra. (14) Faze para ti uma arca de madeira resinosa. Farás a arca com compartimentos. Tu a revestirás com betume por dentro e por fora. (15) Esta arca, fa-la-ás com...". Em *A Epopéia de Gilgamesh* suméria, lemos: "O grito da humanidade é intolerável e o sono não é mais possível por causa desta babel. Por isso os deuses decidiram exterminar a humanidade ... Homem de Shuruppak, constrói um navio ... Eis as medidas da barca ... Conduz nela o sêmen de todas as criaturas vivas...".

"As águas vieram de toda parte, reuniram-se para inundar a terra, até os picos rochosos e os mais altos montes", contam as tradições dos indígenas Kato da Califórnia, centro setentrional. "Os homens foram expulsos pela fúria das ondas; e também os ursos cinza, veados, panteras, lobos, raposas, lontras... O vento soprava mais e trazia neve, geada ou chuva. Não havia mais raios e trovões, não havia nuvens ou sol. As trevas se estendiam plenamente sobre a superfície das ondas...". "As primeiras luzes do dia, veio do horizonte uma nuvem negra", descreve a testemunha ocular do conto sumério. "Os sete juízes do Inferno, os *Anunaki*, ergueram as suas tochas, iluminando a terra com pálida chama. O cavaleiro da tempestade mandou a chuva. Olhei para fora e o tempo estava terrível, por isso eu também subi a bordo e alcei a porta do navio. Estava tudo terminado, o fechamento e a calafetagem, dei então o timão ao timoneiro Puzur-Amurri, e também a navegação e o cuidado com todo o navio. Susto e desespero subiram ao céu quando o deus da tempestade

transformou a luz do dia em trevas, quando destruiu a terra em cacos. Por um dia inteiro caiu a tempestade, enfurecendo-se sempre mais, caía sobre as pessoas como a violência de uma batalha; ninguém podia ver o próprio irmão, nem do céu se podiam ver os homens. Até os deuses se aterrorizaram com o dilúvio, fugiram para o céu mais,alto, o firmamento de Anu; espremeram-se contra os muros, encolhendo-se como cães bastardos. Os ventos sopraram por seis dias e seis noites; enchentes, tempestades e cheia dominaram o mundo...".

AS IGREJAS CONTRA OS ALIENÍGENAS

A encíclica papal *Gaudium e Spes*, do Concílio do Vaticano II, considera o homem a "única criatura que Deus quis sobre a terra", e o padre da Igreja Lattanzio escreveu nas *Divinas Instruções* que "o mundo foi criado por Deus para que nascesse o homem. Os homens foram criados para que reconhecessem Deus como pai; nisso consiste a sabedoria". Esse antropocentrismo a todo custo foi reelaborado, em 2000, por grupos de seitas paracristãs. Christina Kuo, no número de fevereiro de 1991 de *La Pura Verità*, órgão da *Igreja Mundial de Deus* (uma seita fundada nos Estados Unidos por Hebert Armstrong), em um artigo intitulado "Os Extraterrestres Existem?", escreveu: "A noite, olhando a abóbada estrelada do céu, perguntamo-nos se *lá em cima* não existe alguma forma de vida inteligente. Existem criaturas vivas em outros mundos? Ou não há outro planeta como a Terra em todo o Universo? Alguns cientistas afirmam que, se no espaço

interestelar existe a vida, deveríamos construir a tecnologia necessária para nos colocarmos em contato com esses *seres*, e para receber as suas mensagens. Todavia, até agora todas as tentativas de estabelecer um contato foram completamente infrutíferas. De fato, nenhum astronauta alguma vez viu *homens verdes* atravessarem o espaço a bordo de discos voadores. Aliás, todos os esforços dos programas espaciais demonstraram até agora a *inexistência* de formas de vida física fora do nosso planeta. E significativo que a própria Bíblia não dê a mínima indicação sobre a existência de criaturas vivas em outros planetas. Na verdade, as Escrituras proclamam que a Terra é a gema mais esplêndida da criação de Deus, o foco do seu grande Plano Mestre. O nosso planeta não é simplesmente um dos inumeráveis corpos celestes que giram vertiginosamente na imensidão do espaço: 'Assim fala o Senhor: o céu é o meu trono - *e a terra, o escabelo dos meus pés*' (66:1). Uma leitura atenta de toda a Bíblia revela claramente que Deus tem a intenção de atuar o Seu plano em um só lugar: o nosso minúsculo planeta. Quando Ele criou a vida física, foi sobre a Terra que colocou Adão e Eva, não em Marte, Urano ou qualquer outra estrela desconhecida: "Todavia, assim fala o Senhor, o criador dos céus, Ele, o Deus que modelou e fez a Terra, que a tornou firme, que não a criou vazia, *mas a modelou para ser habitada*" (Isaías 45:18). Portanto, Deus mesmo criou este imenso universo com suas infinitas galáxias, estrelas e planetas com suas luas e no seu centro incrustou deliberadamente uma belíssima gema azul e marrom, envolvida por cândidas nuvens, resplandecentes sobre o fundo negro do espaço: a Terra. Sobre este magnífico

e minúsculo planeta Deus então criou os seres humanos, os animais, as plantas, ou seja, cada forma de vida física (...) ao homem e à mulher por Ele criados o Onipotente ordenou que seguissem o modo de vida que asseguraria a sua felicidade e que, enfim, com a Sua ajuda, lhes consentiria realizar o grande objetivo pelo qual Ele os criara. O primeiro casal humano infelizmente faliu na execução desse projeto e, desde então, a maioria dos seus descendentes se recusa a conformar-se com aquele modo de vida. Vocês, porém, podem escolher seguir a vida indicada por Deus. Em vez de escutar os inúteis coaxares intergalácticos na esperança de se comunicar com os extraterrestres, já é hora de os seres humanos lerem a mensagem (*o Evangelho*) enviada à Terra pelo Criador de todas as coisas, dedicando o seu tempo e as suas energias para estabelecer um contato com aquele grande Deus do qual é oriunda a mensagem que nós chamamos de *Bíblia Sagrada!*".

Esta última afirmação lembra extraordinariamente aquela divulgada pelo muçulmano convertido, Jean Robin, autor de um livro no qual sustentava a natureza demoníaca dos UFOs, remetendo-se ao esoterismo de um outro convertido, René Guénon. Robin, que considerava UFO e alienígenas uma ilusão criada pelo Anticristo, "o Messias Mentiroso (*al-Masih ad-daj-jal*)", atacava os ufólogos, vistos como sacerdotes inconscientes do demônio; os contatadores que cultuam o alienígena-diabo; os cientistas da exobiologia (aquela parte da ciência que procura a vida extraterrestre), "cujos radiotelescópios, gigantescas orelhas de ferro voltadas para a noite cósmica, produzem ilusões satíricas desses deuses que o homem moderno inventou a partir da própria imagem,

substituindo a nave de Isaías. Eles não são os anjos que riem dessa bestialidade humana, mas os demônios que se fazem passar por anjos". Mas, paradoxalmente, os muçulmanos ortodoxos ou sunitas (mais sábios do que aqueles que não se impõem realmente contra a existência de vida alienígena) consideram o guenonismo, "falso Islã", de matriz satânica. Assim, Robin, que acusava todos de serem satânicos, acaba por ser considerado um satânico (apesar de seu livro, em 1980, ter recebido críticas positivas do Centro Islâmico de Milão).

A BÍBLIA EVANGELISTA

É curioso notar como os integralistas cristãos e cientistas céticos dividem opiniões quase idênticas, ambos profundamente hostis à existência dos UFOs e até de extraterrestres (ainda que essa mesma posição nos últimos anos tenha se atenuado muito). Comicamente, os fiéis à Bíblia e os fiéis à deusa Ciência (definidos com desprezo como "cientistas" por seus colegas de mente mais aberta, como Vittorio Sermoni, autor do livro *77 Crepuscolo dello Scientismo*) com frequência se atacam reciprocamente. Assim, os evangelistas, que têm aversão dos UFOs (e em alguns casos chegam a reler o fenômeno sob um ponto de vista demoníaco), apontaram o dedo indicador contra o mais conhecido inimigo da Ufologia, o astrônomo russo-americano Carl Sagan, que antes acreditava na possibilidade do fenômeno, mas depois se tornou totalmente cético (a ponto

de dar como subtítulo ao seu fatigante trabalho, o seu livro-testamento espiritual: "a ciência é uma vela nas trevas", as trevas da superstição). Por meio da Internet, os evangelistas contestaram Sagan assim: "A esposa mais famosa da história". Não conhecemos nem mesmo o seu nome, mas se falou dela durante o *Processo Scopes*, foi mencionada nos filmes *O Vento Será a Tua Herança* e *Contato* e há séculos é assunto de discussões em todas as nações do mundo. Os céticos falando da Bíblia usaram tantas vezes a mulher de Caim para tentar desacreditar o livro da Gênese como documento histórico confiável. É triste que a maior parte dos cristãos não soube dar uma resposta adequada a essa pergunta. Conseqüentemente, o mundo os vê incapazes de defender a autoridade das Escrituras, e com ela, a fé cristã. Por exemplo, no histórico *Processo Scopes*, no Tennessee em 1925, William Jennings Bryan, o advogado que defendia a fé cristã, não conseguia responder às perguntas sobre a mulher de Caim feitas pelo advogado da American Civil Liberties Union, Clarence Darrow. Considerem o seguinte trecho da descrição do processo no qual Darrow interroga Bryan:

D. *Vocês nunca souberam onde Caim encontrou a sua mulher?*

R. Não senhor. Eu deixo para os agnósticos as perguntas a respeito dela.

D. *Nunca souberam?*

R. Nunca procurei saber.

D. *Vocês nunca procuraram saber isso?*

R. Não.

D. *A Bíblia diz que ele tomou uma mulher, certo? Existiam outras pessoas na terra naqueles tempos?*

R. Não saberia dizer.

D. *Vocês não sabem dizer. Nunca consideraram essa questão?*

R. Essa questão nunca me preocupou.

D. *Não se tem notícia de outras pessoas, porém Caim encontrou a esposa.*

R. Isso é o que a Bíblia diz.

D. *De onde ela veio, vocês não sabem.*

"A imprensa de todo o mundo estava tomada por esta causa, que tem repercussões em toda a Cristandade até hoje: os cristãos não sabem defender o texto bíblico! Recentemente, o mesmo exemplo foi citado por Carl Sagan no seu livro *Contato* (um *best-seller* segundo a classificação do jornal *The New York Times*) e foi também usado no filme de mesmo título feito a partir de sua obra. No livro lemos sobre um personagem fictício, Ellie, e como ela não consegue obter respostas da mulher de um pastor que guia um grupo de discussão. Ellie nunca tinha lido a Bíblia seriamente... assim, durante o final de semana anterior à sua primeira aula, começou a ler aquilo que parecia ser a parte mais importante do Antigo Testamento. Tentando manter uma mente aberta, em um certo momento reconheceu que ali estavam duas histórias diferentes e reciprocamente contraditórias da criação ... e teve dificuldade de entender exatamente com quem Caim se casou. Sagan, na tentativa de dar uma *prova* de que a Bíblia está cheia de contradições e não pode ser defendida, faz, de maneira muito hábil, uma lista de perguntas normalmente voltadas para os cristãos, entre as

quais, aquela sobre a mulher de Caim. A verdade é que provavelmente a maior parte dos cristãos não sabe responder a essa pergunta. Todavia, existem respostas. Muitos cétricos presumiram que para que Caim encontrasse uma esposa, deveriam existir outras *raças* de seres humanos sobre a Terra, que não fossem descendentes de Adão e Eva. Para muitas pessoas, isso impediu a aceitação da narrativa do Gênesis sobre a criação de um único homem e de uma única mulher no início da História. Os defensores do Evangelho devem ser capazes de demonstrar que toda a humanidade descende de um homem e de uma mulher (Adão e Eva), a partir do momento em que somente os descendentes de Adão e Eva podem ser salvos. Por isso, os crentes devem estar aptos a dar uma explicação da mulher de Caim e de demonstrar claramente que ela foi uma descendente de Adão e Eva.

"Para responder a essa pergunta, devemos primeiro analisar algumas informações profundamente ligadas ao significado do Evangelho. Em *1 Coríntios (15:45)*, lemos que Adão *foi o primeiro homem*. Deus não começou criando uma raça de homens. A Bíblia diz claramente que apenas os descendentes de Adão podem ser salvos. *Romanos 5* ensina que nós somos pecadores porque Adão pecou. A pena de morte, que Adão recebeu como condenação pelo pecado da rebelião, foi herdada por todos os seus descendentes. A partir do momento em que Adão, quando caiu, era o chefe da humanidade, também nós que somos os seus descendentes caímos com ele. Assim, estamos todos separados de Deus. A conseqüência final do pecado deve ser a separação dos pecadores de Deus para sempre. Porém, existe para nós um modo de retornar a Deus...

Uma vez que a Bíblia afirma que todo o gênero humano é pecador, e que todos nós somos parentes (Atos 17:26: 'A partir de um só homem, ele criou todos os povos para habitarem toda a superfície da Terra'), o Evangelho pressupõe que todos os seres humanos vivos e aqueles que viveram em todos os tempos (exceto a primeira mulher) são descendentes do primeiro homem, Adão. Se não fosse assim, o Evangelho não poderia ser explicado ou defendido. Portanto, no princípio existia *apenas um* homem, feito do pó da terra (Gênesis 2:7). Isso significa que também a mulher de Caim era uma descendente de Adão. Não podia ser uma outra *raça* de seres humanos: deve ser incluída entre a descendência de Adão. Em Gênesis 3:20, lemos: "O homem deu à sua mulher o nome Eva - Vivente - pois foi ela a mãe de todo vivente'. Em outras palavras, todos os seres humanos, com exceção de Adão, são descendentes de Eva: foi ela a primeira mulher. Eva foi feita da costela de Adão (Gênesis 3:21-24); esse foi um acontecimento único. No Novo Testamento, Jesus (Mateus 19:4-6) e Paulo (Efésios 5:31) citam esse dado histórico como a fundação do matrimônio entre um homem e uma mulher. Ainda em Gênesis 2:20 nos é dito que quando Adão olhou os animais, não encontrou uma companhia adequada: não existia uma que fosse da sua espécie.

Tudo isso nos faz compreender que desde o princípio existia *apenas uma* mulher, a mulher de Adão. Não podia existir uma *raça* de mulheres... Caim foi o filho primogênito de Adão e Eva, como documentado nas Escrituras (Gênesis 4:1). Ele e os seus irmãos, Abel (Gênesis 4: 2) e Seth (Gênesis 4: 25), faziam parte da primeira geração de crianças nascidas sobre a Terra.

Mas Adão e Eva tiveram outros filhos, apesar de apenas estes três terem sido especificamente nomeados. Em Gênesis 5:4, lemos um resumo da vida de Adão e de Eva: 'Depois de Adão gerar Seth, seus dias duraram 800 anos e gerou filhos e filhas'. No decorrer da sua vida, Adão e Eva tiveram muitos filhos dos sexos masculino e feminino. Na verdade, o historiador judeu Flavius Josephus escreveu que 'o número dos filhos de Adão, segundo uma antiga tradição, foi de 33 filhos e 23 filhas'. A Escritura não nos diz quantos filhos nasceram de Adão e Eva, mas considerando a vida longa deles (Adão viveu 930 anos, Gênesis 5:5), parece-nos lógico sugerir que foram muitos (lembremos que eles receberam a ordem: "Sede fecundos e prolíficos, enchei a Terra e dominai-a", Gênesis 1:28). Se agora nos baseamos unicamente nas Escrituras, sem prejuízo pessoal a outras idéias não bíblicas, então, no princípio, quando existia somente aquela primeira geração, houve casamentos entre irmãos e irmãs, senão não existiriam outras gerações! Não sabemos quando Caim se casou, e nem mesmo os detalhes de outros casamentos ou de seus filhos, porém podemos dizer com certeza que a mulher de Caim foi uma irmã sua, ou então uma parente próxima".

Esse tipo de interpretação não é, porém, exata. A Bíblia, sobre esse ponto é clara: "Caim andou perdido na 'terra do Nod', onde *conheceu* a sua mulher, antes que Adão e Eva gerassem outros filhos e filhas. Mas prosseguem os evangelistas: "De qualquer modo, os problemas de hoje não se aplicavam a Adão e Eva. Quando essas duas pessoas foram criadas, eram perfeitas. Tudo aquilo que Deus fez foi "muito bom" (Gênesis 1:31). Isso significa que os seus genes eram perfeitos, sem

erros! Mas quando o pecado entrou no mundo (por causa de Adão, Gênesis 3:6), Deus amaldiçoou o mundo, foi assim que a criação perfeita começou a degenerar, isto é, tomaram lugar a morte e a decadência (Romanos 8:22). Durante o longo período transcorrido desde então, essa degeneração produziu todo tipo de erro no material genético dos seres vivos. Caim, porém, foi da primeira geração dos filhos nascidos. Ele (como também os seus irmãos e irmãs) não recebeu de Adão e Eva praticamente nenhum gene imperfeito, já que os efeitos do pecado e da maldição deveriam ser mínimos no começo. Sob essas circunstâncias irmãos e irmãs poderiam casar-se...".

O ANJO DA FACE

Prosseguem os evangelistas: "Nos tempos de Moisés (cerca de 2.500 anos depois), os defeitos degenerativos se acumularam de tal maneira no ser humano que se tornou necessário que Deus introduzisse leis para vetar os casamentos entre irmãos e outros parentes próximos (Levítico 18:20). Além disso, existia já muita gente sobre a Terra, e não havia mais razão para que parentes próximos se casassem entre si... Alguns acreditam que a parte do, Gênesis 4:16-17 signifique que Caim teria ido para a terra do Nod e lá teria encontrado a sua mulher. Nesse caso, concluem que lá deveria existir uma outra linhagem de povos na Terra, que não eram descendentes de Adão, e de onde viria a mulher de Caim. 'Caim se afastou da presença do Senhor e habitou na terra de Nod, a Leste de Éden. Caim conheceu sua mulher, que engravidou e gerou Enoch. Caim

pôs-se a construir uma cidade e deu à cidade o nome de seu fdho Enoch'. A partir do que foi escrito anteriormente, está claro que todos os seres humanos, inclusive a mulher de Caim, são descendentes de Adão. De qualquer modo, este nos diz que Caim teria ido à terra de Nod e que lá teria encontrado a sua mulher. João Calvino, comentando esses versículos, escreveu: 'Apartir do contexto podemos deduzir que Caim, antes de matar o irmão, tenha casado com uma mulher; senão Moisés contaria aqui alguma coisa a respeito do seu matrimônio'. Caim casara-se antes de ir para a terra de Nod. Não encontrou a sua mulher lá, mas lá conheceu (teve relações sexuais com) sua mulher..."

Os hebreus não concordam. Portanto, na tradução do Gênesis hebraico feita em 1990, pelo escritor hebreu David Rosemberg: "Caim se distanciou da presença de Yahweh; estabeleceu-se em uma terra com muito vento, a Leste do Eden". Para o Gênesis cristão: "E Caim saiu da frente de Deus e morou na terra de Nod, a Leste do Eden". E a Leste do Éden Deus colocara "os querubins a oriente do jardim do Éden, com a chama da espada fulminante, para guardar o caminho da Arvore da Vida" (Gênesis 3:24). Caim, filho de um *deus* alienígena (Yahweh, sobre isso os textos apócrifos são precisos em não considerá-lo o verdadeiro Deus), tornava a viver com os querubins (ou, na verdade, com os extraterrestres?). Sob essa ótica, a história, muito tortuosa do jeito que é contada pela Bíblia, adquire um senso lógico. E para nos ajudar, chega o Livro dos Jubileus, um evangelho apócrifo que a tradição diz ter sido ditado pelo Anjo da face (o mesmo que lutou com Jacó?) para Moisés. Relata o *Livro dos*

Jubileus: "E no primeiro setênio do primeiro jubileu, Adão e a sua mulher estiveram sete anos no jardim do Éden cultivando-o e cuidando dele, e nós demos a ele essa tarefa, ensinando-lhe tudo que era melhor para o cultivo". A caça é um evento mundial e vem assim descrita: "Deus mandou embora do jardim do Éden todos os seres de carne que estavam ali. E quando começou o quarto mês, Adão e sua mulher saíram do jardim do Éden e foram para a terra de Elda, na terra da sua criação. E Adão chamou Eva de sua mulher. E não tiveram filhos durante todo o primeiro jubileu e, depois disso, ele a conheceu carnalmente. E no terceiro setênio do segundo jubileu, Eva gerou Caim, no quarto, Abel e no quinto gerou a filha Awan. E no quarto ano do quinto setênio gerou Seth; no sexto setênio, a filha Azura. E Adão conheceu Eva e esta gerou outros nove filhos. E no segundo setênio, o neto Mahlaleel tomou como esposa Dina e ela gerou um filho que chamou de Yared, já que, naquele tempo, desceram sobre a Terra os Anjos do Senhor, chamados Vigilantes, para ensinar aos filhos do homem a fazer justiça e retidão sobre a Terra". Esses visitantes espaciais foram descritos também no *Livro dos Vigilantes*, um texto apócrifo escrito 150 anos antes do *Livro dos Jubileus*, que explica que Yared, filho de Dina, tomou o nome do hebraico "yarad", ele desceu (seria um híbrido criado pelos alienígenas?).

"De quem Caim teria medo? (Gênesis 4:14)", se perguntam os evangelistas. "Alguém declara que deveria existir muita gente na Terra, além dos descendentes de Adão e Eva, senão Caim não temeria que alguém o quisesse matar pelo assassinato de Abel. Antes de tudo, a razão mais verossímil para que alguém

quisesse machucar Caim por ter matado Abel deveria ser porque eram parentes próximos de Abel! Segundo, Caim e Abel nasceram muito tempo antes da morte de Abel. O Gênesis 4:3 diz: 'Depois de algum tempo, Caim trouxe ao Senhor uma oferta de frutos da terra'. Notem a expressão: depois de algum tempo. Sabemos que Seth nasceu quando Adão tinha 130 anos (Gênesis 5:4) e que Eva o viu como substituto de Abel (Gênesis 4:25). Por isso, o período de tempo transcorrido do nascimento de Caim à morte de Abel pode ter sido de 100 anos ou mais, deixando um espaço de tempo suficiente para que outros filhos de Adão e Eva casassem ou tivessem filhos. Antes do tempo em que Abel foi morto, pode ter existido um considerável número de descendentes de Adão e Eva, a ponto de incluir várias gerações... De onde veio a tecnologia? Alguns afirmam que, para que Caim fosse à terra de Nod e ali construísse uma cidade, deveria dispor de notáveis recursos tecnológicos já existentes naquele lugar e, provavelmente, desenvolvidos por outras raças. Mas os descendentes de Adão e Eva eram pessoas muito inteligentes. Foi-nos informado que Iubal fez instrumentos musicais como a cítara e a charamela (Gênesis 4:21), e que Tubalcain trabalhou o bronze e o ferro (Gênesis 4:22). Por causa do intenso doutrinamento evolucionista, muita gente hoje tem a idéia de que a sua geração seja a mais avançada que já existiu neste planeta. Mas o fato de que tenhamos aeronaves de grande capacidade e computadores não significa que sejamos mais inteligentes ou mais avançados. Essa tecnologia moderna é, na verdade, um resultado do acúmulo de conhecimentos ao longo dos séculos.

"Devemos lembrar que por seis mil anos (desde os tempos de Adão) o nosso cérebro sofreu os efeitos da maldição. Somos demasiado degenerados em relação às pessoas das antigas gerações. Provavelmente a nossa inteligência não é de modo algum comparável àquela dos filhos de Adão e de Eva. As Escrituras nos dão uma idéia daquilo que parece ter sido uma tecnologia avançada desde o início. Caim tinha, sem sombra de dúvida, a sabedoria e a habilidade para saber construir uma cidade... Se a evolução fosse verdade, a ciência teria um problema ainda maior para explicar a mulher de Caim: como poderia ter-se evoluído um homem por mutações (erros) nos organismos anteriores, uma vez que o processo teria feito nascer seres completamente deformados? O fato que se possa produzir uma prole sem grandes deformações é um testemunho a favor da Criação, não da evolução..."



CAPÍTULO 2

O MISTÉRIO DAS NOSSAS ORIGENS PERDIDAS

"Os mundos são 18 mil e nove os caminhos que levam aos céus..."

Farid al-Din Attar, *Ilahi-Nama (O Poema Celeste)*.

Contatos das Plêiades - Os extraterrestres dos peles-vermelhas - O homem lagarto descido do céu - Luzabel e os textos perdidos dos cátaros - Nos cromossomos a marca do E.T. - Operação Torre de Babel - O livro dos Jubileus - A descida dos Vigilantes - A queda dos gigantes - A assunção de Maria — O messias do espaço – O Protoevangelho de Tiago

CONTATOS DAS PLÊIADES

Em 1949, o romancista John D. MacDonald escrevia, na história *"Defeito"*, publicada no *Startling Stories*: "Por milhares de anos a humanidade olhou as estrelas e pensou em alcançá-las. As estrelas deviam ser as novas fronteiras, os novos mundos sobre os quais a humanidade podia expandir-se e realizar por completo a promessa do espírito humano"; é provável que seja assim, mas talvez também tenham razão autores como o especialista Zecharia Sitchin, convicto de que o nosso desejo em direção às estrelas seja, na verdade, a memória genética, ocasionalmente revigorada, das nossas origens celestes, pórtennos sido criados pelos deuses. Segundo essa hipótese, já teorizada pelo catedrático soviético Vladimir Sherback, convencido de que o nosso DNA teria sido "programado" pelos alienígenas, o ser humano seria a prova viva da existência dos extraterrestres, assim como teria sido "construído" (o romancista americano J.G. Ballard escrevia de forma meio séria, meio brincalhona, em 1962, que "o único planeta realmente alienígena é a Terra").

Seja como for, para os antigos evangelhos gnósticos, os

guardiões e policiais dos nossos "paraísos perdidos" eram aqueles "anjos da face" com os quais concluímos o capítulo anterior. Vigilantes bons que, conforme o gnóstico Valentino, controlavam um Universo dividido como uma grelha em 365 setores (estilo *Jornada nas Estrelas*). A sua função, segundo um místico sufista, Farid al-Din 'Attar, era "registrar as ações dos homens" (ou melhor, controlar-nos). Eles atravessavam o Universo graças a aberturas dimensionais, já notadas pelos copistas hebreus do *Midrash Kohen* como "rasgos no firmamento" ou *qeria*, (reproduzidos também nos ícones grego-ortodoxos e há milênios conhecidos pelos pré-cristãos: os gregos colocavam as *brechas celestes* "no céu noroeste" e as chamavam *Ogigia*, *Maelstrom* para os escandinavos e "*os noves yin*" para os chineses; para Sócrates¹ e os poetas gregos, tal abertura permitia escrutar "o céu visto da outra parte". "Que exista um redemoinho no céu, através do qual passavam *Kronos-Fetonte* e *Vainamoinen*", afirma Giorgio de Santillana, "é um fato bem conhecido; trata-se de um grupo de estrelas situadas ao pé de Qrion, próximo a Rigel, cujo grau era chamado *morte*, segundo Hermes Trismegisto." Os maoris afirmam abertamente que Rigel assinala o caminho de Ade, enquanto Castor indica a *pátria primordial*, Hawaiki". Era através dele que os anjos da face chegavam à Terra? As *Fábulas* da tradição hebraica, contos criados a partir dos textos rabínicos e divulgados na bacia mediterrânea, sustentam que "os anjos caídos ficaram sobre a Terra, sem

1 N.E.: Sugerimos a leitura de *As Dores de Amor de Sócrates*, de Kay Hoffman, Madras Editora.

asas, e não puderam retornar enquanto não encontraram aquela escada, com a qual o nosso patriarca Jacó sonhou um dia. E assim que eles, hoje, sobem e descem, com essa escada" (*Midrash Tovot*). O fato de o escritor evangélico ressaltar a "face" leva à dedução de que os viajantes espaciais não tivessem rosto humano, mas humanóide (Enoch, na versão etíope do seu *Livro*, fala de seres com "rostos transparentes como o cristal", como se vestissem capacetes de astronautas, e as *Haggadah* hebraicas afirmam que os bem-Elohims, os filhos terrestres dos anjos caídos, tinham o rosto resplandecente). Diferentemente dos bem-Elohims e dos filhos de Nephilim, considerados perversos por terem pecado, os primeiros com as mulheres da Terra e os segundos por terem trazido o canibalismo e a destruição sobre o planeta, os "anjos da face" eram considerados entidades amigas da espécie humana. As miniaturas grego-ortodoxas os representaram, ainda, (rascunhando, na verdade, as iconografias egípcias e aquelas siríaco-palestinas do século IX) como rostos circundados por asas entrecruzadas dispostas de maneira oval; os antigos fenícios chamavam-nos "*oannes*" e afirmavam que eles teriam chegado na noite dos tempos, "pelo Mar Eritreo", em cujas profundidades moravam, para levar aos homens a civilização (e o seu traço distintivo seria uma dupla pele, uma capa em forma de peixe sobre um corpo claramente humano); o culto dos *oannes*, "*homens peixes*", influenciou de modo profundo as culturas africanas e meridionais: os Dogon de Mali afirmam ter recebido os seus extraordinários (e anacrônicos) conhecimentos por meio dos "*Nommo*", criaturas anfíbias que vieram da estrela Sírius. Jesus foi também considerado "peixe"

portador de conhecimento, tanto é que os primeiros cristãos eram normalmente identificados graças ao símbolo de um peixe, o *ichtys*, sigla para a frase grega "Jesus Cristo filho de Deus Salvador"; o mesmo Jesus, no momento da sua triunfal entrada pascoal em Jerusalém, não foi saudado de imediato com a frase "Hosana (*hosha'na, enche-nos de graça*) nas alturas", mas, muito provavelmente, com "*Oannes que veio do céu*", subentendendo com isso a missão civilizadora; e não por acaso o seu primo, o Batista, fora chamado João, Johannes, como previsão daquilo que ele pregaria, dando um sentido de religião global a uma etnia fechada em si mesma ao extremo. Mas também os antigos gregos conservavam a memória desses visitantes anfíbios, apesar do tempo impiedoso e das destruições das bibliotecas, verdadeiros ataques ao saber secreto, que teriam destruído quase todos os antigos documentos: Plutarco relata, no seu tratado sobre os motivos pelos quais os oráculos não davam mais respostas (*De Defectu Oraculorum*, 23, 422 E), que Petrone, filósofo da escola itálica antiga, contemporâneo e amigo do grande médico Alcmeone (550 a.C.), teorizava que deveriam existir numerosos mundos, 183 para ser exato. Outras notícias sobre esses mundos foram relatadas por Cleômbroto, um dos participantes da conversa sobre a obsolescência dos oráculos, ele as teria recebido de um "homem misterioso que tinha por hábito encontrar-se com os seres humanos uma única vez por ano nas proximidades do Golfo Pérsico e passava o resto do seu tempo na companhia de ninfas errantes e semideuses" (21, 421 A). Segundo Cleômbroto, conforme referido por Giorgio de Santillana em *II Mulino de Amleto [O Moinho de Hamlet]*, o *oannes*

"colocava aqueles mundos sobre um triângulo equilátero, 60 em cada lado e mais um em cada canto". Representações dos *oannes*, similares aos tritões e com os *ichtys* na mão, sobreviveram também na tradição cristã longobarda: podemos ainda hoje observá-las na Paróquia de S. Maria a Petroja, em Perugia.

Uma parte dos antigos *oannes* tinha seis dedos nas mãos e seis nos pés; esse sinal seria, segundo as lendas da Amazônia (que falam de uma população que desceu na noite dos tempos em *Akakor* e veio do planeta *Schwerta*), o traço característico da sua proveniência alienígena, enquanto no resto eram humanos; seis dedos tinham também algumas divindades sumérias; seis dedos encontram-se pintados em vermelho-terra nas grutas dos peles-vermelhas; seis dedos tinham o filho do soberano maia Pacal,² considerado o "Cristo mexicano", que em Palenque construiu um templo para os deuses, no qual hoje está a sua tumba, e em cuja pilastra o soberano parece cortar o céu a bordo de um míssil (embora os arqueólogos e eu mesmo afirmemos que se trata apenas de uma representação alegórica).

Os modernos sacerdotes maias sustentam que os seus antepassados eram provenientes das Plêiades; mas também a Bíblia, com o profeta Amós, nos diz que "a morada de Deus está nas Plêiades" (e os mórmons tomam essa afirmação em sentido literal); e os Sioux Lakota, que afirmam encontrar periodicamente alienígenas com perfeito aspecto humano,

2 N.E.: Sugerimos a leitura de *Os Superdeuses*, de Maurice M. Cotterell, que trata desse assunto. Ver também: *A Agenda Pleiadiana*, de Barbara Hand Clow, ambos da Madras Editora.

indicam as Plêiades como o local da sua divina procedência. Elas eram muito caras aos sumérios, cujos heróis as visitavam a bordo de estranhos "globos voadores"; e aos muçulmanos sufistas da Turquia, um dos quais, Farid al-Din'Attar, no "21º verso" do seu *Poema Celeste*, recita o "orvalho da lua que pinga sobre as Plêiades"; elas retornam também nos contos, infelizmente pouco confiáveis, dos modernos contatados, sendo Méier o mais célebre deles.

O público italiano soube do caso de Eduard "Billy" Méier, o contatado suíço que diz manter conversas com os habitantes das Plêiades, por intermédio das reportagens do *Giornale dei misteri*, de Florença, uma publicação mensal dedicada às temáticas espaciais. A história é conhecida e desde então divide o público entre céticos e crentes. Méier, que começou a contar as próprias experiências em 1975, em 28 de janeiro daquele ano se encontrava em um prado nas proximidades de Hinwil (Zurique) quando um UFO desceu à terra e dele saiu uma esplendorosa garota loira, de macacão, que dizia chamar-se Semjase. Com a bela extraterrestre, que afirmava vir de Erra de Yaygeta, um planeta das Plêiades a 500 anos luz de nós, Méier teria em seguida se comunicado, repetidamente, por meio da telepatia. Desde aquele momento, o contatado suíço tornou-se profeta da Nova Era, segundo ele, o escolhido pelos pleiadianos para conduzir a humanidade em perigo a um renascimento espiritual. Em Hinterschmidrüt, para onde se transferiu, teve pelo menos 250 contatos físicos com alienígenas (interrompidos em 1978) e um número incalculável de contatos mentais, reunidos nos *Libri di Semjase* [*Livros de Semjase*] (nunca publicados), compostos de

mais de 18 mil páginas que vão da vida extraterrestre até a história do homem, da Ciência à Astronomia e à Espiritualidade. Semjase não teria sido o único canal de Méier, que aos 5 anos, em 1945, teria tido a primeira visão e que, depois de 1975, teria falado também com os pleiadianos *Safth*, *Asket*, *Semjase*, *Quetzal*, *Ptaah*, *Florena* e com muitas outras entidades semi-espirituais, pluridimensionais ou bidimensionais até os *quase* divinos *Arahat-Aterasata* e *Petali*. Durante esses encontros, Méier teria apreendido uma fatia considerável da ciência do Universo, memorizando 50 milhões de símbolos alienígenas; o contato teria sido quase que exclusivo (somente outros quatro colaboradores seus teriam compartilhado o contato, mas não o seu atual porta-voz Guido Moosbrugger) já que os *erranos*, vivendo em um estado de vibração diferente do nosso, se ressentiriam da proximidade dos terrestres (com exceção de Méier, capaz de entrar em um estado vibratório suportável).

Depois do primeiro encontro, Méier deu uma entrevista à ufóloga alemã Use von Jacobi, para um artigo que foi publicado em 8 de julho de 1976 na popular revista semanal *Quick*, depois retomada por outras revistas europeias. No ano seguinte, Méier começou a falar em conferências, conquistando imediatamente muitos seguidores. Para demonstrar a veracidade de suas afirmações, começou a reunir muitas fotos de UFOS extraordinariamente nítidas e a divulgar uma profunda mensagem em parte técnico-científica, em parte espiritual, que esboçara na escritura do *Talmude Emmanuel*, um texto religioso contendo os verdadeiros ensinamentos de Jesus (que, abrindo um

parêntese, Méier teria encontrado durante uma viagem no tempo, assistindo" ao episódio do discurso sobre o monte e aprendendo que o verdadeiro nome de Cristo era Emmanuel e que teria sido enviado pelos pleiadianos à Terra).

Com as primeiras doações, Méier comprou a Hinterschmidrüti, uma fazenda batizada de *Semjase Silver Star Center*, e fundou uma comunidade espiritual chamada "Freie Interessengemeinschaft für Grenz und Geisteswissenschaften und Ufologiestudien" (FIGU), ou seja, Livre Comunidade de Interesses para a Ciência Espiritual e de Fronteira e para os Estudos Ufológicos. Há muitos anos ela comercializa qualquer coisa ligada a Méier, desde fotos, vídeos e camisetas; e depois livros, manifestos, broches e vários *souvenirs*, reivindicando os direitos autorais (tanto é que a editora *Diffusione Nazionale*, de Milão, que em 1996 publicara algumas fotos de UFOS de Méier em um *Anuário Ufológico*, recebeu um pedido de reembolso).

Na Itália, existe apenas um volume de Méier que contém uma parte pequena sobre as comunicações pleidianas, *Mensagens das Plêiades* (o outro livro, *Contatos com as Plêiades* é um texto fotográfico assinado por Brit e Lee Elders; ambos foram editados pela Rizzoli. O escritor Gary Kinder publicou posteriormente *Anos Luz*). O outro volume de primeira mão, só recentemente traduzido do alemão para o inglês, *And yet... they fly!*, é obra do porta-voz de Méier, Guido Moosbrugger (que alguns afirmam ser o verdadeiro contatado e autor das mensagens). Os pontos fundamentais da crença aquariana são: o fato de que o homem teria sido criado pelos alienígenas; que acontecerá uma destruição final (em 18 de março de 1978,

Méier teria sido transportado para o futuro e teria visto a destruição de São Francisco, aniquilada por um terrível terremoto; pena que a imagem descrita seja idêntica a uma pintura que apareceu um ano antes na revista francesa *Geo*; logo depois fizeram a foto desaparecer) e até mesmo que, em fevereiro de 1995, os pleiadianos deixariam o nosso planeta, e mais especificamente, a sua base subterrânea na Suíça ativa desde o final de 1600, e retornariam ao seu mundo, deixando a Méier a tarefa de divulgar os seus ensinamentos. Tudo isso é recheado de informações científicas e astronômicas avançadas (por exemplo, Méier soube, com anos de antecipação, sobre o buraco na camada de ozônio; mas, na verdade, os cientistas americanos Nick Balaskas e Harold Shiff trataram disso em 1975 durante um curso de química atmosférica na York University, que teve grande destaque nos meios de comunicação).

A verdadeira força do caso Méier está, segundo os seus admiradores, nas fotos e filmagens, todas muito claras e nítidas. Na verdade, analisando bem, das muitas fotografias realizadas por Méier (em 1995 eram 1054), boa parte mostra o UFO desfocado e o fundo nítido, ou vice-versa, e isso é típico do uso de miniaturas colocadas a poucos metros da máquina fotográfica. Várias associações ufológicas têm contestado, durante esses anos, a autenticidade desse material: a americana Ground Saucer Watch, que analisou dez fotos, encontrou nelas traços de fios; o mesmo aconteceu em 1995, quando a British UFO Research Association examinou uma foto e encontrou o fio que mantinha a miniatura (a análise feita pelo computador foi publicada pela Philip Mantle na

revista inglesa *UFO Times*). As mesmas conclusões chegou o americano, ufólogo e cético, Kal Korff que, durante a sua visita ao *Semjase Silver Star Center*, comprou 186 das melhores fotos (pela bela quantia de quase um milhão e meio de libras) e as analisou no computador, encontrando diversos fios; céticos são os também ufólogos "crentes" Bruce Maccabee e Colman von Keviczky (que estimou em miniaturas de 60 centímetros os "discos" de Méier; o ufólogo espanhol Manuel Fernandez confirmou as medidas triangulando as distâncias dos UFOs com relação ao panorama que estava em volta).

Outras fotos foram realizadas com duplas exposições e fotomontagens. Existem, porém, vários filmes (pelo menos 12), um dos quais, ao mostrar um disco que seguia em linha reta, foi julgado "impossível de se falsificar". Ainda assim, nessa ocasião, vários ufólogos se disseram céticos. A começar pelo professor Corrado Malanga da Universidade de Pisa, o qual afirmou que os vídeos teriam sido falsificados com uma técnica de sobreimpressão computadorizada, usada para inserir sobre um fundo um UFO em movimento.

Segundo o cético Philip Klass, jornalista aeronáutico, Méier utilizaria algumas miniaturas penduradas por uma vara de pesca (isso explicaria porque os fios seriam invisíveis a olho nu e por que muitos UFOs voariam apenas com movimentos rotatórios); de qualquer modo, deveria ter necessitado de alguns cúmplices. De fato, alguns modelos de discos foram encontrados no armazém de um seu colaborador, Hans Jacob. Também foram encontrados negativos e fotografias de UFO parcialmente queimadas, que por não estarem bem

falsificadas, foram destruídas. Há pouco tempo, até a própria mulher de Méier, Popi, depois de uma briga, admitiu ao ufólogo suíço Martin Sorge que o marido falsificava. A fonte verdadeira de muitas fotos foi identificada: aquela que representa os dois pilotos pleiadianos Asket e Neera foi tirada de um episódio de *Dean Martin Show* de 1975; as duas esplêndidas extraterrestres não eram outras senão as duas ajudantes do programa; uma foto que mostra o encontro entre a Apollo 18 e a cápsula soviética Soyuz em 17 de julho de 1975, que Méier diz ter tornado imortal a bordo de um disco voador, foi tirada da televisão; diga-se o mesmo para as "suas" fotos de Vénus (na verdade, a fonte é a NASA); enfim, a imagem de uma estação alienígena foi realizada desfocando cuidadosamente o projeto de uma estação espacial terrestre, o Island One, apresentada no livro do físico Gerard O'Neill, *The High Frontier - Human Colonies in Space* (Morrow, 1977). Concluindo, nas três fotos tiradas, segundo ele, enquanto estava em órbita em torno da Terra e que mostravam muitos UFOs, os pesquisadores verificaram o reflexo de uma janela e de uma árvore. Foram tiradas, mais uma vez, de uma tela de TV.

Sobre os alienígenas Méier também forneceu visões contraditórias: primeiramente, Asket teria vindo de "DAL", um universo paralelo e igual ao nosso, depois de Erra (que ele teria visitado pessoalmente em 1975); então, depois que em 1995 vários cientistas confirmaram que as Plêiades são um conjunto de estrelas (composto por 254 estrelas, na Constelação de Touro) jovem e quente demais para poder ter planetas habitados, Méier disse que os seus alienígenas não

eram pleiadianos, mas plearianos, recordando o seu condutor Plejos. Abrindo um parênteses, o autor deste livro, junto ao astrônomo milanês Daniele Baretton, já tinha excluído a idéia de que nas Plêiades pudessem viver os E.T.s de Méier durante uma transmissão a uma rádio local de S. Giuliano Milanese, em 1994.

Nas histórias de Méier existem muitas outras contradições. Ao contrário do que afirma, ele não começou a se interessar por Ufologia nos anos 1960; já em 1964 foi preso e expulso da Índia por ter tentado vender falsas fotos de UFOs. A sua primeira foto "autêntica" UFO de (cinco luzes em formação) foi publicada em 1959 na revista alemã sobre contatos *UFO Nachrichten*, assinada por "Eduard Méier, do Grupo UFO-IFO de Uitikon, Suíça". Não é nem mesmo verdadeiro que seja ignorante em Ufologia: por anos comprou regularmente materiais sobre o assunto na livraria Schnarwiller de Wetzikon. Em 1974, com um anúncio na revista alemã *Esotera*, reuniu uma dezena de pessoas interessadas em metafísica, às quais revelou, um ano antes da *versão oficial*, ter estabelecido um contato físico com um grupo de alienígenas provenientes das Plêiades.

No decorrer dos anos, Méier também exibiu queimaduras no solo e quatro amostras de metal extraterrestre. Estes últimos foram, porém, examinados em março de 1978 pelo Laboratório Federal de Zurique, que os identificou como metais terrestres normais. A mesma conclusão chegou o doutor Walter Walker, um especialista em metalurgia da Universidade de Tucson, Arizona (mas para que, se blefava,

submeter os resíduos às análises? Méier manipulava ou era manipulado?).

A defesa de Méier levantaram-se diversos ufólogos: os americanos Wendelle Stevens, Gary Kinder, Brit e Lee Elders e Tom Welch, que formaram uma sociedade, a Genesis III Productions Limited, para se aproveitarem dos direitos das fotos de Méier (material agora reivindicado exclusivamente pelo FIGU, o qual, segundo disseram, era explorado por Stevens); os *newages* James Deardorff e Randolph Winters; o controverso analista fotográfico Jim Dilettoso; o jornalista alemão Michael Hesemann. A TV japonesa e a emissora de televisão alemã RTL também defenderam a autenticidade das imagens. Segundo a opinião dos seguidores de Méier, as poucas fotos falsificadas (são em torno de 30 as fotos 100% desmascaradas) teriam sido feitas pelos inimigos de Méier, não pelo contatado suíço, e foram divulgadas para desacreditá-lo. O que confirmaria que muitos UFOs os visitaram em Hinterschmidrütli.

Os nomes conhecidos dessas UFO-testemunhas, asseguram os cédeos, são na verdade apenas 14, muitos dos quais membros do FIGU (Hesemann, porém, encontrou 22); mas poderiam existir outros visitantes escondidos. Há quem sustente que o fenômeno das visões de UFO na zona de Hinterschmidrütli já existia antes da chegada de Billy Méier; um dos vizinhos do contatado suíço (a zona é composta por apenas sete casas) afirma que há anos vê os globos de luzes que sobrevoam o vale, e elaborou sobre isso uma teoria *orgânica* (os UFOs seriam na verdade energias paranormais) que não tem nada a ver com os pleadianos; outros estudiosos afirmam que as

misteriosas aparições são atribuídas à presença de uma, tão secreta quanto próxima, base de mísseis militares. Méier poderia, então, ter-se inserido em um contexto ufológico já iniciado, aproveitando-se da situação? E nesse caso, mente sabendo que está mentindo?

Não podendo perguntar-lhe diretamente (não apenas porque não nos responderia, mas também porque há muito tempo não dá mais entrevistas, com exceção daquela, bem paga, concedida ao jornalista televisivo mexicano Jaime Maussan), entrevistamos seu filho Matusalém. "As fotos são falsas", ele me contou, "foram criadas e veiculadas pelos inimigos de meu pai, como aquela representando a estação de O'Neill. Não era uma foto de meu pai. De qualquer modo, é verdade que existem três estações extraterrestres no espaço, mas não são dos pleiadianos e não estão mais ocupadas. Os pleiadianos não precisam de uma estação espacial com pista de aterrissagem. Isso é uma piada. Os seus discos podem ficar suspensos no ar sem pista... Também, no que se refere à foto de Asket e Neera, não é como conta Korff. Na época não existia a TV via satélite, não poderíamos de modo algum registrar o *Dean Martin Show*. Meu pai fotografou realmente duas alienígenas, mas quando entregou o rolinho para revelar, devolveram-lhe um forjado; a falsificação foi feita por um indivíduo manipulado de maneira negativa pelos Homens de Preto (um grupo secreto, que desacreditaria os testemunhos sobre UFOs). Infelizmente, apenas em 1998 nós percebemos que aquela foto tinha sido falsificada. Klass, então, diz sempre que usamos miniaturas penduradas por uma vara de pescar, mas meu pai é deficiente, não tem um braço, e estava sozinho

quando tirou as fotos. Como poderia fazer, como poderia manter na mão a máquina fotográfica e a vara? Quanto à minha mãe, não sei por que se comporta desse modo, dizendo que meu pai usou miniaturas. Sei que ela naquele período sofria de distúrbios psíquicos. Ela conhece a verdade: estávamos, ambos, presentes quando chegaram as astronaves. Eu também as vi, mesmo não tendo nunca visto os alienígenas. Ademais, eu não procuro um contato; acredito que seja muito mais importante o ensinamento. Quanto às fotos, desde 1982 os pleiadianos não se deixam mais fotografar, porque hoje com o computador é muito fácil criar fotos falsas. Eu mesmo, para provar, criei duas. Portanto, a foto não é mais uma evidência". "Os alienígenas", continua, "nos deram outras provas; há 20 anos, levaram, do museu de um outro planeta, uma pistola *laser*, com a qual meu pai furou uma árvore. A arma agia nas ondas cerebrais da pessoa, por isso só podia ser utilizada por elementos positivos e não por loucos ou agressivos. Em seguida, os alienígenas tomaram-na de volta. Seria um problema se caísse nas mãos de alguns governos. Quanto aos fragmentos de UFO, eles são realmente compostos por metais presentes também sobre a Terra, mas são fundidos com uma liga que a nossa tecnologia ainda não conhece. Existem também muitas queimaduras sobre o terreno, todas sem radioatividade; quanto aos discos, existem de diversos modelos, desde os de um centímetro àqueles de vários metros, cuja energia poderia fornecer luz por um ano a toda a cidade de Los Angeles. Encontramos também as impressões dos alienígenas: uma vez de um alienígena gigante, de três metros e meio de altura, chamado HaroHoro,

e outra vez as dos elfos". Apesar de todas essas afirmações não se sustentarem, Matusalém afirma que seu pai é uma pessoa excepcional: "Tem fortíssimos poderes telecinéticos. Uma vez, concentrando-se e usando a força da mente, afastou por um metro uma estufa de 350 quilos, que nem mesmo em quatro conseguíamos levantar; também dobra as colheres e as torna incandescentes. E por uma semana a queimadura fica em suas mãos. E é uma pessoa que incomoda. Sofreu 16 atentados, dispararam contra ele e lançaram facas para matá-lo".

Quando lhe perguntamos o significado dessas experiências (sobre as quais sou cético), Matusalém responde: "Os pleiadianos vêm para nos ajudar, para nos direcionar a uma vida mais aceitável, baseada em leis de amor, na meditação. Não estão aqui para salvar-nos dando ajuda física, por exemplo, contra o câncer ou a AIDS, mas espiritual. Sei que virão ainda para ajudar-nos..."

OS EXTRATERRESTRES DOS PELES-VERMELHAS

Méier foi imitado por um relativo baixo número de pessoas; evidentemente o seu contato "ateu" teve menor influência no público do que as histórias de "irmãos cósmicos" da memória bíblica. Entre os contatadores "pleiadianos", recordamos: a americana Lyssa Royai, que afirma "canalizar" três alienígenas de planetas diferentes: Germane, Bashar e Sasha, a pleidiana. A técnica da canalização é utilizada também por Barbara Hand Clow que, em *A Agenda Pleiadiana*, declara ter

recebido mensagens de Satya, "diretor de um grupo de pleiadianos e guardião dos arquivos sobre Alcyone, a estrela central das Plêiades". Diane Katavolos também contataria os pleiadianos (além de algumas "entidades negativas"), e Kanti "Moon-childpn" (o sobrenome é desconhecido) os veria em sonho; o italiano Valentino há anos receberia mensagens da bela Asket.

Mas, para além dessas histórias subjetivas, dizíamos que as Plêiades também são o lugar de proveniência preferido dos Sioux Lakota. Eles formam uma etnia muito interessante. Afirmam que o vale das Black Hills, as *colinas negras* entre o Wyoming e a Dakota do Sul, representam um círculo estelar; isso também foi declarado pelo *medicine-man* Stanley Cavalo-que-olha, pai do guardião do Cachimbo Sagrado original, afirmando que "tudo aquilo que está sobre a Terra está nas estrelas, e tudo aquilo que está nas estrelas está sobre a Terra".

Ao lado da área, nas extremidades da *Rapid City*, aponta uma montanha cortada conhecida como "a torre do diabo", imortalizada por Steven Spielberg no seu filme *Contatos Imediatos de Terceiro Grau*, onde não por acaso o cineasta judeu imaginou o desembarque dos alienígenas. As Black Hills refletem sobre a Terra diferentes constelações e estrelas, das Plêiades até o cinturão de Orion. Os Sioux sempre chamaram as Black Hills de "a planície do coração", dando a essa definição um particular significado místico e afetivo. O aspecto curioso é que quando o satélite Eros filmou e fotografou a zona, de uma distância de 700 milhas, descobriu-se que ela tem realmente o formato de um coração. Mas como

os Sioux poderiam saber disso é um grande mistério. Mas não é só. As crenças cosmogônicas dos Sioux deixaram de boca aberta os estudiosos reunidos para o Primeiro Congresso Internacional de Etnoastronomia, feito pelo Smithsonian Institution de Washington em setembro de 1983 (cujas atas foram inseridas no livro *Earth and Sky*, de Ray A. Williamson e Claire Farrer, impresso pela Universidade do México. Nas suas crenças é recorrente uma figura mitológica, às vezes apresentada de maneira alegórica, outras vezes literal, conhecida como *Wicahpi Jinhpayá* ou Estrela Cadente, notória em todas as populações Sioux, mas também junto aos Left Heron, como "o Messias" e citada pelo célebre xamã Alce Negro como "o Sábio" e "O sagrado UM".

Nos mitos dos nativos americanos *Chickashaw*, fala-se dos *Iyaga-nasha*, "pequenas e potentes criaturas, capazes de dar saltos incríveis e de se tornar invisíveis". Frequentemente os *Iyaganasha* são associados aos misteriosos desaparecimentos de seres humanos, que são levados para uma terra desconhecida, instruídos sobre ciências ocultas e então devolvidos à sua gente.

Mas seres extraterrestres aparecem também nas lendas dos peles-vermelhas *Chotaw*, que acreditam no *Nalusa Falaya*, um ser "que se assemelha de alguma forma a um homem, mas tem o rosto enrugado, os olhos muito pequenos e as orelhas um tanto quanto longas e pontiagudas; o nariz também é comprido. O *Nalusa Falaya* tem muitos filhos que quando são pequenos possuem um estranho poder. Durante a noite eles podem tirar as suas vísceras e, mais leves, os corpos tomam-se pequenos e luminosos e, às vezes, são vistos ao longo das

margens dos açudes". O *Nalusa Falaya* pertence ao tipo de criaturas que moram nas florestas, que os indígenas *Catawba* chamam "os Homens Pequenos". Esses, segundo as tradições orais recolhidas por George Lankford, se comportam exatamente como os *Greys*: "As vezes levam embora as crianças. Uma vez, levaram embora o meu irmãozinho", conta uma lenda indígena narrada em primeira pessoa, "e o fizeram sentar sobre o tronco de uma árvore em um açude. Chuparam-lhe o sangue do braço. Um parente meu atravessou as águas para ir buscá-lo e quando o pegou, o pequeno estava quase morto". A tradição dos Homens Pequenos é muito ouvida também entre os *Cherokees*, assim como vários xamãs afirmam ter visto alienígenas ou ter sido levados "aos céus" (mas essa, etnologicamente, é uma crença típica do xamanismo). O célebre "homem de medicina" Alce Negro (Black Elk) contou ao seu biógrafo John Neihardt desta maneira a sua "subida ao céu": "Sim, aqueles foram dias felizes; mas terminaram. Fomos a Manchester e ali fizemos um espetáculo durante várias luas. Quando o espetáculo estava para deixar Manchester, de manhã, muito cedo, três outros jovens e eu nos perdemos naquela cidade, e a carruagem de fogo foi-se embora sem nós. Não podíamos falar a língua dos *Wasichu* (homens brancos) e não sabíamos o que fazer, e assim continuamos a vagar pela cidade. Depois de um tempo, cruzamos com outros dois Lakota que também tinham se perdido, e um deles sabia falar inglês. Disse que se fôssemos a Londres, poderíamos ganhar dinheiro em um outro espetáculo que havia ali, e assim conseguiríamos voltar para casa. Estávamos todos loucos de vontade de voltar para casa.

Assim aquele que falava inglês comprou alguns bilhetes com o dinheiro que tínhamos e fomos para Londres de trem. O espetáculo se chamava *"Joe, o Mexicano"*. Era um espetáculo pequeno, mas nos davam um dólar por dia para trabalhar com eles. Depois de ter trabalhado por certo tempo em Londres, *"Joe, o Mexicano"* nos levou para Paris, e ali fizemos esse espetáculo por muito tempo. Havia uma garota *Wasichu* que vinha sempre ao espetáculo. Ela gostava de mim e me levou à sua casa para apresentar seu pai e sua mãe. Eles também gostaram de mim e foram bons comigo. Eu não sabia falar a língua deles. Fazia alguns sinais, e a garota aprendeu algumas palavras em Lakota. De Paris fomos para a Alemanha e da Alemanha, a um lugar onde a terra queimava. Havia um monte alto, que terminava em fôrnica de barraca, e lá em cima queimava. Ouvi dizer que há muito tempo atrás uma grande cidade e várias pessoas desapareceram da Terra, naquele lugar. Eu estava cada vez mais com vontade de voltar para casa, porque tinham se passado dois invernos, desde que eu partira. Não conseguia pensar em outra coisa, e no final isso me fez ficar muito doente, mas eu pensava que devia ficar com o espetáculo enquanto não conseguisse juntar o dinheiro suficiente para a viagem. *"Joe, o Mexicano"* levou-nos de volta a Paris, mas desta vez eu não poderia participar do espetáculo porque estava doente. A garota de quem falei me levou à sua casa com seu pai e sua mãe, e me fez ficar melhor. Então, uma manhã, voltei para casa, mas não por muito tempo.

Naquele dia, vestia algumas roupas de *Wasichu* [homem branco], sapatos e tudo. A única diferença era que os meus cabelos eram longos. Não estavam trançados, mas caíam sobre

os ombros. Eu me sentia bem e estávamos para tomar o café da manhã. Essa garota, minha amiga, estava sentada ao meu lado, e sua mãe, seu pai e as duas irmãs também estavam sentados em volta da mesa. Enquanto estava ali sentado, olhei para o teto e pareceu que se movia. Aparte de cima da casa começou a girar e, enquanto girava, ia subindo para o alto. Eu via que nós todos subíamos rapidamente com a casa inteira, que girava subindo. Depois uma nuvem desceu na nossa direção e, de repente, eu estava sobre a nuvem, enquanto as outras pessoas e a casa caíam para trás e se distanciavam de mim. Fiquei sobre essa nuvem, que se movia velozmente. Agarrava-me com força, porque tinha medo de cair. Lá embaixo, muito embaixo, conseguia ver as casas e as cidades, a terra verde e os rios, e tudo parecia plano. Depois me encontrei até mesmo sobre uma grande água. Não tinha mais medo, porque já entendia que estava voltando para casa. Estava escuro, e depois que a luz voltou, pude ver sob mim uma grande cidade e sabia que era o local onde tínhamos subido pela primeira vez na grande carruagem de fogo, e que me encontrava de novo no meu povoado. Agora estava muito feliz. A nuvem e eu continuamos viajando muito rapidamente, e via passar as cidades e os rios e as outras cidades e a terra verde. Depois comecei a reconhecer a região sobre a qual voava. Vi o rio Missouri. Depois vi de longe as Black Hills e o centro do mundo de onde os espíritos me levaram, na minha grande visão. Enfim me encontrei sobre Pine Ridge, e a nuvem parou. Olhei para baixo e não conseguia entender aquilo que via, porque parecia que quase todos os grupos do meu povo estavam reunidos lá em um

grande acampamento. Vi a tenda de meu pai e de minha mãe. Estavam ao lado da tenda, e minha mãe preparava a comida. Queria saltar da nuvem para ficar com eles, mas tinha medo de morrer ao cair. Enquanto eu estava ali olhando, minha mãe levantou os olhos e tenho certeza de que ela me viu. Mas justo naquele momento a nuvem começou a voltar para trás, muito veloz. Isso me entristecia muito, mas não podia saltar. Embaixo, via afastarem-se rapidamente os rios e a terra verde e a cidade. Pouco depois, a nuvem e eu estávamos de novo sobre a grandíssima cidade. Depois apenas água e noite sem estrelas; e eu, estando completamente sozinho em um mundo negro, chorava. Mas ao final comecei a ver um fio de luz muito longe. Depois, vi novamente abaixo de mim a terra e as cidades e a terra verde e as casas que pareciam voar para trás. Logo a nuvem parou em cima de uma grande cidade, e uma casa começou a subir na minha direção, e, subindo, girava e girava. Quando tocou a nuvem, pegou-me e começou a descer de novo, sempre girando, comigo dentro. Quando tocou a terra, ouvi a voz da garota, e depois outras vozes de pessoas assustadas. Finalmente, encontrei-me, deitado na cama, e a garota e seu pai e sua mãe e as duas irmãs e um médico me olhavam estranhamente, como se estivessem assustados. Aquele que falava inglês veio do espetáculo e me disse o que tinha acontecido. Enquanto estávamos sentados à mesa para o café da manhã, disseram que eu olhara para o alto, sorrisa, e depois caíra da cadeira como um morto. Ficara assim por três dias; somente de vez em quando respirava um pouco. Disseram que, com frequência, não se sentia o bater do meu coração. Estavam certos de que logo eu estaria mesmo morto,

e já pensavam em comprar-me um bonito caixão. Talvez se não tivesse voltado à vida naquele momento, estaria em um belo caixão; mas, como vão as coisas agora, acho que me restará um caixão qualquer. Não contei às pessoas onde tinha estado porque sabia que não acreditariam. Poucos dias depois, eles ouviram dizer que Pahuska chegara novamente à cidade. Então me levaram aonde ele fazia o seu espetáculo, e ele ficou feliz em me ver. Disse a toda sua gente para fazerem três hurras de saudação. Depois me perguntou se queria ficar no seu espetáculo, ou se queria voltar para casa. Disse-lhe que não via a hora de voltar para casa. Então, disse que pensaria sobre isso. Deu-me um bilhete e 90 dólares. Depois me ofereceu um grande almoço. Pahuska tinha um coração forte. Então veio um policial e me disse para pegar as minhas coisas. Levou-me para a estrada de terra, e na manhã seguinte tinha chegado à grande água e me fizeram subir em uma outra grande carruagem de fogo. Ficamos sobre a água oito dias. Parte desse tempo estive doente, mas não estava triste, porque voltava para casa. Quando a carruagem de fogo chegou de novo na grande cidade, no meu país, coloquei-me imediatamente em viagem pela estrada de ferro. Chegamos de manhã bem cedo a Rushville. Ali não havia um único Lakota, mas encontrei uma carroça coberta, puxada por mulas, que partia em direção a Pine Ridge, e assim, viajei nessa carroça. Quando cheguei a Pine Ridge, tudo estava exatamente como tinha visto da nuvem. Todos os Lakotas estavam ali reunidos, como os tinha visto, porque aquele era o ano do tratado (1889), quando os *Wasichu* compraram um outro pedaço da nossa terra: tudo o que estava compreendido entre o rio Terra

Fumosa (o Branco) e o rio Bom (o Cheyenne). Estivera ausente por quase três anos, e até aquele momento não tivera notícias dessa idiotice. A tenda de minha mãe estava exatamente onde a vira do alto da nuvem, e outras pessoas estavam acampadas no local em que as vira. Os meus pais estavam muito contentes e minha mãe começou a chorar de felicidade. Eu também chorei. Já era um homem feito, mas comecei a chorar...".

Terá sido após essa impressionante experiência que Alce Negro começou a acreditar em extraterrestres? Não sabemos, mas ele deixou uma "prece ao Grande Espírito", recuperada pelo ufólogo George Andrews, na qual o chefe indígena diz: "Exististes desde sempre e antes de vós havia o nada. Não há ninguém para se rezar além de vós. Os povos estelares dispersos no Universo são vossos, assim como vossos são os cabos das ervas que crescem sobre a Terra. Dia após dia, vós sois a vida de todas as coisas...".

Nasedo é o termo pele-vermelha para indicar os alienígenas. "Entre os indígenas *Hopi*, *Apaches* e *Cherokees* permanece a lembrança de antigos relatos sobre deuses vindos do céu que teriam trazido para eles as leis, as suas experiências, a sua ajuda e que, uma vez retornados para o céu, ficariam em *contato* com os ministros do culto das tribos", está escrito no site *I want to believe*. "Os indígenas *Hopi*, uma tribo do Novo México, representam com alguns ídolos o povo dos *Katchinas*, os mestres da estrela azul, divindade à qual estão ligados fenômenos naturais e místicos. Os *Hopi*, indígenas de origem maia, afirmam que os *Katchinas* são os seus civilizadores, os mestres vindos das estrelas em tempos anteriores para

presentear a civilização por meio de mensagens que são até hoje encontradas nos cantos e nas danças sagradas. Os *estrangeiros* desceram sobre a Terra, naquele que os peles-vermelhas chamam de *o tempo da criação*. A entidade que se manifestou aos pele-vermelhas como a representação dos *Katchinas* em vários momentos históricos, chamada *Mulher Bisonte Branco*, fez a sua primeira aparição em épocas remotas para instruir o povo escolhido por meio de um saber de tipo cósmico, que pode ser percebido pelos rituais clássicos das suas crenças e que formou o modelo de vida social e religioso desse povo. A utilização da roupa branca nas cerimônias deve-se justamente à tradição ligada à *Mulher Bisonte Branco*. Esse culto existe em todos os diversos ramos lingüísticos dos indígenas *Hopi: Taroan, Keresan, Zuni e Uto Aztecan*. Essa entidade teria prometido retornar antes da *mudança* que os *Hopi* esperam adorando uma pedra conhecida como *Pedra da Profecia*, na qual foram esculpidas, ao longo do tempo, as diversas épocas históricas e os acontecimentos futuros que interessariam à humanidade. Entre as profecias que teriam sido *lidas* nos símbolos das pedras: o tempo em que *o homem branco traria a destruição*, a Segunda Guerra Mundial, que estaria representada sobre a rocha com uma suástica nazista, além de uma catástrofe pior que no futuro levaria a uma mudança definitiva. Com base no que afirmam os *Hopi*, essa pedra foi trazida pessoalmente pelos *mestres das estrelas* para a sua tribo, pressupõe-se, portanto, um possível, real e antigo contato com uma civilização avançada com capacidade de prever acontecimentos futuros. A utilização das penas nos trajes indígenas também estaria

ligada a um culto de origem *estelar*. As tradições *Hopi* afirmam que esses costumes vinham das estrelas e foram iniciados com a raça dos *Akhu*, os *homens pássaros* portadores do fogo. Nos trajes usados na dança do fogo, os *Hopi* portam dois discos nas costas que, durante a cerimônia, rodam e saltam. A simbologia oficial *Hopi* associa-os ao fogo, mas Robert Morning Sky, chefe da tribo Lakota Sioux, afirma que eles representam alguma coisa diferente do fogo. Sinais do mesmo tipo se encontram em esculturas da área mexicana, deixadas pelas populações e que, certamente, devem ter tido uma mesma origem. Em Tiahuanaco e em Tula, as estátuas apresentam alguns discos nas costas que nenhum arqueólogo soube interpretar. A resposta para as tradições *Hopi* deve ser procurada no antigo contato que essas culturas tiveram no passado.

Os *Hopi*, conhecidos também como *Pueblo*, nome dado a eles pelos espanhóis durante a conquista do Novo Continente, celebram uma cerimônia chamada *Oku Shadei* ou festa da dança da tartaruga, existente também no ramo Sioux, uma das mais sagradas celebrações realizada a cada solstício de inverno.³ O canto que a acompanha fala de dois *Katchinas* vestidos de branco, que vieram para trazer ensinamentos a bordo de uma enorme tartaruga. Ela é considerada um animal sagrado justamente porque está ligada ao culto ancestral que diz respeito ao meio pelo qual os *Katchinas* se manifestaram aos indígenas. E dedutível a aproximação entre a enorme

3 N.E.: Sugerimos a leitura de *Celebrando os Solstícios*, de Richard Heinberg, Madras Editora.

tartaruga sagrada e um objeto voador, cuja descrição se encontra na linguagem de um povo que vivia em harmonia com a natureza. A adoração da tartaruga *Hopi* é também observada em outras culturas que apesar de diferentes, podem ter sido contatadas pelos mesmos seres evoluídos. Monumentos com representações desse animal são encontrados também no México, em Uxmal, onde a Casa da Tartaruga está decorada com representações pictóricas dela, e a Chichén Itzá, onde era considerado animal sagrado e, portanto, *totêmico*. *Itzamma*, o principal deus da cultura dos Itzá, no México, é representado em um baixo relevo que o mostra saindo do casco de uma tartaruga. Aqui também as duas culturas se completam mutuamente, fornecendo indícios claros sobre o chamado paleocontato.

Uma outra lenda presente nos vários ramos dos indígenas da América é a queda do *Pássaro do Trovão*. Esse mito também parece recordar a moderna fenomenologia UFO. Ela relata que, há muito tempo, dois caçadores seguindo o curso de um rio, durante uma caçada, chegaram ao lago situado em cima do monte. Tendo escurecido, prepararam-se para enfrentar a noite, cobrindo-se de folhagens para não sentirem frio. Mas, enquanto dormiam, um barulho atordoante, que parecia vir do lago, os acordou. Voltaram-se e viram abaixo do nível das águas um enorme pássaro que parecia subir para a superfície. Quando veio à tona, os dois caçadores observaram um raio sair do bico e um impetuoso trovão sacudir a terra enquanto ele parecia abrir as asas. Subia cada vez mais, gerando raios ao redor, seguidos por um urro, voltando depois, de repente, para submergir novamente. O rumor dos trovões e os raios

foram ouvidos durante um tempo, até quando restou apenas um borbulhar de águas na superfície. Apesar da colocação *naturalística* da história, parece ser bem evidente os indícios de que o *Pássaro do Trovão* pudesse ser algo tecnológico. A ele estão ligadas também algumas entidades, na verdade os *Chippewa* e os *Sioux* combinam a figura dessa divindade à de um deus, *Wakon* (de *Wako*, que significa sagrado). Estes desceram entre os homens na cabeça de uma infinidade de *Pássaros do Trovão*; em outras culturas é representado a bordo de uma tartaruga. Novamente, o círculo se fecha. O *Pássaro do Trovão* e a tartaruga sagrada poderiam ser a lembrança distorcida do mesmo objeto voador, com o qual desceram seres evoluídos, e são chamados conforme cada ramo lingüístico, *Katchina* ou *Wakon*. A mesma figura de *Wakon* é observada em outro lugar: os índios *Waikano* do Mato Grosso adoram o Deus *Wako*, vindo da terra que está além do horizonte, percorrendo o Rio Amazonas, com uma frota de canoas redondas como cascos de tartarugas; nas Antilhas, a tribo dos *Karibi* adora o Grande *Wako* que, vestido com um longo traje branco e dotado de poderes sobrenaturais, chegou a bordo de bacias voadoras.

Entre os indígenas *Navarros* também estão bem vivas histórias legendárias e cultos ancestrais relacionados a contatos com seres avançados e divinizados. Na Califórnia, o Death Valley, ou Vale da Morte, é chamado pelos *Navarros* *Tomesha*, a *Terra Flamejante*. Os *Navarros Paiute* contam que *Tomesha* é habitada no subsolo desde que a *Terra era jovem*. Os seus habitantes são os *Hav-Musuv*s que 'viajam a bordo de canoas voadoras, que se movem com um leve zumbido e

podem mergulhar no ar de cabeça para baixo, como apenas as águias sabem fazer. Os *Hav-Musuv*s vestem-se de brancos e possuem armas manuais na forma de tubos, capazes de atordoar, gerando uma sensação aguda, como uma chuva de espinhos de cactos'. Segundo os *Navarros*, eles ainda estão ali e as suas naves são aquelas que hoje nós chamamos UFO. Essa história foi contada em 1948 por OgaMake, um xamã navarro, e relatada na *Fate Magazine* em 1949. As correspondências com a fenomenologia UFO são notáveis. As canoas voadoras movem-se fazendo um zumbido, descrição que coincide com aquela fornecida por um grande número de testemunhas de visões de UFOs, as quais puderam ouvir um zumbido ou um tipo de vibração de alta frequência, talvez por causa do sistema de propulsão desses objetos. O movimento de mergulho no ar, que *apenas as águias sabem fazer*, poderia estar relacionado à sua capacidade de mover-se com manobras repentinas e improvisadas.

Nas lendas *Cherokees*, fala-se de contatos voluntários ou involuntários. A mais interessante fala de um grupo de caçadores que, acampados durante a noite nas montanhas, vê duas luzes no céu similares às estrelas. O fenômeno não se repetiu na noite seguinte, por isso, depois de ter discutido sobre o acontecimento, decidem ir, de manhã, ao lugar onde estas pareciam desaparecer. Depois de muito procurar, encontraram-se diante de duas estranhas criaturas, grandes e redondas, cobertas de pelagem ou plumas da qual saía uma cabeça semelhante a uma tartaruga. Quando o vento soprava, as plumas se agitavam e espirravam centelhas. Curiosos, conseguiram levá-las ao vilarejo e as mantiveram sob controle

por alguns dias e algumas noites. De dia, atingidas pelo vento, lançavam centelhas, enquanto de noite se iluminavam como estrelas. Depois de alguns dias, levantaram-se da terra como bolas de fogo e em um instante foram para o céu sob o olhar estarrecido da tribo'. Eis que retorna a tartaruga, abacia cósmica, o vôo, ao lado de outros elementos interessantes como a forma arredondada, a partida vertical, a luminosidade noturna e as centelhas. Talvez os dois corpos de animais possuísem uma energia que não era natural, mas fruto de um mecanismo tecnológico".

"Até aqui, são tradições. Mas, nos últimos anos, alguns nativos americanos começaram a demonstrar conhecimentos e eventos mais recentes em que foram protagonistas e que se ligam à história do seu povo. Robert Morning Sky no seu livro *The Terra Papers. The Hidden History of Planet Heart* (Os Documentos da Terra. A História Secreta do Planeta Terra), sugeriu uma interpretação da história do homem. Ele relata como seis jovens indígenas *Hopi*, em 13 de agosto de 1947, um mês depois do presumido acidente de Roswell, foram testemunhas do encontro de um UFO caído e de um alienígena que sobreviveu. Eles recuperaram o ser e o curaram, dando-lhe o nome de *Estrela Maior*, em homenagem ao seu planeta de origem. Em troca, o alienígena contou aos *Hopi* a verdadeira história do planeta Terra. O avô de Robert Morning Sky seria uma das seis jovens testemunhas do acontecimento e contou como a humanidade não teria nascido de modo natural, mas teria sido modificada geneticamente. Robert Morning Sky afirma que se hoje temos consciência e experiência, devemos isso justamente àquela

intervenção externa. Os conceitos aqui expressos ligam-se ao que foi afirmado por Zecharia Sitchin sobre o Gênesis sumério e os *Anunnaki*. Uma afinidade anterior entre os conhecimentos dos peles-vermelhas e as tradições sumérias, estudadas por Sitchin, é observada nas afirmações dos *Hopi* sobre um corpo celeste especial. *Kachina Na-ga-shou*, segundo o que contam os *Hopi*, deveria aparecer no final desse ciclo (os indígenas dividem a idade da Terra em ciclos: este seria o quinto); ela é uma estrela luminosa de aspecto azul e com *uma cruz sobre a face*: Nibiru, segundo Zitchin, o 12ª planeta do Sistema Solar, era representado pelos sumérios com o símbolo da cruz.

Morning Sky afirmou várias vezes que, apesar de o mundo ocidental considerar essas histórias como mitos e lendas, os indígenas, ao contrário, sempre tiveram tais entidades como seres vivos e seus mestres, e ele está convicto de que estejam estreitamente ligadas ao fenômeno que nós chamamos UFO. Naturalmente não foi encontrada uma prova concreta desses contatos, mas independentemente da efetiva conexão entre o fenômeno UFO e esses antigos mitos, os indígenas da América conservam, assim mesmo, um saber e uma cultura para serem redescobertos e para serem melhor considerados, como patrimônio de toda humanidade".

Dan Katchongva, chefe *Hopi*, também acreditava que "os outros planetas fossem habitados" e que as preces dos peles-vermelhas "fossem escutadas lá em cima".

O HOMEM LAGARTO DESCIDO DO CÉU

Hoje, muitos chefes peles-vermelhas participam como convidados fixos dos congressos ufológicos, como no caso do "The heart of the hearf" (o coração, como vêem, é recorrente) realizado em Trout Lake, Washington, de 21 a 24 de junho de 2002 pela Celestial Heart Conferences, com a presença de Wallace Black Elk, vidente Lakota descendente de Alce Negro, e do sioux Guy Red Owl-Oglala. Um dos mais famosos relatores é Robert Morning Sky, que está convencido, como muitos xamãs indígenas, de que os alienígenas estão entre nós (os Lakotas afirmam até mesmo, contou-me Marjorie Tomkins da associação cultural *Ina Wakan*, que recebem os ETs tranqüilamente para almoçar; eles seriam em tudo idênticos a nós; em uma ocasião, um disco voador teria aterrissado em um vilarejo sioux e dele teria descido um alienígena de aspecto humano; chegou a toda velocidade um carro policial, cujas lanternas e o motor, porém, se apagaram de repente, é provável que por meio da ação do UFO; o disco decolou depois, de repente, sob os olhares de diversas testemunhas). O ufólogo Derrel Sims, de origem indígena, apesar de se resguardar de tantos falsos peles-vermelhas que de repente se tornam chefes de tribo por lucro, lotando os congressos sobre UFOs, sustenta que um grande número de pessoas que teriam tido "contatos" é de origem genética irlandesa ou pele-vermelha.

Mas os ETs retornam também nos antigos relatos da tradição australiana, na qual aparece *Namumaurkunjurkunju*, definido pela imprensa como "um dos mais estranhos seres alienígenas, hoje considerado antepassado-lagarto, vindo do espaço para

difundir o conhecimento". Esse curioso ancestral tinha como séquito uma equipe de seres conhecidos como "*Numbakulla*". As tradições das populações autóctones australianas falam de seres muito diferentes do homem de hoje: tinham pálpebras caídas sobre os olhos, orelhas fechadas, membros colados ao corpo amorfo, já que eram seres unidos uns aos outros. A equipe celeste dos *Numbakulla* interveio geneticamente sobre esses seres "separando-os e dando-lhes a liberdade dos membros". *Namumaurkunjurkunju* cuidava do alto e, quando as operações terminaram, desceu à Terra e instruiu os seres sobre como poderiam se unir para procriar...

O alienígena divino, segundo as crenças xamânicas, continuaria até hoje observando do alto o desenrolar desse admirável experimento de alta engenharia genética. Ainda na Austrália, junto às tribos Aranda e Kaitish transmite-se de geração a geração uma história interessante: quando "o Tempo era um sonho", voou sobre a Terra um grupo de extraterrestres, conhecidos como *Ulla-Kupera*; esse povo alienígena "transformou muitas criaturas inacabadas em homens ou mulheres". Terminada a sua tarefa, os alienígenas voltaram aos caminhos celestes em busca de outras terras inexploradas. A verdade transformou-se em relato, e o relato em lenda.

Os portadores espaciais da civilização são recordados pelos indígenas australianos como *Wandjina* e estão representados em muitas pinturas rupestres antigas. Existe, por exemplo, em uma parede rochosa a pintura de uma figura com capacete aureolar e, ao lado, uma quantidade de zeros, dispostos em três linhas de 21, 24 e 17, que poderiam corresponder a

números. Outras figuras foram descobertas nas rochas de Alice Springs (seres com roupas espaciais), de Laura (um homem voador), de Ndahla Gorge (deuses com antenas), de Yarbiri Soak e de Nimingarra. Na Terra de Arnhem e em Moon City, a cidade dedicada à Lua, foram descobertas pinturas que nos fazem lembrar astronautas. Rex Gilroy, diretor do Museu de História Natural de Mount Victoria, afirma ter descoberto, nas montanhas azuis de New South Wales, uma série de desenhos primitivos que reproduzem estranhas figuras e insólitos objetos que hoje podem ser denominados astronaves, as quais evidentemente foram vistas pelos habitantes primitivos da Austrália. Quanto a Moon City, a "lenda" diz que ela foi destruída pelo carro de fogo do Deus do Sol. Curiosamente a zona está completamente erodida e seca. Efeito da natureza, dizem os arqueólogos, mas todo o resto em torno de Moon City não possui qualquer sinal de erosão.

A estudiosa Ivana Malpede, uma pesquisadora que passou dez anos na Oceania e que conduziu profundos estudos sobre essas culturas, em parte destruídas pelo contato com os "civilizadores" ocidentais, explicou-me que "muitas tradições foram ensinadas aos aborígenes pelos *Wandjina*, os deuses que representavam o Universo e que deixaram muitas histórias e tradições orais ligadas a estrelas específicas, como Beta e as Plêiades. Segundo as tradições locais, os *Wandjinas*, termo que significa *O Tudo*, viveram em um tempo chamado *dos pais* (isto é, dos Criadores), uma era em que alguns desses deuses, descritos como seres gigantescos e sem boca, com a cabeça rajada e os olhos negros, ensinaram as leis aos homens.

Em um período indeterminado da nossa história, os *Wandjina* sofreram uma transformação. Criaram o mundo por meio do canto. Eram provenientes do *tempo do sonho*, uma época na qual os deuses não tinham uma forma bem definida, mesmo sendo gigantescos". Eram similares em tudo aos *Greys*, como se pode ver pela representação presente em um vasinho *Karaki*, obra de um indígena *Womora* (zona do Kimberey), que reproduzi no meu livro anterior *UFO - Projeto Gênesis*. E também concorda a senhora Malpede: "Sim, é verdade. E não se pode excluir isso. Aquelas terras são repletas de aparições de UFOs. Existem representações de deuses muito estranhos, humanóides alongados, com braços muitos longos, que lembram o chefe dos alienígenas no filme *Contatos Imediatos de Terceiro Grau*".

A tradição oceânica também acredita ser plausível a existência de "serpentes criadoras". Os indígenas da ilha de Rossel acreditam em "uma ampla lagoa, em cujas profundezas ficava Tenewe, o país dos mortos. Ali morou durante muito tempo uma raça imortal, cujo chefe era Wonajõ, que de dia tinha a forma de serpente e de noite tomava o aspecto humano"; uma gênese muito similar àquela bíblica que se encontra junto aos *Hainuwele* de Borneo, convictos de que "o criador Mahatala", a serpente aquática (portanto, um anfíbio como os *Nommo Dogon*), teria gerado "a virgem Djata" (a criação neste caso é feminista; o homem veio em segundo lugar), tentada "pela extraordinária Arvore da Vida", cujos frutos não eram, porém, proibidos. O mito engloba também a luta entre os primeiros irmãos (três modelos dos habitantes do mundo superior, do gênero humano e de vários espíritos bons

e ruínas). Os Toba Batak de Sumatra central, cuja religião foi muito influenciada pelo Hinduísmo, acreditam que "no início o mundo do meio estava submerso pela água. Farei seres humanos, disse Mula-djadi". O "mundo do meio", ou segundo céu, é a Terra, colocada entre o mundo inferior, habitado pelos espíritos dos mortos e pelos demônios, e o céu, sede dos deuses celestes. Mas "Mula-djadi tirou do meio o Monte Tinggir-radja, que ligava a Terra com o céu, e transferiu a sua sede muito mais para cima, para que não sentisse mais nem mesmo o cheiro deste mundo".

Nessas narrações antigas se encontram com freqüência conhecimentos científicos impossíveis para a população da época. Os indígenas do Kajan, Bornéu central, afirmam que "os primeiros seres humanos se moviam arrastando-se pelo chão e somente depois, de geração a geração, aperfeiçoaram a sua forma, primeiramente colocando-se as pernas e aprendendo a caminhar ereto, depois completando o resto do corpo". Essa é uma descrição simples, mas realista, da evolução da espécie!

LUZABEL E OS TEXTOS PERDIDOS DOS CÁTAROS

As invisíveis e discretas presenças alienígenas (exceções feitas aos *Greys*, que surgem violentos e sarcásticos) provocaram, provavelmente, grande interesse na humanidade. E um dado real, segundo muitos ufólogos, que nos momentos cruciais da nossa história, houve sempre uma "intervenção do alto" que

acelerou a nossa subida na escala evolutiva; embora, para a psicologia junguiana, isso se explique pelo fato de que a mente humana, durante as épocas de crise, tenha tido a necessidade de encher o céu de "sinais" e de "deuses", alguns ufólogos acreditam que isso aconteceria não pelo fato de que os seres humanos (pelo menos, uma parte) teriam sido modificados pela facção alienígena dos "maus", mas graças àquela alma ou espírito vital (ou conjunto de sentimentos, seja lá o que for) recebido pelos "bons". Os cátaros tinham conhecimento disso depois de uma releitura mais atenta da Bíblia e, talvez, em virtude do conhecimento dos evangelhos apócrifos perdidos, que guardavam cuidadosa e secretamente uma "tradição" tanto ou mais articulada do que aquela católica. Tendo recuperado textos raros, que desvendavam o *corpus* das suas crenças, do pouco que escapou às fogueiras da Santa Inquisição, posso afirmar que eles acreditavam em Luzabel (a *Bela luz* de que falavam no catecismo, mas que não aparece em nenhuma parte da Bíblia). Este era considerado "um anjo apóstata" que presidira a criação do mundo. Identificado no diabo, teria criado o corpo dos homens, enquanto Deus lhes teria dado a alma, "daí resulta sempre uma dura luta entre o corpo e a alma" (da relação do abade cisterciense inglês Raul de Coggeshall, sobre os cátaros "publicanos" da Champagne francesa). Levantando a hipótese da existência de dois criadores, aqueles heréticos medievais escreviam nas anotações do Pai-Nosso: "Talvez se acreditasse que se deveria dizer *Pai Nosso que estais no céu* para distinguir o pai do diabo, que é mentiroso e pai dos malvados"; afirmavam também que Maria não teria realmente

gerado Jesus: "Maria apareceu em estado interessante como se estivesse grávida; depois o menino apareceu junto dela e ela pensou, assim que desaparecera a sua gravidez, que tinha gerado aquele menino, enquanto na realidade não o tinha nem levado no útero, nem lhe dado à luz".

Um cátaro arrependido, o herético curado Pierre Clergue de Montailhou (morto no cárcere da Inquisição), dizia que os seus ex-irmãos acreditavam que "Deus fez somente os espíritos e tudo o que não pode nem se corromper, nem se destruir, porque as obras de Deus são eternas; mas todos os corpos que podem ser vistos ou sentidos, como o céu e a Terra e tudo o que se possa encontrar, com exceção dos espíritos, foi o diabo, príncipe deste mundo, quem os fez, e já que ele os fez, tudo está exposto à corrupção, pois ele não pode criar uma obra estável e imutável". Em um texto cátaro anônimo, eles acusavam o "deus estrangeiro" de ter criado o mundo, e acreditavam que o ser humano se encontrava no cruzamento entre duas criações, que se interceptavam nele: Eis o deus estrangeiro, eis a nossa terra, e eis aquela que não é nossa. Aquela de que fala o Senhor no mesmo texto: "assim cuidarei do meu rebanho; assim o buscarei em todos os lugares onde esteve disperso em um dia de nevoeiro e escuridão" (Ezequiel 34:12). Belibasto, cátaro ocitano do século IV, pregava a queda dos anjos com estas palavras: "E os espíritos, levados pelo desejo daquela mulher, seguiram-na e a Satanás [fora do reino do Pai]. E foram tão numerosos aqueles que os seguiram que, por nove dias e nove noites, os espíritos não cessaram de cair no buraco pelo qual Satanás saíra com a mulher, e caíram

por mais tempo e em maior número do que a chuva que cai sobre a terra".

Os relatórios da Inquisição de Jacques Fournier levam-nos a conhecer os ensinamentos de Pierre Clergue, o pároco de Montaillou, assim como foi narrado pela sua amante Beatrice de Plainissoles, a qual ele impressionou e influenciou notavelmente: "Ele também me disse que Deus fizera todos os espíritos no céu. Aqueles espíritos pecaram o pecado do orgulho, querendo tornar-se iguais a Deus, e por causa de tal pecado caíram do céuno ar e sobre a Terra. Eles habitam e penetram nos corpos que encontram, indiferentemente, onde podem, tanto nos corpos de horríveis animais como nos corpos humanos. E os espíritos que estão nos corpos de bestas são dotados da mesma razão e do mesmo conhecimento daqueles que se encontram em corpos humanos, exceto pelo fato de que não podem falar dentro daqueles corpos de animais. E a razão pela qual os espíritos que se encontram no corpo dos brutos são dotados de raciocínio e de conhecimento depende, dizia, do fato de que eles fogem do que pode prejudicá-los e procuram o que pode favorecê-los. Por esse motivo é um pecado matar um animal qualquer ou um homem, porque tanto um quanto o outro tem um espírito dotado de razão e de conhecimento".

Os cátaros também pregavam a existência de outros mundos (celestes), como aparece em um manuscrito que demonstra as suas idéias, de Durand de Huesca, sobre a dupla criação: [Dizem] Nós acreditamos que lá seja o reino sobre o qual Cristo disse: "A minha realeza não é deste mundo (Jo 18:36). Acreditamos que exista um céu novo e uma terra nova, dos

quais o Senhor fala. Pedro também disse na sua epístola: "de acordo com sua promessa, nós esperamos *novos céus e uma nova terra*, nos quais habitará a justiça" (2 Pedro 3:13). João, no Apocalipse: "Vi, então, um céu novo e uma nova terra" (Ap 21:1). E ainda, segundo um texto reunido pela estudiosa francesa Anne Brenon: "E o Cristo [disse]: "aproxima-se o príncipe deste mundo" (Jo 14:30). E acrescenta: "o meu reino não é deste mundo" (Jo 18:36). Em outra passagem: "Não prego na verdade para este mundo"⁴ (Jo 17:1). Ainda em um outro ponto: "Pai justo (...) o mundo não te conheceu" (Jo 17:25). Fala, além disso, dos seus apóstolos: "Eles não são do mundo, como eu não sou do mundo" (Jo 17:16). E mais: "Se fôsseis do mundo, o mundo amaria o que lhe pertence" (Jo 15:19). E em outro momento: "Eis que o mundo não pode conhecer-nos: ele não descobriu a Deus" (1 Jo 3). Brenon comenta: "Esta interpretação da Palavra de Cristo não é substancialmente contrastante com aquela da doutrina romana nem é tão divergente dela. Limita-se a privilegiar um aspecto do ensinamento evangélico, mas é obvio que sob a lógica de uma leitura dualista".

Um aspecto curioso dos cátaros é que tinham como símbolo o *Sol dos Alpes*, uma flor com seis pétalas dispostas em raios, que está representada em algumas medalhas de chumbo encontradas junto à fortaleza de Montségur e datadas como sendo da primeira metade do século XIII. Sabemos que eles usavam motivos ornamentais gálico-romanos e merovíngios, dando-lhes, no entanto, novos significados místicos, de difícil

interpretação. Mas o aspecto mais extraordinário é que o *Sol dos Alpes*, que os italianos conhecem hoje apenas porque foi adotado como símbolo da Liga Norte, foi durante séculos a marca dos alienígenas!

Nos relatórios da Inquisição protestante, encontrei referências a um suposto "diabo" que aparecia em Orleans em 1614; era perfeitamente humano e dizia chamar-se Orthon, como um dos extraterrestres que se teriam manifestado ao contatador americano George Adamski em 1950. No século XVII é trocado pelo demônio, já que, mesmo sendo humano em todos os aspectos (como os ETs definidos "nórdicos"), descia de uma nuvem negra e presidia os sabás que aconteciam junto aos antigos sítios megalíticos (os mesmos onde hoje, na Grã-Bretanha, aparecem os "círculos nas plantações" ou *crop circles*); era acompanhado, em geral, por um "demônio" baixo e macrocéfalo, com o rosto oval e olhos amendoados, idêntico a um moderno *Grey*, muito temido porque seqüestrava as "bruxas" levando-as ao céu ou marcando-lhes sobre a pele, como fazem hoje os abdutores UFO. Essa segunda criatura era representada também nas antigas máscaras de madeira da Sardenha, tendo sobre a testa um emblema formado de uma flor dentro de um círculo, idêntica a um *crop* que apareceu na Grã-Bretanha no século XX. Tal "sinal" era o *Sol dos Alpes*! Ele aparece representado também em muitas rosáceas de igrejas da região das Marche; em uma delas estão desenhados dois UFOs luminosos, perfeitamente simétricos, um em cada lado do "símbolo"; tais luzes apareceram sobre o Monte Mênaco entre maio e setembro de 1420. Os especialistas em Astronomia não souberam explicar o fenômeno, e pensaram

em alguma conjunção planetária, explicação que recebeu um valor sagrado, mas não se pode esquecer o fato de que, há anos, na região, aquela dos montes Sibilinos, se avistam estranhas luzes no céu (que poderiam ter uma razão natural, como as "luzes de Hessdalen" na Noruega, provocadas, provavelmente, pelos fenômenos piezelétricos). O pesquisador alemão Detlef Kraak recuperou, porém, várias pinturas antigas que naquele lugar representam criaturas "anômalas" de passagem sobre as montanhas. Com base nessas informações podemos, sem dúvida alguma, estabelecer que, independentemente do significado que nós, terrestres, demos à questão, o *Sol dos Alpes* era a marca dos alienígenas; o aspecto intrigante é a constatação de que os cátaros antecipam os modernos ufólogos, pois, de alguma maneira, eles sabiam disso.

NOS CROMOSSOMOS A MARCA DO ET

Mas quando se fala de alienígenas, não se deve pensar somente nas visões de entidades estranhas, cuja lembrança deformada gerou cultos e mitos; os "anjos da face" não teriam trazido apenas conhecimentos espirituais e tecnológicos para levar ao progresso, ainda que pouco, a bárbara raça humana; a Bíblia nos ensina que os primeiros patriarcas pré-diluvianos, que tinham um contato muito próximo com "Deus", podiam viver por períodos de tempo hoje impensáveis. Trata-se, provavelmente, de lendas, ou de erros por causa de uma contagem diferente do tempo; mas não podemos realmente

excluir que no passado tenham existido manipulações genéticas para tentar prolongar a duração da vida humana, em um período cujas condições ambientais eram tão adversas, a ponto de os terrestres correrem o risco de extinção. Um indício a favor dessa hipótese surgiu graças aos *cohen*, os sacerdotes indicados no *Êxodo* por Yahweh como guardiões das Tábuas da Lei de Moisés. Eles gozavam de uma condição privilegiada (eram membros da tribo de Levi, e sobre os seus hábitos está, até mesmo, reservado um dos cinco livros do Antigo Testamento, o *Levítico*); tal privilégio foi várias vezes identificado linguisticamente por meio do uso de "Cohen" como sobrenome (modificado posteriormente para Kabn, Kahane, Kuhn) ou como adjetivo: *Tali-Há-Cohen*, o *sacerdote*; foi esse aspecto da natureza patriarcal da tradição hebraica dos Cohen que provocou a curiosidade de um grupo de pesquisadores de Israel, Inglaterra, Canadá e Estados Unidos. Concentrando-se sobre o cromossomo masculino "Y", passado de pai para filho, examinaram centenas de "Cohen" de diferentes países e descobriram que no total havia dois únicos "marcadores" no cromossomo. Esse demonstrou ser o caso, tanto dos hebreus Ashkenazi (leste europeu) como dos hebreus Sephardi (médio orientais e africanos), que se ramificaram depois da destruição do Templo de Jerusalém em 70 d.C.; indicando o quanto eram antigos os marcadores genéticos. "A explicação mais simples e direta é que esses homens possuem o cromossomo Y de Arão", afirmou o dr. Karl Skorecki do Instituto israelense de tecnologia de Haifa. Por outro lado, os hebreus não são iniciantes na busca "de marcas" realizadas mais ou menos secretamente: desde o

estudo da Torá, por meio dos códigos (é o caso do *Código da Bíblia*, de Michael Drosdin, inspirado nos estudos cabalísticos de Moshé Katz, da Universidade de Haifa, que com o computador retirou da Bíblia uma letra a cada 49, encontrando palavras secretas e profecias), até a construção de computadores biológicos pequeníssimos, criado pelo Instituto de Ciências Weizmann, do tamanho de uma gota d'água, composto por um trilhão de células vivas e com capacidade para calcular um bilhão de operações por segundo. Para funcionar, esse nanocomputador precisa de pouquíssima energia, com vantagens imensas para a economia energética. A equipe de estudiosos, orientada por Ehud Shapiro, não o define como um "computador", porque é necessário ainda muito tempo para a conclusão do projeto.

O objetivo é obter um computador totalmente biológico, muito mais veloz do que qualquer computador que se possa realizar atualmente.

Mas o estudo sobre o cromossomo é a pesquisa mais fascinante conduzida pelos cientistas, "alquimistas" do planeta. Sabemos que quando o Antigo Testamento emprega a palavra *yôm* junto a um número (150 vezes), refere-se invariavelmente a um dia literal de 24 horas. A única exceção, no âmbito dos números que vão de 1 a 1000, encontra-se em um texto escato-lógico, profético (Zacarias 14:7), no qual a expressão hebraica *Yôm 'echad*, que foi traduzida de diferentes maneiras, como: "será um dia único" (*New American Standard Bible*); "e haverá um dia contínuo" (*New Revised Standard Versión*); "será um dia contínuo", ou então, "e o dia será único" (R.L. Smith, Micah-Malachi, *Waco*,

'1984, p. 277). O "dia contínuo" do futuro escatológico será um dia em que será mudado o ritmo normal da noite e da manhã, tanto que no dia escatológico haverá "luz também de noite". Os estudiosos reconhecem que essa expressão é muito específica na língua hebraica e dificilmente pode ser utilizada para mudar o uso simples que encontramos em Gênesis 1. A interpretação, portanto, da duração média da vida dos patriarcas pré-diluvianos deve, então, ser tomada literalmente! E os patriarcas bíblicos possuíam a vantagem de uma longevidade impressionante. Com o dilúvio, contam-nos os textos sagrados, a imortalidade se perdeu, mas quem sabe, outra vez, o homem, que quer ser Deus, conseguirá realizar uma variação desse enésimo dom (ou maldição) dos deuses. Em 17 de janeiro de 2002, a imprensa relatava esta curiosa notícia: "Se lhes interessa se tornar imortal, a NASA está trabalhando para vocês. A única coisa que pede em troca é um pouco de confiança nas nanotecnologias. O caminho para chegar à técnica da vida eterna pode parecer tortuoso, mas já há quem o está percorrendo. Cinco estudiosos, James Leary, Stephen Lloyd e Massoud Motamedi, da University of Texas; Nicholas Kotov, da Oklahoma State University; e Yuri Lvov, da Louisiana Tech University, estão conduzindo uma pesquisa financiada pelo órgão espacial americano, com a finalidade de aplicar nos astronautas a nanocirurgia. O objetivo deles é construir minúsculas navezinhas capazes de navegar dentro do corpo humano e de reparar as células prejudicadas. Certamente, já vimos uma história do gênero no filme *Viagem Insólita*, mas, desta vez, se fala seriamente. Os astronautas, segundo o site da NASA na Internet, têm um

grande problema com as radiações. Todas as vezes que deixam a Terra, perdem a proteção do campo magnético que envolve o planeta. Naturalmente, estão protegidos por materiais e macacões especiais, mas estas estratégias não bastam. Algumas partículas movidas pela radiação penetram, assim mesmo, as telas e furam as células como se fossem pequenos projéteis. O resultado, em muitos casos, é o desenvolvimento de graves doenças, como o câncer. Para resolver esse problema, a NASA pensou na nanocirurgia. Esse setor da pesquisa médica tem a ambição de criar minúsculas partículas, capazes de se moverem pelo corpo humano para identificar as células doentes e curá-las ou destruí-las. As partículas possuem dimensões de algumas centenas de nanômetros, isto é, muito menores do que uma bactéria, pois um nanômetro é a milionésima parte de um milímetro. Elas carregam em seu interior as substâncias necessárias para reparar o DNA de uma célula, como algumas enzimas, e as liberam somente depois de terem penetrado na membrana. Os médicos podem injetar milhões delas no sistema circulatório, lançando-as contra o seu objetivo específico. Todas as células, na verdade, emitem sinais, e, quando são prejudicadas pelas radiações, produzem uma proteína chamada CD-95. Dessa forma, informam que estão feridas. As nanopartículas têm a capacidade de decifrar a mensagem e penetrar a membrana para liberar a substância necessária para curá-las. Mas o que isso tem a ver com a imortalidade? Em primeiro lugar, uma terapia desse tipo consentiria a cura com eficácia de doenças gravíssimas, como o câncer, sem os efeitos destrutivos da quimioterapia ou da cirurgia. Seria já um

grande passo adiante, mas não é tudo. Para entender melhor, basta pegar nas mãos o livro *The First Immortal*, escrito por James Halperin em 1999. Conta a história de Ben Smith, um ancião que sofre um terrível ataque do coração. Estamos em 1988, e Ben não quer morrer. Portanto se entrega a uma nova prática chamada criogenia: congela o seu corpo, na esperança de que a ciência desenvolva técnicas para ressuscitá-lo e curá-lo. Em 2072, por ocasião do seu 147º aniversário, Smith é reanimado por uma bisneta que usa os prodígios da nanotecnologia. Ficção científica? Certamente não. Na América, os centros de criogenia já existem, e do resto a NASA está cuidando...

OPERAÇÃO TORRE DE BABEL

Normalmente, diz-se que o bíblico Pentateuco (do grego *pentà* e *teukhos*, cinco custódios) foi escrito por Moisés, relatando aquilo que o próprio Deus lhe teria dito, mas no texto não há confirmação alguma disso. Pelo contrário, em um dos cinco livros que o compõe, o Deuteronômio (34:5-6), estão descritos a morte e o funeral do patriarca (a descrição termina com as palavras: "Até hoje a ninguém foi dado conhecer o lugar de sua sepultura"). A partir desse momento, fica claro que os cinco livros não foram de fato escritos por ele, mas lhe foram atribuídos, na verdade, vários escritos de épocas diferentes, que depois foram reunidos em um só.

Isso não significa que Moisés não tenha existido. Aliás, em 5 de janeiro de 2002, o noticiário telemático *Inwind News 2000*

relatava esta clamorosa notícia oficial: "Descoberto oásis do êxodo de Moisés. Importante descoberta, em Israel, de uma missão científica italiana. Durante as escavações arqueológicas na parte meridional do país, entre a península do Sinai e Jordânia, foram encontrados restos de um acampamento utilizado há quatro mil anos. A missão foi guiada pelo professor Emmanuel Anati, docente de Paleontologia da Universidade de Lecce e diretor do Centro Camuno de estudos pré-históricos de Brescia. A equipe afirma que os vestígios pertencem ao antigo oásis de *Tabeerá*, do deserto de Neguev, citado no livro bíblico Números a respeito do milagre das codornizes, que permitiram matar a fome dos hebreus durante a fuga. Atualmente, a área é conhecida como oásis de Beer Ada e se distancia cerca de 50 quilômetros da montanha sagrada de Har Karkom, que, segundo Anati, corresponderia ao *verdadeiro* Monte Sinai citado nas Escrituras Sagradas".

Colocado, então, que o Pentateuco tem uma base histórica confirmada pela Arqueologia, devemos, portanto, aceitar como reais os episódios que ele nos relata, como, por exemplo, a narrativa da torre de Babel, graças à qual se perdeu a semi-imortalidade terrestre; trata-se de uma história muito conhecida no Oriente Médio antigo, e não apenas no campo das fábulas: o historiador Harpocritione de Alexandria, durante uma viagem à Babilônia (*Bab-Ilu*, porta dos deuses), onde a torre surgiu, comentou em 335 a.C. o que lhe fora narrado por um velho sábio siriano: "A torre foi construída pelos gigantes que queriam escalar o céu. Por esse estúpido sacrilégio alguns foram atingidos por raios, outros, conforme

a ordem de Deus, não se reconheceram mais entre si". Isso é um resumo da história que também é baseado na Bíblia, a qual aponta o suposto rei Nimrod como o construtor da torre (provavelmente uma zigurate babilônica) que permitiria aos homens alcançar o céu (como mencionava também o mito babilônico, no qual a torre é chamada de *Etemenanki*, "o lugar onde a terra se une ao céu").

Assim, em Gênesis 11:5: "O Senhor desceu para ver a cidade e a torre que os filhos de Adão construía. 'Ah, disse o Senhor, todos eles são um povo só e uma língua só, e é esta a sua primeira obra! Agora, nada do que projetarem fazer lhes será inacessível! Vamos, desçamos e confundamos a língua deles, que não se entendam mais entre si!'" Mas o episódio está presente também na Mitologia Grega⁵ e em Núbia (Sudão); sobre o cume da torre, onde se encontrava o *Shahuru* ou Quarto de Deus, era normal o deus Marduk aterrisar com o seu carro voador, relata-nos o historiador grego Heródoto, explicitando que, "muito freqüentemente, o deus descia no templo e dormia na cama, depois de, a cada vez, ter escolhido a mais bela juvenzinha do povoado"; as *Pirqè Avot*, as

5 N.E.: Sugerimos a leitura de *Mitos Gregos*, de Robert Graves, e de *Mitologia Greco-Romana*, de Márcio Pugliesi, ambos da Madras Editora.

Segundo a Bíblia, ninguém sobre a Terra estará livre do castigo de Deus, nem mesmo "o exército do alto" (Isaías 24:21); Dionígi Areopagita, discípulo de São Paulo e máxima autoridade em matéria de angeologia cristã, baseando-se em *Daniel* 7:10 e em *Apocalipse* 5:11 e 9:16, escrevia na *Hierarquia Celeste* que os anjos são "mil milhares" e "dez mil miríades".

Contrariamente, São Tomás afirmava que o número deles era incalculável. Mas é no *Livro dos Jubileus* que encontramos a mais precisa descrição dos contatos do povo hebraico com as *cortes celestes*. Trata-se de um texto apócrifo que a tradição diz ter sido ditado pelo *Anjo da Face* (o mesmo que lutou com Jacó) a Moisés; nele vêm minuciosamente descritos a queda dos anjos rebeldes, a criação da humanidade e o dilúvio universal. O texto, em língua etíope e subdividido por "jubileus" (eras históricas), imediatamente deixa transparecer a existência de mais hierarquias criadoras da humanidade; dele existe até mesmo uma cópia, o *Pseudo Jubileus*, o qual se refere.

tradições hebraicas, contam-nos que o gigante Nimrod, que pertencia à raça gerada pelos Elohim com as filhas da Terra e que evidentemente tinha escapado do dilúvio, empregou aproximadamente 600 mil homens para aquela façanha que "outra coisa não era senão um ato de rebelião contra Deus. Os construtores diziam: "Subamos até o céu e guerreemos contra Ele, levantemos os nossos ídolos, levemos à destruição com os nossos arcos e as nossas lanças..." Assim, obstinando-se sempre mais na sua ilusão, exclamaram: "Matemos todos os habitantes dos céus. Deus voltou-se, então, para os 70 anjos que circundam o Seu trono e disse: Venham, desçamos e justamente ali confundamos a sua língua, para que um não entenda a língua do outro... A impiedosa geração da torre foi imposto um castigo relativamente brando: enquanto aquela do dilúvio fora completamente exterminada pela sua avidez, esta foi poupada apesar de suas blasfêmias e de todas as outras ofensas para com Deus...". Segundo Sitchin, a torre encontrava-se em Shine'ar (o nome bíblico de Sumer). "Ali, os seguidores do deus da Babilônia começaram a construir *uma torre, cujo cume poderia alcançar os céus*. Construamos para nós um *Shem*, disseram; não *construamos para nós um nome*, como é erroneamente traduzido; e o significado original da palavra suméria indica um objeto similar a um míssil..." (para os hebreus, o termo *Shem* indicava "o inefável nome de Deus", graças ao qual o rei Salomão conseguia "levantar no ar" coisas e pessoas; o sentido do termo, portanto, continua o mesmo).

Relido sob esse ponto de vista, o episódio assume um significado muito mais lógico do que o banal ciúme de um

Deus que temia que os homens pudessem alcançá-lo no Paraíso! Está, portanto, relacionado com a enésima crônica da luta entre as facções alienígenas, entre "Nephilim" e os "anjos da face", para o controle do céu e da Terra, isso explicaria também a grande atenção dada a esse combate pelos escritores apocalípticos, cujos textos foram, porém, completamente mudados para veicular a idéia de uma "batalha final" entre o bem e o mal pela posse de nossas almas (e em um certo sentido, a luta entre *Greys* e Nórdicos pelo "direito" de fazer experiências com seres humanos - que surgiu dos relatos de raptos feitos pelos UFOs - parece ser a versão tecnológica deste "mito"). Os "anjos bons" estavam presentes de maneira mais decisiva nos antigos apocalipses. Referindo-se ao Apocalipse 8: 3-4, no diário *Folha nº 305r*, cuidadosamente guardado (mas reproduzido também na Internet), pela Universidade de Aberdeen, com o título "*Observa angelum meum*", observa o meu anjo, referia-se claramente ao "*Contemplator faciei*", o contemplador da face, presente no momento do combate final.

O LIVRO DOS JUBILEUS

Segundo a Bíblia, ninguém sobre a Terra estará livre do castigo de Deus, nem mesmo "o exército do alto" (Isaías 24:21); Dionigi Areopagita, discípulo de São Paulo e máxima autoridade em matéria de angeologia cristã, baseando-se em Danielo 7:10 e em Apocalipse 5:11 e 9:16 escrevia na

Hierarquia Celeste que os anjos são “mil milhares” e “dez mil miríades”.

Contrariamente, São Tomás afirmava que o número deles era incalculável. Mas é no Livro dos Jubileus que encontramos a mais precisa descrição dos contatos do povo hebraico com as cortes celestes. Trata-se de um texto apócrifo que a tradição diz ter sido ditado pelo Amjo da Face (o mesmo que lutou com Jacó) a Moisés; nele vêm minuciosamente descritos a queda dos anjos rebeldes, a criação da humanidade e o dilúvio universal. O texto, em língua etíope e subdividido por “jubileus” (eras históricas), imediatamente deixa transparecer a existência de mais hierarquias criadoras da humanidade; dele existe até mesmo uma cópia, o Pseudo Jubileus, o qual se refere claramente aos movimentos astronômicos como “conhecimento científico das esferas celestes e dos seus movimentos”. “Instruímos Enoch por seis jubileus de anos. E ele escreveu tudo o que viu, os céus, todas as vias dos corpos celestes e todos os montes, nos quais o Justo não errou”.

Do primeiro, retirei para os leitores as seqüências mais interessantes: “[1] E aconteceu no primeiro ano da saída dos filhos de Israel do Egito, o dia do terceiro mês: o Senhor falou a Moisés e lhe disse: Suba até mim, aqui sobre o monte, para que eu te dê as duas tábuas de pedra: a lei e os mandamentos que eu escrevi para que possas ensiná-los. [2] Moisés subiu ao monte do Senhor e a glória do Senhor estava sobre o Monte Sinai, e a nuvem o envolveu por seis dias. [3] E o Senhor, no sétimo dia, chamou Moisés dentre as nuvens, e (Moisés) viu a glória do Senhor como um fogo ardente sobre o cume da montanha. [4] Esteve naquele lugar, sobre o monte, 40 dias e

40 noites e o Senhor lhe mostrou as coisas passadas e futuras, as coisas da subdivisão do tempo, seja segundo a lei, seja com testemunhos (dos acontecimentos), [5] e lhe disse: Lembre-se de tudo aquilo que eu te digo neste monte e escreva no livro para que as suas gerações vejam de que modo eu os abandonei por causa do mal que fizeram induzindo a pecar e a abandonar o pacto, que hoje eu instituo entre você e mim, para a sua descendência, sobre o Monte Sinai...". Mas Yahweh profetiza também sobre a corrupção do povo eleito. E o texto nos diz: "[19] E Moisés caiu de joelhos, rezou e disse: Meu Senhor Deus, não permita que o Teu povo, a Tua hereditariedade, caia no erro do próprio coração e não o entregue pessoalmente ao seu inimigo, aos Gentios, e que (estes últimos) não o tenham em seu domínio e não o façam pecar contra Ti... [22] E o Senhor disse a Moisés: Eu conheço as suas disputas, o pensamento deles e a sua teimosia, e eles, enquanto não perceberem os seus pecados e os pecados de seus pais, não escutarão. [23] Depois, retornarão a mim com toda a retidão, com todo o coração e a alma e eu cortarei o prepúcio dos seus corações e da sua estirpe e criarei, para eles, um espírito santo e os purificarei para que, a partir daquele dia até a eternidade, não se afastem de mim. [24] E a sua alma me seguirá em todos os meus mandamentos e os meus mandamentos retornarão para eles e eu serei, para eles, o Pai e eles serão, para mim, filhos. [25] E todos serão chamados "filhos do Deus vivo" e *todos os anjos* saberão disso e saberão que eles são meus filhos e que os amarei e que sou, em retidão e justiça, o seu pai. [26] E tu, escreve para ti tudo isso que eu hoje te digo sobre este monte: as coisas antigas, as que virão

em toda a subdivisão do tempo, a qual está na lei e o testemunho, nos setênios dos jubileus, até a eternidade, quando eu descerei e morarei entre eles, nos séculos dos séculos". [27] E disse ao *angelus faciei*: Escreva para Moisés, da primeira criação até quando será construído entre eles, o meu santuário, para a eternidade [28] e (até o dia em que) o Senhor aparecerá aos olhos de todos e todos saberão que sou o Deus de Israel, o Pai de todos os filhos de Jacó e o rei do Monte Sião, nos séculos. E Sião será santa, e (também) Jerusalém. [29] E o *angelus faciei*, que ia à frente das fileiras de Israel, tomadas as tábuas da subdivisão dos anos desde os tempos da criação, (tábuas que eram) leis e testemunhos dos setênios e dos jubileus, para cada ano, em todos os seus números e jubileus, para cada ano, desde o dia da nova criação, quando se renovarão os céus, a terra e todas as suas criaturas segundo as suas Potências celestes e segundo toda a criação terrestre, até que seja criado o Santuário do Senhor, em Jerusalém, sobre o Monte Sião, e se renovarão todas as luzes para a cura, a salvação e a bênção de todos os eleitos de Israel, para que assim seja daquele dia até todo o tempo da terra. Prossegue o Capítulo 2: "[1] E o *angelus faciei*, conforme a ordem do Senhor, disse a Moisés: Escreva todas as coisas da criação, como o Senhor Deus completou, em seis dias, toda a Sua criação e no sétimo dia descansou, santificou-o por todos os séculos e o colocou como sinal de toda a sua obra. [2] (Escreva) que no primeiro dia criei os céus que (estão) no alto, a terra, as águas e todos os espíritos que serviam em Sua presença, os anjos *faciei*, os anjos da santidade, os anjos do espírito do fogo e aqueles do espírito do

vento, das nuvens para as trevas, o granizo e a neve, os anjos dos abismos, dos trovões e dos raios, os anjos dos espíritos de gelo, do forte calor, da estação das chuvas, da primavera, do verão e do outono, e (os anjos) de todos os espíritos reunidos que estão no céu, na terra e em todos os abismos, (nas) trevas, (nas) luzes, (no) amanhecer e (na) noite, os quais Ele preparou com a sabedoria do Seu coração. [3] E então, (quando) vimos a Sua obra, O bendizemos e O magnificamos em Sua presença, por toda ela, visto que, no primeiro dia, tinha feito sete grandes obras. [4] E no dia seguinte fez o firmamento no meio das águas, as quais, no mesmo dia, se separaram: uma metade delas subiu para o alto e a outra metade desceu abaixo do firmamento, sobre a face da terra. E somente esta obra foi feita no segundo dia... [13] E no sexto dia fez todas as feras da terra, todos os animais e tudo o que se move sobre ela. [14] E, depois disso, fez a espécie humana: um homem e uma mulher. Criou-os e lhes deu propriedade sobre tudo o que está sobre a terra e nos mares, sobre os que voam, sobre as feras, os animais, sobre tudo o que se move na terra e sobre toda terra. E lhe deu propriedade sobre todos eles. Essas quatro criações foram feitas no sexto dia. [15] *E foram, ao todo, 22 espécies* [16] e completou, no sexto dia, toda a Sua obra: tudo aquilo que está no céu, na terra, nos mares, nos abismos, na luz, nas trevas e por toda parte. [17] E o Senhor nos deu o grande sinal, o dia dos sábados, para que nós trabalhássemos por seis dias e, no sétimo, descansássemos de todo cansaço. [18] E (a) todos os anjos *fàciei* e a todos os anjos da santidade, e a estas duas grandes famílias, Ele disse para celebrar o sábado com Ele, no céu e na terra'. [19] E nos disse:

Agora eu separo, para mim, dentre todos os povos, um povo. Eles também celebrarão o sábado e eu os santificarei e bendirei o povo; como santifiquei a jornada do sábado e os santifiquei para mim, assim eu os bendirei e eles tornar-se-ão o meu povo e eu (tornar-me-ei) o seu Deus". Para confirmar a existência de outras raças criadas, mas não consideradas privilegiadas, como aconteceu com os hebreus (daí o "mito" do *povo eleito*), o texto nos diz: "[2,30] Neste (dia) nós descansamos nos céus antes que a todas as outras criaturas de carne fosse dito que deveriam descansar, naquele dia, na terra. [31] O Criador de (o) tudo bendisse e, para que eles descansassem, não santificou todos os povos, mas (santificou) apenas o povo de Israel. A ele permitiu somente comer e beber e descansar, no sábado, na terra. [32] O criador de tudo, que tinha criado este dia, o abençoou entre todos os outros dias, (para que fosse destinado) à bênção, à santificação e ao louvor. Essa lei e esse testemunho foram dados aos filhos de Israel, lei eterna para todas as suas gerações".

O texto conta-nos de maneira muito diferente o episódio da criação, reforçando a existência de mais humanidades: "[3,8] Na primeira semana foi criado Adão e de sua costela, a sua mulher, (Deus) mostrou-a para ele na segunda semana e, por isso, foi dada a ordem de respeitar, *para os machos*, sete dias e, *para as fêmeas*, duas (vezes) sete dias de impureza. [9] E, depois que, para Adão, se completaram 40 dias (de permanência) *sobre a Terra onde tinha sido criado*, o fizemos entrar no jardim do Eden para que o cultivasse e cuidasse dele. E a mulher, *fizeram-na* (sic!) entrar no 80ª dia e ela, depois daquele (dia), entrou no jardim do Eden ... [15] e no primeiro

setênio do primeiro jubileu, Adão e a sua mulher ficaram sete anos no jardim do Éden cultivando e cuidando dele e nós lhes demos a tarefa (para seguir) ensinando-lhes tudo o que era melhor para o cultivo. [16] E ele cultivava, estava nu e não sabia disso, não se envergonhava e protegia o jardim dos pássaros, das feras e dos animais, recolhia os seus frutos, comia-os e guardava, para si e para a sua mulher, aquilo que amadurecia a fim de conservá-lo. [17] E tendo passado todos os sete anos que ele completou naquele lugar - sete anos exatos - no segundo mês, no dia 17, veio a serpente, aproximou-se da mulher e disse: De todos os frutos das árvores do jardim, qual o Senhor ordenou que não comesse? [18] E ela lhe disse: Nos disse para comer todos os frutos que estão no jardim, mas não comer e nem tocar, para que não morramos, no fruto da árvore que está no meio do jardim. [19] E a serpente lhe disse: Não, não é que morrerão; mas (é que lhes foi proibido), porque o Senhor sabe que, quando os comer, os vossos olhos se abrirão e vocês serão como deuses e conhecerão o bem e o mal. [20] E a mulher viu como a árvore (era) bonita, prazerosa de se ver e seu fruto, bom para comer. Tomou-o dela (um fruto) e o comeu. [21] E ela cobriu as suas partes pudentes com a folha da figueira que antes (tinha colhido) e o deu a Adão, (que o) comeu, abriram-se seus olhos e viu que estava nu. [22] E ele tomou as folhas de figo, as costurou e fez, para si mesmo, um cinto e cobriu as suas partes pudentes. [23] E o Senhor amaldiçoou a serpente e se enfureceu com ela, para a eternidade, [24] e se enfureceu também com a mulher, porque escutara as palavras da serpente e lhe disse: Multiplicarei muito a tua dor e as tuas

cólicas. Gerarás filhos na tua dor e (seja) o teu refúgio junto ao teu marido e que ele tenha domínio sobre ti! [25] E disse a Adão: Já que escutou as palavras da tua mulher e comeu daquela árvore, a qual eu te ordenara não comer, seja, por causa de tuas ações, maldita a terra e que ela te produza espinhos e ervas daninhas. E tu, comas o teu pão com o suor do teu rosto até quando retornarás a terra, da qual tu foste tirado, pois tu és terra e à terra retornarás. [26] E fez para eles roupas de pele e os mandou vesti-las e os expulsou do jardim do Eden. [27] E Adão, no dia em que saiu do jardim do Éden, queimou, para sentir o perfume, incenso, alecrim, óleo de mirra e espigas aromáticas, na madrugada, com o Sol nascendo, no dia (em que) cobriu as partes pudentes. [28] E naquele dia a boca de todas as feras, dos animais e dos pássaros, daqueles que andam e dos que se arrastam se calou, pois todos (anteriormente) falavam entre eles, com um único lábio e uma única língua. [29] E (Deus) expulsou do jardim do Eden todos os seres de carne que estavam no jardim e os espalhou, conforme a sua espécie e a sua natureza, nos lugares que foram criados para eles. [30] E somente a Adão, diferentemente de todas as feras e animais, permitiu cobrir as suas partes pudentes. [31] Por isso, nas tábuas do céu, a todos aqueles que conhecem as normas da lei foi ordenado que cobrissem as suas partes pudentes e que não se descobrissem como se descobrem os pagãos. [32] E, quando começou o quarto mês, Adão e a sua mulher saíram do jardim do Eden e foram para a terra de Elda, na terra em que foram criados. [33] E Adão chamou de *Eva* a sua mulher. [34] E não tiveram filhos por todo o primeiro jubileu e, depois deste (jubileu), ele

a conheceu. [35] E ele trabalhava na terra como aprendera no jardim do Éden.

A DESCIDA DOS VIGILANTES

Conta-nos o Capítulo 4: "[1] E no terceiro setênio do segundo jubileu (Eva) gerou Caim, no quarto gerou Abel e no quinto gerou a filha Awan. [2] E no início do terceiro jubileu, Caim matou Abel, pois (Deus) aceitara a oferta das suas mãos e não aceitara o sacrifício das mãos de Caim. [3] E (Caim) o matou no campo. E o seu sangue gritou pela terra até o céu, chorando por causa daquele que o matara, [4] e o Senhor censurou Caim, por ter matado Abel. E, por causa do sangue do seu irmão, expulsou-o da terra e o amaldiçoou. [5] Por isso, sobre as tábuas do céu, está escrito: maldito aquele que machuca o próprio amigo por maldade e (malditos) todos aqueles que ouviram (isso) e o aprovaram; e aquele que viu e não contou, seja maldito como ele. [6] E por esta razão, porque ouvimos, viemos expor, diante do nosso Senhor Deus, todos os pecados que estão no céu e na terra, na luz e nas trevas, e por toda a parte. [7] E Adão e a sua mulher ficaram quatro setênios arrependidos por Abel. E no quarto ano do quinto setênio (Adão) foi feliz e conheceu pela segunda vez a sua mulher e esta lhe gerou um filho que ele chamou Seth porque, disse, Deus nos deu, na terra, outra prole em substituição a Abel, morto por Caim. [8] No sexto setênio, ele

gerou a filha Azura. [9] E Caim tomou para si, como esposa, sua irmã Awan e esta, ao final do quarto jubileu, gerou Enoch. E no primeiro ano do primeiro setênio do quinto jubileu, foram construídas casas sobre a terra e Caim construiu um povoado e o chamou, com o nome do seu filho Enoch. [10] E Adão conheceu Eva, a sua mulher, e ela lhe gerou outros nove filhos. [11] E no quinto setênio do (quinto) jubileu, Shet tomou como mulher a irmã Azura e ela, no quarto (ano), gerou-lhe Enosh. [12] E ele começou, primeiramente, a invocar o nome do Senhor sobre a terra. [13] E no sétimo jubileu, no quinto setênio, Enosh tomou como esposa a própria irmã Noemi e esta, no terceiro ano do quinto setênio, lhe gerou um filho e ele o chamou Qenan. [14] E ao final do oitavo jubileu, Qenan tomou como esposa sua irmã Mualet e esta, no terceiro ano do primeiro setênio do nono jubileu, gerou um filho e ele o chamou Mahalalel. [15] E no segundo setênio do décimo jubileu, Mahalalel tomou como esposa Dina, filha de Barakehel, (e) filha da irmã de seu pai e ela, no terceiro setênio, no sexto ano, gerou-lhe um filho e ele o chamou Léred, pois, naqueles tempos, desceram sobre a terra os Anjos do Senhor, chamados *vigilantes*, e ensinaram os filhos do homem a serem justos e retos sobre a terra. [16] E no 11º jubileu, Léred tomou como esposa Baraka, filha de Rasuyal, filha da irmã de seu pai, no quarto setênio deste jubileu, e esta, no quinto setênio, no quarto ano do jubileu, gerou-lhe um filho e ele o chamou Enoch. [17] Ele foi o primeiro, entre os homens nascidos na terra, a aprender a escrita, a doutrina e a ciência para que os homens conhecessem os períodos dos anos segundo as regras de cada

Lua, escreveu no livro os sinais do céu segundo a regra das luas. [18] Ele foi o primeiro a escrever os testemunhos e os falou à humanidade, nas famílias da terra, e indicou os setênios dos jubileus, indicou os dias dos anos, assim como nós lhe indicáramos. [19] Ele viu o passado e o futuro em visões noturnas, em sonho, e o que acontecerá à humanidade, às suas gerações. [20] E no 12º jubileu, no sétimo setênio, tomou como esposa uma mulher chamada Edena, filha de Danei (e), filha da irmã de seu pai e ela, no sexto ano daquele setênio, gerou-lhe um filho e ele o chamou Metushálah [21] e passou, então, seis jubileus com os Anjos de Deus e (estes) lhe mostraram tudo o que estava na terra e nos céus, a potência do Sol, e escreveu tudo [22] e Enoch testemunhou contra os *vigilantes* que tinham pecado junto com as filhas do homem, pois começaram a unir-se com as filhas da terra e a ficar impuros e Enoch testemunhou contra todos eles. [23] E ele foi tomado dentre os filhos do homem e nós o levamos, para (sua) grandeza e a (sua) glória, no jardim do Eden, e ei-lo ali a escrever o juízo e a condenação do mundo e toda a maldade da humanidade. [24] E (o Senhor), por sua causa, mandou o dilúvio sobre a terra do Éden, pois ali ele foi posto como sinal para testemunhar contra os filhos do homem (e) para dizer todas as ações das gerações até o dia do juízo... [29] E no final do 19ª jubileu, no sétimo setênio, no sexto ano, Adão morreu e todos os seus filhos o enterraram na terra onde fora criado e ele foi o primeiro a ser enterrado naquela terra [30] e faltavam 70 anos para mil anos, pois, nos testemunhos dos céus, mil anos equivalem a um único dia. E por isso, sobre a árvore do conhecimento, foi escrito: No dia em que comeres

dela, morrerás. E por isso (Adão) não completou os anos daquele dia: porque morreu naquele mesmo dia. [31] E quando se completou este jubileu, no mesmo ano, depois dele, foi morto Caim: a casa caiu sobre ele, morreu no meio da casa, atingido pelas suas pedras, porque com uma pedra matara Abel e pela pedra, para uma condenação justa, foi morto. [32] Por isso, sobre as tábuas do céu, estabeleceu-se: Aquele que mata com armas o seu próprio companheiro seja morto com ela (arma); assim como feriu, seja por nós, ferido!"

A QUEDA DOS GIGANTES

Prossegue o Capítulo 5: "[1] E foi quando os fdhos do homem começaram a multiplicar-se sobre a terra e nasceram deles algumas fdhas (que) os anjos do Senhor, ao vê-las no ano um deste jubileu (e), por serem belas de se ver, as tomaram como esposas entre todas aquelas que escolheram, e elas geraram seus filhos e estes eram gigantes. [2] E cresceu a maldade sobre a terra e todos os seres corromperam o seu modo de viver, dos homens aos animais, às feras, aos pássaros e até aqueles que se arrastam sobre a terra. Todos corromperam o seu próprio modo de viver e as suas próprias regras e começaram a se devorar entre si; a crueldade aumentou sobre a terra e os pensamentos de todos (foram) igualmente, em todo tempo, maus. [3] E, o Senhor olhou a terra. E eis que ela se corrompera e cada ser de carne corrompera a própria regra (da vida), e todos, diante dos seus olhos, tornaram cruel (tudo) aquilo que estava sobre a terra. [4] E disse: Apagarei o

homem e todos os seres de carne que foram criados sobre a face da terra. [5] Somente Noé encontrou graças diante dos olhos do Senhor. [6] E enfureceu-se muito contra os seus anjos que mandara para a terra (a ponto de) retirar-lhes todos os poderes e dizer-nos para uni-los nas suas profundezas: e eis que eles estão unidos entre si e estão sós. [7] E contra os seus fdhos desceu a palavra da boca do Senhor para feri-los com a espada e expulsá-los da terra. [8] E disse: O meu espírito não estará, para sempre, nos homens, visto que eles são (de) carne. Que seja, o tempo deles, de 120 anos. [9] E mandou para o meio deles a sua espada para que cada um matasse o seu companheiro. E começaram a matar-se uns aos outros até que todos caíram sob a espada [10] e, sob o olhar dos seus pais, foram eliminados sendo, então, unidos nas profundezas da terra até o dia do juízo final para a condenação eterna de todos aqueles que corromperam, diante do Senhor, o próprio modo de viver e o próprio modo de pensar. [11] E os eliminou todos do seu lugar e não houve nenhum que ele não tenha condenado por toda a sua crueldade. [12] E fez, em cada obra sua, uma criação nova e boa para que não cometessem o pecado eterno, em todas as suas criaturas, e fossem todos, em cada espécie, sempre bons. [13] E a condenação de todos eles foi estabelecida e escrita sobre as tábuas do céu sem injustiça e para todas as criaturas e todas as espécies, que transgrediam o caminho que fora estabelecido que seguissem, não o seguindo, foi escrita uma condenação. [14] E das coisas que estão no céu e na terra, na luz e nas trevas, no Inferno, nos abismos e na sombra não existe nenhuma cujas condenações (não tenham sido) estabelecidas, escritas e esculpidas para todos, para os

pequenos e para os grandes... [19] E, para todos aqueles que, antes do dilúvio, corromperam o próprio modo de viver e de pensar, não foi feito favoritismo: com exceção de Noé, porque foi parcial no que se refere aos filhos que (Deus), por sua causa, salvou do dilúvio, pois seu coração era bom em todo o seu modo de viver, assim como lhe fora ordenado, e ele não se afastava nunca daquilo que fora estabelecido para ele. [20] E o Senhor disse: Destruirei tudo aquilo que está sobre a terra e tudo o que foi criado, dos homens às feras, aos animais, aos pássaros e aos répteis. [21] E, para que o salvasse do dilúvio, ordenou a Noé que fizesse para si uma arca. [22] E Noé fez uma arca da maneira que (o Senhor) lhe havia pedido, no quinto ano do quinto setênio do jubileu. [23] E entrou nela no sexto (ano) deste (setênio), no início do segundo mês. Até o 16 entrou ele e todos aqueles que nós introduzimos para ele na arca, e o Senhor, à noite, deixou do lado de fora o 17. [24] E o Senhor abriu as sete cataratas do céu e as sete aberturas, em número de sete, das fontes do grande abismo. [25] E as cataratas começaram a derramar água do céu por 40 dias e 40 noites, e as fontes dos abismos fizeram subir (ao nível da) água até que todo o mundo se encheu de água. [26] E a água cresceu sobre a terra, elevou-se 15 côvados acima das altas montanhas e a arca elevou-se da terra e seguiu vagando sobre a superfície das águas. [27] E a água esteve sobre a terra por cinco meses, (isto é) 150 dias. [28] E a arca seguiu vagando e parou sobre o cume de Lubar, um dos montes de Ararat. E no quarto mês fecharam-se as fontes do grande abismo, as cataratas do céu foram retidas [29] e, no início do sétimo mês, todas as aberturas dos abismos da terra se abriram e a água

começou a descer para o abismo inferior. [30] E no início do décimo mês, apareceram os cumes dos montes e, no começo do mês, apareceu a terra. [31] E as águas desapareceram de cima da terra no sétimo ano do quinto setênio e no 17º dia do segundo mês a terra secou. [32] E no 27º (Noé) abriu a arca e liberou as feras, os animais, os pássaros e os répteis. Depois do dilúvio, o texto nos conta da separação dos filhos de Noé e, no sétimo capítulo, de Ham que "[14] construiu uma cidade e a chamou com o nome de sua mulher: Neelat Mek. [15] Yafet viu, teve inveja de seu irmão e construiu ele também uma cidade e a chamou com o nome de sua mulher, Seduqatelbab. [17] E eis que as cidades são três, próximas ao Monte Lubar: Seduqatelbab de frente para o monte, a oeste: Naultemauk na direção do Norte e Adataneses, na direção do mar. [18] E estes (são) os filhos de Shem: Elâm, Assur e Arpakshad. Esta é a estirpe, dois anos depois do dilúvio... [19] (E estes são os filhos de Yafet): Gomer, Magog, Madai, Yavan, Tubal, Meshek, Tiras. Estes são os descendentes de Noé. [20] E no 28ª jubileu Noé começou a dar as ordens, a justiça e os mandamentos a seus descendentes - do jeito que os conhecia - e disse aos filhos para aplicar a justiça, cobrir as partes, bendizer Aquele que os criara, respeitar o pai e a mãe, amar ao próximo e manter-se distante de toda fornicação, de toda impureza e crueldade. [21] Porque, por causa destas três (coisas), houve o dilúvio sobre a terra; por causa da sua fornicação que os anjos *vigilantes*, desrespeitando os preceitos da sua lei, fizeram de séquito algumas filhas dos homens, para que tomassem esposas entre aquelas escolhidas; e porque deram início à impureza. [22] E os filhos de Nafadem geraram filhos e todos

eles não se assemelhavam e comiam-se uns aos outros. E o gigante matou Nafil e Nafil matou Eleyo e Eleyo matou o filho do homem e o homem matou o seu amigo [23] e todos começaram a fazer crueldades e a derramar o sangue de muitos, e a terra se encheu de crueldade. [24] E depois, todos eles, (também) as feras, os animais, os pássaros e os répteis (tornaram-se maus). E se espalhou o sangue de muitos sobre a terra, e todos os pensamentos e a vontade dos homens eram sempre cruéis e vaidosos. [25] E o Senhor, por causa das suas ações e do sangue que fora derramado no meio da terra, eliminou tudo da face da terra. E no Capítulo 8: "[1] E no 28º jubileu, no início do primeiro setenio, Aipakshad tomou como esposa Rasuya, filha de Susan, filha de Elam e esta, no terceiro ano desse setênio, gerou para ele um filho e ele o chamou de Qenan. [2] E o filho cresceu; o pai ensinou-lhe a escrita e foi procurar para ele um lugar para ocupar, um povoado. [3] E encontrou um escrito que os antigos esculpiram sobre a pedra, leu o seu conteúdo, transcreveu-o e viu que nele havia a doutrina dos *vigilantes* e como eles viam os presságios do Sol, da Lua, das estrelas, e em todas as constelações. [4] Escreveu e não falou do seu escrito a Noé para que este não se enfurecesse com ele por causa disso...

A ASSUNÇÃO DE MARIA

A existência de escritos "secrets" confiados aos patriarcas bíblicos é recorrente na tradição antiga. A Enoch também foi dado um texto que, pela descrição que foi fornecida, parecia

ser científico-astronómico. Mas as intervenções dos "celestes" teriam sido, em algumas ocasiões e sempre conforme os evangelhos apócrifos, até mesmo mais diretas, sintomáticas, por causa de uma ligação mais profunda e particular com o homem.

Foram provavelmente, segundo estes escritos, membros da facção "boa" dos anjos da face que presidiram a subida aos céus do corpo da Virgem, assim como o transporte instantâneo de todas as partes do globo e por meio de misteriosas "nuvens voadoras", de todos os apóstolos, segundo o apócrifo *Transito delia Beata Vergine Maria* (atribuído a Melitone di Sardi e traduzido pelo abade Migne no *Dictionnaire des Apocryphes*).

"Eis que um anjo resplandecente, de grande luz, apresentou-se diante dela e pronunciou as palavras de saudação, dizendo: Te saúdo, ó tu que és bendita do Senhor, recebes a saudação daquele que mandou a sua saudação a Jacó por meio dos profetas; eis que trouxe um ramo de palma que veio do paraíso de Deus, que levarás diante do teu caixão, quando daqui a três dias subirás ao céu com teu corpo. Já que teu Filho te espera com os Tronos e com os anjos e todas as Potências do céu", relata o texto. "Então Maria disse ao anjo: Eu te peço que todos os apóstolos do meu Senhor Jesus sejam reunidos ao meu redor. O anjo disse: Todos os apóstolos serão hoje conduzidos aqui por meio da força de Jesus Cristo. Maria disse: Peço-te para dar-me a tua bênção a fim de que nenhuma Potência do Inferno (leia-se, os Nephilim) me ataque na hora em que a minha alma sair do corpo e para que eu não veja o príncipe das trevas. O anjo disse: A Potência do

Inferno não te causará danos; o Senhor, do qual sou escravo e mensageiro, te dará a bênção eterna; não me é concedido impedir-te de ver o príncipe das trevas; é poder daquele que tu levaste em teu seio consagrado e cuja potência se estende nos séculos dos séculos. E o anjo, ditas essas palavras, afastou-se, circundado por uma grande luz. E a palma que portara brilhava com um esplendor maravilhoso. Maria, então, revestiu-se de novas vestes e, tomando nas mãos a palma que recebera pessoalmente do anjo, foi ao Monte das Oliveiras, e pôs-se a rezar... Agora, eis que enquanto o beato João pregava em Efeso o dia do Senhor, à terceira hora, produziu-se um grande terremoto e uma nuvem se levantou, sob o olhar de todos, e o levou diante da porta da casa em que estava a Virgem Maria, Mãe de Deus. E depois de ter batido à porta, entrou imediatamente. Quando a santíssima Virgem o viu, foi tomada de uma grande alegria e disse: Peço-te, João, meu filho, lembre-se das palavras que o Senhor Jesus Cristo, teu mestre, me recomendou para ti; deverei abandonar este corpo em três dias, e ouvi os judeus que, aconselhados, diziam: Esperemos o dia em que morrerá esta mulher que colocou no mundo aquele impostor e queimaremos o seu corpo. Chamou então o apóstolo João e o conduziu para o lugar mais afastado da casa, mostrou-lhe as vestes que deviam ser usadas no seu sepultamento e a palma de luz que recebera do anjo, e recomendou-lhe colocar a palma na frente do seu caixão quando a levassem ao lugar do sepultamento.

O beato João respondeu à santíssima Virgem: "Como poderia sozinho preparar os teus funerais se os meus irmãos,

discípulos de Jesus Cristo, e os meus companheiros de apostolado não vierem homenagear o teu corpo?

De repente, por ordem de Deus, todos os apóstolos foram tirados dos lugares em que pregavam a Sua palavra, subindo à nuvem, foram levados diante da casa em que habitava Maria, a Mãe do Salvador, e, cheios de estupor, saudaram-se dizendo: Por que o Senhor nos reuniu neste lugar? Chegou também Paulo, a quem o Senhor escolhera entre os judeus para anunciar o Evangelho aos Gentios. E, enquanto surgia uma devota discussão entre eles sobre quem colocaria primeiro as suas preces para o Senhor, eis que, de repente, apareceu o Senhor Jesus com um exército de anjos que brilhavam com grande esplendor.... O exército de anjos brilhantes está admiravelmente representado nos ícones ortodoxos bizantinos, e quem o observa não pode deixar de ver como efe, cuja representação se baseia, obviamente, nas várias versões evangélicas apócrifas, mostra de maneira muito clara uma formação de discos voadores. Na *Dormizione* do pintor Kozma, por exemplo, vêem-se nitidamente aparelhos na forma de um bulbo, contendo, cada um, um casal de anjos comodamente sentados como pilotos diante de uma cabine de comando de uma aeronave. Sem com isso querer dizer que a Madona tenha sido levada a bordo de um disco voador, está claro que quem inventou esse episódio da Assunção interpretou, por meio de uma visão mística, um evento do qual teria sido testemunha ocular, presumivelmente a passagem de um grupo de discos voadores em formação. Sabemos de fato que, muito freqüentemente, os nossos antepassados, diante de fenômenos "celestes" (fossem apenas a

passagem de cometas ou chuvas de meteoritos) carregaram de significados místicos (reprovações divinas, presságios de desgraças ou do fim do mundo) essas manifestações que a ciência e a lógica da época não eram capazes de explicar.

Mas prossigamos com a narração apócrifa. Uma vez levado para o céu o corpo de Maria (ainda viva, como o texto deixa a entender, e não morta, como afirmam outras fontes), "o Senhor disse aos apóstolos: Aproximem-se de mim. E quando eles se aproximaram, abraçou-os e lhes disse: A paz esteja convosco, estarei sempre convosco até o final dos séculos. Tendo dito essas palavras, o Senhor foi levantado por uma nuvem e subiu novamente ao céu, e os anjos acompanharam-no levando a beata Maria, Mãe de Deus, ao Seu Paraíso". E eis a conclusão, que tem bem pouco de místico e muito de ufológico: "E os apóstolos foram levados pela nuvem, cada qual ao lugar onde pregava o Evangelho, e relataram divinas maravilhas e louvaram o Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém".

O MESSIAS DO ESPAÇO:

Muitos autores de textos ufológicos quiseram ver em Jesus um piloto espacial descido do céu; e muitos contatados afirmavam ter falado com ele (!) e ter descoberto a sua natureza de Messias cósmico enviado pelos ETs. Trata-se de absurdos, ainda que no *Evangelho da Infância*, apócrifo, se diga, de fato, que ele tinha um conhecimento extraordinário de Astronomia, enquanto nos textos russos se diz que ele trazia ao colo um misterioso pingente que iluminava a face como

uma tela ou um celular e que "continha as palavras do pai", graças às quais podia comunicar-se com Ele.

O *Evangelho da Infância* ainda relata: "[51] Estava ali um filósofo, erudito em Astronomia, e perguntou ao senhor Jesus se ele nunca tinha estudado Astronomia. E o senhor Jesus respondeu-lhe o número das esferas e dos corpos celestes, as suas naturezas e operações, a oposição, os aspectos triangular, quadrado e sextil, as suas ascensões e regressões, as suas posições em minutos e em segundos, e outras coisas que a razão do homem não compreende...". Sou mais levado a acreditar que os muitos relatos apócrifos, e as posteriores interpretações, algumas das quais decididamente discutíveis, porque provavelmente referidas na verdade a outros e depois atribuídas ao Cristo, demonstram na realidade o quanto a fascinante figura de Jesus é capaz de excitar os ânimos. Dele, exceto os evangelhos, não existem fontes secundárias não-cristãs que atestem a sua real existência. A parte, uma fugaz citação em Tácito (uma frase nos *Annali*, XV, 45: "Cristo, que foi condenado à morte sob Tibério pelo procurador Pôncio Pilatos") e, como especifica o antropólogo e ufólogo alemão Michael Hesemann, uma lacônica frase no *Talmude* hebraico: "As vésperas da festa de *Pessach*, Jeshu foi pendurado" (bSanh 43^a; referência que, porém deixa perplexo o rabino Yacov Emden que, no site *Machov Ohr Aaron*, comenta: "É extremamente difícil entender se as observações acerca do Jeshu do *Talmude* se referem realmente a Jesus. Muitas datas não correspondem e muitos eruditos observaram que existe uma discrepância muito grande entre a figura do texto real do Novo Testamento e aquela veiculada pela Igreja..."). Isso

levou ao nascimento, no século XIX, nos ambientes materialistas, de uma "questão do Jesus histórico", isto é, de uma historiografia filosófica que duvidava da realidade histórica da figura de Jesus, que tinha em Carl Marx e em Ludwig Feuerbach os principais autores céticos (e além do mais, um messias tão mirabolante, capaz de ressuscitar mortos, multiplicar pães e peixes e caminhar sobre as águas deveria ter sido citado em todos os relatos históricos "pagãos" da época, mas, em vez disso, não há nada. Por muito menos, muitos autores latinos fizeram tratados inteiros). O filósofo Feuerbach chegou a sustentar que a vida de Jesus era apenas um mito, criado propositalmente para veicular, por meio de parábolas as novas normas comportamentais hebraicas. Inútil dizer que a publicidade cristã tentou obviamente de todos os modos desacreditar as colocações marxistas do "Jesus histórico", apelando principalmente à fé, sendo relativamente ausentes as evidências documentais. Tentando demonstrar a todo custo a existência de Cristo, alguém criou até mesmo um documento *de época* falso muito propagandeado como autêntico pela imprensa integralista católica contemporânea. Trata-se de uma carta de Publio Lentulo, governador da Judéia, em 11 d.C., endereçada ao imperador romano Tibério. Sobre os acontecimentos da vida de Jesus, o único testemunho, além do já citado Tácito, são os quatro Evangelhos canônicos (além dos apócrifos, cujo valor é reconhecido pela Historiografia, mas não pela Igreja). Comenta o estudioso hebraico Treves, obviamente cético em relação ao Cristianismo: "Esses Evangelhos não são testemunhos imediatos dos fatos, não são frutos de pesquisas

históricas objetivas. São manuais de catequeses e de propaganda cristã feitos muito depois e que têm sofrido muitas correções, muitos talhos e interpolações por motivos estilísticos, políticos e dogmáticos. Contêm muitas contradições entre eles e dentro de cada um deles, e muitas inverossimilhanças e impossibilidades históricas. Uma vez que faltam documentos confiáveis para reconstruir os fatos, permanecem muitas dúvidas, incertezas e divergências entre os estudiosos. Os evangelistas, escrevendo entre 70 e 150, enquanto os hebreus eram divididos e perseguidos por causa das três violentas guerras, procuram conquistar a simpatia dos romanos falsificando os fatos e revertendo todas as culpas sobre os judeus. Os mais honestos entre os estudiosos não-hebreus (Conybeare, Loysy, Guignebert, Goguel) verificaram essa tendência anti-semita dos evangelistas...". E dos quatro evangelistas, apenas dois foram testemunhas oculares dos episódios de Jesus, Mateus e João; este último, segundo ele mesmo disse, esperou a velhice para escrever o seu Evangelho, para estar seguro de possuir a sabedoria necessária (infelizmente, a Psicologia ensina-nos o contrário, que, com o passar dos anos, as lembranças não ficam mais nítidas, mas se enfraquecem e se distorcem). De Mateus, a crítica religiosa diz que "parece evidente a preocupação de situar Cristo no quadro de esperas religiosas do Judaísmo" (o Jesus de São Paulo será, no entanto, construído sob medida para todos, não apenas para os hebreus); ele nos deixou, na realidade, dois evangelhos, um em grego e um mais antigo em aramaico, que a Igreja considera, impropriamente, idênticos na medida em que o texto grego imita Marcos; a figura histórica de Mateus é

controvertida: do seu apostolado não existe menção nos *Atos dos Apóstolos*.

Lucas (Lucano) de Antioquia era discípulo de São Paulo; acompanhava-o na propagação do Cristianismo primitivo, mas dos acontecimentos que cita no terceiro evangelho, foi testemunha apenas das histórias da Igreja primitiva, cujas façanhas ele sintetizou nos *Atos dos Apóstolos*. Marcos era discípulo de Pedro; mesmo sendo primo do apóstolo Barnabé, escreveu o seu evangelho, em 70 d.C., copiando Mateus e Lucas. Esse transcrever recíproco, ainda que muito pouco, explica as muitas diferenças que existem nos relatos evangélicos. Nos últimos anos, acendeu-se uma grande discussão sobre três fragmentos "originais" de Mateus, conhecidos como "papiro Thiede", que representariam, segundo Thiede, "uma confiável documentação histórica da época de Jesus, pertencente a uma testemunha ocular". O berlinense Carsten Peter Thiede, historiador das religiões e autor da descoberta (à qual deu o seu nome, como é de costume), retroagiu a data dos fragmentos (confirmados até então como de 200 a.C.) a 70 d.C. Tal interpretação foi, porém, contestada pela ciência ortodoxa, mais especificamente pelo doutor Aristide Malnati, do Instituto de Papirologia da Universidade Estatal de Milão que, além de ter difamado Thiede como "pseudo-papirólogo" (e tê-lo criticado duramente no *II Giorno* de 30 de maio de 1996), realçou o fato de que o historiador não seria realmente um papirólogo ou um paleógrafo (a Paleografia é aquela disciplina que se propõe a datar um texto partindo das suas características gráficas): "E a primeira vez que se ocupa de Papirologia, e

pelos discutíveis resultados faria bem em não insistir nela", sentenciou.

O PROTOEVANGELHO DE TIAGO

Mas se os evangelhos canônicos apresentam muitas diferenças, aqueles apócrifos nos relatam uma história às vezes muito diferente daquela veiculada pelo Vaticano. O *Protoevangelho de Tiago* é um texto extra-canônico, reconhecido em silêncio pela Igreja como válido apenas tardiamente e atribuído a Tiago, o Menor, irmão de Jesus. A sua escritura foi confirmada como anterior ao ano 150 e foi erroneamente considerada no passado como um dos mais antigos documentos cristãos, aproximadamente contemporâneo dos evangelhos canônicos, e até mesmo, segundo o estudioso L. Conrady, anterior a Lucas e Mateus. Na verdade, a moderna Historiografia e o estudioso Marcello Craveri verificaram na obra o pouco conhecimento sobre a geografia palestina e sobre os costumes locais (inventa-se uma festa chamada "grande dia do Senhor", que talvez corresponda ao domingo cristão; em uma passagem, esquece-se que Belém é na Judéia, troca-se o biblicista Zacarias morto no Templo pelo pai de São João Batista. Por fim, erra a tradução do nome de Jesus, *Joshia*, aquele que salvará, por *Jeshua*, que significa

Yahweh é o salvador; esse erro de tradução remonta ao padre Justino, morto em 165; isso leva a crer que o texto remonte àquela época). Tudo isso indica que foi escrito por um autor que não era hebreu (três, provavelmente) e que não foi realmente fonte inspiradora para Lucas, mas, em vez disso, foi influenciado por ele. A definição de *vulgata* lhe foi dada pelo humanista Guilame Postel, que, na metade do século XVI, foi o primeiro a descobri-lo, traduzindo-o para o latim.

Na metade da história (que vai do nascimento de Maria até o nascimento de Jesus), já encontramos uma série de episódios que, se verdadeiros, ajudariam a entender como se desenvolveram realmente os fatos, subentendendo-se as várias intervenções extraterrestres. A começar pela concepção do Messias, assim narrada: [11,3] "Assim não, Maria, disse o anjo do Senhor (isto é, sem o ato sexual). Na verdade, te cobrirá como uma sombra, a potência do Senhor, e por isso o ser, também ele sagrado, que nascerá de ti, será chamado filho do Altíssimo". O trecho apresenta dois pontos muito esclarecedores. Antes de tudo a indicação da "potência do Senhor", na verdade os Elohim de Yahweh; retorna, portanto, a "crença" segundo a qual os cruzamentos com as mulheres da Terra seriam possíveis somente aos Elohim caídos, aos Nephilim e aos Elohim do bem. Em segundo lugar, a frase "também ele sagrado" esconde uma antiga discussão, depois sabiamente "obscurecida" pela Igreja, sobre o fato de que Deus tivesse gerado... mais filhos! "Também ele sagrado... será chamado filho do Altíssimo", contava a *Vulgata* de São Geronimo; Craveri comenta: "Parece-me que tenha sido modificada a interpretação comum que remonta à tradução da

Vulgata. O Cristianismo não admite que existam *também* outros filhos do Altíssimo!" Mas o *Proto evangelho de Tiago* não concorda, e o capítulo 17:1-2 descreve a viagem de José e Maria, grávida, deste modo: "Agora veio uma ordem do imperador Augusto para que fossem contados todos os habitantes de Belém da Judéia. E José pensou: Inscreverei *os meus filhos...* José selou o burro e sentou Maria sobre ele; *seu filho* conduzia o animal, e José os seguia...". Essa passagem estonteante e reveladora, que atesta que José tivesse outros filhos, foi "prudentemente" modificada pelos devotos tradutores bíblicos nas sucessivas versões (como no *Códice Bodmer V*): o nome de José foi substituído pelo de Samuel! Desse modo, os anos retroagiam, e como resultado, José não teria ainda filhos. Mas a Bíblia também fala dos irmãos de Jesus: "Na realidade, os seus próprios irmãos não acreditavam nele", relata João (7:5), e a referência não é em sentido abrangente, referindo-se aos hebreus, ou sectário, referindo-se a uma comunidade de seguidores. E Mateus (12:47-49): "Alguém lhe disse: Eis que tua mãe e teus irmãos estão lá fora, procurando falar contigo. Aquele que lhe falou, Jesus respondeu: Quem é minha mãe e quem são os meus irmãos?". "Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria (e José?) e irmão de Tiago, de Joset, de Judas e de Simão? E suas irmãs não estão aqui entre nós?", relata Marcos em 6: 3. E é o próprio Marcos quem revela uma cena anterior, como sempre, prudentemente ofuscada pelos exegetas oficiais: "A esta notícia, as pessoas de sua parentela vieram para detê-lo, pois diziam: Ele perdeu o juízo". Na sua *Vulgata*, São Jerônimo traduziu com "*furorem versus*", ou seja, "louco furioso"; isso

levou vários estudiosos a afirmarem que Jesus seria considerado um louco perigoso pelos seus familiares (em vez de filho de Deus! Em vez de louvores ao Senhor, durante a Anunciação!). Por sorte, essa tradução errônea foi em seguida modificada nas posteriores versões bíblicas; não sem algumas confusões, como acontece normalmente. Nas versões protestantes do suíço Jean-Frédéric Osterwald (1744) e do lousanense Louis Segond (1887), "a sua parentela" virou "os pais" de Jesus. Na tradução de Lemaistre de Sacy para os católicos se usa "os parentes"; em outras traduções está escrito "os apóstolos" ou "os amigos"; manteve-se, porém, o problema dos "irmãos" de Jesus. Aqui a confusão é derivada do fato de que o aramaico *aha* e o hebraico *ah* significam ao mesmo tempo irmão, meio-irmão, primo, ou seja, parente próximo (e também "vizinho" e "colega"), mas é também verdade que o hebraico é uma língua tão rica a ponto de possuir alguns termos precisos nesta área. Em hebraico o primo é chamado precisamente de "filho do tio" (e o árabe conservou essa expressão, que é encontrada em *As Mil e uma Noites*, em que as mulheres chamam o amigo do peito de "filho-do-meu-tio"). Jesus então tinha irmãos e irmãs? Pessoalmente, duvidamos disso, apesar de que, tornando aos evangelhos, surja tal Tomás dito Dídimo (tanto o nome quanto o sobrenome significam "gêmeo" em hebraico) que alguns imaginaram ser um irmão gêmeo de Jesus.

De resto, também sobre o pai adotivo, terreno, de Cristo foram ditas e escritas muitas impressões. A tradição adora considerar José um carpinteiro, mas o texto evangélico (Mateus 13:55) fala de um "construtor civil", portanto um

homem rico (mas, obviamente ficou mais cômodo depois difundir o Messias de todos, o Salvador dos pobres, como sendo um pobre também). Além disso, em hebraico, a palavra carpinteiro possui duas traduções; transcrito da *heth-resh-shin* (*heresh*), pode significar ao mesmo tempo tanto "artesão" como "mago, encantador". Se tivesse sido verdadeira a última acepção, a figura de Jesus, filho de um ilusionista, seria para a Igreja uma terrível propaganda, que concordava muito mal com a imagem de um Messias comprometido com uma missão salvadora. Jesus, nesse caso, correria o risco de ser confundido, posteriormente, com os muitos charlatões que infestavam o Oriente Médio e que se diziam mestres religiosos (na época, percorriam aqueles caminhos o falso messias Teuda, morto junto aos 400 fiéis, e Judas, o galileu, vindo "no tempo do recenseamento" e morto violentamente em 6 d.C.). Por esse motivo, os tradutores devotos prudentemente deixam de lado a questão da dupla tradução. Da nossa parte, somos mais inclinados a acreditar que aquele que é considerado o pai do Cristo seja realmente um carpinteiro. Chega para nos ajudar o já citado *Protoevangelho*, que conta: "Ao chegar o sexto mês, José voltou *das suas construções*, e ao entrar em sua casa, encontrou Maria grávida"; acreditando ter sido traído, chorou amargamente. E chorou (isso a Bíblia não nos contara) não porque atribuisse a pressuposta traição a um outro homem, mas a um ser "celeste"; não a um anjo, como seria lógico pensar, mas a nada menos do que ao diabo-serpente tentador do Eden! Relata o versículo 13:1: "Quem cometeu esta infâmia na minha casa e seduziu esta virgem? Repetiu-se para

mim a história de Adão? Como no momento em que ele estava rezando, veio a serpente e, encontrando Eva sozinha, a seduziu, assim aconteceu também comigo". E interessante o fato de que esse antigo texto convida a acreditar em um "pecado original" sexual — versão depois "afastada" - cometido entre Eva e a "serpente", que nos textos hebraicos originais é descrito não como um animal, mas como um homem maduro e pronto. Segundo o *Midrash*, Yahweh assumia a forma de uma serpente quando pretendia completar pessoalmente as próprias vinganças, e a Eva bíblica gerou várias ambigüidades nas primeiras versões do Gênesis - depois modificadas - atribuindo a paternidade de Caim a Deus, pronunciando uma frase tão presente na hebraica *Targiim Genesi*: "Eu tive como marido o Anjo do Senhor" (Samma'el , no texto original; nome que futuramente indicará um anjo caído); a frase veio depois diplomaticamente retocada e inserida na Bíblia cristã desta forma: "Tive um homem do Senhor". Também em outro texto apócrifo em grego, *O Apocalipse de Adão*, fala-se que Yahweh pecou sexualmente com Eva:

"O deus que nos criara criou para si e para Eva um filho" (66, 24-5). Por esse motivo muitos gnósticos identificavam Yahweh na "serpente", ou em um anjo caído (em outras palavras, no... diabo!). Por fim, no Gênesis cristão está escrito: [4:1] "Ela engravidou, gerou Caim e disse: 'Procriei um homem, com o Senhor'. [2] Ela gerou ainda o irmão dele, Abel". Mas quando nasceu Abel, Eva evitou agradecer o Senhor (e até aqui, a Bíblia é monotonamente repetitiva), como se isso não tivesse nada a ver com o novo nascimento. O

Protoevangelho de Tiago, portanto, procura reforçar uma antiga crença, isto é, José atribui à "serpente" a paternidade do bebê. E o interessante é que Maria, em vez de assumir a insólita gravidez - como ensina a Igreja - como uma intervenção divina ou do Espírito Santo, responde: [13:3] "Assim como é verdade que o Senhor meu Deus vive, não sei de onde vem este que está em mim"!

Portanto, depois do nascimento de Jesus (tradução Craveri): "[18: 2] E eu, José, estava caminhando, e eis que não caminhava mais. Olhei para o ar e vi que o ar estava como que perturbado, olhei em volta do céu e senti o ar parado e os seus pássaros estavam imóveis. Olhei a terra e vi pousada ali uma tigela e alguns operários deitados ao seu redor, com as mãos nela, e aqueles que estavam mastigando não mastigavam mais, e os que estavam pegando a comida não a pegavam mais, e os que a estavam levando à boca não a levavam mais, mas os rostos de todos estavam voltados para o alto. Eis que algumas ovelhas eram conduzidas para o pasto, mas caminhavam, estavam paradas; e o pastor levantava a mão para bater nelas com o cajado, e a sua mão ficava no ar. Olhei para a corrente do rio e vi que as cabrinhas mantinham os focinhos apoiados e não bebiam. Enfim, todas as coisas, em um momento, foram desviadas do seu percurso..." (a maior parte dos tradutores fornecia uma tradução errada, contestada por Craveri, que seria exatamente o contrário: "todas as coisas retomaram o seu curso". O significado, então, muda completamente). Nesse cenário no estilo do filme *A Aldeia dos Amaldiçoados* (onde os alienígenas adormecem e paralisam uma cidade inteira), os ufólogos não se cansaram de

reconhecer uma manifestação conhecida como "bloco temporal", já revelada em diversos casos de visões de UFO. E também neste testemunho, que difere dos modernos apenas porque é alguns milênios mais antigo, mas no resto é idêntico, não falta o disco voador. "[19:2] José e a parteira pararam no lugar onde estava a gruta, e eis que uma nuvem luminosa sombreava a gruta. E a parteira exclamou: "Hoje é um grande dia para mim, porque vi este fato extraordinário!".

Sabemos que em todas as religiões orientais e também no paganismo greco-romano as teofanias aconteciam sempre por meio de nuvens resplandcentes e de luminosidades estonteantes (hoje enquadráveis de modo mais científico que ufológico). Para confirmar o fato de que a criança não foi parida, mas desceu dos céus, uma segunda parteira presente, a tal Salomé, quis introduzir um dedo na genitália da mãe. A Bíblia evitou difundir este episódio escabroso, assim descrito no *Protoevangelho de Tiago*: "[19:3] Salomé respondeu: Se não introduzir o meu dedo e examinar a sua natureza (o hímen), não acreditarei nunca que uma virgem tenha parido". Mas, imediatamente, a pioneira dos nossos modernos UFOs-céticos percebeu o que fizera. "[20:1-4] Maldita seja a minha impiedade e a minha incredulidade! Já que coloquei à prova o Deus vivo, que a minha mão seja arrancada de mim e arda no fogo... E eis que um anjo do Senhor (evidentemente descido da nuvem pela luz) juntou-se a ela, dizendo: Salomé, Salomé, o Senhor te escutou: encosta a tua mão na criança e receberás saúde e felicidade. E Salomé aproximou-se e se curou, e saiu da gruta perdoada. Mas eis que uma voz dizia: Salomé, Salomé, não conte os fatos extraordinários que viu, até que o

menino entre em Jerusalém...". E o motivo de tanto segredo foi revelado pouco depois. "[21:1] E uma grave agitação aconteceu em Belém da Judeia, pois chegaram alguns magos que perguntavam: Onde está o rei dos judeus que nasceu? Vimos a estrela no Oriente e viemos adorá-lo... vimos uma estrela grandíssima, que brilhava entre as outras e as apagava, pois não se podia vê-las... E eis que a estrela que tinham visto no Oriente avançava à sua frente até que chegaram à gruta, parando no seu topo...". Um comportamento realmente anormal, para um "cometa" normal (como a Igreja espalhou), capaz de passear na noite (por uma semana pelo menos, dizem alguns textos apócrifos) e de parar sobre uma gruta...



CAPÍTULO 3

AQUILO QUE A IGREJA MANTEVE ESCONDIDO

"Jacó foi escolhido como modelo pelo Anjo da face de Merkavhah (que Ezequiel contemplou em uma visão), e a seu doce e liso rosto foi impresso na Lua..."

(Do texto rabínico Tanhuma Buber.)

O verdadeiro Livro de Enoch - O Enoch eslavo - Em busca das 11 cópias - Os Vatican UFO files - UFO ante-litteram - O céu visto da Terra - Extraterrestres, amigos ou inimigos? -

*Antropocentrismo cósmico - As Igrejas e os extraterrestres -
Os "outros " UFOs - Mito UFO e UFO-ceticismo - Alienígenas
e ficção científica - Em busca da alma.*

O VERDADEIRO LIVRO DE ENOCH

Muitos leitores conhecem certamente o livro atribuído ao patriarca hebraico Enoch, do qual o Gênesis, 5:24, diz de maneira muito clara: que "caminhava com Elohim quando desapareceu, porque Elohim o teria tomado". A Bíblia cristã não aprofunda o discurso, e não nos explica o que teria acontecido ao hebreu depois de capturado por Deus. Bem diferente é o discurso que surge com a leitura do evangelho apócrifo *Livro de Enoch*; existem três cópias dele, uma em aramaico, de tom místico e espiritual, uma em etíope e outra em eslavo. Da primeira, o arqueólogo Mario Pincherle tentou por muitos anos uma decodificação e uma releitura, sempre sob o ponto de vista espiritual; a versão etíope é um conjunto de manuscritos trazidos da Abissínia pelo explorador James Bruce em 1772, traduzida de modo confuso pelo cónego de Oxford, R;H. Charles que, não entendendo nada, afirmou que faltava a ela uma "unidade de tempo, de autoria e de doutrinas", e chegou a afirmar que o livro seria, na verdade, uma coleção de textos escritos por muitas mãos entre 200 a.C. e 100 d.C. A versão eslava foi encontrada na Rússia. A história narrada nos três livros foi considerada altamente perigosa pela Igreja, que produziu traduções manipuladas dela. Além disso,

Santo Agostinho, em *Cidade de Deus* [1: 15; Cap.23] escreveu que "a Igreja recusava o *Livro de Enoch* pelo seu valor porque a sua imensa antiguidade não poderia coincidir com o limite dos 4.004 anos anteriores a Cristo atribuídos ao mundo desde o dia da criação". A mensagem original do texto é, portanto, muito diferente do que as traduções eclesiásticas nos apresentam. Sempre se pensou que as três versões de Enoch fizessem entender a existência de duas categorias de anjos Vigilantes: os "bons", isso é os anjos que ficaram fiéis ao Senhor; e os "ruins", identificados como os "anjos caídos" ou "diabos". A tradução do texto hebraico de Giancarlo Lacerenza, que apresento em seguida, demonstra que a cosmologia Henochiana era muito mais complexa e articulada. Em uma obra minha anterior, *UFO Projeto Gênesis*, escrevi: "Atarefa dos Vigilantes seria, segundo o próprio nome, vigiar a humanidade em todo o Universo. Os da primeira categoria, seres de luzes superiores ao homem, por causa da sua natureza e sabedoria, estão em contato direto com o Altíssimo; são chamados Querubins, Serafins e Osanins ou Osannes (ou *Ofannim*, um nome que lembra os *Oannes* sumérios, os *espaciais* que levaram a civilização ao Oriente Médio antigo), eles normalmente fornecem mensagens aos humanos levando-os por alguns momentos para o céu ou, como especifica Enoch, 'penetrando nos seus quartos de dormir' (a comparação com os sequestros UFO é imediata). Quanto às Sentinelas ou Vigilantes, estes são uma raça decadente que o profeta define como 'antes santos, espíritos puros, seres vivos de vida eterna, contaminaram-se com o sangue das mulheres'; eles são os 'pais de uma estirpe de

gigantes, seres perversos chamados espíritos malignos, exterminados pelo dilúvio'. Os Vigilantes também lembram uma específica tipologia alienígena. O nome com o qual se apresentam aos raptados é idêntico àquele usado hoje em dia pelos *Greys: Watchers*, Vigilantes. Enquanto os primeiros nos levam a pensar nos alienígenas ditos Nórdicos (altos, loiros e espirituais, queridos para os contatados), os segundos relembram os violentos e inexperientes intrusos dos quartos de dormir. Conforme o estudioso suíço Erich von Daeniken, 'o profeta Enoch falou de *200 guardiões do céu* que desceram sobre o planeta, cujos filhos se mantiveram na Terra, criando conflitos na tentativa de conquistar territórios; verificou-se que cada um se guardou em seu próprio reino, erguendo fortificações. Foram os filhos divinos que protegeram os palácios e as residências; os trabalhos pesados, em vez disso, caíram sobre os súditos, incitados e dominados por demonstrações de força que, para os seres humanos, pareciam sobrenaturais. Em troca do fatigante trabalho completado, os deuses se ofereceram para ajudá-los em caso de guerra'. A ligação com a Ufologia não é forçada; no texto apócrifo, conhecido como *Livro de Enoch*, vários ufólogos viram na história de uma viagem do profeta ao céu uma verdadeira e real experiência de seqüestro UFO. A bordo de uma estranha máquina voadora, guiada por um grupo de Vigilantes *bons* (para não confundi-los com os anjos caídos), Enoch visita outros mundos; mas, principalmente, aprende com um grupo de anjos com escafandros ('de rostos de cristal') que muitos Vigilantes, no início da humanidade, se corromperam apaixonando-se pelas mulheres da Terra, com as quais se

uniram carnalmente. E mais, Enoch foi colocado a par de muitos segredos *espaciais*: a ordem do Cosmos e da criação, a composição das fileiras angelicais, a estrutura do universo que, segundo os alienígenas, 'é habitado, repleto de planetas e vigiado pelos anjos chamados Sentinelas ou Vigilantes'.

'Estava bendizendo o Senhor', conta Enoch na versão etíope da sua Bíblia (II - I a.C.), 'quando os anjos me chamaram e me levaram. E me portaram a um mundo cujos habitantes eram como fogo flamejante e, quando desejavam, apareciam como homens. Uma visão apareceu-me, nuvens envolveram-me e perdi a consciência. E, tornando-se sempre mais veloz, como uma estrela cadente e como os raios. E, naquela visão, um vento impetuoso levantou-me e me levou para o céu, e me mostraram um mar maior do que o mar da Terra. E os ventos, durante a visão, me fizeram voar e me levantaram até uma parede de cristal, circundada por línguas de fogo. Aquilo começou a me assustar. Eu entrei nas línguas de fogo e me aproximei da Grande Casa, que era construída de cristal. E as paredes daquela casa eram como mosaicos de uma mesa pictórica, em pedaços de cristal; e o pavimento era de cristal. O teto era como o curso das estrelas e dos rios e, entre eles, querubins de fogo; e o céu era água. E tinha fogo que queimava ao redor das paredes e as portas ardiam por causa do fogo. Eu vi uma outra casa, construída com línguas de fogo. O pavimento era de fogo e, sobre ele, o raio. Olhei e, dentro, vi um trono alto. E vi *os Filhos dos Santos* caminharem sobre as chamas ardentes; as suas vestes eram brancas e as suas faces transparentes como cristal.

Os Filhos dos Santos (com esse termo Enoch indica os anjos que não foram corrompidos e que ficaram fiéis a Deus) estão uniformizados militarmente, como alguns astronautas. Declara o patriarca em um outro livro, a coleção *Livros Secretos de Enoch*: 'fizaram-me ver os Capitães e os Chefes das Ordens das Estrelas. Indicaram-me 200 anjos que tinham autoridade sobre as estrelas e os serviços do céu; eles voam com as suas asas e vão ao redor dos planetas. Mostraram-me as estrelas do céu. Vi como eram *pesadas* conforme a sua luminosidade, sua localização no espaço e seu dia de nascimento'. Esse último acontecimento é desconcertante. Estudiosos da arqueologia misteriosa, como Erich von Daeniken e Ulrich Dopatka, mostraram como os antigos astronautas cartografavam o Universo utilizando o mesmo sistema em uso na nossa moderna Astronomia, isto é, subdividindo as estrelas conforme o seu espectro: luminosidade, distância e elevação.

A bordo da máquina voadora, Enoch aprendeu diretamente com o chefe dos anjos, o 'Senhor que sentava sobre um grande trono', sobre a existência de um conflito entre os Filhos dos Santos e alguns Vigilantes caídos, por causa da rebelião destes últimos. O episódio é brevemente mostrado também no Gênesis (6:2), mas em Enoch é descrito de modo mais aprofundado: 'Entre os filhos do homem existiam filhas belas e sedutoras. E os anjos, os filhos do céu, viram-nas e as desejaram e disseram entre eles: Vamos, escolhamos algumas esposas para nós, para que nos dêem filhos. E Semyaza, seu chefe, e todos os 200 desceram, nos dias de Jared, no cume do Monte Hermon. E todos as tomaram como esposas e

começaram a unir-se a elas e a divertir-se com elas. E ensinaram seus vícios e encantos e a cortar raízes e a conhecer e distinguir as plantas. E elas foram fecundadas e pariram grandes gigantes, que se voltaram contra os homens e devoraram a humanidade'.

Relendo com os olhos modernos o episódio bíblico, tem-se a impressão de se estar diante de uma raça de colonizadores, as Sentinelas ou Vigilantes, que traíram o objetivo inicial, provavelmente a mera observação da Terra à distância, e se misturaram aos homens, oferecendo conhecimentos e tecnologias para os quais a raça humana não estava preparada. Essa tese é confirmada pelo fato de os Vigilantes terem ensinado aos homens uma forma primitiva de tecnologia, até aquele momento desconhecida, e a arte da guerra. 'E Azazel', diz Enoch, 'ensinou aos homens a fazer espadas, escudos e couraças, e fez com que conhecessem os metais'. A corrupção da humanidade desdenhou o Senhor, que decidiu, segundo a Bíblia e os textos enoquianos, exterminar tanto os Vigilantes quanto os terrestres com o dilúvio universal. Ele tem razão também sobre os gigantes, nascidos da união dos anjos caídos com as mulheres da Terra.

Sobre essa união, alguém lançou a hipótese de se tratar de cruzamentos de engenharia genética. Dissemos anteriormente que os seres clonados, como a Dolly, são de dimensões maiores (e de fato, os filhos dos Vigilantes eram definidos como gigantes); além disso, em uma passagem do seu livro, Enoch acena claramente às manipulações genéticas daqueles antigos *Greys*: 'Um deles, Kas, o filho da serpente, ensinou aos

filhos dos homens todas as agulhadas dos espíritos e as pontadas do embrião no útero'.

A lembrança da passagem dos *deuses* permaneceu, no campo místico e mitológico, em todas as culturas antigas na veneração a estranhos seres alados (como, por exemplo, o culto às esfinges aladas) ou chifrudos (diversos estudiosos, Peter Kolosimo à frente deles, viram nos "chifres" a estilização de cascos com antenas); as ações heróicas dos Vigilantes teriam inspirado não apenas a Bíblia, na qual até mesmo o episódio da queda dos anjos foi muito censurado, mas também muitos textos épicos primordiais nos relatos de lutas entre deuses.

Quase confirmando essas corajosas teses, vale a extraordinária semelhança do nome do chefe dos anjos rebeldes, Semyaza, com Semjase, o astronauta extraterrestre com quem dizem comunicar diversos médiuns americanos e um contatador suíço. Semjase seria proveniente das Plêiades, curiosamente o mesmo grupo estelar associado à figura de Deus, segundo, o profeta bíblico Amós e alguns credos de derivação hebraica como o culto mórmon. 'Procurem Deus e viverão. Ele fez as Plêiades e Orion', escreveu Amós na Bíblia (5: 8)".

O ENOCH ESLAVO

Prosseguia: "Segundo Enoch, no espaço lá fora viveriam diversas tipologias *angélicas*. Além dos Vigilantes, caídos porque 'não possuíam todos os conhecimentos do Universo', isto é, eram imperfeitos, existiriam muitas hierarquias.

Algumas são espirituais, como os arcanjos, os justos, os eleitos e os *não dormentes*, que estão diante de Deus, outras infernais, como os *Grigoris* (guardiões do Inferno), diabos que renegaram Deus; outras cuja melhor identificação foi como 'os homens de cabeça branca', fruto da união com os 'filhos do Senhor'. Entre estes últimos estaria também Noé cuja célebre arca que o salvará do dilúvio mandado para destruir os gigantes, na versão eslava do *Livro de Enoch*, aparece construída pelos anjos - e não pelos próprios filhos.

Entre tantos despontam os *Osannini* (da 'Ofan, globo), entidade de luz encarregada de nos encaminhar espiritualmente, depois que nós humanos perdemos a nossa natureza pura por causa do contato com os Vigilantes. Estes são os alienígenas que aceleraram positivamente a evolução desta civilização".

"A história", comentava ainda, "tem todos os indícios para ser considerada a narração de um verdadeiro rapto UFO a bordo de um disco voador". Tomado "entre aqueles da geração do dilúvio" e levado ao céu "sobre um carro de fogo com cavalos flamejante e um Servo de Glória", o patriarca encontra "as fileiras de chama e as armadas da fúria, os ardentes *shin'anim* e os flamejantes querubins, os inflamados *hashmallim* e os fosforescentes serafins". "E o anjo me colocou aos cuidados, dia após dia, do Trono de Glória". A presença de Enoch (que às vezes se faz chamar de Ismael) dentro da *merkavhah* suscita, porém, a ira de duas classes de anjos, os 'Ofannim e os Serafins, que por isso brigam com o anjo Metraton, que leva a melhor; e os outros anjos "abriram a boca e disseram: Na verdade, Enoch é digno de contemplar a *merkavhah*".

Conduzido através dos céus, o patriarca foi informado de "todos os segredos do Universo e todas as ordens da criação" estabelecidas pelos Criadores e pelos Formadores (encorpados em uma única figura naquela ocasião, o Formador da Criação, ou *Josher bereshit*). Descobre os nomes dos sete Príncipes que comandam "uma armada celeste, e cada um deles tem uma multidão de 496 mil anjos serventes", fica sabendo de uma base alienígena sobre a Lua, controlada por "Offanfel, o Príncipe que se encontra sobre o disco lunar com 88 anjos", descobre as rotações (*rahat*) "dos astros nas suas órbitas"; aprende que o Altíssimo tem "muitos carros", verdadeiras aeronaves que nos levam a pensar nos nossos aviões militares e que, como estes últimos, são subdivididos por modelo e versatilidade: vão desde os carros do querubim àqueles "do vento" (para fins de caça), desde os rápidos "carros da nuvem veloz" (que definiremos como hipersônicos) aos "carros de multidões" (aptos para o transporte tanto de batalhões, como de cargas), dos "carros da rota" (ou na verdade, os protótipos circulares como os UFO) aos "carros dos nevoeiros" (que lembram os aviões invisíveis) e assim por diante.

Mas o elemento mais desconcertante é o momento em que foi mostrado ao patriarca uma lista, definida como *pargod* ou tecido, contendo um tipo de relação genética de "todas as gerações das gerações do mundo, tanto os que foram feitos como os que serão feitos, até o final de todas as gerações". Essa é uma referência ufológica que tem um desconcertante paralelismo com a literatura moderna sobre os raptos UFOs: vários pesquisadores americanos sustentam que há séculos os aliens estariam mapeando geneticamente a raça humana (a

hipótese foi feita até mesmo em um episódio de *Arquivo X*. O *Livro de Enoch* já afirmava isso há 2 mil anos!

"Como fez Enoch para conhecer a esfericidade da Terra e a inclinação do seu eixo, perguntou-se o ufólogo inglês Raymond Drake. "Os anjos caídos, os Guardiões, aterrissaram sobre o Monte Hermon, em número de 200, no tempo de Yared, pai de Enoch; uniram-se às filhas dos homens; é, portanto, possível que a mulher de Yared tenha concebido Enoch de um extraterrestre, que seria responsável pela sua sabedoria transcendental e pela sua estreita afinidade com os espaciais", comentava no livro *A Bíblia e os Extraterrestres*, em 1974. Na verdade, não foi propriamente assim, mas Drake forneceu de qualquer modo questões interessantes. Eis como comentou a versão eslava do texto (sabe-se que nas bíblias apócrifas muitos detalhes anacrônicos foram mantidos): "O *Livro de Enoch* eslavo fala como Enoch, no primeiro mês do seu 365^a ano, se encontrava sozinho em casa, adormecido sobre a cama, quando, de repente, sentiu um aperto no coração e, imediatamente, percebeu que ao seu lado estavam dois seres de estatura imensa que ultrapassava aquela dos gigantes da Terra; os seus rostos resplandeciam como o Sol, os seus olhos brilhavam como brasas ardentes e as suas bocas emitiam relâmpagos de fogo, descrição que retoma os seres interplanetários de hoje. Eles disseram que o Senhor os mandara para que o conduzissem ao Paraíso, o tomaram pelos braços e o levantaram até as nuvens em uma turbina, provavelmente uma astronave. De uma nave-mãe Enoch conseguiu ver lá embaixo, no Primeiro Céu, o planeta Saturno com os seus anéis; o Segundo Céu, Júpiter, envolvido pela

escuridão, era a prisão para aqueles anjos que se rebelaram contra Deus. Nas proximidades do planeta Marte, Enoch contemplou o jardim do Éden e, a poucas centenas de milhas, nas regiões polares, teve a visão dos condenados que congelavam nos grandes *icebergs* glaciares. Naquele momento, Enoch começou a chamar de *homens* os anjos, visto que pareciam como tais. Estes o levaram ao Quarto Céu, o da nossa Terra. Enoch surpreendeu-se ao ver que a Terra era redonda, um fato negado pelos teólogos por milhares de anos. No Quinto Céu, Vénus, encontrou muitos soldados de aspecto humano, os Gregorios, mais altos do que os gigantes; eram os anjos caídos. Possuíam rostos resplandecentes, mas os lábios levemente fechados, como se se comunicassem telepaticamente. No Sexto Céu, Mercúrio, os anjos Luminosos de rosto radiante ensinaram-lhe os movimentos das estrelas e as fases da Lua. Ele se encontrou com os arcanjos que estudavam todos os seres vivos sobre a Terra e anotavam as ações das almas dos homens. No Sétimo Céu, aquele do Sol, ele contemplou Querubins, Serafins, Tronos (talvez cosmonaves?), anjos com muitos olhos (cosmonautas em macacões espaciais?), nove legiões e as estações luminosas de O'fannim (globos) e Hajjôt, que o estudioso Quixe Cardinale afirma se tratar de astropostos para viajantes galácticos. O *Senhor* enviou Gabriel, pois Enoch tremia na fronteira com o Sétimo Céu. Ele o levantou, como faz o vento com uma folha, e o fez voar em direção ao Oitavo Céu, Muzaloth, lugar de mudança das estações, e através o Nono Céu, Kuvachim, a morada dos signos do zodíaco. No Décimo Céu, chamado Aravoth, Enoch reconheceu a constelação da qual vieram os

nossos antepassados, a estrela Altair; lá conseguiu ver que a expressão do rosto do Senhor era igual a ferro fundido e emitia relâmpagos de luz. Em seguida, o arcanjo Pravu'el, que se distinguia pelos seus conhecimentos, foi convocado; o Senhor ordenou-lhe que desse a Enoch os livros que escrevera com uma caneta para escrita rápida, para que os terrestres pudessem ter um relato da sabedoria cósmica que lhe fora revelada. O *Livro de Enoch* hebreu repete de modo substancial a versão eslava, na qual se diz que ele passou seis jubileus, 294 anos, com os anjos, sendo informado das coisas do céu e da Terra...".

Essa é a interpretação, de certa maneira, um pouco "livre" demais, que Drake oferece. Na realidade, não é certo nem a contagem das eras que Enoch passou no céu, nem que os Céus (ou melhor, os universos) por ele visitados correspondessem aos planetas do nosso sistema solar, muito menos às diversas seções do Cosmos; é muito fácil que a interpretação canónica seja posterior e tardia, alinhada aos conhecimentos astronômicos medievais, que contemplavam um céu composto por sete planetas e incluíam nele também o Sol. O texto hebraico original, por exemplo, refere-se ao Sétimo Céu com a palavra 'Aravôt, cujo significado não é assegurado nem mesmo no texto bíblico e que foi freqüentemente traduzido, conforme o contexto, por "nuvem" ou "céus", e na versão hebraica aparece a expressão "Aravôt Raqia", firmamento no céu, sobre a qual os biblicistas patinaram e que é, em vez disso, explicada em um texto hebraico da Alta

Idade Média (comentado no século XII pelo místico Yishaq, o Cego), o *Midrash Konen*, que adverte para "não ler *raqia*'

firmamento, mas *qeria'*, rasgo". Por meio deste *rasgo no céu*, um tipo de buraco hiperdimensional, passavam as várias raças alienígenas; o buraco colocava em comunicação a Terra com o resto do Universo, composto, segundo os textos hebraicos sobre as origens, por "milhões de mundos"...

EM BUSCA DAS 11 CÓPIAS

A versão hebraica é, no entanto, deixando de lado certas inserções místicas presentes na versão eslava, a mais confiável. Nela, de maneira pouco suspeita, Enoch identifica-se com frequência com o narrador Ismael e até mesmo com o anjo que o guia na viagem. E, além disso, às vezes se afirma que o anjo seja Deus em pessoa. A imagem que o leitor comum obtém é a de um patriarca em pleno delírio de onipotência, que chega a crer-se Deus, e que no mínimo sofre de múltipla personalidade; uma tradução mais correta do texto original tem, porém, razão a respeito dessas contradições inseridas posteriormente pelas Igrejas com o propósito de falsificar a mensagem.

Não se pense, porém, que tenha sido fácil para mim chegar a uma meticulosa reconstrução do texto original. Ao conduzir esta pesquisa, ainda que ajudado por uma experiência de trabalho como bibliotecário, frequentemente me senti como o personagem de Dean Corso no filme de Roman Polanski *O Último Portal* (que roda meia Europa para confrontar três edições de um texto iniciatório maldito). Jogadas fora as traduções "tradicionais" do texto enoquiano, cujo verdadeiro

título é *Sefer hêkalôt*, isto é, Livro dos Santuários, foi necessário obter cópia das 11 edições impressas, baseadas em manuscritos perdidos, espalhadas nas bibliotecas de metade da Europa.

Três delas se encontram em Oxford (os códigos 1656/2, 2257/4 e 1748/2), na Bodleian Library; uma edição estampada em Lemberg; uma outra, conhecida como *Bet ha-Midrasch*, em Viena; duas em Jerusalém, uma das quais cuidadosamente guardada na Jewish University and National Library; outra junto à Bayerische de Mônaco, outra, quase que intocável, junto à Biblioteca Apostólica Vaticana, e, enfim, uma na Biblioteca Laurenziana de Florença e outra na Casanatense de Roma, onde acabei ficando por muito tempo por ocasião de uma entrevista televisiva feita pela transmissão *Stargate* com Roberto Giacobbo, que efetuava as filmagens na Biblioteca.

Além dessas 11 versões, deve ser dito que não existe uma edição crítica aceitável do texto (embora a tradução de Lacerenza contenha notas muito aprofundadas) e, aliás, reforçando, no passado foram realizadas traduções do livro muito discutíveis (sem falar dos seis capítulos falsos acrescentados posteriormente) que falsificaram integralmente o seu conteúdo, transformando-o em um texto místico de pouco valor. E, pois, ao biblicista Hugo Odeberg (que deu o título de *3 Enoch* ao livro) que se deve, em 1992, a definição errada do texto como um tardio pseudo-epígrafo, e a sua errônea inserção no contexto da literatura mística do Judaísmo tardo-antigo e da primeira idade bizantina.

Traduzir novamente o livro, recorrendo às versões originais, cruzando as versões mais confiáveis, foi um trabalho

massacrante, que durou um decênio; e isto porque os primeiros erros se referem já aos nomes; tendo sido traduzidos muito mal, perdeu-se o real papel dos atores e dos figurantes. O verdadeiro nome de Enoch, por exemplo, era Hanôk, que significa o iniciado, e não é por acaso que no Alcorão é chamado de Idris, erudito (mas o nome esbarra também no termo Anochi, um dos nomes de Deus; já falamos que, depois da experiência, Enoch se considerou como um dos Elohim); o uso do nome Hanôk foi desejado: o texto configura-se como uma narrativa, em primeira pessoa, de uma experiência estática contada pelo Rabino Ismael ben Elisha, que é o verdadeiro nome do protagonista do seqüestro ao céu, um mestre tannaita que viveu, portanto, não na época da colocação bíblica, mas entre o final do século I e o início do II; Grande Sacerdote de Jerusalém, segundo a lenda (errada talvez), ele foi morto pela repressão romana após a revolta de Bar Kokvah em 135 d.C. A tradução do termo *merkavah* (ou *merkavhah*), o carro voador com o qual Enoch teria subido ao céu, é, portanto, imprópria. O termo "carro" é redutor, já que o texto utiliza as palavras *qarôm shel nôgah*, "carruagem de luz"; na prática, o mesmo termo que os mexicanos de Tepoztlan usam para indicar os misteriosos UFOs muito luminosos, ou "naves de luz", que desde 1500 sobrevoariam a América Central e seriam guiadas por criaturas imateriais, como imaterial seria o veículo, perfeitamente coincidente com o "carro" enoquiano. O Vaticano sabe de tudo isso há dois mil anos, tanto é que Santo Agostinho, na sua *Angelologia*, já falava de anjos de natureza imaterial (como a *merkavhah* e as naves de luz), capazes de transportar-se no Universo e de

poder existir milhões deles sobre a cabeça de um alfinete, quando as Igrejas ainda brigavam sobre a natureza "material" dos mesmos, e discutiam sobre o seu sexo!

E não é só isso. O Salmo bíblico 68:18, "A cavalaria de Deus tem duas miríades (*shin'na*)", foi mal traduzido; a cópia do *Livro de Enoch* guardada na Bodleian Library de Oxford reporta exatamente *shtnjm*, em vez de *shin'na*; e *shtnjm*, que se pronuncia shetanim, significa os adversários, os "Satanases". Mas a idéia de que o carro do Senhor fosse guiado pelo seu adversário não agrada aos devotos comentadores rabínicos, e a palavra foi modificada com um termo de som parecido, que não significa nada, mas que tem a virtude de "cobrir" uma parte espinhosa da história, o fato de que Deus (ou melhor, os Elohim) estivesse "no mesmo nível" com os "diabos".

Também está errado no texto o nome do anjo que guia o patriarca hebraico no curso da sua subida ao céu; não é Gabriel e não é, nem mesmo, como na cópia da Bodleian Library de Oxford, Qafshi 'el; mas Qashfi 'el, literalmente "ira de Deus". Guardiã do Sexto Acesso no livro *Hêkalôt rabbati*. No texto bíblico *Números* ele é um anjo guerreiro, de destruição, em vez de puro espírito! (e não por acaso a tradução rabínica deseja que qualquer um que tenha tentado traduzir corretamente o *Livro de Enoch* seja morto imediatamente, incinerado). E definitivamente um dos "diabos" que pilotavam o carro voador do Senhor. E Metraton, o anjo que o Senhor envia a Enoch para que seja salvo da fúria "do Príncipe Qashfi 'el e dos anjos que estão com ele, para que não me joguem para baixo dos céus" [1: 3], não é por certo

puro espírito. "O autor evidencia de maneira muito particular o aspecto humano", anota Lacerenza; além disso, o livro leva muitas vezes a entender que ele tenha de algum modo se fundido a Enoch, como se o patriarca, pelo fato de ter estado raptado ao céu, tenha se transformado de fato em um membro da corte celeste.

E nesta louca corrida no espaço, Enoch encontra os Guardiões dos Acessos (*Shom' rê ha-petahîm*) que o gnóstico Valentim chamava de arcontes, os supra-intendentes dos vários setores do Universo; e esbarra nos Primogênitos (no texto hebraico, *rishônîm*), as primeiras gerações de anjos criados por Deus para receber conselhos sobre a criação do homem, mas que, por causa da sua oposição à criação de Adão, teriam sido destruídos. Sobre eles, o *Midrash Gen Rabbah* [5:5] diz: "Quando o Senhor estava para criar o homem, os anjos servidores se dividiram em duas facções. Alguns diziam: Seja criado!, outros: Não seja criado!".

Lê-se nos capítulos 6 e 7: "Quando o Santo, que bendito seja, tentou fazer-me subir ao Marôm, Ele me enviou primeiramente o anjo 'Anffel, o Príncipe (o Guardião do Sétimo Acesso; nome omitido na versão vienense); tirou-me das suas vistas e fui conduzido em grande glória sobre um carro de fogo com cavalos flamejantes e um Servo de Glória, e me elevou até a *Shekinah* (= presença de Deus) no alto dos céus. Assim que alcancei os Céus, as santas Hajjôt e os Ofannins, os Serafins, os Querubins e os Galgallim da *merkavhah* e os Ministros do Fogo Ardente perceberam o meu cheiro à distância de 365 milhões de *parasangas* (a milha persa que equivale a 6 quilômetros), e disseram: Que cheiro

de nascido de mulher e que sensação de gota branca é essa que sobe ao alto dos Céus, entre aqueles que dividem as chamas? O Santo, que bendito seja, respondeu, dizendo a eles: Meus Ministros, Batalhões, Querubins, Ofannins, Serafins! Não se aflijam por ele: como todos os filhos do homem se esqueceram de mim e do meu grande reino, foram embora e veneram ídolos, por isso lhes foi retirada a *Shekinah*, e Eu a elevei ao Marôm. Mas este que tomei entre eles foi escolhido entre todos e a todos supera em coerência, justiça e retidão de ações, e o tomei como tributo do meu mundo abaixo dos céus. Quando o Santo, que bendito seja, me pegou entre aqueles da geração do dilúvio, me fez sentar sobre as asas do sopro da *Shekínah* em direção ao alto do Raqia' (= rasgo no céu, como um *Stargate*) e me conduziu em meio às grandes residências (os Santuários) que estão no alto da 5 'Aravôt Raqia', onde se encontram o Trono da Glória da *Shekinah*, a *merkavhah*, os batalhões de chama e as armadas da fúria, os ardentes *Shin 'aním* (os diabos!), os flamejantes Querubins, os incandescentes Hashmallhn, os fosforescentes Serafins. E Ele me colocou sob a guarda, dia após dia, do Trono de Glória". A referência aos *Hashmallim* (= os Luminosos), que lhe ensinarão os "movimentos das estrelas", as quais conheciam bem, é particularmente interessante, na medida em que o termo *hashmal* está presente na Bíblia somente na visão de Ezequiel, na qual se diz que o piloto da *merkavhah* tem em parte o aspecto do *hashmal* (Ez 1: 27), indicando com isso alguma coisa luminosa ou incandescente. Tal termo, explica Lacerenza, "geralmente se refere à aura luminosa de um metal nobre, ao elétron (conforme a versão dos Setenta e a *Vulgata*).

Os *Hashmallim* não seriam, porém anjos, mas simplesmente *seres de hashmal*. O Talmude babilônico diz que os *Hashmallim* são de aspecto metálico, aureolados, com uma aura luminosa e com "bocas" propulsoras das quais sai o fogo. A descrição é apropriada aos mísseis e aos discos voadores! Sobre seus pilotos, Enoch, na versão eslava, diz claramente que lhe ensinaram "os movimentos das estrelas e as fases da Lua"; portanto, dispunham de mapas estelares, como toda boa astronave que se respeite. E diz também que os pilotos "estudavam todos os seres vivos da Terra", do mesmo modo que os modernos UFOnautas, que parecem observar-nos a distância!

Os detalhes que o patriarca fornece são iluminadores e nos permitem enquadrar definitivamente, sob o ponto de vista ufológico, a natureza da sua experiência. Pena que as péssimas traduções do texto, em que os *Hashmallîms* se tornam banais anjos de luz, tenham desviado por anos os pesquisadores Mas Enoch é categórico. As características dos *Hashmallim* (leia-se, "dos UFOs") são as mesmas da máquina voadora que Ezequiel viu no deserto, e que um técnico da NASA identificou, sem sombra de dúvida, como uma aeronave espacial! Eis o que realmente viu o autor do livro, uma vez levado para o espaço... E afirmo que a Igreja sempre soube disso.

OS VATICAN UFO FILES

Em 1947, um piloto civil americano avistava nove UFOs nos céus do estado de Washington e relatou q, acontecimento à imprensa, dando início, sem saber, ao interesse pela Ufologia; mas, como vimos, os discos voadores não são novidades do segundo pós-guerra. E não apenas no mundo médio-oriental. O historiador latino Marco Manilio, antecipando as modernas descrições dos avistamentos de UFO, escrevia no seu *Astronomicon* que "existem astros que raramente aparecem e logo depois desaparecem" e que podia acontecer de se conseguir ver no céu "chamas repentinas que aparecem nas escuridões noturnas e se mostram com diferentes aspectos. Às vezes, de fato, as chamas parecem esvoaçar como longos cabelos de finos fios. Esse primeiro aspecto pode se transformar depois e, sumindo as crinas, modificam-se em uma massa que parece assemelhar-se a uma barba em chamas; às vezes no lugar do fogo, alongándose igualmente nos dois lados, toma a forma de uma trave quadrada ou de uma coluna redonda, ou ainda, com as suas túrgidas chamas, parecem barris redondos. Outras vezes, o fogo assume uma forma que lembra o rosto de pequenas cabras (isto é, triangulares; como triangulares são os UFOs vistos nos céus europeus a partir de 1989). "No céu sereno, quando as estrelas dispersas cintilam por toda a parte, vêem-se algumas luzes precipitarem-se ou vagarem aqui e ali no espaço, ou então riscarem de longe, imitando velozes flechas, já que a sua fina risca se torna tênue". Nesse texto, alguém se perguntará, Manilio descreve simplesmente estrelas cadentes ou já alguns UFOs *ante litteram*. O aceno a movimentos errantes no espaço e aos traços na forma de charutos, a "trave", são iluminadores

porque recorrem exata e pontualmente ao moderno estudo de casos ufológicos. O autor depois conclui: "Não se maravilhem, portanto, que rostos improvisados apareçam no céu e que a nave acesa resplandeça de luzes cintilantes". Já há dois mil anos, portanto, causavam, em testemunhas que olhavam de vez em quando o céu, a mesma maravilha que provocam ao caminhante nos dias de hoje. Mas não é só isso. Um outro historiador antigo, Diógenes Laércio, relata em *As Vidas dos Filósofos*, no capítulo 8:2, que, tendo desaparecido Empédocles, um dos seus servos disse "ter visto uma luz no céu e um reflexo de tochas"; o acontecimento foi interpretado pelos vários empregados, reunidos em torno do rico Pausania, como uma manifestação milagrosa. O "milagre" reaparece pelo menos 200 vezes nos antigos documentos do Vaticano, que pude descobrir em virtude dos meus percursos de bibliotecário, além de professor de religião, com acesso aos arquivos eclesiásticos. A Igreja, de fato, depois da queda do Império Romano, confiou aos próprios homens, frades e devotos copistas, a preservação do saber e da história. De tal modo, por muitos séculos também foram reunidos nas crônicas históricas (hoje diríamos "jornalísticas") os eventos celestes de natureza desconhecida, aos quais, conforme o humor político da época, são dados uma interpretação salvadora ou apocalíptica e demoníaca. "Nesse ano, terríveis premonições que assustaram todo o povo se verificaram em Northumberland: primeiramente, houve contínuas tempestades com raios e trovões, e depois, horrendos dragões foram vistos sobrevoando o céu. E uma grande carestia veio logo depois desses fatos extraordinários, e pouco tempo depois

caíram sobre o povoado os pagãos do Norte, e destruíram a igreja de Deus e depredaram e massacraram". O episódio do ataque dos Vikings à igreja inglesa de Lindisfarne, uma ilha sobre a costa oriental da Inglaterra onde surgiu um antigo monastério, aconteceu em 8 de junho de 793 e é contado com detalhes nas *Crônicas Anglo-Saxônicas*, uma série de obras analíticas de diversos autores. A referência aos "trovões" e aos "dragões" é muito intrigante, e leva a pensar na presença, no céu, de instrumentos não identificáveis de aspecto aterrorizante. Na *Crônica* sobre a batalha do rei Clotário II, relatada no século XIX por Migne no 20º capítulo do 71º livro, lê-se: "No quinto ano do reino de Teodorico, o mesmo em que foram vistos alguns sinais, apareceram globos de fogos que corriam no céu e apareceram hastes de fogo aos milhares pelo Ocidente". Na igreja paroquial de Montemagno de Pisa, existe um diário do pároco don Simão Bisaglia que, na noite entre 30 e 31 de março de 1677, teve um extraordinário encontro aproximativo. Assim descreveu o evento, de seu próprio punho: "Recorda-se como, por volta de uma hora da madrugada, viu-se a partir do céu um raio grandíssimo partindo do meio do nascente, atravessou quase claramente o poente na forma de uma bomba artificial, e na passagem fazia um grande barulho e iluminou tanto todo o mundo que, apesar de estar escuro, parecia ser meio-dia, e durou quase o tempo de rezar o Pai-Nosso. Tinha aproximadamente um braço e meio de comprimento e foi visto por mim, padre Simão Barasaglia, ao retornar para casa com Sabatino de Domênico Lupetti e Anton Filippo de Vincenzo Meucci; 15

minutos depois se escutou um forte trovão apesar do bom tempo".

Nesses velhos relatos surgem também aparições de estranhas criaturas, que hoje definiríamos tranqüilamente como "extraterrestres". Um deles, representado no teto da Rocha de Angera sobre o Lago Maggiore, remonta a 1300 e mostra uma estranha criatura humanóide completamente nua, vermelha, imberbe e com orelhas enormes; o centro ufológico alemão GEP de Rudolf Henke descobriu documentos sobre um suposto rapto alienígena ocorrido em 15 de novembro de 1572, na Suíça: Hans Bouchman, um fazendeiro local, desapareceu naquele dia da cidade de Romerswyl sem deixar sinal. O criador de animais de 50 anos estava atravessando a floresta para retornar a casa, quando foi sugado no ar e se encontrou em um local estranho para ele, depois identificado como Milão, na Lombardia. Os milaneses viram-no vagando em estado confuso. Segundo Renward Cysat, o cronista de Lucerna que interrogou o homem, Bouchman fora raptado e levado aos céus por "espíritos noturnos". Outras vezes, a culpa dessas "ascensões celestes" era atribuída aos demônios: Anne Jeffries, doméstica da família Pitt no povoado de St. Teath, na Cornualha, foi encontrada desmaiada, em um dia de 1645, pelos seus vizinhos. A mulher estava estendida no chão próxima da porta da casa em que trabalhava. Socorrida, contou ter sido raptada por pequenas criaturas parecidas com seres humanos, que a conduziram voando na direção de um objeto luminoso e a teriam obrigado a sofrer humilhantes relações sexuais. Esse caso histórico de abdução, de seqüestro UFO, foi investigado por ninguém menos que a Santa

Inquisição. Ainda, nos documentos do historiador ibérico Juan de Pedraza, datados de

1568, dizia-se que "alguns acreditam que eles entrem pelas casas enquanto as portas e janelas estão fechadas" (como os modernos seqüestradores alienígenas); outras vezes, as ascensões eram atribuídas às cortes celestes. A crença aparecia também na mística católica. O conhecido frade pregador Jerônimo Savonarola afirmava ter sido levado ao Paraíso pela madona, e isso não contribuiu certamente para aumentar as simpatias papais para com ele; atacado pela hierarquia vaticana, escreveu "a um amigo titubeante" uma carta datada de janeiro de 1496 na qual procurava justificar-se, confessando: "Não estive lá corporalmente, mas foi tudo uma visão imaginária e todas as coisas que vi foram formadas na minha imaginação pelo ministério angélico...".

Freqüentemente, os membros da "corte celeste" comportavam-se de modo um tanto curioso, para alguns "puros espíritos". Segundo a crônica eclesiástica, uma figura identificada no arcanjo Miguel teria repetidamente aparecido em sonho ao bispo francês Aubert, em 708, pedindo-lhe para edificar uma igreja sobre o Monte Tombe. Diante da indecisão do cético eclesiástico, que não queria acreditar na materialidade daquelas visões oníricas, o anjo teve de perder a paciência e, conta a lenda, meteu-lhe um dedo na cabeça, quase literalmente, metendo na cabeça a sua vontade. Mas os dedos dos anjos, como se sabe, não são como os dedos humanos; aquele simples cutucão foi suficiente para que o crânio do bispo furasse. Os historiadores dizem que o bispo sobreviveu e que, desde então, andava por aí com a cabeça

furada; o furo era de 2,5 centímetros por 2, o suficiente para deixar ver o cérebro; estamos tão certos das medidas, quanto do fato de que não se trata de uma lenda, pois o crânio transpassado de S. Aubert existe; foi recuperado, depois de mil peripécias, pelo médico Guérin durante a Revolução Francesa e está hoje guardado na catedral de Saint-Germain em Avranches, na França.

O episódio leva a muitas reflexões; de perfurações crânicas da parte ou em honra dos deuses, a "mitologia" centro-americana está cheia (México, Bolívia, Peru), como também a egípcia e a tibetana; e ainda hoje, nos relatos dos raptos alienígenas, aparecem memórias de estranhas operações no crânio das indefesas cobaias humanas. Hoje a crônica atribui essas maldades aos extraterrestres; um tempo atrás, era culpa dos diabos ou dos anjos. Mas que certos pretensos "espíritos puros" fossem outra coisa a Igreja também sabia, apesar da prudência oficial, tanto é que, em julho de 2002, o cardeal Jorge Estevez Medina recebeu um mandado do papa para "fazer uma limpeza no exército angélico para separar os verdadeiros dos falsos" (curiosamente, uma profecia francesa do século XVII previra tudo isso; um visionário anônimo deixara escrito: "Até os anjos serão perseguidos").

UFO ANTE LITTERAM

Em 1639, James Everell e alguns amigos estavam atravessando de barco o Muddy River; eram dez horas da noite quando uma "luz retangular" parou no ar; depois começou a

ziguezaguar velozmente de um ponto ao outro da costa, por cerca de duas horas. Quando o fenômeno cessou, os barqueiros americanos perceberam estupefatos que tinham subido o rio contra a corrente, sem terem remado ou velejado, como se uma força misteriosa os tivesse puxado. O fato foi cuidadosamente descrito pelo governador John Winthrop em seu *Diário*. No mesmo, surge outro episódio insólito: em 18 de janeiro de 1644, às oito da noite, vários habitantes de um bairro de Boston notaram no céu uma luz "das dimensões da Lua Cheia", levantada sobre o horizonte marinho, na direção noroeste. Imediatamente depois, apareceu outra luz, proveniente do leste. As duas luzes começavam a aproximar-se e afastar-se, como um jogo absurdo, até que, por fim, mergulharam atrás da colina da ilha em frente, desaparecendo. Durante essas insólitas evoluções, muitos dos presentes ouviram uma voz gritar: "Pequeno, pequeno, venha, venha". O incrível acontecimento teria se repetido por umas 20 vezes; as luzes pareciam vir de direções diferentes, mas sempre "de uma enorme distância". Embora a história tivesse os contornos de uma alucinação coletiva, uma semana depois novas testemunhas assistiam a uma análoga dança celeste, ouvindo novamente os apelos "provenientes das profundezas dos céus". Winthrop, no seu escrito, não tentou de forma alguma encontrar uma explicação para o fenômeno, limitando-se a ressaltar que o fato teria sido verificado na mesma área onde, algumas semanas antes, a lancha do capitão Chaddock fora destruída por uma explosão de pólvoras na baía. Visto que Chaddock era suspeito de magia negra, e diferentemente dos seus homens, o seu corpo não foi

encontrado, foi natural pensar em uma matriz demoníaca para as luzes aparecidas na baía.

Em 11 de março de 1643, o cronista inglês John Evelyn (1620-1706) anotava no seu *Diário*: "Não devo esquecer aquilo que tanto nos assombrou na noite passada, isto é, a nuvem luminosa nas áreas, a qual se assemelhava a uma espada, com a ponta em direção ao norte; era resplandecente como a Lua, visto que o resto do céu estava muito limpo. A coisa começou por volta das 11 da noite e terminou por volta da uma; todo o sul da Inglaterra a viu". Em 21 de março de 1646, várias pessoas, no condado de Norfolk, avistaram "uma pilastra como uma nuvem vinda da terra, depois como um tipo de espada de cabo cintilante, apontada em direção ao Sol. A pilastra subiu ao céu, onde tomou a forma de uma pirâmide e acabou desaparecendo com o aspecto da ponta de um campanário, então a lança desceu novamente em direção ao solo. Tudo isso durou mais de uma hora. Por volta do mesmo período, em Brandon, foi vista uma nave aérea passar no céu". Na Holanda, no mesmo ano, uma grande frota de "naves aéreas com muitos marinheiros a bordo" tinha sobrevoado a região de Laja, enquanto seres vestidos de branco, "com espadas brilhantes", compareceram sobre as muralhas de Thurin (Bélgica), assediada pelos franceses que, diante do estranho fenômeno, se retiraram precipitadamente. Tratou-se de miragens ou de reais aparições?

Difícil afirmar depois de tantos séculos; sabemos, porém, que os mesmos fenômenos vinham assinalados também em outra parte do mundo. E não é só isso. Segundo a agência de notícias *Nova China*, o professor Shi Pen Lao, da

Universidade de Pequim, teria encontrado nas montanhas do Hunnan, e também em uma ilha do lago Tong-t'ing, alguns baixos relevos em granito que representam seres que não são humanos, com aparelhos respiratórios, um tipo de mergulhador com trombas de elefante; as estranhas criaturas, das quais não se tem as imagens, teriam sido representadas tanto em pé no chão, como em cima de objetos cilíndricos que riscam o céu. Segundo a datação da Universidade de Pequim, os baixo-relevos remontariam a 45 mil anos atrás (este último detalhe me parece, no entanto, duvidoso e me pergunto se realmente as autoridades chinesas dariam crédito levianamente a revolucionárias afirmações semelhantes).

Os avistamentos UFO na Antiguidade, portanto, não eram evidentemente menos raros do que os atuais; por certo, falava-se menos sobre isso, em comparação à velocidade de transmissão das informações da era da TV digital e da Internet; a esses enigmáticos "sinais no céu", os gregos inventores dos princípios da Física procuravam dar uma explicação dentro de um discurso astronômico panteísta. Diógenes Laércio, no oitavo livro de *As Vidas dos Filósofos*, conta, por exemplo, que uma noite, ouvindo chamar-se pelo nome, o grego Empédocles, "quando se levantara, vira uma luz no céu e um reflexo de tochas". Uma outra parte da biografia de Laércio mostra-nos que o filósofo tinha afinidade com as coisas celestes (8, II, 114), e nesse texto se afirma que ele pregava que "o Sol é um grande amontoado de fogo, e maior do que a Lua; a Lua é discóide e o céu é cristalóide. A alma assume qualquer forma de animais e plantas". Por ter vivido no século V a.C., Empédocles parecia conhecer muito,

tanto sobre os nossos astros, quanto sobre a reencarnação. De onde tirara tais informações (certamente não da própria imaginação) é um mistério, a menos que *Ihe tivessem sido reveladas*, não por um deus, mas por um ser tecnologicamente mais avançado!

E o filósofo de Agrigento parece estar em boa companhia. O *Jornal*, de 11 de julho de 1988, escreveu: "As tribos que habitaram o território conhecido hoje como Cazaquistão utilizavam conhecimentos de Astronomia desde o final da Idade do Bronze. Chegaram a essa conclusão os estudiosos soviéticos que analisaram um complexo formado por um túmulo rochoso, com longas e retas filas de pedras esquadradas e uma colinazinha meridiana que foi usada como observatório. O túmulo foi descoberto no Cazaquistão em uma área entre o lago Balkash e os montes Tien Shan. Uma inspeção conduzida no dia do solstício de verão mostrou que uma linha traçada de cima da linha das pedras meridionais, por meio da colinazinha meridiana, indica o ponto do nascer do Sol. Sobre o túmulo existem quatro pontos-chave, que tornam possível a determinação do tempo de descida do Sol no dia mais longo e no dia mais curto, assim como nos equinócios de outono e primavera. Os antigos necessitavam dessas informações para poder conduzir rebanhos ao pasto e, talvez, também para fins ritualísticos. Segundo um estudioso de Alma Ata, o complexo foi construído no mesmo período de Stonehenge na Inglaterra".

A idéia de que, no nosso antigo passado, seres alienígenas tenham descido sobre a Terra, deixando uma lembrança deformada da sua passagem, não é própria dos ufólogos. O

primeiro a formulá-la foi o astrônomo russo-americano Carl Sagan (que em seguida se converteu, por oportunismo político, ao mais torvo ceticismo ufológico); no volume *Vida Inteligente no Universo*, em 1966, já afirmava até mesmo que os sumérios tinham encontrado os extraterrestres, porque em suas marcas estavam presentes representações completas do nosso sistema solar (que na época se acreditava ser composto de apenas sete planetas e que nas marcas havia 12, atualizado com algumas modernas hipóteses astronômicas); e sustentava que tal conhecimento só poderia ter sido revelado. A hipótese foi refeita justamente por um outro russo-americano, o orientalista Zecharia Sitchin, que a desenvolveu e divulgou em uma série de livros publicados a partir dos anos 1980 na América, impressos na Itália com dez anos de atraso. Estranhamente, essas mesmas idéias foram repropostas, e expostas na capa, em março de 2003, da revista mensal de divulgação científica *Newton*, normalmente muito pouco inclinada a dar espaço a teorias ufológicas. E é curioso notar como, no Terceiro Milênio, idéias e descobertas que há um tempo eram apenas patrimônio de "ufólogos" excluídos pela ciência oficial, tenham penetrado a tal ponto na opinião pública, a ponto de obrigar as revistas científicas a aceitá-las como críveis (contemporaneamente à *Newton*, a ultra-cética *Focus* publicou na primeira página notícias sobre os UFOs e sobre a vida extraterrestre).

O tema que desenvolvemos neste livro não está, portanto, tão "perdido no ar", como os UFOs de que tratamos.

O CÉU VISTO DA TERRA

"Mas, senhor Ludovico, onde encontrastes tantas idiotices?", perguntava o cardeal Hipólito d'Esté a Ariosto, depois de ter lido as peripécias de *Orlando Furioso* sobre a Lua. Hoje, quando até mesmo sobre a Lua já andamos, repetidamente, muitos cientistas e pensadores parecem ainda raciocinar do mesmo modo, diante dos grandes mistérios do Universo. E isso vale de modo particular, para as crenças do variado mundo da Ufologia, no qual parecem prevalecer sempre extremismos opostos, e nunca uma via de meio mais cômoda. A Ufologia do Terceiro Milênio foi caracterizada pelo nascimento de um movimento extremista, que procura ganchos no movimento global, na política de extrema direita e de extrema esquerda, nas "revelações" de supostos ex-agentes secretos que, suspeitosamente, saberiam tudo dos ETs e que se dizem prontos para informar-nos dos seus misteriosos conhecimentos, desde que paguemos. No fronte oposto, talvez por vingança, assiste-se a uma radicalização de posições. E assim, somos obrigados a ver publicados livros como aqueles do físico francês Maurice Felden, que se intitula *E se Estivéssemos Sós no Universo?*, ou a suportarmos as cultas elucubrações de cientistas como o cético Stephen Jay Gould, do também cético grupo Csicop, convencido de que o gênero humano nasceu "por acaso" e que, portanto, não existe vida no Universo. Somos vítimas na verdade, de um exagerado antropomorfismo em função do qual, quanto mais se tenta afastar-se do humano, entrando no Cosmos, mais se

reproduzem modelos igualmente humanos. O psicanalista Aldo Carotenuto notou isso e realça que "a explosão demográfica e as ameaças atômicas tornam a Terra um lugar doloroso, fazendo-a parecer uma prisão. A fantasia do homem dirige-se na direção de outras terras e outros espaços, explorá-los é procurar entender se a presença humana será agradável, desejável. O homem transferia para o céu, entre os deuses do Olimpo, os próprios conflitos interiores, em um espaço para fertilizar como uma descarga na qual eliminamos os nossos lixos. Cada indivíduo, ao eliminar uma personalidade apreciável para os outros e para si mesmo, amputa aspectos seus, talvez vitais, mas vergonhosos, para depois projetá-los sobre o outro e vê-los como particularmente odiosos. O estranho que mais nos inquieta é aquele que mais se assemelha a nós, que mais nos recorda o débito que temos com a nossa sombra".

E assim, segundo as nossas frustrações, imaginamos os alienígenas bons ou maus, animados por uma vontade de *invasão* ou de *comunhão* (estes dois termos foram utilizados em 1987, quando chegaram dos EUA para todo o mundo dois *best sellers* ufológicos, nos quais os respectivos autores apresentavam uma idêntica tipologia alienígena, aquela dos *Greys*, dando, porém, interpretações opostas. Os livros eram *Intrusos*, do artista Budd Hopkins, convencido de que a Terra era uma grande estufa para os experimentos de cruéis ETs e *Communion*, do escritor de ficção-científica Whitley Strieber, segundo ele raptado pelos UFOs e convencido de que os *Greys* queriam elevar-nos espiritualmente, em um clima de comunhão cósmica). Estamos acostumados a repetir

essas histórias, na nossa visão antropocêntrica do mundo, que evidencia a despersonalização do Eu. Em 1959, o "antipsiquiatra" Laing denunciava, em *O Eu Dividido*, a cega e brutal robotização feita pela Medicina, que transformava as pessoas em "autômatos ou máquinas"; essa despersonalização nos levou hoje à ciência fria, sem alma, a serviço do poder e do dinheiro. Não é, portanto, casual que os alienígenas da literatura urológica sejam violentos manipuladores da genética humana, em um século em que os progressos da clonagem são vistos como um perigo para a humanidade (em 2002, a seita dos raelianos anunciava triunfante ter clonado quatro seres humanos, por ordem dos ETs); e não é casual que *Greys* sejam descritos como frios autômatos, privados de qualquer sentimento, capazes de perceber a realidade de modo controlado, medíocre, já adequados a um *status* repetitivo e mecânico, aparentemente incontrolável (por isso, quando alguém se comporta de maneira bizarra durante um seqüestro UFO, sofre um *tilt*, são como computadores que, privados de uma seqüência repetitiva de arquivos, se travam). Os alienígenas eram organismos artificiais para o pioneiro da Ufologia, Aimê Michel, e robôs biológicos privados de sentimentos seriam para a boa alma do coronel do Pentágono, Philip Corso, que disse tê-los encontrado e estudado; a idéia não deve ser excluída, porque superaria o problema das grandes distâncias interestelares: para um *cyborg*, uma viagem no espaço de milhares de anos não seria nada. *Cyborg*, recordamos, é a contração de *cybernetic organism*, organismo manipulado e preparado biologicamente para completar os esforços mais pesados, como, por exemplo, a longa

permanência no espaço (o *Cyborg Project*, existente somente no papel, cujo objetivo era construir esses híbridos, foi apresentado em 1960, em Estocolmo, por dois cientistas americanos). Além disso, o robô humanóide teria uma percepção diferente de tempo; olharia a história evolutiva da nossa humanidade como um breve intervalo comercial, e isso explicaria o motivo pelo qual os ETs não se revelariam ao público. Simplesmente porque usariam metros de medidas na escala cósmica, muito diferentes dos nossos. E o estudo do nosso planeta por eles poderia ter começado há apenas cinco minutos. Também poderiam até mesmo ter uma percepção do "real" totalmente diferente para nós. Afirmar-se que os *Greys* têm olhos totalmente negros, ou que usam lentes de contato escuras. Poderiam talvez sofrer de acromatopsia, que para nós é uma doença dos cones dos olhos, mas que em outros mundos poderia ser normal. Em plena luz, esses seres seriam cegos, veriam o mundo em preto e branco, seguindo a gama intermediária dos cinzas, as cores para eles não teriam o menor significado (com relação a tudo, até mesmo no campo psicológico. Mas já dissemos que eles são privados de emoções. No mundo animal terrestre, ao contrário, a cor serve para a comunicação, e no mundo humano também serve para distinguir-nos uns dos outros; mas os *Greys* parecem fazer parte de um só, como componentes de uma única grande máquina, como os Borgs de *Jornada nas Estrelas*). Se estivermos certos, os seus olhos percebem o vermelho e o marrom como cinza escuro, e o verde e o azul como cinza claro (é o que diz a ciência médica que estudou a acromatopsia). Lentes graduadas corrigem, nos terrestres,

esses erros de refração; talvez seja por isso que, para se ambientarem melhor no nosso planeta, eles coloquem lentes de contato escuras (em uma célebre autópsia de um alienígena, transmitida em 1995 pela TV do mundo inteiro, via-se a extração dessas lentes). No mundo deles, a luminosidade deve ser muito menos difusa; como afirmava Walter Sullivan, redator científico do *New York Times*, "os sentidos sobre um específico planeta evoluem em conformidade com o ambiente".

E nos dizem ainda mais "os reveladores" que teriam estudado os *Greys*, mas não sabemos se estão mentindo. Contam-nos que esses seres, na alimentação, teriam uma particular predileção por... sorvete de morango (sob esta "forma" o teriam encontrado sobre a Terra). Mas, cientificamente, o morango é um aldeído (está entre os principais aromáticos, entre a framboesa e a amora) e contém no fruto o éter metilsalicílico, que tem função sedativa (principalmente se combinado com drogas de ação diaforética: *Tília cordada* e *Tília platyphyllos*, *Sambucus nigra* e *Salsapariglia febrijuga*). O elevado conteúdo de taninos, com atividade adstringente, favoreceria também uma correta cicatrização da cutis. Isso é interessante, porque os "reveladores" afirmam também que os *Greys* se nutririam de sangue, que "se espalharia sobre os braços, misturando-se à pele"; em outras palavras, sofreriam de hemofilia, e precisariam de taninos. Ainda, estudos conduzidos em animais evidenciaram que a administração oral de altas doses de ácido salicílico pode causar má formação fetal, em virtude da absorção epidérmica (justamente, através

da pele) do ácido salicílico; e os *Greys* parecem realmente fetos grandes.

Os salicílicos inibem a biosíntese da prostaglandina (PG), prostaciclina e tromboxano (TXA), por meio do bloqueio das atividades da enzima prostaglandina-endoperoxídeo sintase (PGHS). Tal enzima é representada por duas isoformas, conhecidas com o nome de COX-1 e COX-2, e dá origem a um antiagregante plaquetário que aumenta a fluidez do sangue, aquele sangue que parece ser vital no metabolismo extraterrestre, e cuja lembrança mitificada, nos séculos passados, pode ter dado origem aos cultos aberrantes dos "sacrifícios humanos" colocados no alto para chamar os deuses (os astecas, por exemplo, consideravam o sangue "água sagrada para os deuses, imolando-se para gerar o Sol").

Estamos obviamente no campo das hipóteses, embora personagens como o ex-agente da CIA John Lear continuem afirmando que os *Greys* mutilariam animais para extrair enzimas e criar compostos à base de sangue (a despeito do choque anafilático que tais administrações provocam).

EXTRATERRESTRES, AMIGOS OU INIMIGOS

Mas há outra coisa. Há o mito UFO, ou melhor, o ponto de vista com o qual o ser humano olha o alienígena e o imagina.

"Cada um tem um protótipo pessoal do inimigo, sobre o qual projetar ressentimentos e temores e convergir à própria agressividade", afirma Carotenuto. "O clichê do *Grey* invasor nos vem dos Estados Unidos, e não é casual que os

americanos, que foram invasores e destruidores das civilizações autóctones, vivam com o complexo de invasão", declarou a psicóloga junguiana Giulia D'Ambrosio, que estuda os sequestros UFO. O semiólogo Roland Barthes é da mesma opinião, ele vê no marciano e no alienígena *o antagônico*, que recai negativamente sobre os sagrados e legítimos valores da civilização: "Indubitavelmente se denota uma metamorfose na simbologia do extraterrestre: ele foi quase sempre o inimigo, representado com conotações obscuras e ameaçadoras; mas se antes da tranquilidade nas relações entre americanos e soviéticos ele tinha a sua composição totalmente terrena e antropomórfica, hoje ele é completamente estranho, estruturado assimetricamente com relação aos modelos humanos, justamente para reforçar a sua diferenciação produzida pela proveniência sideral".

O psiquiatra junguiano, Cláudio Risé, também reforça o quanto a figura dos chamados *Greys*, como andrógenos, sem afetividade, sem emoções, indica a sua peculiaridade como criaturas desconhecidas, incontroláveis, inatingíveis, porque pertencem a uma dimensão de "dreamy state", onde falta a vigilância da nossa consciência com os seus parâmetros cognitivos lógicos, enquanto surge o medo atávico da inadequação frente ao inclassificável.

E o psicanalista junguiano, Roberto Macchetto, evidencia como a visão dos anjos como criaturas assexuadas, ou uma espécie de elfos provenientes de um "além" desconhecido, evidencia a falta de uma comunicação entre a consciência e a inconsciência, além de uma forte atividade simbólica provocada por uma profunda necessidade de natureza

emotiva, ou mesmo, acionada por uma alteração da funcionalidade do lóbulo temporal.

Mas, já em 1979, o ufólogo francês Jacques Pottier confessava temer a "fase sete", o "contato total" com os extraterrestres (mesmo dizendo-se convicto de que não haveria uma "guerra dos mundos"). Outro ufólogo, Leonard Striengfeld, um dos primeiros a tratar do difícil argumento dos UFO-crash, citava o encontro aproximado de "S.R." que, em outubro de 1974, avistara um "UFO com janela no pátio da sua escola", na altura do cume da árvore. A aparição improvisada agitou enormemente o sujeito que, na mesma noite, deitado em um estado parcial de transe, viu aparecer diante de si uma estranha criatura, com uma enorme cabeça oval, olhos amendoados, sem nariz e com uma fissura no lugar da boca".

Esse tipo de *Grey* (recorrente, mesmo antes da popularização de um determinado estereótipo, nos anos 1980, e até vagamente presente no filme de ficção-científica *Base Lua chama Terra* do inglês Nathan Juran, 1964) teria confessado telepáticamente, advertindo o humano de que logo "o levaria embora, mas que não deveria temer isso". Um caso ainda mais inquietante foi aquele de Chuck Doyle que, em 10 de maio de 1975, em Florença, foi atingido por um facho de luz disparado contra ele por um disco voador que parou justo sobre o pórtico de sua casa. "Quando me tocou", contou em seguida, "foi como se me tivessem atingido com uma mangueira de água gelada. Senti-me, de repente, como um gelo. Não podia me mexer... Não estava vazio por dentro, mas tinha estranhos pensamentos na cabeça. Eram pensamentos colocados lá. E difícil de explicar. Naquele momento, via equações

matemáticas sem sentido e lembro ter visto o símbolo ômega, sinal de destruição. A visão seguinte foi uma imagem de mim mesmo olhando uma colina em um oceano vermelho. O céu, acima, era verde, e o terreno, embaixo, era azul. Alguma coisa colocava esses pensamentos na minha cabeça...

A idéia dos "alienígenas ômegas", como os rebatizou, ou na verdade os *visitors* destruidores, graças a Hollywood e à literatura conspiratória nos anos seguintes, fez muito sucesso. E assim, o final do segundo milênio viu, ao mesmo tempo em que renasceu o interesse pela Ufologia, a proliferação de revistas sensacionalistas, de afirmações sobre invasores alienígenas prontos para "modificar geneticamente o planeta inteiro no decorrer de poucas gerações" e em busca do "Santo Graal";⁶ nos anos 1950, acreditava-se que os ETs viessem sobre a Terra para reabastecer-se de substâncias raras para eles; a contadora inglesa Cynthia Appleton de Birmingham afirma ter encontrado, em 18 de novembro de 1957, um alien similar a um nórdico, que estava "em busca de titânio"; recentemente, o orientalista Zecharia Sitchin afirmou que antigamente os alienígenas vinham à Terra para retirar o ouro. Hoje a perspectiva mudou, é o nosso corpo que está em jogo, a nossa alma, e o experimento seria em nível planetário. Com essa convicção, até mesmo jornais respeitáveis como o seríssimo *Wall Street Journal* disparou números sem sentido sobre os sequestros alienígenas: "3 milhões e meio somente nos Estados Unidos, depois de uma discutível sondagem; só na

Itália, uma mulher a cada dez é raptada por ETs, repetiram improvisadamente os nossos especialistas, e assim por diante". O único resultado obtido foi ter criado grande confusão e desanimar o público e o poder científico. A questão, analisando bem, é sempre a mesma: pergunta-se constantemente, nos textos de Ufologia, sobre as reais intenções dos alienígenas (dos quais, de fato, depois de meio século de estudos, não sabemos nada ainda). Acredita-se que se eles fossem ruins, já nos teriam invadido; afirmo, considerando que eles pertençam a uma civilização tecnologicamente mais avançada, que só poderiam ser bons. Esse raciocínio está, na verdade, baseado em premissas erradas; não sabemos se para os ETs o nosso planeta é realmente digno de interesse, seria terra para contato, intercâmbio, conquista, ou apenas uma gigantesca estufa para se controlar a distância (como acredita Hopkins). Como já escrevia em 1949 o cientista Arthur Clarke em *History Lesson*, "alguns filósofos afirmam que o alcance de elevados conhecimentos mecânicos não implica necessariamente um alto grau de civilização", tese compartilhada também por Asimov, que passou de fase na juventude, de desprezo moralista pela técnica, para depois se tornar, na maturidade, o seu apoiador mais entusiasta. Quando se fala de ciência, feita de mortos, mas também de vidas salvas, a síndrome do negativismo normalmente prevalece, e não apenas nos ambientes *new age*, pelas certezas que se perdem, desestabilizadas pela incerteza que avança. O mesmo Asimov imaginou um universo paralelo com humanóides de tripla personalidade, que tentavam em vão colocar-se em contato

com o nosso Universo para salvá-lo daquelas catástrofes que eles conseguiram evitar. Em seguida, em 1942, introduziu no romance *Runaround* as três leis da robótica, além de tudo copiadas de um outro autor, para transformar em "bons" os *diferentes* da época, os robôs; os ufólogos dos anos 1980 parecem ter sido influenciados por isso e imaginaram a existência de uma "lei cósmica" estilo *Jornada nas Estrelas*, que impediria aos alienígenas de interferir na nossa evolução. Em *Será que Sonham os Andróides com Carneiros Elétricos?*, Philip Dick transformou o homem em um robô e, ao falar de homens elétricos, deu-lhes uma alma sintética: era o ar que os levava a perseguir um sonho, compreender o sentido da própria existência, sentir-se parte do Universo e transformar-se com ele. Em uma palavra, ser homens. Curiosamente, é justamente aquilo que os *Greys* parecem querer fazer, e é por isso que vários estudiosos não os consideram seres vivos, mas "robôs biológicos", andróides. Outra vez a ficção-científica antecipa a realidade e assim esbarramos com criaturas semi-humanas que, segundo vários autores americanos, seriam a mutação de uma catástrofe nuclear (pele enrugada, ausência de pêlos, unhas e dentes, efeitos típicos da exposição à radiação), fruto de um mau uso da tecnologia; seres que estariam, como nós, à procura do seu Eu (ou do segredo da alma, ou do fruto proibido da vida eterna).

"Diante dos grandes enigmas", afirmava a psicologia moderna, "os cientistas sabem bem que não podem dar algumas respostas, onde todas as religiões as dão de forma exaustiva e apassivadora". Adão e Eva, ou melhor, a humanidade primogênita, tomando ao pé da letra a promessa de Deus que

praticamente os nomeou seus herdeiros universais, acreditam-se já donos do mundo e se concedem a primeira transgressão; este padrão é também a ilusão de tudo conhecer, ou do poder de conhecer. O fenômeno dos UFOs, que subentende uma "presença externa" irreconhecível, coloca-nos psicologicamente em um grande mal-estar. O impacto sociológico com a crença ou a constatação da existência de formas de vida muito diferentes da nossa, sejam melhores ou piores, ativa no ser humano um processo bem conhecido pelos estudiosos com o nome de anomia: a queda de todos os valores que nos servem de referência. Diante do confronto com civilizações tecnologicamente mais avançadas, a sociedade humana, destinada a uma figura miserável, tornaria relativas todas as suas crenças (religiosas, políticas, culturais) e perderia a própria identidade, como já aconteceu no século XVI com os índios latino-americanos na época do devastador encontro com a sociedade européia, mais avançada. Daqui nasce o medo com relação ao "desconhecido externo". Interessantes interrogações colocam-se aqueles autores que, por motivo de trabalho, são obrigados a, todos os dias, se confrontarem com a hipótese de um contato alienígena: os escritores de ficção-científica. No seu filosofar, eles imaginam os raciocínios mais plausíveis e lógicos dos hipotéticos extraterrestres. Um autor entre tantos, Larry Niven escreveu em 1973, no romance *O Defensor*: "Por que cada espécie deveria enviar contra nós uma nave de guerra?"; e depois, diante da questão sobre o comportamento dos alienígenas, "por que ir recolher amostras na Terra?", respondia-se: "Das milhares de espécies sensíveis espalhadas pela galáxia,

Phssthpok e a sua raça (os *Pak*, fruto da fantasia), estudaram apenas a sua. Quando se chocavam com outras espécies, como, por exemplo, durante a explosão de sistemas limítrofes na busca por matérias-primas, eles as destruíam do modo mais rápido e seguro possível. As espécies estranhas eram perigosas, pelo menos potencialmente. Os *Pak* se interessavam apenas pelos *Pak*" (o romance de Niven contém muitas idéias interessantes, e imagina que o Adão primogênito era, na verdade, um viajante cósmico que deveria comer o fruto proibido para modificar a sua própria forma, adap-tando-se a um planeta hostil como era a Terra; a caçada pelo paraíso terrestre teria bloqueado essa mudança evolutiva, e o homem pré-histórico teria sido obrigado, contra a sua vontade, a modificar o planeta e a adaptar-se. Um outro autor, Robert Sheckley, imagina a Terra criada em seis dias por uma alienígena que pretende testar as próprias habilidades técnicas).

ANTROPOCENTRISMO CÓSMICO

Mas se os *Pak* de Niven são invasores agressivos, em *All the Colors of the Rainbow*, conto de Leigh Brackett, publicado em italiano em 1956 com o título. *I Negri Verdi* (*Os Negros Verdes*) são os ETs que são submetidos à violência, neste caso racista, dos terrestres. Os ETs são negros de pele verde; dois deles têm a péssima idéia de aterrisar nos Estados Unidos; o macho é preso pela polícia segregacionista, a fêmea é violentada. Brackett não esconde a sua visão pessimista dos

terrestres, e como não lhe dar razão? Como costumava escrever o romancista Emílio Salgari, "a ciência aperfeiçoou tudo, exceto a raça, o homem mau continuou mau. Levantando a camada de verniz que a civilização lhe deu, encontrar-se-á sempre por baixo o homem primitivo de instintos sanguinários". Com relação à frase "Viemos em paz em nome de toda a humanidade", deixada pelos astronautas sobre a Lua, o romancista de ficção-científica Ballard comentava com sarcasmo: "Se eu fosse um marciano, agora é que começaria a correr!".

O Ocidente escolheu o conhecimento, mas não sem aquele sabor ancestral de transgressão a um mandamento divino, e, portanto, com conflito, inquietude e sentimento de culpa; sem, contudo, ter melhorado. Efetivamente, quem nos assegura de que a "falta de contato" com os povos do espaço não acontece justamente porque "lá fora" se percebeu a agressividade do "sábio macaco" terrestre? O presidente Jimmy Cáster, que passou a acreditar nos UFOs depois de ter avistado um, enviou ao espaço, com a missão *Pioneer*, uma mensagem registrada, na qual desejava que o nosso planeta pudesse entrar em uma "confederação galáctica"; devemos nos perguntar se a nossa raça teria sido considerada digna disso. A idéia foi elaborada por um outro prestigiado autor, H.P. Lovecraft, que foi fortemente influenciado pelos estudos de Ocultismo e Teosofia e pela leitura das obras de Lord Dunsay, que praticava viagens astrais como ritual de uma seita esotérica; o romancista americano escreveu, em 5 de julho de 1927, ao amigo Farnsworth Wright: "É necessário abandonar a idéia de que conceitos como aqueles de vida orgânica, de

bem ou de mal, ou outros atributos de uma raça secundária e transitória como a humanidade, tenham um peso objetivo". Diferentemente dos animais, o homem sente-se ameaçado não somente na sua integridade física, mas também no seu equilíbrio psíquico, portanto, por dentro; os alienígenas representam um possível perigo. Os distúrbios alimentares que caracterizam a sociedade moderna ocidental indicam, para alguns psicólogos, "uma luta contra o medo da pulsão dividida que, independentemente da vontade do Eu, poderia impor-se transformando o corpo em uma forma obscena"; e talvez não seja casual que, na infinita quantidade de tipologias alienígenas presentes nos catálogos dos ufólogos, apenas os *Greys* se impuseram na consciência coletiva (a imagem presente no livro de Strieber resultou altamente evocativa para milhões de leitores em todo o mundo): o ser disforme, dos mais violentos raptos UFOs, pode representar o renascer do medo da metamorfose do corpo. E, assim, os alienígenas acabam representando, na nossa visão do Universo, antropocêntrica e assustada, o antagonico que traz à luz as forças incontrolláveis da nossa alma e o nosso teatro interior. E eis que, paradoxalmente, dando uma forma aos nossos problemas, anula-se o poder devastador e aniquilador; assim se explica a "síndrome de Estocolmo" que acontece em muitos raptos dos *Greys*, Strieber primeiro, a celebração da alegria por ter acontecido o "contato", mesmo se traumático; por uma "comunhão" que, olhando bem, não é outra coisa do que uma violência física e moral que os seqüestrados pelos ETs acabam sofrendo.

Provavelmente somos nós que temos necessidade de transformar o diferente em monstruoso, para poder assim temê-lo e transformar em legítima defesa a nossa agressividade. O alienígena é monstruoso somente segundo as nossas regras estéticas; projetamos sobre o inimigo alien o pior de nós. Em sintonia com as promessas salvadoras da *new age*, a literatura de ficção-científica tomou em consideração a hipótese de alienígenas bons, na medida em que se assemelham fisicamente a nós (os *Nam* dos romances de Robert Sheckley são a imagem refletida do *man*, o homem). Na Ufologia, alienígenas "bons" são considerados nórdicos, anjos loiros de feições humanas, mas melhoradas; feios, ruins e portanto, pérfidos e monstruosos são os deformados *Greys*, baixos e macrocéfalos, cujos traços são idênticos aos dos diabos do renascimento do demonólogo Jean Bodin.

Em A Vida no Cosmos, de 1997, sustentando que no mundo e no Universo cada coisa nasce da interação recíproca entre as outras espécies, o cientista Lee Smolin, especialista indiscutível em relatividade e mecânica quântica, afirma: "Se não podemos efetuar uma observação completa de nós mesmos, o nosso ponto de vista não pode incluir uma descrição completa do Universo inteiro. O que significa que nenhuma visão do Universo pode sozinha ser completa e objetiva, a menos que tal visão pertença a uma entidade externa do Universo. Se tiramos do meio as especulações sobre aquilo que seres de ficção, externos ao mundo, podem conhecer, devemos concluir que, em uma teoria quântica do Universo como um todo, a objetividade de um único observador é impossível". Em outras palavras, poder conhecer

realmente quais possam ser as reais intenções de um alienígena não nos é permitido.

AS IGREJAS E OS EXTRATERRESTRES

Sempre se pensou que os militares americanos soubessem tudo sobre os UFOs, visto que, em 1947, tinham recuperado um disco voador com ocupantes que caíra em Roswell, no Novo México. Mas se trata de uma crença equivocada. Há alguns anos, o padre Ulderico Magni, um sacerdote muito interessado em paranormalidade, confessou-me ter dado, em 1957, uma conferência sobre os UFOs para os militares estadunidenses. Os americanos sabiam alguma coisa, mas a Igreja sabia muito, mas muito mais, a ponto de ditar regras. Estou sinceramente convencido de que o Vaticano⁷ conhece muito bem e sabe há séculos o que são os alienígenas, de onde e como vêm. Certamente, no decorrer dos milênios, a visão que se teve desses "seres" foi a de "criaturas do Senhor", às vezes "irmãos menores", outras "anjos de Deus". O conhecimento dos muitos evangelhos gnósticos e apócrifos perdidos, que reproduzimos em parte aqui e dos quais existiu sempre no mínimo uma cópia guardada pelo Vaticano, permite afirmar que pelo menos os bibliotecários chefes - e os poucos autorizados ao estudo pelo papa - soubessem tudo sobre a questão. Isso explicaria por que, apenas dez anos depois da recuperação de um disco voador em Roswell, ou

melhor, da "prova provada" e inexpugnável da existência dos ETs, fosse necessário que um padre católico explicasse à Força Aérea Americana que tipo de coisa eles tinham encontrado. E o que saberia a Igreja? Que existem várias categorias de alienígenas ou "celestes", e isso explicavam já há dois mil anos os textos da *Qabbalah* e o *Livro de Enoch*; que os mais evoluídos tinham a forma humana, mas eram globos de luz pensantes que tinham transcendido a matéria (como os *Oannes* - '*Ofanin*). Essa insólita "representação" foi depois feita justamente pela ficção-científica, seja nas *Crônicas Marcianas*, de Ray Bradbury, ou em um episódio de *Jornada nas Estrelas*; que uma parte deles era provenientes das Plêiades (dispondo evidentemente de uma estrutura mais parafísica do que física, pois as Plêiades são inabitáveis para quem, como nós, tem um corpo baseado na química do carbono), como fora confirmado, pelo profeta Amós, que nas Plêiades estava a morada do Senhor, em uma zona altamente evocativa, de um ponto de vista simbólico para os cristãos, sendo tais estrelas dispostas em cruz. Sabiam ainda que uma raça de celestes, aquela do mundo de Arqa' ou arcontes, visitara todas as outras raças presentes no Universo (*Qabbalah*), e que o grupo dos Vigilantes dividira o Cosmos em setores, como uma grelha, estilo *Jornada nas Estrelas* (*Evangelho* de Valentim); que para viajar no espaço os "celestes" utilizavam o tele-transporte ou "movimento instantâneo" (*Angelogia*) e alguns "rasgos" no Cosmos, que a Física moderna chama de "buracos negros" ou *wormholes* (*Midrash Konen*); que tais seres eram imateriais, mas podiam revestir-se com corpo material e gerar filhos com as mulheres da Terra, e que não somente nos observavam,

mas até mesmo nos teriam criado, entrando em confronto com uma outra raça, aquela dos Elohim (Gênesis *Rabbah*, *Pistis Sofia*), depois de 26 tentativas infrutíferas (*Bereshit Rabba*); que Deus tinha, por outro lado, apreciado essa criação "contra a natureza" e infundira em nós um tipo de "alma" que nos permitira evoluir (*Ipostasi dos arcontes*), que havia, no entanto, uma luta entre criadores corruptos e "anjos de Deus" para que o segredo da alma não caísse nas mãos dos primeiros (Atas da Inquisição); que a Terra não era realmente única e plana (*Enoch eslavo*), mas que fazia parte de um universo pleno de vida (*Bereshit Rabba*) e que a história do mundo era muito mais antiga do que contavam às pessoas simples.

De tudo isso, obviamente, tanto na *Didaché* como também na Bíblia, não foi deixado nem existe qualquer sinal. E assim, apenas poucos afortunados das altas esferas sabem como as coisas aconteceram realmente. O restante das autoridades eclesiásticas ainda se pergunta sobre o fato de os alienígenas poderem existir ou não, olha o fenômeno com uma visão provincialmente antropocêntrica, que os fazem crer que o ET, se existe, deve ser, por força, espiritualmente inferior a nós, e, portanto, deve ser catequizado, pois não teria recebido a revelação de Deus.

E assim, em 8 de março de 1994, nos Estados Unidos, a estudiosa Victoria Alexander realizava uma pesquisa por conta da Fundação Bigelow, para conhecer qual seria a opinião dos representantes das comunidades católicas, protestantes e hebraicas americanas sobre o impacto que a certeza da existência de uma ou mais civilizações extraterrestres superiores poderia ter sobre a doutrina e a fé

das respectivas congregações religiosas. Foram enviados mil formulários ao mesmo número de entidades religiosas americanas escolhidas com critério pseudo-casual; 563 para igrejas protestantes, 396 para igrejas católicas e 41 para sinagogas. Retornaram (preenchidos) 230 questionários: 134 de igrejas protestantes, 86 de igrejas católicas e 10 de sinagogas. Isso equivalia a 23% das respostas; estatisticamente se tratava de um grande sucesso. O questionário compreendia 11 quesitos formulados de modo a evitar todos os riscos de influenciar as respostas. No quesito: "A confirmação oficial da descoberta de uma civilização extraterrestre tecnologicamente superior levaria a efeitos negativos graves sobre os fundamentos morais, sociais e religiosos dos Estados Unidos?", a indiscutível maioria dos que responderam (77%) declarava não estarem de acordo com uma hipótese do gênero (em evidente contradição com as especulações da literatura ufológica, que sempre afirmou que todos os credos do planeta desapareceriam instantaneamente). Segundo quesito: "A minha congregação religiosa receberia como uma ameaça o eventual contato com uma civilização de ETs tecnologicamente avançada?". A maioria dos que responderam (67%) negava que um eventual contato com os ETs constituiria uma ameaça (sem, no entanto, especificar aquilo que deva ser entendido por ameaça); 16% declaravam-se indecisos; 15% concordavam. Terceiro quesito: "A descoberta de uma outra civilização inteligente levaria a colocar em discussão os conceitos fundamentais que a minha congregação religiosa tem sobre as origens da vida?". O quesito levantava o problema da unicidade da condição

humana no Universo, ou melhor, do princípio segundo o qual o homem representa o vértice da evolução. A existência de outros seres evoluídos podia rachar a doutrina segundo a qual Deus fez o homem à sua imagem e semelhança. Dito isso, não surpreenderá que a maioria dos que responderam (82%) tenha declarado estar em forte desacordo. Quarto quesito: "Se existe uma civilização evoluída em alguma outra parte do Universo, ela não pode não professar os dogmas fundamentais da religião". 70% estavam em forte desacordo. Quinto quesito: "As afinidades genéticas entre a humanidade e uma civilização extraterrestre avançada colocariam em discussão os atuais conceitos religiosos sobre aposição do homem no Universo?". A maioria dos teólogos (77%) era claramente contrária. Somente 12% declararam-se favorável, 14% eram indecisos. Sexto quesito: "Se uma civilização extraterrestre evoluída tivesse crenças religiosas profundamente diferentes das nossas, isso influenciaria de modo negativo as atuais religiões terrestres?". Em outras palavras, seria possível que as pessoas abandonassem a própria religião para se converterem à dos extraterrestres muito mais evoluídos? Segundo certos ufólogos (por exemplo, Whitley Strieber e o pastor presbiteriano e ufólogo Barry Downing), isso seria altamente provável. Não pensam assim os teólogos, cuja maioria (70%) expressara uma forte divergência (apenas 13% declaravam-se favorável).

Sétimo quesito: "É provável que a confirmação científica do contato com uma civilização alienígena avançada ocorra no decorrer da atual geração?". Aqui os pareceres foram muito articulados. 47% divergiam, 30% não se pronunciavam.

Oitavo quesito: "É pouco provável que um contato com uma civilização extraterrestre evoluída já tenha acontecido ou esteja acontecendo hoje?".

A pergunta propunha-se a sondar o nível de conhecimentos ufológicos dos participantes. Pelos resultados, verificou-se que, apesar da grande quantidade de avistamentos UFOs e do multiplicar-se dos sequestros alienígenas, os teólogos não eram suficientemente informados sobre o tema para serem capazes de pronunciar-se com profundos conhecimentos de caso. 50% responderam que concordavam com o enunciado, 12% discordavam e 29% não sabiam o que dizer.

Nono quesito: "No caso de uma civilização extraterrestre avançada em contato conosco não professar nenhuma religião, isso colocaria em dúvida a fé religiosa da minha congregação?".

A resposta foi quase unânime: não! A fé atual permaneceria imutável. Todavia, esse resultado parecia representar mais uma presunção teológica do que uma convicção realmente difundida. Isso pode ser deduzido a partir de alguns relatórios publicados sobre o tema, pela Brookings Institution para a NASA, por exemplo, que declarava: "A posição das maiores congregações religiosas americanas, das seitas cristãs e das religiões ocidentais diante da vida extraterrestre merece uma explicação. Para as seitas fundamentalistas, que estão proliferando no mundo, a descoberta de uma outra vida teria um efeito eletrizante. E dado que as principais seitas têm difusão internacional e, às vezes, constituem uma importante fonte de notícias e de materiais midiáticos, seria oportuno conduzir alguns estudos no âmbito de suas sedes, igrejas e

missões a respeito da vida alienígena. Além disso, considerando o eco internacional que se produziria com a descoberta de uma vida alienígena, seria muito importante levar em consideração algumas outras religiões. Se fosse descoberta uma superinteligência, os resultados da notícia seriam completamente imprevisíveis".

Décimo quesito: "Se uma civilização extraterrestre avançada declarasse ser responsável pela origem da vida humana sobre a Terra, isso provocaria a crise das religiões?". 54% não concordavam.

Décimo primeiro quesito: "Afirmo que as respostas dadas às perguntas anteriores refletem a opinião da minha congregação religiosa?". 69% dos teólogos responderam afirmativamente. Outros forneciam duas respostas especificando qual era a opinião pessoal e qual era a da congregação. Não houve dúvida, contudo, de que a maioria daqueles que respondeu considerasse o próprio parecer como compartilhado pela inteira comunidade à qual pertencia.

Mas a aparente segurança dos teólogos americanos da pesquisa de Alexander é discutível; caso o evento se verificasse efetivamente, muitos poderes vacilariam e, sabendo bem disso, os chefes das Igrejas talvez se comportassem realmente como suposto pelo reverendo Downing, que disse: "Se os nossos governantes informassem secretamente as autoridades religiosas acerca da real origem extraterrestre dos UFOs, e perguntassem às mesmas autoridades o que fazer, isto é, anunciar ou calar-se, eu tenho certeza de que a maioria do clero responderia: fiquem quietos".

A Igreja Católica, que construiu um Observatório de pesquisa radio-astronômica, não por acaso, sobre a montanha sagrada dos peles-vermelhas no Arizona (de onde os Nativos Americanos olhavam para os deuses das Plêiades), está pronta para enviar missionários ao espaço para catequizar ETs. Em 1993, o jesuíta George Coyne, diretor do programa SETI, deixou escapar que, logo depois da retomada do programa espacial americano pelos 500 anos da descoberta da América, admitira que a Igreja quisesse treinar alguns missionários para enviar ao espaço e levar a palavra de Deus a eventuais extraterrestres. A idéia dos missionários espaciais, veiculada anos atrás nas revistas de ficção-científica do escritor americano Ray Bradbury, realmente intriga as esferas eclesiásticas há muito tempo. Já em 1965, o pároco Heidtmann, da Igreja Evangélica do Rin na América, declarava: "Enquanto existirem homens, isto é, seres vivos, no Universo, a Igreja é obrigada a anunciar também para eles a mensagem da Bíblia. Cristo morreu também por eles. E se descobrirmos seres vivos no Universo será necessário fundar uma sociedade missionária universal. A questão é: existirão missionários dispostos a isso?". A Igreja justamente não diminui a importância de uma possibilidade parecida, e, aliás, é provável que esteja atraída por ela.

Desde então, ela foi bem além. A Igreja Católica já organizou um manual, curiosamente ainda não traduzido na Itália e conhecido somente por muito poucos; nele explica como deverão comportar-se os missionários católicos no espaço, vivendo sobre estações orbitais, logo depois de encontrarem ETs. E as conclusões do relatório, assinado pelos mais altos

expoentes do mundo científico sacerdotal, é surpreendente: será encontrada uma "base teológica comum" (não necessariamente correspondente ao Cristianismo pregado às pessoas comuns) para tratar de igual para igual com os extraterrestres!

O livrão, publicado na França em 2000 e que significativamente se iniciava citando Ray Bradbury, intitula-se *Pergunta nº 122 - Deus, a Igreja e os Extraterrestres*. Em um parágrafo, um dos autores, Jean Rigal, com uma extraordinária presunção, chega a declarar: "No caso de a unidade dos cristãos não estar ainda realizada, os astronautas de religiões diferentes serão convocados a viver concretamente a dinâmica *católica* das diferentes Igrejas", o que, decodificado, significa que o Catolicismo será imposto a todos, também para quem não se reconhece nele. E para justificar a imposição violenta do Catolicismo, Rigal afirma: "É amplamente reconhecido que a missão eclesiástica, sobre o nosso planeta, não tem problemas de territorialidade". O problema da "divisão do Espaço" entre as Igrejas, seguindo o modelo dos Vigilantes de Valentim, poderá provocar risos no leitor, mas não é considerado uma questão simples pelos altos escalões cristãos. Em 12 de abril de 2001, o patriarca ortodoxo da ex-União Soviética, por ocasião da conferência moscovita sobre o uso civil do espaço, e em concomitância com o 40º aniversário do primeiro vôo espacial russo, perguntou, sem usar de meias palavras, sobre a construção de uma "Jerusalém estelar", uma astronave-santuário orbital no espaço, que se tomaria "um templo para todas as religiões" e para cuja realização teriam já sido recolhidos fundos. Sabendo do fato

que a nova estação espacial russa seria chamada de "Santa Anastácia", dedicada "à padroeira dos cosmonautas e de todos aqueles que amam o espaço aberto", convencidos de que os russos e os americanos colonizariam Marte entre 2016 e 2020 e que logo o Cosmos estaria pontilhado de estações e hotéis orbitais, de vilarejos flutuantes no espaço, de colônias siderais para turistas, trabalhadores e astronautas, a Igreja russa adiantava-se, para opor-se às intromissões vaticanas. E assim o espaço corria o risco de transformar-se realmente em um novo faroeste, mas não na acepção utilizada pelo presidente Clinton por ocasião da retomada do programa espacial, pois pensava tanto em uma nova fronteira para explorar, como em um novo território para conquistar a todo o custo, destruindo as culturas que fossem encontradas.

OS "OUTROS" UFOS

"Se é verdade que existem, sem dúvida nenhuma, milhões de mundos habitados, existem milhões de milhões de estrelas", Jean Charon escrevia em 1967. Todavia, para alguns ufólogos não é ponto pacífico que os UFOs sejam aeronaves extraterrestres. Em torno ao que é justamente definido como "uma hipótese", existem várias linhas de pensamento que brigam entre si. Acontece, quase sempre, de se ver na televisão calorosos debates, com enfurecidas brigas entre céticos e crentes; trata-se de batalhas cujo êxito final é incerto, e é justamente por isso que, por emoção, somos levados a assistir a eles, a participar em teoria,

psicologicamente convencidos de que, intervindo, temos o poder de influenciar de algum modo os eventos. Na verdade, as coisas não são bem assim, e isso porque na Ufologia existem diversas correntes. Embora a principal e mais lógica hipótese explicativa sobre o fenômeno UFO seja aquela dos visitantes alienígenas, confirmada já em 26 janeiro de 1953, em uma carta da Defesa americana à editora Henry Holt (que tencionava publicar um memorial do veterano dos marines Donald Keyhoe, ufólogo e extraterrestrialista convicto), nos dias de hoje a pesquisa parece ter dado um passo atrás em vez de avançar, e assim existem poucas teorias novas, normalmente passadas em silêncio (quando não são utilizadas quase como um dogma por pesquisadores já cristalizados em um *a priori*; o pioneiro da Ufologia francesa Joel Mesnard indicava como caminho, entre o reducionismo e a credulidade, "a via de meio, aquela do bom senso, da prudência e da razão"). Tais discussões acontecem, provavelmente, pela falta de visão mais ampla, na qual o fenômeno dos UFOs seria como um diamante com muitas faces e, portanto, muitos aspectos, todos provavelmente coexistentes. Nos últimos anos, com o aprofundamento de uma particular manifestação luminosa conhecida como "as luzes de Hessdalen" (nome do vale norueguês onde elas têm sido vistas desde pelo menos 1981 e que, mesmo confundidas no passado com discos voadores, mostram principalmente uma natureza ligada à física atmosférica terrestre), as luzes sísmicas e atmosféricas tornaram-se à moda. Das primeiras é

preciso dizer que existe uma teoria, chamada de *Stress* Tectônico ou TST,⁸ que relaciona os abalos sísmicos com as aparições UFOs: é cientificamente plausível que rochas sob tensão, que se encontram dentro da crosta terrestre, emitam radiações eletromagnéticas que podem chegar à superfície assumindo a forma de globos de luzes. O fenômeno, chamado também de piezeletricidade, foi efetivamente documentado em muitos episódios. O astrofísico Franco Pacini notou uma correlação do fenômeno após uma suposta onda de avistamentos UFOs que aconteceu no mar Adriático em 1978; globos de luzes foram vistos saindo do mar e se registraram terremotos; a imprensa da época sensacionalizou muito sobre os acontecimentos e se falou até de marinheiros mortos de medo com a aparição de discos voadores; uma recente pesquisa do Centro Ufológico Nacional redimensionou notavelmente a natureza "alienígena" desses fenômenos. Outros globos foram avistados em 2002 na Turquia; nesse caso, também as luzes anteciparam um terremoto; a jornalista portuguesa Fina d'Armanda vasculhou nos antigos arquivos da *Gazzeta de Lisboa* histórias de testemunhos que remontam a 1700.

A teoria do *Stress* Tectônico foi usada também pelo britânico Paul Devereux que, em 1982, no livro *Earth Lights*, reforçou como os avistamentos UFO da Grã-Bretanha (e muitas luzes fantasmagóricas em casas consideradas assombradas) eram localizados junto a falhas geológicas. Tal hipótese foi

8 N.T.: No Brasil não se usa o termo *Stress* Tectônico, mas Trato de Sistemas Transgressivo; mas por ser um termo muito específico, optamos por manter a denominação proposta pelo autor.

divulgada nos Estados Unidos, desde os anos 1970, principalmente pelo cientista Michael Persinger, psicólogo e fisiologista da percepção na Laurentian University, e também com algumas diferenças habituais, pelo grupo *Vestigia* de New Jersey, que reelaborou a teoria com cânones diferentes. Mas, segundo Chris Rutkowski, astrônomo da Universidade de Manitoba no Canadá, não existe nenhum resultado experimental indiscutível que confirme essa teoria. Um teste conduzido pela Laurentian University com a psicóloga Susan Blackmore, da Universidade inglesa de Bristol (conhecida pelos seus estudos céticos sobre os fenômenos paranormais) não teve um êxito satisfatório. O experimento foi organizado pelo programa científico *Horizon* (transmitido pela emissora inglesa BBC); procurava demonstrar que o lóbulo temporal era a região cerebral onde nasciam aparições, vozes e monstros alienígenas. A observação de um objeto luminoso não identificável (uma estrela, um planeta, confundidos com um UFO), coincidindo com o fenômeno de *Stress* Tectônico e a presença de corrente gerariam, na mente de uma testemunha leiga, alucinações sobre sequestros UFOs, afirmava Persinger. Essa coincidência de eventos anormais poderia ser desencadeada, de modo mais banal, por variações do campo magnético (Persinger afirmava ter identificado, no Canadá, uma zona onde várias mulheres contavam ter sofrido raptos alienígenas; o local do crime era suspeitosamente no centro de um intenso campo magnético). Mas o experimento patrocinado pela televisão não atendeu às expectativas. Susan Blackmore, isolada em um quarto, com os sentidos artificialmente bloqueados, os olhos e orelhas fechados, na

verdade sentiu-se apenas presa e levantada; primeiramente irritada e depois assustada (muito pouco, em comparação aos clichês das abduções). Além disso, o sujeito encontrava-se em condições diferenciadas; eram artificiais tanto as privações sensoriais quanto os efeitos produzidos por um campo magnético aplicado diretamente sobre a cabeça; tais condições nem sempre foram constatadas nos casos de sequestros UFOs. O inglês Albert Budden, pesquisador de medicina ambiental, associou essas alucinações aos efeitos dos campos elétricos e eletromagnéticos, causados por transmissores de radiofrequências ou por fios de alta tensão, "sobre pessoas que sofrem de alergia múltipla e hipersensibilidade elétrica". Tais sujeitos deveriam ter vivido um trauma inicial, como, por exemplo, ter sido atingido por um raio na juventude ou ter sido submetido à desfibrilação. A imaginação do seqüestro UFO seria, portanto, para Budden, "uma mensagem de que o nosso físico estressado enviaria de forma simbólica". E certo que essa teoria é muito mais interessante, articulada e motivada do que a "explicação" fornecida pelo professor Buckhout, da Universidade de Brooklin, muito citado inconvenientemente pelos céticos dos anos 1970, que tendiam a explicar de maneira muito reducionista os sequestros alienígenas como "parte da imaginação" e os avistamentos no céu como "percepções óticas equivocadas". Com relação às hipóteses das visões ufológicas produzidas pela nossa mente, vale a pena recordar os escritos do etno-farmacologista americano Terence McKenna, que em 1971 se submetera voluntariamente à administração de drogas alucinógenas (e, aliás, tomou-se um apoiador entusiasta delas); utilizando

determinados cogumelos mexicanos, era capaz de ter visões de discos voadores. Ao explicar as sensações de abdução, falou-se também de "influências do geomagnetismo terrestre". Essa hipótese é fascinante, mas não é comprovada, na medida em que não existem estatísticas confiáveis que a sustente.

Devo também ressaltar que vivi por dez anos em uma cidadezinha onde havia um quarteirão cujos edifícios estavam a poucos metros de enormes torres de alta tensão (existia também uma pequena central elétrica), mas, mesmo sendo bem conhecido pela minha atividade de ufólogo e tendo investigado pelo menos uma centena de casos locais, nunca ninguém me contou sobre um seqüestro UFO.

No campo da Física, temos também estudos de correlações entre UFOs e o "pôr-do-sol" (a primeira pesquisa foi conduzida por Michel Monnerie em 1975, posteriormente revista, depois que o autor se converteu ao ceticismo); comentando um estudo de Jean-Claude Dufour sobre a distribuição dos avistamentos com relação às fases lunares, que mostrava uma correlação entre as noites sem Lua, baseados em 150 casos ocorridos em 1969 e em 481 do *flap*⁹ 1973-1974, o astrônomo franco-americano Jacques Vallée deduziu uma "lei horária" que evidenciava um pico de avistamentos às 22 horas e um outro sucessivo uma hora antes do amanhecer.

MITO UFO E UFOS-CÉTICOS

9 N.T.: Com o termo *flap* indica-se um breve, mas intenso período de avistamento UFOs localizado em uma área geográfica muito pequena como, por exemplo, um município.

Em Paris, em novembro de 1954, o físico atômico Charles Noel Martin, em uma comunicação na Academia das Ciências sobre os efeitos a longo prazo dos testes de explosão termonuclear, tocou no discurso UFO. Segundo o cientista, o cogumelo atômico das explosões, fortemente ionizado e em fase de fragmentação, espalhado pelos ventos por todo o planeta, poderia ser a causa do fenômeno UFO. Especificando, a ionização podia ser a origem da formação dos globos de plasma, confundidos com discos voadores pelas pessoas. O tempo não lhe daria razão, e em seguida avançariam outras teorias. Sociólogos como Bernard Dubois e Jean-Noel Kapferer, não por acaso, publicados pela supercética editora *Nouvelles Editions Rationalistes*, em 1980 rotularam os UFOs como uma "crença irracional" (na Itália, seguiu os seus passos o colega Francesco Alberoni). James Oberg, técnico da NASA e membro da associação racionalista Csicop, acredita que o fenômeno seja inconsistente, na medida em que "existem dados não confiáveis de que qualquer resultado de um de seus estudos não teria significado"; o cosmólogo Gerard de Vaucoulers, membro da Academia Nacional das Ciências americana e antigo colaborador do papa da Ufologia, o astrônomo Joseph Allen Hynek (com ele analisou, por vários dias, a documentação sobre os encontros de aproximações com alienígenas recolhida pelo matemático francês Aimé Michel), acredita que os relatórios UFOs mostrem apenas específicas propriedades da consciência humana; Arthur C. Clarke, conhecido autor de ficção-científica, além de pai do satélite para telecomunicação, foi freqüentemente visto como um crente (e isso porque as declarações apresentadas em seu

documentário foram montadas de maneira distorcida), mas o seu ceticismo está bem expresso no livro *O Mundo Misterioso de Arthur C. Clarke*, publicado em 1980 e editado na Itália apenas quatro anos depois: "Segundo a minha opinião, o fenômeno dos UFOs precisa ser certamente colocado de lado por uma dezena de anos. Os UFOs poderão simplesmente acabar, como as bruxas na Idade Média, quando ninguém mais acreditar nisso. Esta seria uma prova bem convincente do fato de que são um fenômeno puramente psicológico. Ou se descobriria que são causados por alguns fenômenos até agora desconhecidos e totalmente inexplicáveis, talvez do tipo das esferas de fogo, fenômenos até mesmo negados por alguns cientistas céticos sobre o assunto...". Clarke não foi um bom profeta, embora em diversas ocasiões tenha sido um "futurólogo" improvisado, e o fenômeno continua a manifestar-se e a ser estudado também em âmbito acadêmico. E é, sobretudo ali, que se chegou a amadurecer uma hipótese dita sociopsicológica; reconhecida no já citado Michel Monnerie, criador do Résufo, uma rede de observação fotográfica composta de ufólogos e leitores da revista francesa do setor, *Lumières Dans la Nuit*, da qual era redator (uma tentativa análoga será levada a cabo nos anos 1990, com maior êxito, mas com menor seriedade, no México. Os *OVNIS Vigilantes*, do jornalista Jaime Maussan e de Daniel Muñoz, recolheram centenas de filmagens UFO, apenas uma pequena parte autêntica). Temendo que fosse roubada a idéia, Monnerie escreveu rapidamente o livro *Et si les OVNIS n'existaient pas?* (E se os UFOs não existissem?), propondo uma explicação psicológica para o fenômeno, ainda que uma

boa parte dos casos por ele investigada fosse tratada apenas por telefone, sem uma verdadeira pesquisa de campo. Monnerie teve um grande sucesso: pois a sua crítica vinha não apenas dos aparentemente céticos, mas dentro do ambiente ufológico teve um efeito bombástico, que aos poucos levou a uma divisão entre os que apoiam a hipótese extraterrestre (ETH) e aqueles do HPS (a sociopsicológica, aguerridos em modo particular na Europa a partir da metade dos anos 1980 em diante; esnobados quase totalmente pelos Estados Unidos, onde sempre fez grande sucesso em primeiro lugar o ETH e, em segundo, a hipótese parafísica: os UFOs viriam das dimensões paralelas). Embora os sociopsicológicos levem a crer que as UFO-testemunhas são levadas a elaborações projetivas (na verdade, trocam inocentemente alguma coisa convencional por UFO, o que é verdade em 90% dos casos, mas não na totalidade), o cético Pierre Lagrange, do Centro de Sociologia da Inovação na Ecole des Mines de Paris, declarou recentemente à filósofa Stefania Genovese (graduada na Universidade Estatal de Milão com uma tese sobre o mito UFO) que "a teoria do *mito* extraterrestre é tão infalsificável quanto a conspiração ufológica", e, portanto, não é científica. O próprio Lagrange acusou os sociopsicólogos de utilizarem, desde os anos 1970, as ciências sociais para reduzir os UFOs ao campo das ilusões e erros de percepção, reafirmando como a "Sociologia vinha sendo aplicada sem reduzir os UFOs a um mero fenômeno psico-sociológico e como o HPS não cresceu em paralelo com a evolução das ciências sociais", afirmando, enfim, como os sociólogos não levaram em conta a literatura cética dos ufólogos

reducionistas. O inteligente especialista, além disso, criticou os ufólogos da *nouvelle vague*, a nova geração, considerando-os muito próximos dos "velhos" colegas extraterrestrealistas por eles criticados; prejudicando os primeiros, apresentaram novos preconceitos, talvez porque, desiludidos se converteram ao racionalismo ou porque queriam reconhecimento (por vontade de protagonismo?). Ufólogos monneristas, como Gérald Barthel e Jacques Brucker, tiveram a aprovação do astrofísico racionalista Evry Schatzman (um dos mais ferozes inimigos da Ufologia) quando descreditaram a maciça onda de avistamentos UFOs que aconteceu na França em 1954; Schatzman escreveu um prefácio entusiasta no volume *La Grande Peur Martienne*, dos ufólogos monneristas, publicada em Paris em 1979; mas, falar de "folclore ufológico" é errado para Lagrange - há anos a Sociologia não reduz mais o folclore (nele se incluíam também os discos voadores) a um conjunto de experiências psicológicas influenciadas por um mito.

Um outro autor cético, Bertrand Méheust, recentemente também mudou de opinião após uma onda de sinais na Bélgica, entre 1989 e 1990, constatando o abuso do HPS; um terceiro cético, o estudioso inglês Hilary Evans, afirmou de maneira correta que "o estudo de Bertrand Méheust sobre os UFOs e a ficção-científica abrem uma perturbante dimensão mostrando o quanto seriam estreitamente unidos os relatos modernos de avistamentos com as velhas histórias de ficção científica, a um nível que desafia a coincidência", concluindo também de forma correta que isso "não pode, porém, ser explicado como uma relação de causa e efeito".

Um estudo recente da Universidade de Londres, publicado na revista *Cognitive Neuropsychiatry*, procurou entender se os avistamentos de UFOs e alienígenas e os sequestros seriam sintomas de uma síndrome psiquiátrica. Os autores Katharine Holden e Christopher French examinaram quatro áreas das neurociências, nas quais caberiam a experiência de sequestros UFOs: a paralisia no sono, as falsas memórias, as personalidades inclinadas a fantasias, os distúrbios psicopatológicos. Não foram, no entanto, encontradas provas que sustentem essa tese. O artista e ufólogo Budd Hopkins teria já conduzido experimentos análogos, junto com a psicóloga Aphrodite Clamar: hipnotizou 19 testemunhas e as submeteu a um teste; o resultado foi que elas tinham perfeita sanidade mental. Uma associação ufológica americana privada, o FUFOR, entregou uma série de perfis psicológicos de sequestros feitos pelos UFOs à doutora Lisa Slater, sem revelar que se tratava de supostas abduções; a médica sentenciou que se tratava de pessoas mentalmente sadias, embora com *déficits* psicológicos típicos de quem tivesse sofrido uma violência física, como um estupro. O psicólogo austríaco Alexander Keul também confirmou, no âmbito de um "Projeto diagnóstico" conduzido na Áustria e na Grã-Bretanha, que as UFO-testemunhas não estão sujeitas a patologias psiquiátricas, mas são pessoas absolutamente normais, apesar de os ufólogos Josiane e Jean d'Aigure, da *Revue des Soucoupes Volantes*, contagiados pelo crescente monnerismo, terem proposto uma leitura psicanalítica dos sequestros UFOs.

Mas, indubitavelmente, nas experiências de "contato", pode existir uma contaminação, como também existe um "mito UFO". O pesquisador americano Martin Kottmeyer, graduado justamente com uma tese sobre o assunto, levantou um processo de "fabulização", de invenção, ligado a um programa de televisão sobre um dos mais célebres casos de seqüestros UFO - aquele ocorrido com Betty Hill em New Hampshire, em 20 de setembro de 1961. Kottmeyer descobriu que 12 dias antes da hipnose regressiva conduzida pelo doutor Benjamin Simon, e que levava a mulher a reconstruir as fases relevantes (e aparentemente apagadas pela sua memória) do seqüestro alienígena, a emissora televisiva PBS transmitira um episódio do telefilme de ficção científica, *The Outer Limits*, com David McCallum, intitulado *Bellerophon Shield*, no qual se via um alienígena de olhos enormes, sem orelhas, cabelos ou nariz, muito similar àquele que a mulher, em hipnose, afirmava ter visto. Teria também sido seqüestrado com Betty, o seu marido Barney; no telefilme, o alienígena se comunicava "analisando os olhos"; sob hipnose, recordando o seqüestro, Barney (que, acordado, se lembrava apenas de um avistamento UFO e depois tinha um "vazio temporal") reconstruiu os alienígenas e disse: "Sim. Não se comunicarão comigo. Apenas os olhos estão se comunicando comigo". Segundo Kottmeyer, isso indica que o processo hipnótico levou o casal a "construir" a história enriquecendo-a de aspectos particulares tirados da televisão (também poderia ser; o caso há anos suscita duras polêmicas entre os que o sustentam e os seus detratores). O estudioso Thomas E. Bullard (no seu *UFO Abductions* de 1987) afirmou como, depois do episódio, os "olhos falantes"

tornar-se-iam recorrentes na literatura sobre sequestros UFOs, enquanto antes eles eram ausentes (a psicóloga Edith Fiore pesquisou diversos casos desse tipo). Tais contaminações poderiam ter raízes ainda mais profundas: o antropólogo americano Douglas Price-Williams, da UCLA, afirma que existem surpreendentes correlações entre os rituais de iniciação xamânicas e as experiências de sequestros alienígenas. Acredito, porém, que ainda tenha que ser entendido qual das duas tradições teria sido predominante sobre a outra; sabemos que os xamãs buriates, por exemplo, afirmam poder viajar no espaço por meio de canais cósmicos, há séculos, muito antes que se "descobrissem" os discos voadores. Quem sabe não esteja escondida na nossa mente a memória atávica de antigas experiências não propriamente terrestres?

ALIENÍGENAS E FICÇÃO CIENTÍFICA

A ficção científica realmente incrementou o mito dos ETs? O romancista Brian Aldiss lembra que, depois do lançamento em órbita do primeiro Sputnik, as vendas das revistas de ficção científica caíram vertiginosamente; seria legítimo esperar o contrário. Mesmo condenando a idéia méheustiana, na qual os livros de *pulp fiction* teriam condicionado nos anos 1950 os nossos avós (aconteceu realmente?), um mito UFO certamente existe. Deve-se também dizer que fora dos Estados Unidos, nem sempre os livros de bolso de *Amazing Stories* estiveram disponíveis; apenas na Itália houve uma

notável produção de histórias em quadrinho da Itália fascista e pós-fascista baseadas em temáticas espaciais. Por exemplo, em 1936 chegou à Itália *Topolino e o Mistério do Homem Nuvem*, publicado de 1º de dezembro de 1936 até 3 de abril de 1937, com tiras diárias, que antecipava, ou melhor, baseava-se em temas de certas experiências nazistas (nos quadrinhos chamados diplomaticamente de "alemães") sobre máquinas voadoras a propulsão atômica, capazes de paralisar todos os instrumentos elétricos ao redor e de se esconder nas nuvens, exatamente como os UFOs.

Renato Vesco, que acreditava em uma matriz terrestre dos discos voadores (armas secretas dos anglo-canadenses), encontrou um texto em um livro de ficção científica de 1908, *A Guerra Infernal*, de Louis Giffard, no qual o autor preconiza com incrível habilidade a passagem dos discos voadores com estas palavras: "Ninguém pode até o momento estabelecer as reais dimensões e a verdadeira proveniência dessas misteriosas aeronaves que quase sempre efetuam evoluções e se apresentam como uma coisa redonda e escura que lembra o casco das tartarugas. A velocidade delas é tal que o olho não tem nem mesmo o tempo de tomar-lhe a forma. Liberam, às vezes de repente, sinais luminosos...". A ficção científica tem, portanto, antecipado a Ufologia, e em muitas ocasiões alimentou um verdadeiro e próprio mito UFO, mas certamente não nos termos absolutos pretendidos pelos sociopsicólogos (por exemplo, em 3 de janeiro de 1957, a popularíssima *Urania* publicou o romance urológico *Atenção, Discos Voadores!*, de B.R. Bruss, mas nem por isso no período imediatamente sucessivo houve na Itália uma

onda de histerismo UFO). A doutora Stefania Genovese explica: "Mesmo hoje é difícil identificar uma real diferenciação semântica entre ficção e mito. O escritor Hilary Evans, por exemplo, afirmou, há pouco tempo, como todos estamos necessariamente envolvidos em um tipo de *mito de fábula* (referindo-se ao significado antigo do termo) quando se está comprometido com um caso de avistamento UFO, no qual as mesmas descrições do evento vivido, narradas por testemunhas e recolhidas pelos pesquisadores contribuem necessariamente para enfatizar e propagar o aspecto mitológico. Justamente porque cada um de nós tem consigo a sua bagagem projetiva-receptiva, ele está já predisposto a dar uma conotação a uma experiência incomum ou desconcertante com conotações pré-lógicas, que porém oferecem uma coerência criada pelo homem e entorno do homem. O caso dos cônjuges Betty e Barney Hill é um exemplo mais do que convincente desse mecanismo; a história deles transformou-se indubitavelmente em *um mito*, perpetuando-se no tempo, e repetindo-se toda vez que se fala deles e se tenta reconstruir o seu caso. Nós vivemos sempre em uma relação mística, porque para formá-la concorrem tanto a realidade humana quanto a cósmica, que se solidificam em uma relação de dependência recíproca. Não por acaso, o filósofo F. Jesi fala de uma realidade em que o horizonte é uma máquina mitológica legível como o espaço, da qual tomamos a mesma distância, e de cujo centro incompreensível não podemos nos retirar porque somos continuamente estimulados por ele, estabelecendo uma relação de dependência e de ciclo contínuo.

Em consideração a isso, compreende-se que a classificação do fenômeno UFO como mito, não apenas parece redutiva, mas, algumas vezes, infelizmente despropositada.

Na verdade, a natureza humana alimenta, por sua necessária influência, a função mítica de tudo aquilo com que se relaciona e se delimita o próprio viver: até o sociólogo Pierre Lagrange afirmou recentemente: 'Quase sempre são os próprios interrogadores ufólogos que criam e difundem sem saber o sinônimo UFO = MITO. E isso não é bom, porque dessa forma ficaram, de modo inexorável, presos em uma explicação redutiva, conveniente, vetando outras evidências e possíveis estudos sobre o fenômeno'. Tudo isso talvez indique que os modernos pesquisadores de Ufologia se servem normalmente de uma forma de recusa psicológica, quando não admitem que o mito UFO não existe por si só, enquanto ele é parte integrante da sua *Weltanschauung*¹⁰ e do seu modo de vida, no qual os sujeitos, em colaboração e confronto recíproco, interagem na produção de suas crenças? Sobre isso, repenso muito sobre o que me disse um dia o físico Tullio Regge a respeito do fenômeno dos plasmas luminosos de Hessdalen: 'E certamente uma pesquisa complexa e fascinante, será necessário ver se os pesquisadores *in loco* conseguirão manter aquele necessário distanciamento para analisá-lo sem se deixarem envolver pelos seus antropocentrismos pessoais, ou sugestionarem o ambiente social e também natural que os circunda'.

Concluindo, hoje a pesquisa de uma abordagem objetiva sobre os UFOs leva inevitavelmente à consideração da obsolescência da categorização mítica; todavia, isso não significa renegar completamente uma abordagem psico-etno-social, que torna também importante uma premissa obrigatória mas não determinante. Assim, é necessário constatar que essa redefinição do campo topológico-psicológico, colocada durante um caso UFO, exorta a uma redefinição dos instrumentos de pesquisa e muda de modo potencial, mas inevitável, o mérito indiscutível da prova, como obrigação dos próprios cientistas.

NA BUSCA DA ALMA

É contra as abduções (ou IR-4) que os sociopsicólogos apontam principalmente o dedo: os céticos de hoje pensam em um fenômeno tipicamente americano (até mesmo a revista *Focus* confirmou isso em março de 2003). Para Méheust, está relacionado com toda a fantasmagoria de espíritos, demônios, experiências xamânicas, por ele definida como "folclore flutuante", que depois de 50 anos de incubação e graças à ficção científica se encarnou no mito dos seqüestradores alienígenas. Ron Westrun, da Western Michigan University, afirma, sem erro, que quanto mais a mídia trata em detalhes dessas histórias, mais se enriquecem os sucessivos relatos. Thomas Bullard, etnólogo e folclorista da Universidade de Indiana, aponta o dedo sobre os alienígenas que não se deixam ver, se recusam a revelar às testemunhas sobre si mesmos e enchem a cabeça dos raptados

com tantas mentiras e falsas previsões e, com razão, considera os 300 casos investigados nos anos 1980 pelo FUFOR americano apenas a ponta do *iceberg*. Mesmo compartilhando uma explicação psicológica, percebe que as analogias entre os relatos são muitas a ponto de desafiar a tese dos arquétipos junguianos¹¹ presentes em cada um de nós e que, portanto, tais processos continuam um enigma, que tem a ver com uma mitologia transpessoal muito difícil de explicar. Também não se sabe explicar por que as abduções têm tanto em comum com o folclore, a mitologia e a religião (inclusas as experiências de pré-morte, estudadas pelo parapsicólogo Scott Rogo, ou os sequestros psíquicos). Isso o leva a pensar em uma experiência mais subjetiva do que "externa", mas para ser vista com muito cuidado.

Um parecer diverso tem o psiquiatra prêmio Pulitzer, John Mack, graças ao qual o estudo dos IR-4 chegou a uma reviravolta, passando das mãos dos ufólogos às dos cientistas. O pesquisador da Havard, que por suas teorias acabou sendo processado, não apenas utilizou a psicanálise unida à hipnose regressiva para recuperar as memórias "canceladas" daqueles acontecimentos, como também uma forma de terapia respiratória dita holotrópica, inventada pelo tchecoslovaco Stanislav Grov que, usada com determinadas músicas, nos permitiria perceber seres que não fazem parte da nossa realidade consensual. Segundo Mack, muitos raptados tiveram experiências de vidas passadas ou dupla identidade, seja

11 N.E.: Sugerimos a leitura de *Arquétipos Junguianos*, de Anne Brenan e Janice Brewi, Madras Editora.

alienígena ou humana, e não necessariamente proveniente de planetas distantes, mas de dimensões paralelas. "Os alienígenas", declarou, "chegaram aos raptados por uma fonte que continua desconhecida para nós. Ainda não conseguimos compreender completamente as suas finalidades e os seus métodos. Parece claro, no entanto, que eles foram obrigados a vir até nós, a aparecer na forma física de modo que nos fosse possível conhecê-los". Os seus estudos, que sacudiram profundamente o mundo acadêmico, foram, porém, contestados pelo seu amigo Carl Sagan, cientista UFOcético falecido alguns anos atrás, que declarou que Mack fora tomado pelo entusiasmo e ressaltava a inconsistência dos parâmetros usados pelo psiquiatra, como, por exemplo, a paralisia durante o sono. Segundo Sagan, "8% dos americanos sofriam dela sem terem sido seqüestrados pelos UFOs"; para o cético, durante aquela fase sentiam estímulos sexuais e estranhas presenças no quarto, originadas pelas lendas medievais sobre *pesadelos* e *possessões*, as quais se acreditava que violentassem as pessoas no sono; mas os UFOs não teriam nada a ver com isso. Efetivamente, Mack recebeu críticas de vários locais; o escritor de ficção científica Rudy Rucker criticou de modo violento no jornal *Washington Post* o seu *best-seller Rapiti* [Raptados], ressaltando que "a sua terapia de hipnose e de regressão agrava os distúrbios psíquicos em vez de curar".

Não obstante isso, as recentes pesquisas científicas levam-nos a afirmar que o fenômeno seja decididamente real. Michael Milburn, psicólogo da Universidade de Massachusetts, descobriu que o comportamento sexual dos seres humanos é

regulado pelo equilíbrio de dopamina e serotonina; a primeira está ligada ao desejo sexual, enquanto altos níveis de serotonina encorajam a seletividade na união; os níveis mais baixos são associados a escolhas menos discriminadas e a comportamentos sexuais mais agressivos. É interessante a constância com que, depois de um seqüestro UFO, se registra um aumento anormal da serotonina nos abduzidos, o que leva a pensar que os alienígenas estejam selecionando a raça humana por cruzamentos (que é também a tese de Budd Hopkins, convicto de que os ETs estão conduzindo testes de hibridismo para criar uma nova raça de habitantes para este planeta. Hopkins notou que muitos sequestros dos quartos de dormir acontecem às 2h45 da madrugada. Afirmo que para isso existe uma explicação: às 3h da madrugada o sangue circula em modo lento e normalmente o sono é pesado, impedindo as vítimas de se rebelarem.

Tenho acompanhado diversos casos de sequestros UFO, e acredito que uma parte mínima dessas histórias seja real.

Nos textos da Santa Inquisição já se falava disso; além disso, fato tão estranho quanto recorrente, os sequestros interrompiam-se quando o sujeito conseguia modificar a própria atenção de vigília. Em uma outra obra, sobre os casos no mundo islâmico, escrevi: "Todas as vezes em que os *Greys* tentaram seqüestrar um terrestre e este, por sorte, conseguiu concentrar-se mentalmente (com rezas, meditações ou mentalizando uma precisa vibração sonora ou uma luz), o seqüestro interrompeu-se, como se esses seres interagissem mais com a nossa mente do que com o nosso corpo". Sobre isso recolhi documentações provenientes do mundo islâmico

e do ocidental, e também anteriores à guerra. Em todos os casos, os seqüestrados foram hipnotizados e no momento em que, felizmente, suprimiram a própria mente do controle dos seqüestradores, estes, percebendo a sua impotência, abandonaram a cobaia humana. Esse fato se repete com freqüência nas narrativas eclesiásticas, e tem provavelmente uma explicação bem precisa. Como disse antes, o comportamento dos *Greys*, durante os sequestros, tem sempre e de maneira mecânica o mesmo idêntico esquema. Esse é um comportamento típico de uma máquina, de um robô cujo programa foi pré-programado. No momento em que a cobaia rompe o esquema, tendo comportamentos não previstos, o computador mental dos *Greys* sofre uma pane (como quando o nosso PC procura um programa que tínhamos removido e não o encontra, e trava alertando-nos com a mensagem "*not found*").

Também amadureci a idéia de que os *Greys* procuram aquela alma (independentemente do que seja: energia vital, força de evolução, fantasia, emotividade, amor) que eles, robóticos, demonstram não ter e que, segundo os evangelhos gnósticos, foi inserida no homem na noite dos tempos, não pelos Elohim criadores e condenados, mas por aquela facção "angelical" em constante luta com esses últimos, artífice da caçada deles pelo "Paraíso", movida pela compaixão pelo destino do homem.

É claro, a alma é um conceito filosófico, derivada do Hinduísmo;¹² *ana* vem na verdade do sânscrito, respirar; mas certamente os *Greys* não estão interessados no corpo do homem, em saber qual é a nossa composição química. Em milhares de anos de sequestros alienígenas, deveriam conhecer-nos até os ossos. Procuram, portanto, outra coisa, talvez a alma para a vida eterna. O mítico Gilgamesh perdeu a imortalidade quando, enquanto dormia, uma serpente lhe roubou a planta que continha o segredo. A história retoma também no Gênesis (Asimov, que infelizmente era ateu, condenava de maneira amarga este sonho: "Tanta gente não consegue aceitar a morte, mas crê que alguma coisa em nós deva manter-se eterna. Particularmente, não sei o motivo disso. Considerado o número limitado de indivíduos felizes, por que os seres humanos deveriam buscar algo de diferente aliviando o pensamento com a idéia de que a vida é apenas temporária?"). Mas talvez os *Greys* procurem aquele algo mais que nos permitiu, a partir do macaco sensível, transformar-nos em colonizadores do espaço por meio de um incontrolável e criativo processo evolutivo. A alma que eles desejam poderia ser a nossa sensibilidade artística e científica, que nos permite sobreviver sempre e em toda situação, contra qualquer dificuldade (diferentemente dos *Greys*, que podem ser os últimos sobreviventes de uma raça pós-atômica em via de extinção; já disse que a ausência de pelagem, cílios, dentes,

unhas, cabelos, além da pele escurecida e os olhos protegidos, são típicos de uma contínua exposição às radiações).

O franciscano herético Richard Rohr, do Novo México, afirma que "alma é uma palavra que foi objeto de confusão; em grego se diz *psyche*; o significado original, dizem, era borboleta, o que leva a intuir o quanto seja difícil e efêmero capturar uma alma. Nas igrejas ocidentais, a alma era entendida como aquela parte de nós que sobe aos céus ou desce para o

Inferno, e a tarefa dos sacerdotes era salvá-la. Isso, no entanto, não correspondia ao seu significado histórico. A alma histórica era, muito mais, aquela parte de nós que tem a ver com a profundidade". É talvez justo esta profundidade intelectual e sentimental que falta aos *Greys*. Não por acaso estariam destruindo-se. Aquela mesma alma faz de cada um de nós um indivíduo único e irreproduzível (apesar de tantas mentiras sobre a clonagem); os *Greys* parecem, ao contrário, dispor de uma mente coletiva e comunitária, como as aranhas alienígenas do filme *Dark City*. A intuição não existe e o erro que comete um deles será cometido por todos para sempre, pelo infinito. E é exatamente isso o que estão fazendo. Há milhares de anos continuam procurando as mesmas coisas no lugar errado. Buscam um princípio abstrato, como a criatividade, na química do nosso corpo.

Nessa questão, é clara a nossa superioridade sobre os alienígenas. A diferença tecnológica que nos separa não é diretamente proporcional a uma evolução espiritual, que nós temos e eles não.

Nota do Editor

A Madras Editora não participa, endossa ou tem qualquer autoridade ou responsabilidade no que diz respeito a transações particulares de negócio entre o autor e o público.

Quaisquer referências de internet contidas neste trabalho são as atuais, no momento de sua publicação, mas o editor não pode garantir que a localização específica será mantida.